

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TALITA MEIRELES FLORES

**AS PESSOAS IDOSAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE
SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO**

CAMPO GRANDE – MS
2015

TALITA MEIRELES FLORES

**AS PESSOAS IDOSAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE
SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO**

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Zaira de Andrade Lopes

CAMPO GRANDE – MS
2015

**AS PESSOAS IDOSAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE
SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO.**

Talita Meireles Flores

Orientadora: Prof.^a Doutora Zaira de Andrade Lopes

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Campo Grande.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Zaira de Andrade Lopes (UFMS/Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Sônia da Cunha Urt (UFMS).

Prof.^a Dr.^a Andrea Moraes Alves (UFRJ).

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório (UFMS).

Campo Grande – MS, Fevereiro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Quando ingressei no mestrado fui alertada sobre os perigos do percurso que iria trilhar, mas mesmo assim quis enfrentar. O processo da escrita é um caminho povoado pela solidão e pelos piores fantasmas que carregamos em nós mesmos. Realmente foi o que experienciei, mas ao final desta caminhada percebi que minha solidão foi acompanhada. E agora é a essas companhias que quero agradecer...

Obrigada a Deus, pois me ajudou a viver a solidão, me ensinando a estar só comigo mesma.

Obrigada à Maria, Nossa Senhora, que perfumou minha caminhada solitária.

Agradeço aos meus pais, amigos, companheiros, que foram os pilares que me sustentaram até aqui e principalmente neste momento da minha vida.

Obrigada ao Ricardo, minha companhia e meu companheiro amor, pela compreensão quando precisei me afastar para produzir este trabalho e por me acompanhar na solidão.

Obrigada à minha dupla de quatro patas: Frida e Filé, meus amigos, os abraços mais aconchegantes e alegres ao final de cada doloroso capítulo.

Às minhas primas, Sara e Iara, amigas para a eternidade!

À minha amiga Camila, pelo acolhimento do meu ego frágil...

Agradeço à minha orientadora, Zaira, mais do que professora, quase mãe-amiga! Foi uma mãe do saber! Aquela que abraça, mas puxa a orelha no momento que for preciso...

Obrigada às professoras da banca. Professora Sônia com seus valiosos conselhos e orientações, uma amiga com quem compartilho afinidades, em especial o amor aos animais.

E à Professora Andrea, que ainda não conheci pelo rosto, mas pelas palavras e pelo rico conhecimento que já produziu!

Obrigada a todos e todas professores e professoras do Programa de Mestrado em psicologia da UFMS, que foram fundamentais na construção deste trabalho.

Obrigada às amigas e aos amigos do Grupo de Estudos – GEPPE, sempre tão queridos/as, consolando e ajudando nos momentos mais difíceis. Em especial à Viviana Parizotto e Elizabeth Pasculli.

Aos colegas de mestrado, que compartilharam os olhares mais desesperados e riram os risos mais difíceis! Em especial à Ronilce Cavichioli de Santana, obrigada!

Gratidão a vocês, pois acompanharam minha solidão e tornaram mais leve o fardo de produzir ciência!

RESUMO

O presente trabalho tem como temas o envelhecimento, a sexualidade e as relações de gênero. Visa investigar e compreender as representações sociais que a pessoa idosa tem sobre sexualidade na velhice em uma perspectiva de gênero. A fundamentação teórica histórico-cultural trouxe contribuições importantes sobre a constituição dos sujeitos e de suas identidades, bem como a respeito do processo de aprendizagem e interiorização de conhecimentos. Apoiou-se na Teoria das Representações Sociais, que revela como o sujeito constrói conhecimento e como este conhecimento interfere em seu comportamento, permitindo entender a maneira que os conhecimentos produzidos na sociedade repercutem na constituição identitária das pessoas idosas e nas suas maneiras de viver e compreender a sexualidade e relações de gênero na velhice. O trabalho também foi embasado pelos estudos de gênero, que possibilitam apreender as relações sociais estabelecidas entre mulheres e homens, assim como as relações de poder que envolvem os gêneros. Respaldou-se ainda em estudos antropológicos recentes sobre gênero, sexualidade e envelhecimento. O arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa, composto pela Teoria das Representações Sociais e Teoria Histórico-cultural, propicia a superação de compreensões dicotômicas sobre a relação entre o sujeito e a sociedade, o que permite entender os aspectos individuais e plurais na construção do conhecimento. A realização da pesquisa se deu em uma Associação de Moradores e em um Lar de Longa Permanência. Ao todo oito pessoas participaram do estudo, sendo quatro homens e quatro mulheres. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para identificar as concepções e conhecimentos dos sujeitos a respeito do envelhecimento, sexualidade e relações de gênero nas vivências afetivas e sexuais. Ao final, as entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas por meio da metodologia de análise de conteúdo. Foi possível evidenciar nas falas das/os entrevistadas/os os temas de maior relevância e, assim, as categorias que permitiram a análise das representações sociais sobre envelhecimento, sexualidade e relações de gênero.

Palavras-chave: Envelhecimento. Sexualidade. Gênero. Representações Sociais. Teoria Histórico-Cultural

ABSTRACT

The themes of this work are aging, sexuality and gender relations. It Aims to investigate and understand the social representations that the Elder has about sexuality in old age from a gender perspective. The historical-cultural theoretical foundation made important contributions on the constitution of subjects and their identities, as well as about the process of learning and internalizing knowledge. It leaned on the Theory of Social Representations, which reveals how the subject builds knowledge and how this knowledge interferes in their behavior, allowing understand the way that the knowledge produced in society have repercussions on identity construction of older people and their ways of living and understand sexuality and gender relations in old age. The work was also grounded by gender studies, which allow to understand social relations established between women and men, as well as power relations involving the genders. It is still backed in recent anthropological studies on gender, sexuality and aging. The theoretical and methodological framework of this research, consisting of the Theory of Social Representations and Cultural-historical theory, provides overcoming dichotomous insights into the relationship between the subject and society, which allows us to understand the individual and plural aspects in the construction of knowledge. The research took place in a neighborhood association and a rest home. Altogether eight people participated in the study, four men and four women. Semi-structured interviews were conducted to identify the concepts and knowledge of the subjects about aging, sexuality and gender relations in affective and sexual experiences. Finally, the interviews were transcribed and analyzed using content analysis methodology. The results showed in the speech of the interviewed the most relevant issues and thus the categories that allowed the analysis of social representations about aging, sexuality and gender relations.

Keywords: Aging. Sexuality. Gender. Social Representations. Cultural-historical theory

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO.	54
FIGURA 2 - CATEGORIAS CONFORME OS EIXOS TEMÁTICOS.....	102
FIGURA 3 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CATEGORIA TEMPO E DIFICULDADES	111
FIGURA 4 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CATEGORIA ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO	116
FIGURA 5 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CATEGORIA RELIGIÃO E INDIVIDUALIDADE	119
FIGURA 6 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CATEGORIA SEXUALIDADE E BEM-ESTAR	121
FIGURA 7 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CATEGORIA SEXUALIDADE E GERAÇÕES	125
FIGURA 8 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CATEGORIA MULHER	130
FIGURA 9 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CATEGORIA HOMEM.....	133

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – TEMÁTICAS DOS ARTIGOS	12
TABELA 2 – ABORDAGENS TEÓRICAS DOS ARTIGOS	13
TABELA 3 – TRABALHOS ENCONTRADOS.....	55
TABELA 4 – QUADRO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA	89
TABELA 5 – QUADRO DE TEMAS MAIS FREQUENTES RELACIONADOS À VELHICE	98
TABELA 6 – QUADRO DE TEMAS MAIS FREQUENTES RELACIONADOS À SEXUALIDADE	99
TABELA 7 – QUADRO DE TEMAS MAIS FREQUENTES RELACIONADOS ÀS DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES NAS VIVÊNCIAS AFETIVAS E SEXUAIS	99

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2.	IDENTIDADE E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA PESSOA IDOSA	20
2.1	IDENTIDADE E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: UM PROCESSO HISTÓRICO-SOCIAL	20
2.2	IDENTIDADE E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: UM PROCESSO ATIVO DE APROPRIAÇÃO CULTURAL.	25
3.	A VELHICE NA HISTÓRIA E NA CULTURA: RETRATOS SOBRE O ENVELHECER NA PRODUÇÃO HUMANA E A QUESTÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	30
3.1	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO VEÍCULOS DE FATORES QUE CONSTITUEM IDENTIDADES.	30
3.2	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VELHICE NO DISCURSO CIENTÍFICO: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NO ENTRELAÇAR DOS DISCURSOS DA GERONTOLOGIA E PSICOLOGIA.....	35
3.2.1	<i>O olhar da Gerontologia sobre o envelhecimento</i>	35
3.2.2	<i>Psicologia e envelhecimento</i>	37
3.3.	VELHICE OU TERCEIRA IDADE: A TERMINOLOGIA QUE DEFINE O QUE É ENVELHECER EM DIFERENTES MOMENTOS DA HISTÓRIA E DA CULTURA.	41
4	GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO.....	53
4.1	MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ENVELHECIMENTO, SEXUALIDADE E GÊNERO.	53
4.2	GÊNERO: UM CONCEITO IMPORTANTE NA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	58
4.2.1	<i>Gênero e sexualidade na velhice: Uma relação possível de se entender nos movimentos da história.....</i>	65
5	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA: CAMINHOS DA PESQUISA	75
5.1	O MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	76
5.1.1	<i>Os princípios do Método de Investigação da abordagem histórico-cultural.....</i>	78
5.2	AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA ESTA PESQUISA	79
5.3	ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	83
5.4	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	86
5.4.1	<i>Locus de pesquisa: Lugares em que os sujeitos e suas representações sociais foram visitados</i>	86
5.4.2	<i>Participantes da pesquisa.....</i>	89
5.4.3	<i>Grupo vinculado à Associação de Moradores</i>	90
5.4.4	<i>Grupo vinculado ao lar de longa permanência para idosos.....</i>	91
5.4.5	<i>Instrumentos e procedimentos de aplicação: a entrevista como meio de conhecer as pessoas e suas representações.</i>	94
6	ACHADOS DA PESQUISA: VOZES DOS SUJEITOS	96
6.1	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	96
6.2	FREQUÊNCIA DE TEMAS	97
6.2.1	<i>Eixo temático Velhice</i>	97
6.2.2	<i>Eixo temático Sexualidade.....</i>	98
6.2.3.	<i>Eixo temático das relações de gênero nas vivências da sexualidade</i>	99
6.3	AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	100

6.3.1 Eixo temático: Velhice/Envelhecimento/Terceira Idade	102
6.3.2 Eixo temático: Sexualidade	116
6.3.3 Eixo temático: Diferenças de gênero nas vivências afetivo-sexuais.....	125
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICES	152
APÊNDICE A – PESQUISA SOBRE PSICOLOGIA E ENVELHECIMENTO NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES	153
APÊNDICE B – ENTREVISTAS ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	158
APÊNDICE C – ENTREVISTAS LAR DE LONGA PERMANÊNCIA.....	214
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA	259
ANEXOS	260
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	261
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TECLE)	263

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade que tem se tornado cada vez mais recorrente em diversos países, devido a fatores como: aumento da expectativa de vida e diminuição nas taxas de fecundidade e mortalidade. Segundo Hoover e Siegel (1986), a perspectiva de aumento da população idosa se dá tanto em países desenvolvidos quanto nos subdesenvolvidos.

O Brasil é um país de meia idade e, segundo dados da ONU, nos próximos 40 anos será o país mais envelhecido da América Latina, considerando a população com mais de 60 anos. De acordo com a OMS (2005), até 2025 o Brasil estará em 6º lugar no ranking de países com a maior população idosa do mundo. Contudo, conforme Kalache (1987), o processo de envelhecimento no Brasil não segue somente o curso natural decorrente de boas condições de vida, mas se dá também devido ao uso de intervenções específicas em saúde pública, que diminuem o risco de mortalidade. Dessa forma, nem sempre longevidade está relacionada à qualidade de vida.

A displicência com a qualidade de vida dos idosos traz consequências e problemas de saúde pública, em geral, para esta população. Uma questão preocupante e que está crescendo é o número de casos de AIDS entre os idosos e as idosas. Segundo dados do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde (2008), a incidência de AIDS entre a população idosa, em especial entre as idosas, dobrou nos últimos dez anos (de 7,3, em 1996, para 14,5, em 2006).

Embora estes sejam dados importantes e por si justifiquem a realização de pesquisas dedicadas ao envelhecimento, há também um interesse da pesquisadora em conhecer os pensamentos e comportamentos de pessoas idosas frente ao envelhecimento, à sexualidade e às relações de gênero.

Foi a partir deste interesse e destas preocupações que o presente estudo foi desenvolvido, buscando compreender as Representações Sociais de sexualidade e envelhecimento em uma perspectiva de gênero.

Como suporte, recorreu-se à Teoria Histórico-Cultural, que permite entender a construção do envelhecimento, pois leva em consideração os aspectos históricos, culturais e sociais no desenvolvimento humano, além de oferecer uma grande contribuição sobre a forma como os sujeitos produzem conhecimento, o que proporciona um melhor entendimento da temática. Também se faz necessária a Teoria das Representações Sociais para investigar a maneira com que pessoas de mais idade

conhecem e explicam a sexualidade em seu cotidiano. Elucidou-se esta pesquisa sob a luz dos estudos de gênero para, desta forma, possibilitar o entendimento das relações sociais existentes entre homens e mulheres mais velhos/as, bem como suas concepções acerca da sexualidade.

É importante considerar que, embora estes aportes teóricos sejam diferentes, possuem pontos em comum importantes. Tanto Moscovici, com a Teoria das Representações Sociais, quanto Vygotsky, com a Teoria Histórico-Cultural, destacaram em seus trabalhos a importância de construir uma nova metodologia para a psicologia que se afastasse do modelo tradicional experimentalista, objetivista e dicotômico. Além disso, estes autores enfatizaram a relação ativa entre o sujeito e seu meio no desenvolvimento subjetivo e na produção de conhecimentos. A Teoria Histórico-Cultural e a Teoria das Representações Sociais dão importância ao caráter concreto e social que envolve a identidade humana, circundada pelas dinâmicas sociais e históricas.

No decorrer da pesquisa, surgiu o questionamento sobre o que a psicologia tem produzido a respeito do envelhecimento. Nos perguntamos se há estudos dentro da ciência psicológica sobre este tema, considerando a abordagem teórica adotada neste trabalho.

Com a finalidade de responder a esta indagação foi realizada uma pesquisa para verificar as produções da ciência psicológica sobre o envelhecimento. A pesquisa foi feita no Portal de Periódicos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior¹, que abriga as produções de artigos mais atuais. Optou-se por este banco de dados, por acreditar que nele poderíamos encontrar com mais especificidade os trabalhos produzidos na área da ciência psicológica. Também, devido ao tempo e à complexidade da pesquisa, pensamos que a busca por artigos científicos nos daria um panorama geral do que tem sido produzido sobre envelhecimento nesta área da ciência.

Desta forma, buscamos pelas palavras-chave combinadas: envelhecimento e desenvolvimento humano; envelhecimento e psicologia; idoso e psicologia; velhice e

¹ Conforme a descrição do próprio site, o Portal de Periódicos da Capes consiste em uma biblioteca virtual em que estão disponibilizadas as melhores produções científicas nacionais e internacionais. O acervo abriga mais de 35 mil periódicos com textos completos, 130 bases referenciais, 11 bases com patentes, livros, enciclopédias, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Quanto ao tipo de material, para este trabalho optou-se por realizar a busca somente em artigos, com o intuito de verificar o que a comunidade acadêmica tem produzido recentemente sobre as questões do envelhecimento e da velhice.

psicologia. Optou-se por fazer a combinação destas palavras-chave a fim de abarcar uma quantidade considerável de trabalhos significativos.

Quanto ao período de produções, encontramos artigos do ano de 1999 a 2013. Sobre as temáticas dos artigos, procuramos categorizá-las e agrupá-las conforme o assunto abordado. Com isso, os 67 artigos encontrados² foram categorizados em nove temáticas, que serão apresentadas na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Temáticas dos artigos

Temática	Quantidade
Representações Sociais e estereótipos de velhice	10
Questões de gênero no envelhecer	7
Atuação e intervenção da psicologia com a população idosa	4
Envelhecimento e habilidades (sociais, cognitivas e emocionais)	15
Velhice e Sexualidade	3
Conceito de Velhice	4
Violência e discriminação contra a pessoa idosa	5
Morte, suicídio e velhice	6
Envelhecimento, bem-estar e qualidade de vida	13

Fonte: Portal de Periódicos da CAPES

A partir desta categorização, notou-se que há um grande número de artigos que investigaram as representações sociais de velhice e também estudos sobre envelhecimento bem-sucedido. Há ainda uma acentuada preocupação da psicologia em compreender o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais de pessoas idosas. Esses estudos sobre habilidades encontram sustentação, principalmente, nas abordagens da avaliação psicológica, por meio do uso de testes psicológicos e outros instrumentos de avaliação.

² O apêndice A mostra os artigos encontrados e informações, como: autores, ano de publicação e referência bibliográfica.

Com isso, pode-se supor que o interesse acadêmico e científico da psicologia com relação ao envelhecimento é o de conhecer quais saberes circulam na sociedade sobre o que é velhice e como as pessoas idosas têm lidado com estes saberes. Além disso, há uma preocupação da psicologia em produzir conhecimento para amenizar as perdas que acontecem na velhice, com o intuito de potencializar a qualidade de vida das pessoas idosas. Esta é uma preocupação importante, mas a indagação é se a ciência psicológica tem dado conta dos contextos sociais e econômicos nos quais são produzidas diferentes maneiras de envelhecer.

Os estudos sobre sexualidade e envelhecimento ainda apresentam-se de forma tímida na área, de acordo com esta pesquisa. Há uma considerável parcela de estudos que se dedicaram a entender a boa velhice ou o envelhecimento bem-sucedido, já que as abordagens teóricas que mais estão em voga na explicação do envelhecimento são as teorias gerontológicas que seguem esta perspectiva, como poderemos ver a seguir.

Na análise dos estudos encontrados buscou-se evidenciar as abordagens teóricas que embasaram as produções, tomando como referência aquilo que as diferentes teorias falam sobre o que é o envelhecimento. Como resultado, a tabela 2 apresenta a distribuição das abordagens teóricas de maneira quantitativa:

Tabela 2 – Abordagens Teóricas dos Artigos

Abordagem Teórica	Quantidade
Teoria das Representações Sociais	11
Articulação entre estudos da Gerontologia e Antropologia	2
Estudos da Gerontologia ³	27
Teoria do Apoio Social de Barrón	1
Teoria do Desenvolvimento Humano e Identidade, de Erick Erickson	3
Estudos sobre resiliência	1
Psicanálise	2
Teoria Cognitivo-Comportamental	1
Teoria Sistêmica	1

³ Estes estudos da Gerontologia estão representados, principalmente, pelas teorias da atividade e curso de vida (life-span). Os autores que se dedicaram a estes estudos são Havighurst e Anita Neri.

Estudos da neuropsicologia e neurociência	5
Estudos da Sociologia e Antropologia ⁴	4
Teoria do Desenvolvimento Ecológico de Bronfenbrenner.	1
Estudos das relações entre masculino e feminino ⁵	4
Teologia	1
Estudos sobre autópsia psicológica e suicídio	1
Abordagem Teórica não Identificada	2

Fonte: Portal de Periódicos da CAPES

Nesta tabela é possível perceber que a psicologia tem embasado seus estudos sobre envelhecimento, principalmente, a partir das teorias e conhecimentos formulados pela gerontologia. A considerável quantidade de artigos com sustentação na Teoria das Representações Sociais mostra que a psicologia também volta-se para a análise dos aspectos sociais, dinâmicos e amplos que envolvem o envelhecimento, como a relação e as trocas que se estabelecem entre sujeito idoso e sociedade. Ainda é muito tímida a ponte teórica com outras áreas do conhecimento, o que tem trazido discussões importantes sobre envelhecimento, como é o caso da antropologia. Os estudos de gênero ou da relação de poder que se estabelece entre mulheres e homens também são raros, o que justifica a realização do presente trabalho.

Os estudos da neurociência e da neuropsicologia surgiram, nesta pesquisa, mostrando a necessidade da ciência psicológica dar suporte e explicação para resolver questões ligadas ao declínio natural do processo de envelhecimento.

Também foi possível perceber que não houve quantidade significativa de produções embasadas em teorias como a psicanálise, teorias ecológicas desenvolvimentistas, teoria cognitivo-comportamental, dentre outras. Pode-se pensar que estas teorias ainda estão começando a trabalhar com o desenvolvimento humano para além da infância e adolescência, já que a demanda por estudos que buscam atender a população idosa tem crescido de forma expressiva.

⁴ Os estudos da Sociologia e Antropologia estão representados, principalmente, pelos trabalhos de Guita Debert.

⁵ Estudos das relações entre feminino e masculino estão representados pela autoras Joan Scott e o autor Bourdieu.

Sobre a psicanálise, sabe-se que esta teoria ignorou o envelhecimento no seu surgimento, assumindo uma posição bastante regressiva, patológica e pessimista em relação à velhice. Desta maneira, ainda são recentes os estudos e pesquisas acerca do processo de envelhecimento dentro da abordagem psicanalítica.

Não foi encontrado nenhum trabalho que busque uma relação entre a teoria das representações sociais, a teoria histórico-cultural, os estudos de gênero e as contribuições da antropologia, nos moldes do trabalho que aqui se apresenta.

Apesar da ciência psicológica estar se abrindo para estudos menos reducionistas a respeito do envelhecimento, com o uso da teoria das representações sociais, por exemplo, há ainda uma forte vertente ligada à gerontologia e aos estudos dedicados à compreensão dos declínios e possibilidades de amenizá-los no envelhecimento.

Não se pode negar a importância de trabalhos dedicados à promoção da qualidade de vida das pessoas idosas, muito pelo contrário, o que se questiona é se esta qualidade de vida está sendo considerada dentro dos diferentes contextos em que as velhices são produzidas, pois não se trata de um processo homogêneo, no qual todos têm possibilidades de envelhecer igualmente. A velhice, assim como a infância e a vida adulta, se dá em um contexto social, histórico, cultural e econômico. Há outras questões envolvidas para além do envelhecer, por exemplo, as relações de gênero, classes sociais e etnicidade.

Para compreender as representações sociais de pessoas idosas sobre sexualidade em uma perspectiva de gênero, sem perder de vista o caráter heterogêneo do envelhecimento, buscamos fundamentar o trabalho em uma perspectiva histórica, que levasse em consideração o desenvolvimento humano e o processo de envelhecimento atrelado aos movimentos e transformações da sociedade. Primeiramente, foi realizado um levantamento teórico sobre a constituição da identidade, envelhecimento, gênero e sexualidade, e sobre o arcabouço teórico-metodológico da pesquisa.

Os capítulos desta dissertação estão divididos em cinco partes. O primeiro trata da constituição identitária de pessoas; no segundo, falamos um pouco sobre envelhecimento e sociedade; o terceiro, traz contribuições sobre a relação entre gênero e sexualidade na vida de sujeitos com mais idade; o quarto, apresenta a construção teórico-metodológica da pesquisa; e, por fim, no quinto capítulo foi realizada a discussão dos dados encontrados.

No primeiro capítulo “Identidade e Constituição Subjetiva da Pessoa Idosa” foram elaboradas reflexões a respeito da constituição subjetiva e identitária, com

embasamento nas contribuições da teoria histórico-cultural, calcada em fundamentos do materialismo histórico-dialético. Estes estudos consideram os aspectos históricos, culturais e sociais no desenvolvimento humano e oferecem grandes contribuições para o entendimento do processo de aprendizagem e interiorização, que permite a estruturação das funções psicológicas superiores e, desta maneira, a elevação humana do mundo animal. Por meio disso, podemos compreender as relações entre as representações sociais que as pessoas constroem e seus comportamentos frente à sexualidade, pois trata-se da estruturação de saberes que preparam posicionamentos frente à realidade. Para trabalhar estas questões, apoiou-se em estudiosos como Vygotsky, Leontiev, Agnes Heller e Ciampa.

No segundo capítulo “A Velhice na História e na Cultura: retratos sobre o envelhecer na produção humana e a questão das representações sociais” analisamos as relações entre a teoria das representações sociais e os conhecimentos que têm sido produzidos sobre envelhecimento, principalmente, nas áreas das ciências, como a psicologia e a gerontologia. Desta forma, buscamos compreender o impacto destes saberes científicos na construção das representações sociais.

Para compreender como o processo de envelhecimento é explicado pela ciência, buscou-se considerações da psicologia comportamental, da gerontologia e de teorias psicológicas recentes, que tratam sobre o desenvolvimento humano. Estes estudos foram recuperados com o intuito de apontar as semelhanças que carregam entre si e as possíveis críticas que podem ser empreendidas já que, de certa forma, apresentam conceitos demasiadamente simples e individualistas sobre o envelhecimento, desconsiderando as nuances concretas que permeiam a velhice.

Em contraponto a estas teorias, buscamos conhecer o envelhecimento em diferentes momentos da história e da cultura. Assim, retomamos as contribuições teóricas de Simone de Beauvoir, Ecléa Bosi, Guita Debert e Andrea Moraes Alves. Considera-se que estas autoras, por meio de estudos etnográficos e antropológicos, tenham fornecido uma visão aprofundada e que abrange a totalidade do sujeito idoso, já que evidenciam as fronteiras entre sujeito e sociedade, aproximando-se do arcabouço teórico deste trabalho, que compreende a constituição humana como um produto da dialética entre sujeito e mundo, de forma ativa e mediada, tanto por questões históricas, sociais e culturais.

Ao final do segundo capítulo, argumenta-se sobre o caráter dinâmico e metamórfico das identidades, como afirma Ciampa (1996). As mudanças no conceito de

velhice, pautadas em questões históricas, sociais e culturais, provocaram transformações nas identidades e representações sociais de pessoas idosas.

Esta questão revela que as representações sociais são construídas na concretude da vida e não nas abstrações dos sujeitos, tampouco em suas características puramente biológicas. A identidade também não é a consequência dos estímulos provocados por fatores externos, mas uma construção que se dá nas trocas ativas entre sujeito e sociedade.

O terceiro capítulo “Gênero, sexualidade e envelhecimento” expõe a questão da sexualidade e das relações de gênero na velhice. Neste trabalho foi proposto o estudo da sexualidade sob o olhar da perspectiva de gênero, pois este viés permite um entendimento que vai além de uma compreensão biologicista sobre as relações entre feminino e masculino, considerando as implicações sociais destas relações.

Com isso, apoiou-se nas discussões de autoras como Scott e Saffioti que, embora tenham raízes epistemológicas diferentes, possuem pontos de convergência em seus debates, como a própria Saffioti (2004) afirma, ao dizer que apesar das diferenças nas concepções das teorias de gênero, há um consenso e uma luta teórica para desnaturalizar as relações entre homens e mulheres.

Além de realizar uma discussão introdutória acerca da importância do conceito de gênero no entendimento das relações sociais, também foram destacadas as contribuições dos estudos de gênero para compreender o envelhecimento de homens e mulheres, bem como sua sexualidade na velhice. Para tanto, apoiou-se nos trabalhos de Guita Debert, Mauro Brigeiro e Andrea Alves. Por meio destes estudos, foi possível verificar que a sexualidade, ao ser compreendida nas relações sociais de gênero, afasta-se do caráter naturalizado, evidenciando as relações de poder existentes nas questões sexuais.

Seguindo esta perspectiva, que desnaturaliza o ser humano, e buscando compreendê-lo no âmbito social da vida, que é o lugar em que se produz a constituição humana, o quarto capítulo “Abordagem Teórico-Metodológica: Caminhos da Pesquisa” evidencia o arcabouço teórico-metodológico utilizado nesta pesquisa: a teoria histórico-cultural e teoria das representações sociais. Neste capítulo, foi evidenciado que tanto a teoria histórico-cultural quanto a teoria das representações sociais traz em seu bojo a superação de dicotomias, naturalizações e idealizações sobre o processo de desenvolvimento humano e de produção de conhecimento. E é por apresentarem tais características que as teorias citadas embasaram este estudo.

Ainda, neste capítulo, foi discutida a caracterização da pesquisa, o local em que foi desenvolvida, a escolha de sujeitos e os instrumentos utilizados.

O objetivo geral deste estudo consistiu em compreender as representações sociais que a pessoa idosa tem sobre sexualidade na velhice, em uma perspectiva de gênero. Os objetivos específicos foram: identificar/levantar as Representações Sociais das pessoas idosas sobre sexualidade, em um grupo de idosos/as que vive em um Lar de Longa Permanência e em um grupo participante de uma Associação de Moradores; descobrir as diferenças entre as Representações Sociais da sexualidade nos grupos referidos; identificar as diferenças de gênero nas representações sociais dos idosos e das idosas sobre sexualidade, assim como as implicações sociais e psicológicas frente às suas relações sociais.

Nas considerações finais deste trabalho traremos algumas considerações sobre os objetivos citados acima.

Em relação aos procedimentos realizados, inicialmente, buscou-se as autorizações dos lugares em que a pesquisa seria desenvolvida, mas foram encontradas dificuldades nas primeiras tentativas. Ao conseguirmos a autorização, iniciamos a pesquisa em uma Associação de Moradores Idosos e em um Lar de Longa Permanência.

Os sujeitos da pesquisa foram indicados pelo presidente da Associação de Moradores e pela coordenadora do Lar de Longa Permanência. Estas pessoas foram convidadas a participar do estudo e, após conhecerem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o assinaram, confirmando sua participação. Ao todo, oito sujeitos colaboraram com a pesquisa, sendo quatro mulheres e quatro homens.

O instrumento de pesquisa utilizado consistiu em entrevistas semiestruturadas, que possibilitam certa liberdade para os sujeitos relatarem suas histórias, mas também direcionam as temáticas pretendidas pela pesquisa.

As entrevistas foram transcritas respeitando a forma coloquial das falas dos sujeitos e encontram-se nos apêndices B e C deste trabalho.

O quinto capítulo “Achados da Pesquisa: Vozes dos Sujeitos” apresenta os achados da pesquisa, as vozes dos sujeitos e as análises. Apoiada na metodologia da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, identificou-se, no discurso, a frequência de temas, conforme os eixos temáticos do trabalho, que são: velhice, sexualidade e relações de gênero. Após o levantamento dos temas, foram elaboradas as categorias de análise, que possibilitaram identificar algumas das representações sociais de envelhecimento, de sexualidade e de relações de gênero.

Ressalta-se que a pesquisa desenvolvida foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, cujo parecer encontra-se no anexo A deste trabalho.

2. IDENTIDADE E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA PESSOA IDOSA

O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

(Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas, 1994, p. 24-25)

Neste capítulo discute-se a constituição da identidade de pessoas idosas. Primeiramente foi realizada uma contextualização teórica sobre as concepções de diferentes autores a respeito do processo da construção social dos sujeitos. Embora os estudiosos tenham contribuições diferentes, percebe-se que há pontos em comum, principalmente ao considerarem a constituição identitária como um processo permeado pela história e por fatores sociais.

As pessoas sempre mudam e este é um princípio de sua formação. Esta mudança metamórfica, como afirma Ciampa (1996), se dá em consonância com os movimentos históricos, culturais, sociais e políticos. Ao longo do trabalho são apresentadas algumas questões históricas e sociais que permeiam o conceito de velhice. Percebe-se que as transformações conceituais do envelhecimento têm provocado mudanças na constituição da identidade de pessoas mais velhas, o que indica o caráter dinâmico do processo de constituição dos sujeitos.

2.1 Identidade e Constituição do Sujeito: Um processo Histórico-Social

Para iniciar este trabalho faz-se necessário compreender como se dá a constituição subjetiva da pessoa idosa, pois entendendo o que é ser idoso e ser idosa pode-se pensar sobre como estes e estas vivenciam e lidam com a sexualidade na velhice. Desta maneira, nesta subseção irá se explanar sobre como os seres humanos se tornam sujeitos, ou seja, como se dá a constituição subjetiva e identitária das pessoas.

Neste trabalho entende-se que a identidade e constituição do sujeito são processos que se formam em consonância com a história e com a sociedade na qual o sujeito está inserido. Com isso, a história das sociedades tem muito a dizer sobre a constituição das identidades.

Desta maneira, ao considerar a importância das questões sociais para compreender a formação identitária e subjetiva das pessoas, recorre-se a autores e

autora que consideram estas dimensões ao explicarem a construção da identidade e dos sujeitos. Para entender este processo, nos valem de estudiosos e estudiosa como Ciampa, Agnes Heller e Vygotsky. Ao longo desta subseção foram realizadas considerações paralelas e complementares entre estes autores e esta autora, pois percebeu-se familiaridades e aproximações em seus estudos.

Ciampa (1996) realizou um importante estudo sobre a identidade, que definiu como um processo metamórfico que se transforma por meio da atividade dos sujeitos e dos momentos concretos da história.

Uma autora igualmente importante e que contribuiu neste sentido é Agnes Heller, em seu texto “Sociologia de la Vida Cotidiana”, de 1977. Heller (1977) além de considerar a concretude do meio social e cultural na constituição identitária, não perde de vista o caráter subjetivo deste processo. Esta foi inclusive, segundo Patto (1993), uma das críticas que Heller fez à teoria marxista, principalmente ao marxismo soviético. De acordo com Patto (1993) Heller não concordava com a contradição teórica marxista, que ora considerava uma revolução por conta das leis econômicas que rege a sociedade capitalista, ora um sujeito revolucionário, que por meio de uma classe libertaria toda a humanidade. Isto causa uma contradição interna nas categorias teóricas marxistas, que ou se voltam para as questões das leis econômicas objetivas ou as ignora e centra-se no sujeito da revolução. Ou seja, Heller critica a dicotomização feita entre sujeito e sociedade neste modelo teórico do marxismo.

Este trabalho também apresenta as considerações de Vygotsky acerca da constituição humana que, segundo o autor, se dá principalmente na construção das funções psicológicas superiores. Vygotsky (2000/1929) explica o processo inter e intrapsíquico e os coloca como fundamentais na construção interna do mundo externo, ou seja, na maneira pela qual os sujeitos constroem seu pensamento, linguagem, emoções e formas de agir no mundo. Para Vygotsky (2000/1929): “Eu sou a relação social de mim para comigo mesmo” (VYGOTSKY, 2000/1929, p. 34). Desta maneira, o autor destaca o caráter social da constituição humana, sem o qual esta não acontece. Ainda que Vygotsky (2000/1929) coloque em evidência as relações sociais na construção dos sujeitos o autor não nega, tampouco diminui a ação dos próprios sujeitos neste processo. Pelo contrário, é por meio da atividade mediada destes sujeitos que eles podem constituir, modificar-se, construir o mundo e modificá-lo.

Retomando as considerações teóricas propostas para compreender a constituição identitária das pessoas, começa-se pelas considerações de Ciampa (1996) acerca dos estudos da relação entre história e identidade⁶.

Ciampa (1996) propõe o entendimento da identidade na interação e na relação do sujeito com seu grupo histórico. O autor apresenta o conceito da identidade com um olhar conciliador entre o subjetivo e objetivo, pois a identidade só pode ser constituída no elo que se forma entre o sujeito, a sociedade, a cultura e a história: “Identidade é História. Isto nos permite afirmar que não há personagens fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens.”. (CIAMPA, 1996, p. 156).

Para Ciampa (1996) não é possível olhar para o sujeito descolado de sua história de vida, dos meios concretos que lhe possibilitam viver, bem como do momento histórico pelo qual passa sua sociedade, a cultura no qual está inserido e as condições econômicas que permeiam suas relações de trabalho: “[...] é lícito dizer-se que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social, ao mesmo tempo que reagem sobre ela, conservando-a (ou transformando-a). (CIAMPA, 1996, p. 171).

Este trecho de Ciampa (1996), mostra como as identidades são perpassadas pela estrutura social, vigente em determinado momento da história, e como os sujeitos reagem a esta estrutura de modo a conservá-la ou modificá-la.

Nesta perspectiva histórica e concreta do entendimento das identidades está também a análise realizada por Agnes Heller. Heller (1977) mostra a relação primitiva entre sujeito e sociedade e usa como exemplo os totens, que consistem em pequenos grupos familiares onde as relações se davam de forma imediata. Neste sistema sujeito e meio, particular e universal coincidiam. Estavam presentes as representações coletivas que organizavam a vida social. As particularidades dos indivíduos eram consideradas a partir de suas características ou atributos físicos, sem levar em conta as diferenciações subjetivas, já que o sujeito fundia-se com o mundo externo. Segundo Heller (1977), nas comunidades totêmicas não havia muitas possibilidades de escolha e diferenciação nas relações. Desta forma, não tinha como existir uma personalidade diferenciada.

Com o nascimento das sociedades de classe, que se deu principalmente por meio da divisão social do trabalho, é que houve uma cisão entre o particular e o universal ou

⁶ Ver a discussão de Ciampa (1996) sobre Habermas a respeito dos quatro estágios da identidade relacionada a diferentes momentos da história.

geral. A partir desse momento o indivíduo em sua particularidade não pôde mais se apropriar da totalidade das relações sociais.

Para Heller (1977) apenas alguns indivíduos possuem a possibilidade de se apropriar da totalidade das relações sociais, bem como das generalizações humanas, das relações econômicas e da cultura. São os detentores dos meios de produção. Heller (1977) afirma que com a divisão social do trabalho a maioria dos homens e mulheres só se apropriam de parte das generalizações, produções e cultura humana. Disso decorre a alienação. Para a autora a apropriação das objetivações, ou seja, produções humanas que estão postas na cultura, consiste em um modo de sobrevivência do ser humano e também uma maneira de lutar contra a alienação.

É nesta linha de pensamento de Heller que Ciampa (1996) afirma ser a identidade algo tipicamente humano. Desta forma, pode-se falar em identidade como a elevação da humanidade, que se transporta da natureza animal à humanização.

Ciampa (1996) afirma que a identidade se dá na concretude da vida, na história, nas condições sociais, econômicas e culturais. De acordo com este autor quando se pretende estudar a identidade é necessário considerar a história da espécie humana, ou seja, como esta se eleva do mundo animal e atinge a humanidade⁷.

A identidade, de acordo com Ciampa (1996), se dá no interesse pela humanização ou vontade de humanizar-se. Este interesse é caracterizado pela necessidade de auto-conservação da espécie, que define a evolução social da história. Contudo, Ciampa (1996) alerta para o caráter dialético deste processo, que não se dá sem a participação fundamental do sujeito. Desta forma, a história e a cultura não irão simplesmente definir a identidade dos sujeitos, mas esta será constituída pelos sujeitos de forma ativa e permeadas pelas questões externas.

Considerando que a identidade se constitui na relação entre sujeito e sociedade, indivíduo e grupo, mundo interno e mundo externo, percebe-se que, de alguma forma, o que está fora dos sujeitos se inscreve dentro deles, enquanto os próprios sujeitos também transformam aquilo que lhes é externo. Sobre este processo Vygotsky (2000/1929) tem grandes contribuições.

Vygotsky (2000/1929) afirma que os processos psicológicos superiores, estes que compõem a identidade, se constituem na síntese formada pela relação entre o organismo biológico e o meio externo. Desta maneira, Vygotsky (2000/1929) mostra

⁷ Ver discussão de Ciampa (1996) sobre Habermas e o paralelo entre as concepções de Freud e Marx acerca do processo de humanização.

que os órgãos do corpo humano ganham outra função para o ser humano, diferente da que é dada ao animal, pois o humano age de uma forma instrumental no ambiente, que o transforma e também modifica este ambiente. Neste processo de mudanças em si mesmo e no meio externo o sujeito constrói sua consciência.

Uma questão primordial no trabalho de Vygotsky (2000/1929) sobre a constituição do sujeito é o papel do grupo e do outro. Vygotsky (2000/1929) explica que é na socialização que a espécie humana se torna realmente humana: “Através dos outros constituímos-nos” (VYGOSTKY, 2000/1929, p. 24). É assim que, para este autor, o desenvolvimento humano se dá em um processo social, que não exclui o sujeito, mas que o integra ao meio, onde ambos são igualmente importantes e ativos na construção das identidades e da própria sociedade.

Vygotsky (2000/1929) destaca a importância do outro na constituição de si mesmo:

A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade. Daí está claro, porque necessariamente tudo o que é interno nas funções superiores ter sido externo: isto é, ter sido para os outros, aquilo que agora é para si. Isto é o centro de todo o problema do interno e do externo. (VYGOTSKY, 2000/1929, p.24)

Desta maneira, para Vygotsky é na relação social que aquilo que está no âmbito social passa a fazer parte do mundo interno dos sujeitos. Em suas palavras: “Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas.” (VYGOTSKY, 2000/1929, p. 24).

A explicação de Vygotsky ultrapassa as concepções idealistas e mecanicistas sobre o processo de constituição do humano, pois para este autor a personalidade não se dá a partir de elementos biológicos ou subjetivos, tão pouco é somente uma cópia do meio externo. Há em Vygotsky uma explicação que abrange o caráter intersíquico, ou seja, da relação entre as pessoas, e o intrapsíquico, em que os sujeitos interiorizam as relações sociais para se constituírem.

Com isso, ao questionar: “O que é o homem?” concorda-se com Vygotsky: “Para nós é a personalidade social = o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo (funções psicológicas superiores, construídas pela estrutura social).” (VYGOTSKY, 2000/1929).

Considerando as questões levantadas pelos teóricos estudados nos parágrafos acima, outra questão pode surgir: Como a espécie humana se apropria das relações sociais e das produções culturais para tornar-se sujeito e constituir a identidade? Esta questão será aprofundada na próxima subseção deste trabalho.

2.2 Identidade e constituição do sujeito: Um processo ativo de apropriação⁸ cultural.

Percebe-se até aqui o quanto a constituição dos sujeitos é dependente da história e da sociedade. Fala-se em dependência e não determinismo, pois isso culminaria em uma restrição da constituição do sujeito às questões sociais, o que levaria a uma análise “sociologicista”, apagando as contribuições subjetivas para o entendimento da identidade, o que não é a intenção deste texto.

Heller (1977) afirma que é necessário compreender a constituição do ser humano em sua particularidade. A autora aponta que: “[...] cada homem pode ser uma individualidade, que pode haver também na vida personalidades individuais, que também a vida cotidiana pode configurar-se individualmente”. (HELLER, 1977, p.7).

Nesta proposição Heller (1977) ressalta que os sujeitos se constituem em suas particularidades, ou seja, não são meros reflexos de seu meio, mas por meio de sua atividade dão a si características singulares. Vale lembrar que o processo de constituição do sujeito não é solitário e individual, mas permeado pela cultura e pela sociedade, ou seja, não depende unicamente da estrutura biológica e psíquica dos sujeitos, mas implica também no legado cultural produzido pela humanidade.

Jacques (2001) afirma que a Identidade se constitui na ruptura do homem com o mundo animal, que se dá na inserção do sujeito no mundo e sua apropriação deste. Jacques (2001) ainda ressalta que esta inserção do sujeito no mundo não acontece de forma adaptativa ou introjetiva, mas pela apropriação ativa e transformadora em um contexto sócio-histórico. Nesta perspectiva, Jacques (2001) fala de uma identidade que não é determinada nem determinante, não é pessoal ou social. Para a autora é preciso superar estas dicotomias para entender a identidade.

⁸ Neste texto fala-se em apropriação como um conceito vygotskiano, que se refere, segundo Zanella (2004), ao processo em que o sujeito se torna autor em uma atividade, pois já se apropriou de seu significado e já conhece sua realidade conseguindo transformá-la e também transformar a si mesmo, produzindo inovações.

Com isso, pode-se pensar que é na relação entre sujeito e cultura que a constituição da identidade acontece. Neste processo o sujeito é ativo e sua atividade é mediada simbolicamente pelos produtos sociais e culturais. Tais pressupostos sobre a constituição do sujeito e da identidade encontram alicerce na teoria histórico-cultural de Vygotsky, que por sua vez está embasada no materialismo histórico-dialético marxista. É importante pontuar que na teoria de Vygotsky não é apresentada a questão da constituição da identidade em si, contudo, conforme Molon (2005), por meio dos conceitos trazidos por este autor sobre a constituição do sujeito pode-se refletir a respeito da identidade.

Molon (2005) ressalta que na obra de Vygotsky é possível falar em vários sujeitos, pois o entendimento de sua constituição decorre principalmente da interpretação que críticos e seguidores fizeram e fazem de seu pensamento. Molon (2005) aponta que alguns autores concebem o sujeito em Vygotsky dando enfoque ao individual, outros ressaltam as questões sociais. Contudo, tais concepções perdem de vista o sujeito vygotskyano, pois deixam de considerar o caráter dinâmico, dialético, ativo e processual da constituição do humano. Procurou-se, neste estudo, focar nesses aspectos para entender como tem se constituído a identidade de pessoas com mais idade.

Para entender o sujeito e a constituição de suas funções tipicamente humanas, Vygotsky realizou uma ruptura drástica com as explicações de seu tempo. Rompeu com a perspectiva mecanicista, que falava de um “sujeito-cópia”, ou seja, o entendimento de ser humano moldado pelo ambiente por meio do sistema de estímulos e respostas. Vygotsky também negou a concepção idealista de sujeito, que colocava no indivíduo a responsabilidade de existir desvinculado da história e da cultura. A proposta de Vygotsky é de compreender o sujeito concreto, a vida e o movimento. O autor fala de um sujeito ativo e que por meio de sua atividade transforma a natureza e a si mesmo. Vale lembrar que esta atividade é mediada pelos instrumentos e signos produzidos culturalmente. Nessa perspectiva Vygotsky (1984) afirmou que:

A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez age sobre a natureza e cria, através de mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência. [...] Todos os métodos do tipo estímulo-resposta partilham da inadequabilidade que Engels atribuiu à abordagem naturalística da história. Nota-se em ambos que a relação entre comportamento e natureza é unidirecionalmente reativa. Entretanto, eu e meus colaboradores acreditamos que o comportamento humano tem aquela “reação transformadora sobre a natureza” que Engels atribuiu aos instrumentos. (VYGOTSKY, 1984, p. 70)

Esta transformação que Vygostky fala se dá pela atividade, que consiste na ação concreta e mediada do sujeito sobre seu meio. Para entender como o sujeito é ativo é preciso também considerar outro autor, A. Leontiev, que juntamente a Vygostky contribuiu na construção de um novo método e nova teoria para entender a constituição do ser humano.

Leontiev (1978) mostra como o ser humano se desenvolve regido por duas leis: uma natural e biológica e a outra sócio-histórica. Leontiev (1978) não nega a existência e a importância de um aparato biológico que sustenta o humano, mas afirma que este não é fator único de sua constituição. Segundo Leontiev (1978) o que se acreditava antes sobre o ser humano é que este tinha características herdadas biologicamente e que elas seriam determinantes na constituição dos sujeitos. Contudo, Leontiev (1978) afirma que é pelo e no trabalho que o sujeito humano se produz e também supera as pré-determinações hereditárias:

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte. [...] Ao mesmo tempo, no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos (materiais, intelectuais, ideais). (LEONTIEV, 1978, p.283).

Neste trecho de Leontiev pode-se perceber o quanto a vida humana se cria e se desenvolve em um movimento dado pela atividade permeada pela cultura. As práticas humanas que produzem a cultura também são produzidas por ela. É o movimento dialético da vida. A apropriação da cultura gera vida humana e a atividade humana produz cultura.

Agnes Heller (1977) mostra a importância da cultura⁹ na luta contra a alienação e na constituição dos sujeitos. Heller (1977) explica a cultura como objetivações produzidas pelos seres humanos. A autora classifica essas objetivações como objetivações da vida cotidiana e objetivações da vida não cotidiana.

⁹ A apropriação da cultura se dá com uma conotação diversa para Vygostky e Heller. Esta diferença está na dimensão da apropriação. Heller (1997) fala em um sentido mais amplo e social, já Vygostky traz suas considerações sobre cultura focando na constituição do psiquismo humano e das funções psicológicas superiores. De acordo com Fladoli e Leão (2011) a cultura modifica a natureza humana, emancipando o ser humano do meio natural, alterando e constituindo a psique. Com isso, a apropriação da cultura em Vygostky parece ser anterior à apropriação da cultura em Heller, pois para o primeiro a cultura marca a humanização e para a segunda a apropriação da cultura é condição para a manutenção da sobrevivência.

As objetivações da vida cotidiana são mais simples e de acesso fácil aos sujeitos, são elas: linguagem, costumes, instrumentos (utensílios). Já as objetivações da vida não-cotidiana são produções mais complexas e institucionalizadas, como por exemplo, as ciências, moral, ética, política, artes, filosofia. Para Heller (1977)¹⁰ o ser humano precisa se apropriar dessas objetivações para sobreviver.

Nesta linha de pensamento Agnes Heller (1977) defende que é possível uma revolta subjetiva contra a alienação, e que esta revolução pode se dar na vida particular. Para a autora esta reação à alienação só pode acontecer por meio da apropriação dos valores das objetivações genéricas, ou seja, as objetivações (cultura) são mediadoras da revolução contra a alienação. Heller (1977) afirma que esta revolta subjetiva contra a alienação se dá pela necessidade, ou seja, pelo interesse da razão, pontuado por Ciampa (1996).

Pode-se pensar em um exemplo desta “reviravolta” do sujeito, que enfrenta a alienação e transforma sua vida e sua identidade, com a personagem da vida real trazida por Ciampa (1996) em seu texto “A estória do Severino e a história da Severina”. Ciampa (1996) conta e analisa a história da Severina, uma mulher que em sua vida particular consegue driblar a alienação e sua ausência de saber sobre si e sobre o outro por meio do que Agnes Heller (1977) chamaria de objetivações genéricas. No caso de Severina esta objetivação foi a religião oriental, mas poderia ser a arte, a política, ou ciência. Severina rompeu com a sua história de repetições alienadas, conseguindo assim, a tomada de consciência de sua vida e das relações que ela estabelece e estabeleceu consigo, com a cultura e com os outros.

A partir das questões levantadas acima podemos reafirmar, com o auxílio de Ciampa (1996), que Identidade é história, é movimento, metamorfose, produção humana. A identidade não é estática, não se é o mesmo ou a mesma do início ao fim da vida, nem mesmo um grupo etário é o mesmo, pois transformam-se junto com a cultura e com a história. Pode-se assim afirmar que a história muda, com isso mudam também a sociedade, a cultura e os sujeitos. Este processo é tanto produto como produtor dos sujeitos.

Nesse contexto de reflexão sobre a identidade cabe realizar uma digressão para entender a constituição identitária na velhice e, assim, compreender o pensamentos e

¹⁰ Heller (1977) questiona Heidegger, para quem a vida cotidiana não permite que o ser humano seja autêntico, mas somente alienado. A autora afirma que a alienação na vida cotidiana se dá por conta das relações sociais de produção manifestas no sistema econômico capitalista.

comportamentos de idosos e idosas sobre sexualidade. Na sequência dessa seção, apresenta-se a seguinte questão: O que tem sido produzido na cultura e na ciência sobre envelhecimento, que gera e produz identidades e tem impacto nas representações sociais de pessoas idosas sobre sexualidade? A próxima seção do texto se propõe a discutir essas questões.

3. A VELHICE NA HISTÓRIA E NA CULTURA: RETRATOS SOBRE O ENVELHECER NA PRODUÇÃO HUMANA E A QUESTÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Depois de pensar sobre constituição identitária, sempre permeada pela cultura e pela história, que por sua vez são apropriadas por um sujeito ativo, pode-se agora refletir sobre a constituição identitária da pessoa idosa. É importante pensar como as identidades das pessoas idosas estão sendo construídas, pois com isso compreende-se melhor seus pensamentos e comportamentos. Questiona-se então: Como os idosos e idosas têm se apropriado da cultura e da história para serem o que são? Quais modelos de velhice circulam em nossa sociedade e, desta forma, deságuam na identidade das pessoas idosas?

Para propor respostas a estas perguntas é importante trazer alguns apontamentos sobre velhice, história e cultura. Contudo, antes de apresentar essas temáticas e categorias teóricas que envolvem o objeto desse estudo, considera-se importante conhecer primeiramente as representações sociais de velhice postas na cultura ao longo dos períodos históricos. Além disso, é importante também pensar por que as representações sociais de velhice podem ajudar a entender a constituição identitária das pessoas idosas?

Desse modo na seqüência dessa seção apresenta-se uma discussão sobre a teoria das representações sociais.

3.1 As Representações Sociais como veículos de fatores que constituem Identidades.

A Teoria das Representações Sociais, criada por Serge Moscovici na década de 1960, consiste em uma teoria que busca compreender como as pessoas constroem conhecimentos e como estes interferem em seus comportamentos. Segundo Marcová (2006) Moscovici foi contra o ponto de vista que afirmava: “o povo não pensa”. Com isso, o autor separou sua teoria daquela que fora proposta por Durkheim, pois buscou compreender o processo de construção do saber não considerando o conhecimento como cumulativo e estático, que seria apreendido coercitivamente nas experiências sociais. Conforme Marcová (2006): “As representações sociais são fenômenos dinâmicos e abertos e o conceito da representação social é formado e re-transformado juntamente com a transformação da sua teoria” (MARCOVÁ, 2006, p. 173).

Jodelet (2001) define as representações sociais como uma “reconstrução do objeto, expressiva do sujeito”. (JODELET, 2001, p.36). Com isso, podemos pensar nas representações sociais como um produto daquilo que os sujeitos pensaram e formularam sobre um objeto, um saber ou uma pessoa. Contudo, é importante considerar as representações como um produto não-estático, mas em constante movimento e passível de mudanças, afinal, como já expomos, os seres humanos estão sempre em atividade para conhecer o mundo e lidar com ele.

Na construção das representações sociais vale lembrar que elas não se constituem em reflexos de objetos contidos no ambiente, mas sim construções dos sujeitos que possuem a capacidade de criar, além de dar sentido aos estímulos que recebem do meio social em que se encontram.

Sendo assim, por não serem estáticas e imutáveis, mas passíveis de transformação ao longo dos movimentos da história e de acordo com as produções culturais humanas, o objeto de uma representação social, conforme Jodelet (2001), sempre apresenta modificações. Estas modificações podem se dar por meio de valores e códigos coletivos, implicações pessoais e engajamentos sociais dos sujeitos. Desta forma, segundo Jodelet (2001), há três tipos de mudanças nos conteúdos das representações: distorções, suplementações e subtrações. Vamos expor de forma mais detalhada cada uma delas.

Nas distorções o conteúdo do objeto das representações permanece presente, contudo é acentuado ou atenuado especificamente. Um exemplo de distorções apresentado por Jodelet (2001), que retoma a Chombar de Lauwe, é a representação de categorias sociais dominadas, como crianças e mulheres. A referência para se representar estas categorias é uma categoria dominante (adultos e homens):

Os dominados têm traços semelhantes aos dos dominantes de quem são, entretanto, copiados de duas maneiras: seja por um mecanismo de redução – presença das mesmas características, mas sob forma atenuada, de menor qualidade; na imagem que a mídia apresenta das crianças, as meninas se comportam como os meninos, mas sua autonomia em relação ao entorno é menor; seja por um mecanismo de inversão – o dominado apresenta características inversas às do dominante; assim, a imagem da criança autêntica é o reflexo invertido da imagem do adulto em sociedade (JODELET, 2001, p.36)

Neste tipo de modificação da representação de um objeto, pessoa ou saber, já se pode notar o quanto as representações se afastam de meras cópias que o sujeito faria da realidade. Os sujeitos, individual ou coletivamente, colocam um pouco de si ou de seu grupo para construir representações sociais que guiarão seus comportamentos em

sociedade. Neste caso, as características do objeto foram distorcidas em suas representações para favorecer um grupo: os dominantes, que detêm o poder de ditar regras e modos de ser.

Outra mudança das características de um objeto de representação é a suplementação. Nela há um acréscimo de informações sobre o objeto representado, que antes ele não tinha. Geralmente este acréscimo se dá por conta do sujeito, que projeta no objeto adjetivos que representam características próprias do sujeito e nele são avaliadas negativamente:

Já na suplementação, atributos e conotações impróprios são manifestados sobre o objeto representado, como resultado do acréscimo de significações. Ocorre na projeção de um adjetivo desfavorável sobre outro sujeito, com o intuito de se valorizar em relação ao outro, omitindo as próprias imperfeições. (GUERRA e CALDAS, 2010, p. 2937).

Conforme Jodelet (2001), o uso deste tipo de modificação das representações sociais acontece com frequência quando há o intuito de uma pessoa ou grupo valorizar-se na desvalorização do outro, como no caso do preconceito, ou seja, elevar sua estima rebaixando as características do outros.

Ainda outra modificação das representações sociais se dá na subtração. Nesta modalidade há uma supressão de alguns atributos do objeto por conta de normas sociais. Um exemplo que Jodelet (2001) cita é o que aconteceu no estudo de Moscovici sobre as representações sociais da psicanálise, em que a representação comportou conceitos como consciente, inconsciente, recalque, mas excluiu a libido, por estar associada à sexualidade, que está envolta de muitos vetos sociais. Guerra e Caldas (2010) estenderam esta análise de Jodelet sobre a pesquisa de Moscovici, acerca das representações sociais da psicanálise, também à maneira pela qual a sociedade conceitua, julga e formula saberes sobre a sexualidade na velhice: “Por exemplo: o velho é tido como avô frágil, conselheiro e assexuado diante uma sociedade preconceituosa que se recusa a aceitar que o idoso também possui desejos, anseios e qualidades a serem exploradas”. (GUERRA e CALDAS, 2010, p. 2937).

É importante concretizar as modificações que acontecem na construção de uma representação social para firmar que são saberes produzidos pelos sujeitos e que, portanto, não são meros reflexos da realidade, mas sim representações construídas no embate do tempo, da história, da cultura e da sociedade.

Nesse sentido é possível constatar o quanto as representações sociais são importantes para entender a constituição da identidade humana. Se a identidade é

moldada pelo sujeito e por sua atividade, se está em constante movimento e metamorfose, se é perpassada pelo que carrega a cultura e a história, as representações sociais são como veículos que carregam esses elementos constituintes das identidades.

São as representações sociais que levam o conjunto de saberes cotidianos e não-cotidianos. Sobre as representações, Jodelet (2001) mostra que: “Estão ligadas tanto a sistemas de pensamentos mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado dos conhecimentos científicos, quanto à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva dos indivíduos”. (JODELET, 2001, p. 21).

As representações estão carregadas de significações, elas conceituam os objetos e situações representados e por meio da comunicação compartilham esses saberes entre os grupos. É nos grupos que são formados os consensos sobre determinado aspecto da realidade, consensos esses que também se constituem por meio das representações sociais. Para Jodelet (2001) o consenso de um grupo sobre a realidade é o meio de estabelecimento de trocas e ações cotidianas, ou seja, a maneira pela qual as pessoas se comunicam, comportam-se e vivem:

Geralmente, reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressões dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 2001, p. 22).

Neste fragmento do estudo de Jodelet (2001) já nota-se as múltiplas funções que exercem as representações sociais na vida das pessoas e da sociedade. A partir dessas considerações sobre a Teoria das Representações sociais pode-se pensá-las como veículos das identidades, pois carregam elementos que dão sentidos e significados aos comportamentos e à vida em movimento das pessoas. As representações são veículos de modos de ser e de fazer dos sujeitos. Por exemplo, no caso da velhice, aquilo que se tem na cultura sobre o que é ser velho ou velha, ou seja, as representações sociais de velhice, farão parte da constituição subjetiva e identitária dos idosos e idosas, irão construir conhecimentos sobre velhice e também preparar comportamentos das pessoas idosas, como os comportamentos e pensamentos sobre a sexualidade no envelhecer.

Outra questão importante que precisa ser considerada é sobre um dos elementos constituintes das representações sociais, que, ao ser entendido, pode auxiliar também na compreensão das identidades e nos comportamentos das pessoas idosas. Trata-se do núcleo das representações sociais. Abric (1998) apresenta as representações sociais pelo

viés de uma abordagem estrutural. Conforme Abric (1998) as representações sociais se constituem em um conjunto de crenças, informações, opiniões e de atitudes em relação a um determinado objeto social. Para Abric (1998) as representações se organizam em torno de um núcleo central, que em seu entorno situam-se os elementos periféricos. Abric (1998) afirma ser o núcleo central um elemento que confere estabilidade e resistência a mudanças nas representações sociais. Conforme o autor:

O núcleo central é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com este objeto e, enfim, pelos sistemas de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo. (ABRIC, 1998, p. 31).

A partir dessa perspectiva de Abric (1998) pode-se pensar sobre o núcleo das representações sociais como um elemento que carrega os significados das representações sociais, na forma como eles são encontrados na cultura. Por exemplo, no núcleo das representações sociais de velhice está contido a maneira pela qual as pessoas de determinada sociedade e cultura se relacionam com o envelhecer, bem como a valoração que dão a este momento da vida.

Sabendo que o núcleo das representações sociais comporta o caráter estático e estável de uma representação, pode-se pensar nele como o lugar em que se desenvolvem os estereótipos de velhice postos na cultura e que não são questionados, pois são tidos como verdades absolutas sobre envelhecer.

Um autor que trabalhou especificamente com a questão dos estigmas e estereótipos é Erving Goffman (1988). Para Goffman (1998) nas relações sociais as pessoas classificam umas as outras, estabelecendo categorias que se formam a partir de atributos. Aquilo que é considerado comum e natural não causa estranhamento nas relações sociais, mas quando alguém possui algum atributo diferente daquilo que se espera socialmente, forma-se, segundo Goffman (1988), uma identidade social virtual sobre os sujeitos, diferente da identidade social real, que é aquilo que os sujeitos realmente tem ou são. Este conceito de identidade social virtual de Goffmann (1988) se assemelha muito ao que Jodelet (2001) chamou de processos de modificação dos objetos representados, já citados acima.

No caso da velhice os atributos que causam estranhamento é justamente tudo que tem a ver com o envelhecer: a lentidão, as rugas, os cabelos brancos. Tais características se afastam da demanda do novo e do dito “belo”.

Conforme Goffman (1988) os estereótipos são constituídos sobre os atributos considerados socialmente indesejáveis. O autor aponta ainda que os sujeitos estigmatizados são barrados pelos ditos “normais”, que passam a ideologizar o estigma para explicá-lo. É o que acontece, por exemplo, com a população negra, que por muito tempo foi tida como inferior intelectualmente por conta de suas características físicas e biológicas.

Esta relação entre o núcleo das representações sociais e os estigmas pode ajudar a compreender a dificuldade de desnaturalizar um pensamento negativo sobre determinados grupos de pessoas, pois é algo que está enraizado na cultura e cristalizado no núcleo das representações sociais. A própria ciência fomenta discursos que geram estereótipos e estigmas sobre a velhice. No próximo subitem esta questão será melhor trabalhada.

3.2 As Representações Sociais de velhice no discurso científico: a constituição da Identidade no entrelaçar dos discursos da gerontologia e psicologia

As representações sociais são constituídas por diferentes modalidades de conhecimento produzido, seja ele proveniente de um saber informal ou de um conhecimento formalizado pela ciência, por exemplo. Os discursos do senso comum e da ciência compõem uma representação social: “Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas, e em organizações materiais e espaciais”. (JODELET, 2001, p. 17-18). Este trecho de Jodelet (2001) mostra que os conteúdos das representações sociais são partilhados de diferentes formas, seja por meio da mídia, nas relações cotidianas ou materializadas em livros e artigos científicos.

Neste subitem serão trazidas algumas das principais perspectivas científicas que abordaram sobre a velhice. Tais perspectivas certamente carregam representações sociais de velhice que impactam as identidades das pessoas com mais idade e seus comportamentos. Desde um posicionamento negativo, que pontua as questões ruins da velhice, até uma vertente que enfatiza a vivência de uma boa velhice, pode-se perceber que envelhecer é proibido.

3.2.1 O olhar da Gerontologia sobre o envelhecimento

Conforme Siqueira, Botelho e Coelho (2002), em uma vertente biológica, que é a seguida por gerontólogos e geriatras, a ênfase no envelhecer está na decadência física ocasionada por fenômenos degenerativos naturais. Esta visão concebe as pessoas idosas como portadoras de várias patologias, sendo a função da sociedade retardá-las.

De acordo com Netto (2006), até 1930, a gerontologia ficou restrita aos estudos dos aspectos biológicos do envelhecer e da velhice, somente depois deste período é que os espaços foram abertos para um estudo multidisciplinar. A partir de então esta ciência se dividiu em três categorias: gerontologia social (destinada aos estudos de aspectos antropológicos, psicológicos, legais, sociais ambientais, econômicos, éticos e de políticas de saúde), geriatria (relacionada ao conhecimento de aspectos orgânicos do envelhecimento e às habilidades médicas) e gerontologia biomédica (dá enfoque à pesquisa molecular e celular do envelhecimento).

Na gerontologia também é apontada a dificuldade em definir o processo de envelhecimento e um dos fatores que contribuem para isso é a falta de exatidão ao mensurar a idade biológica. Nesse sentido, Netto (2006) afirma que o limite de idade que separa a fase adulta da idosa é de 65 anos para países desenvolvidos e 60 para subdesenvolvidos. Contudo, há contradições, principalmente quando o que está em jogo é a questão da idade psicológica e social, que são bem diferentes da cronológica. A idade psicológica está relacionada ao senso subjetivo de idade, ou seja, a forma como cada pessoa encara o processo de envelhecimento e suas implicações. A idade social é identificada pela maneira com que os indivíduos desempenham papéis sociais e se comportam dentro de um contexto cultural e histórico.

Outro aspecto importante a ser considerado é a confusão que muitos autores fazem entre saúde e doença na velhice. Canguilhem (1978) chama a atenção sobre como a sociedade associa saúde à juventude e doença à velhice. Este aspecto está ligado principalmente às origens das pesquisas médicas em relação à fisiologia do corpo humano em que foi possível identificar a degeneração de tecidos e células em indivíduos de idade avançada.

Todos esses fatores entrelaçados dificultam a exatidão do conceito de velhice. Os biogerontologistas definem o envelhecimento como:

Um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidências de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte. (NETTO, 2006, p. 10)

Comfort (1979 apud NETTO 2006) afirma que o envelhecimento implica na redução da capacidade de adaptação homeostática perante situações de sobrecarga funcional do organismo. Jeckel-Neto e Cunha (2006) explicam que na perspectiva da gerontologia existem teorias biológicas do envelhecimento que se baseiam principalmente em estudos da biologia molecular. As concepções acerca da velhice nesta perspectiva estão pontuadas nas mudanças de aspectos fisiológicos, principalmente aquelas relacionadas à deterioração do organismo que se inicia logo após o período reprodutivo.

3.2.2 Psicologia e envelhecimento

Com relação aos discursos da psicologia sobre o envelhecer neste estudo dar-se-á destaque às perspectivas da psicologia comportamental e às teorias mais recentes sobre desenvolvimento humano, como aquelas das abordagens englobadas em um paradigma contextualista, que envolve a abordagem ecológica, teoria desenvolvimental de ciclo de vida, contextualismo desenvolvimental, teoria da ação e do controle. Entende-se que exista inúmeros trabalhos sob diferentes perspectivas teóricas a respeito do envelhecimento, contudo, para efeito de contextualização e discussão, apresentam-se alguns destes estudos.

Em uma vertente da psicologia comportamental o olhar se volta para a necessidade de um bem-estar pleno na velhice, pressupondo o extremo malogro provindo deste momento da vida. Em 1985, foi publicado por Skinner e Vaughan um trabalho que se assemelha a um manual para uma boa velhice: “Viva bem a velhice: Aprendendo a programar a sua vida”. A seguir um trecho deste texto:

Nós sugerimos outro caminho: ataque a velhice como um problema a ser resolvido. Faça todo o possível para aumentar as chances de vivê-la bem. Ousamos sugerir que, entre as providências que vier a tomar, inclua as coisas que aprecia. Ao invés de lamentar as folhas secas e amarelecidas, você pode gostar da folhagem outonal. Ao invés de aprender a tolerar a acidez da laranja, pode-se espremê-la até o fim, para fruir suas últimas doces gotas. (SKINNER e VAUGHAN, 1985, p. 22)

O texto de Skinner e Vaughan destaca a necessidade de saber lidar com o envelhecimento, contudo percebe-se que o objetivo da abordagem comportamental limita-se à adaptação do indivíduo às situações que lhe são impostas ao longo da vida, sendo a velhice uma destas condições com a qual é preciso aprender a conviver para bem viver.

A partir do século XX as teorias do desenvolvimento humano na psicologia passaram a considerar o envelhecimento em seus aspectos positivos e não só negativos. Fonseca (2010) aponta que neste período houve um declínio da visão reducionista e organicista. Novas teorias começaram a considerar o desenvolvimento para além do conjunto crescimento-estabilidade-declínio.

Conforme Fonseca (2007), alguns dos principais teóricos da psicologia que se debruçaram sobre o estudo da velhice e desenvolvimento humano foram: Baltes, Clarke-Stewart, Perlmutter & Friedman, Overton e Bronfenbrenner. Estes autores adotaram um posicionamento mais interacionista, e suas teorias tiveram um avanço em relação às concepções biologicistas e comportamentais do desenvolvimento, pois consideram o sujeito ativo, bem como a interação entre os diversos fatores que permeiam a vida (biológico, social, psicológico, cultural, social). Contudo, nota-se ainda a marcante força adaptacionista, em que o idoso e a idosa se desenvolvem na medida em que conseguem minimizar as coisas ruins e potencializar as coisas boas, de forma que consigam conviver com a velhice.

Para verificar as produções mais atuais da área da psicologia sobre envelhecimento, realizou-se uma busca em uma das principais bases de dados - Portal de Periódicos da Capes, em que se encontram as produções acadêmicas dos últimos anos, conforme já consta na introdução deste trabalho. Nesta busca notou-se a disparidade entre as perspectivas teóricas que se debruçaram no estudo do envelhecimento e suas concepções sobre velhice.

Ao final da análise dos artigos, nota-se um número alto de trabalhos embasados nos estudos da gerontologia sobre envelhecimento bem-sucedido (27 trabalhos), o que representa cerca de 40,29% dos trabalhos pesquisados. Com isso, pode-se dizer que a psicologia tem partilhado do saber da gerontologia para falar sobre o envelhecimento. Há pouca produção na área da psicologia que se aproxime da abordagem teórica representada neste trabalho, em que o envelhecimento é olhado pelo viés histórico e social, considerando o movimento da sociedade e o impacto desse movimento nas identidades, formas de ser e de se comportar das pessoas idosas, nas suas concepções sobre sexualidade em uma perspectiva de gênero.

Segundo a concepção dessas abordagens gerontológicas, tão presentes nos trabalhos da psicologia, uma “boa velhice” significa envelhecer com qualidade de vida e conseguir se adaptar às condições adversas impostas pelo ambiente, por meio de uma vida ativa e independente. Conforme Teixeira e Neri (2008):

O envelhecimento bem-sucedido aproxima-se de um princípio organizacional para alcance de metas, que ultrapassa a objetividade da saúde física, expandindo-se em um contínuo multidimensional. A ênfase recai sobre a percepção pessoal das possibilidades de adaptação às mudanças advindas do envelhecimento e condições associadas. Envelhecer bem é uma questão pragmática de valores particulares que permeiam o curso da vida, incluindo as condições próximas da morte. A implementação de programas que elevam o nível de qualidade de vida dos idosos pode prescindir, temporariamente, da definição uniforme desse fenômeno. O objetivo de muitos idosos e profissionais tem sido a promoção de saúde e bem-estar nessa fase da vida, seja referindo-se ao envelhecimento saudável, produtivo, ativo ou bem-sucedido.(TEIXEIRA; NERI, 2008, p.91).

Conforme Teixeira e Neri (2008) o envelhecimento bem-sucedido depende da organização do indivíduo, colocando sobre ele a responsabilidade de envelhecer bem ou mal. Esse discurso tem sustentado a maioria das pesquisas e estudos sobre a velhice, como pudemos ver nesta investigação em artigos científicos produzidos pela ciência psicológica.

Considerando que aquilo que a ciência diz contribui na construção das representações sociais e que estas veiculam saberes que constituem identidades, as pessoas idosas têm sido bombardeadas com um discurso que, de certa forma, lhes indica qual é a melhor maneira de envelhecer, o que acaba anulando outras formas de ser velho ou velha.

O problema destas concepções sobre a velhice é que envelhecer acaba sendo proibido. Há um forte discurso para que as pessoas com mais idade superem a velhice e tentem se manter o mais jovem possível para viver bem em anos mais avançados da vida.

Alves (2005) comenta que a produção científica sobre envelhecimento aumentou no final dos anos 70, em que a imagem da velhice é transformada, passando a estar ligada ao prazer, hedonismo e busca por realização pessoal. No Brasil a nova velhice, denominada “terceira idade” começou a ter destaque nos anos 80, em que o discurso da gerontologia tomou maiores proporções de alcance da população.

De acordo com Alves (2005) o discurso da gerontologia foi importante, pois atuou na transformação do conceito de velhice, na qual não eram vistos somente os fatores negativos e de declínio. Alves (2005) considera que duas teorias sobre o envelhecimento são base deste discurso: Teoria do Desengajamento (diminuição dos papéis sociais do indivíduo – alcance de um novo equilíbrio psicológico) e Teoria da atividade: (defende o oposto, pois valoriza a intensificação de algumas atividades e papéis do idoso e da idosa na sociedade).

O problema maior ao se considerar as teorias e conceitos difundidos pela abordagem gerontológica é a maneira com que esses conhecimentos chegam às pessoas e modificam suas vidas e modos de ser, para o bem ou para o mal. Alves (2005) reflete sobre essa problemática discutindo a capacidade das pessoas de se apropriar desses conhecimentos e usá-los em seu cotidiano:

Essa disseminação de conhecimentos e práticas de prevenção e cuidado, que afetam em grande medida os corpos de homens e mulheres, é produto daquilo que Giddens (1991) chamou de caráter reflexivo da modernidade. O acesso cada vez maior e mais fragmentado a diversas áreas de conhecimento é uma característica da modernidade que afeta diretamente a capacidade dos indivíduos de projetar e controlar suas vidas. Esse controle, por seu turno, causa maior ansiedade, pois os conhecimentos são tão variados e cotidianamente refeitos e desfeitos que não permitem a existência de bases absolutamente precisas e consensuais sobre como proceder no dia-a-dia, sobre como estruturar rotinas que ajudem o indivíduo a alcançar seus objetivos. Os próprios objetivos são também encarados como partes do “projeto reflexivos do eu”, portanto mutáveis. Envelhecer passa a ser visto como um processo manipulado pelo sujeito, gerando discursos que valorizam o controle individual sobre o próprio corpo. Mas esses discursos são contraditórios, posto que se ancoram em sistemas de informação cada vez mais especializados e fragmentados (Giddens, 1991). (ALVES, 2005, p. 22).

Alves (2005) questiona se as pessoas estão preparadas e se sabem lidar com o conhecimento recebem. Não se trata de negar a qualidade e os fatores positivos que os saberes da gerontologia trazem para as pessoas idosas, mas de questionar até que ponto tais conhecimentos não acabam por responsabilizar as pessoas por envelhecerem bem ou mal e, desta forma, tirar todo o caráter social e histórico de um processo de desenvolvimento humano, naturalizando-o e o tornando individualizado.

Conforme Debert (2012), há na atualidade uma necessidade de rever os estereótipos negativos de velhice, tanto que as categorias de palavras usadas para designar a velhice são “terceira idade”, “melhor idade” ou “idade feliz”. A autora mostra que:

A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. A dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha espaço para as situações de abandono e dependência. Estas situações passam, então, a ser vistas como conseqüências da falta de envolvimento em atividades motivadoras ou da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. (DEBERT, 2012, p.15)

Para Debert (2012) há uma cortina de fumaça que se impõe sobre a velhice, proibindo que sejam mencionadas as questões negativas que a envolve. Debert (2012) ainda aponta que os velhos e velhas são submetidos à uma maneira particular de envelhecer, que considera uma boa velhice como sendo aquela em que a saúde do corpo prevalece e que foi conquistada individualmente, por aqueles e aquelas que se dedicaram à dietas adequadas, exercícios físicos, que se submeteram ao uso de cosméticos e outras tecnologias que rejuvenescem.

Debert (2012) mostra como a juventude tem se tornado algo além de um determinado momento da vida, mas também um valor a ser atingido e conquistado, desde que se adote determinados estilos de vida por meio também de formas de consumo.

Estes discursos estão postos nas ciências que estudam o envelhecimento, como é o caso da gerontologia, e acabam por tornar-se verdades que pessoas idosas buscam seguir. Com isso, a responsabilidade de uma boa velhice recai sobre o sujeito, que buscou envelhecer bem participando de universidades abertas à terceira idade, centros de convivência, dentre outros grupos e também cuidou de sua saúde e de seu corpo. Desta forma, a velhice pode deixar de ser uma preocupação que precisa envolver toda a sociedade, passando a ser responsabilidade somente dos indivíduos que envelhecem.

Considerando as questões acima levantadas, pode-se pensar que o discurso científico tem referendado representações sociais de velhice. Estas, por sua vez, contribuem para a constituição de uma identidade da pessoa idosa que busca sempre que possível negar a velhice e fugir dela. Contudo, não basta identificar que este é o discurso dominante acerca do envelhecimento no momento em que vivemos. Para desvelar como se constitui a identidade da pessoa idosa e como essas pessoas pensam e se comportam diante da sexualidade é preciso voltar-se para a cultura e a história, pois é nelas e por meio delas que os conceitos de velhice foram construindo representações sociais, que por sua vez veicularam saberes que, ao serem apropriados pelas pessoas, constituíram e constituem identidades e modos de ser na velhice.

3.3. Velhice ou Terceira Idade: A terminologia que define o que é envelhecer em diferentes momentos da história e da cultura.

É importante compreender como a velhice se desenvolveu ao longo da história e em diferentes culturas. Além de permitir que se entenda o que é velhice, também pode-

se investigar melhor como se constitui a identidade neste momento da vida e como pessoas idosas pensam se comportam em nossa sociedade.

Conforme Beauvoir (1990), o termo “velhice” só surge após a revolução industrial. Segundo Hamilton (2002) no século XVII apenas 1% da população conseguia alcançar a idade acima de 65 anos, sendo que no século XIX esta porcentagem aumentou para 4%. De acordo com o autor, este aumento certamente pode ser justificado pelo contexto econômico e social que se deu a partir do período pós-Revolução Industrial, em que houveram mudanças tecnológicas ocasionando melhorias médico-científicas para tratamento e prevenção de doenças, saneamento básico, alimentação e principalmente pela diminuição da taxa de fecundidade dadas pelo desenvolvimento de métodos anticonceptivos.

Apesar dessas mudanças tecnológicas ocorridas na Europa do século XVII ao XIX, que aumentou o número da população idosa, a vida das pessoas com idade avançada não melhorou, a industrialização e urbanização decorrentes da revolução industrial provocaram a miséria de muitos anciãos que não tinham condições de trabalhar. Analisando este contexto, que apresenta informações concretas sobre a vida de pessoas com mais de 65 anos ao longo dos séculos, podemos pensar na velhice como uma categoria socialmente construída. Para Magalhães (1989):

Por ser uma construção social, a “invenção” de processos sociais e psicossociais, a velhice e o idoso emergem da dinâmica demográfica, do modo de produção econômica, da estrutura e organização de grupos e classes sociais, dos valores e padrões culturais vigentes das ideologias correntes e dominantes e das relações entre o Estado e a Sociedade Civil. (MAGALHÃES, 1989, p. 16).

Estas questões revelam o caráter histórico e cultural da velhice. Beauvoir (1990) afirma que a dificuldade em delimitar uma definição para o processo de envelhecimento se dá pelo fato de ser um fenômeno multideterminado. A autora descreve um levantamento histórico da forma como cada sociedade lidou/lida com a velhice podendo ser associada ou à decadência ou à virtude. Em uma sociedade que valoriza a transmissão cultural, o idoso é tratado com maior valor. Um exemplo disso são sociedades orientais como a China antiga em que a cultura exigia mais experiência do que força.

Conforme Leme (1996) atingir uma idade avançada no Egito antigo era considerado um prêmio decorrente de uma vida equilibrada e virtuosa. Leme (1996) aponta também que, na Antiga Roma, a instituição mais importante de poder

estabelecida era o Senado, que tem o nome derivado de senex (idoso). O autor ainda mostra que na Roma antiga encontram-se importantes produções acerca da velhice, como o livro de Marco Túlio Cícero - “A velhice” - e a produção de Galeno - “Gerontomica”. Segundo Leme (1996), Galeno afirmava que o envelhecimento aconteceria a partir do momento em que os humores ficassem secos e frios, podendo ser contrabalanceado com humores úmidos.

Na idade média a produção científica sobre o processo de envelhecimento e suas implicações na vida das pessoas aumentou ainda mais, assim como a elaboração de técnicas para lidar com esta fase da vida e suas degenerações. Os escritos estão principalmente voltados para as decadências físicas decorrentes da velhice. Conforme Leme (1996), autores como Arnold Vilanova e Roger Bacon foram importantes no aprofundamento de estudos sobre processos do envelhecimento. Roger Bacon deu relevância a métodos que poderiam prolongar a vida, como controle na alimentação, repouso, exercícios físicos e hábitos saudáveis de higiene.

O período do Renascimento foi marcado pelo aumento na expectativa de vida e, desta forma, as pesquisas médicas sobre como lidar com a velhice também se acentuaram. Conforme Leme (1996) na segunda metade do século XV, o médico anatomista Gabriele Zerbi publicou seu livro “Gerontocomia” que representou o primeiro material impresso exclusivamente voltado para a geriatria. Outro importante autor deste período histórico foi Luigi Cornaro, que publicou também no século XV um material intitulado: “Tratado da saúde e vida longa e sobre os meios seguros para consegui-las”. Os trabalhos científicos publicados na era do renascimento estavam voltados principalmente para noções de higiene necessárias para cuidados com idosos. Leme (1996) afirma que a literatura renascentista procurava vangloriar a beleza e a juventude, desvalorizando o corpo envelhecido, como o que se pode encontrar no texto de Erasmo de Rotterdam¹¹.

Para Leme (1996) em algumas sociedades mais primitivas, como em tribos da Sibéria e da África, há o costume de abandonar os idosos em uma cabana, bem longe da aldeia, para que fiquem lá até a morte. Mas nem todas as sociedades primitivas deixam

¹¹ Trata-se da obra “Elogio da Loucura”, em que Rotterdam fala da velhice como um mal inevitável, que se pode remediar com a loucura. O autor diz: “Se, pois, estais de acordo em que nada existe de mais precioso do que a mocidade e mais detestável do que a senectude, posso tirar a conclusão de que reconheceis a dívida que tendes contraído comigo, sim, comigo, pois que, para vos fazer felizes, sei prolongar um bem tão grande e retardar tamanho mal”. (ROTTERDAM, 2003, p. 27-28)

seus idosos morrer a míngua, como é o caso dos mongóis e os incas, em que os mais velhos comandam os acampamentos.

Considerando estas questões e buscando refletir sobre o envelhecer em nossa sociedade, pode-se pensar que os atributos que diminuem na velhice são exatamente aqueles exigidos pela cultura capitalista da rapidez, do consumo e da força de produção e, portanto, não é de se estranhar que aqueles que perderam essas características são negligenciados no cenário cultural, social e econômico em que vivemos:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim o seu próprio futuro. Nos cuidados com a criança o adulto “investe” para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má fé. A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção. (BOSI, 1994, p. 77-78).

A concepção de velhice como momento da vida em que a pessoa está moldada por dificuldades e perdas contribui para uma visão pessimista em relação ao envelhecimento, isso se dá principalmente pelo imperativo do novo demandado do modo de produção capitalista e da globalização.

Tudo que é produzido perde valor em um tempo mínimo, pois a tecnologia tem pressa em inovar, desta forma, o que é velho é deixado de lado e substituído. O abandono realizado por tribos primitivas, que deixava morrer à míngua seus velhos em cabanas afastadas das aldeias, acontece atualmente de forma mais velada pela segregação em asilos e instituições ou até mesmo a exclusão social dada na aposentadoria, que retrata aqueles/as que não mais produzem bens nem se inserem no mercado. Em um mundo regido pelo imperativo da produção e do consumo, estar fora deste processo constitui um fator importante na construção da identidade das pessoas idosas.

Bosi (1994) afirma que a velhice se constrói muito mais a partir da luta de classes do que dos conflitos de gerações, pois ao idoso é dado um novo lugar na sociedade pelo processo da exclusão tanto física (em asilos e instituições) como a própria exclusão econômica pela aposentadoria. Bosi (1994) aponta que:

A sociedade industrial é maléfica para a velhice. Nas sociedades mais estáveis um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta, pode preparar os canteiros e semear um jardim. Seu filho continuará a obra. Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo o sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho. Destruir amanhã o que construímos hoje. (Bosi, 1994, p. 35).

Desta maneira, Bosi (1994) defende que o adoecimento na velhice e o sentimento de identidade fragmentada é decorrente de uma vida inteira de alienação, de desvalorização da pessoa enquanto trabalhadora. Bosi (1994) retoma Beauvoir para afirmar que os velhos e velhas não adoeceriam se, nas relações humanas, tivessem sido tratados como seres humanos de fato e não objetos, forças de trabalho a serem vendidas.

De qualquer forma pode-se concordar que a constituição identitária de pessoas mais velhas é decorrente de uma valoração cultural do que é bom e ruim na velhice. Beauvoir (1990) já disse que progresso ou regressão na velhice são muito dependentes do social e do cultural:

Cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que a palavra “declínio” pode adquirir um sentido preciso. Essa discussão confirma o que eu disse acima: a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural. (BEAUVOIR, 1990, p.20).

Ainda que a velhice possa ter diferentes significados em conformidade com culturas diversas, o que se observa, em particular na cultura ocidental, é uma negação ao direito de envelhecer, como bem apontou Debert (2012), quando observou que a juventude vem se tornando muito mais do que uma fase, mas também um objetivo a ser alcançado em todos os outros momentos da vida. Sobre esta questão Bosi (1994) mostra que:

A velhice é um irrealizável, segundo Sartre; é uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados (um *être-pour-autrui*), que transcendem nossa consciência. Nunca poderei assumir a velhice enquanto exterioridade, nunca poderei assumi-la existencialmente, tal como ela é para o outro, fora de mim. É um irrealizável como a negritude; como pode o negro realizar em sua consciência o que os outros vêem nele? (BOSI, 1994, p. 79).

O trecho de Bosi (1994) lembra muito aquilo que Goffman (1988) falou sobre identidade social virtual (aquilo que se espera que os sujeitos sejam) e identidade social real (aquilo que os sujeitos realmente são). Goffmann (1988) ressaltou toda a dificuldade que os sujeitos estigmatizados vivem para superar seus estigmas, buscando corrigi-los. Sobre esta questão Bosi (1994) mostra que:

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar. Uma variante desse comportamento: ouvimos pessoas que não sabem falar aos idosos senão com um tom protetor que mal disfarça a estranheza e a recusa. (BOSI, 1994, p. 76).

Este exemplo de como a sociedade lida com as pessoas idosas expõe de forma concreta uma representação social de velhice permeada pela modificação de suplementação, em que determinadas características são atribuídas ao objeto da representação como uma projeção destas mesmas características que são vistas negativamente pelos outros. Ou seja, representa-se a pessoa idosa como alguém incapaz em muitos sentidos, sejam eles físicos, cognitivos, psicológicos ou sociais. Contudo, o que mais preocupa é a suposição de que o idoso e a idosa são incapazes de constituir-se como pessoas humanas no âmbito de seu ser e de seu fazer, dando continuidade a suas vidas conforme suas escolhas, desejos, anseios e pensamentos.

Com isso, a representação da velhice como um momento em que as pessoas devem ser submissas, evitar o erro e tentar ao máximo afastar-se de suas limitações, pode nos levar ao motivo pelo qual o senso comum e a ciência geram saberes que concebem o bom envelhecer relacionado ao maior afastamento possível da velhice. Pode ser por este motivo que se incite nas pessoas idosas a necessidade de manter-se em atividade, afastando-se do marasmo que é envelhecer e, em consequência, evita-se os prejuízos que uma geração nova pode ter ao precisar dedicar tempo e atenção aos mais velhos, e talvez também mais dinheiro. Afastando as pessoas idosas do envelhecer evita-se que a velhice exista.

Este modo de representar a velhice vai repercutindo na identidade da pessoa idosa a necessidade de não envelhecer. Com isso, os sujeitos buscam adequar-se de alguma forma ao lugar em que já não lhes cabe. Esta tentativa de adequação acontece constantemente no envelhecimento que, para ser aceito, precisa ser o menos velho possível, fato que está corroborado no discurso da boa velhice, da idade feliz e da velhice saudável.

A maior preocupação é sobre a proibição da vivência da velhice. Não estamos aqui nos opondo à necessidade de se ter hábitos saudáveis de vida, mas sim de levar em consideração que há limitações na velhice, que quando não consideradas pode causar um impacto nas identidades das pessoas idosas, que, por sua vez, podem passar a sentir-

se obrigadas a ser o mais jovem possível para se encaixarem novamente na sociedade.

Bosi (1994) mostra que:

A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas. (BOSI, 1994, p. 79).

Na apresentação do livro de Ecléa Bosi, do qual esta citação foi extraída, Marilena Chauí tece um comentário sobre as formas de opressão da velhice e mostra como estas se manifestam ora de maneiras brutais, ora veladas e socialmente aceitas. Para Chauí (1994) as pessoas idosas são oprimidas pela burocracia da aposentadoria e dos asilos, pela recusa do diálogo, pelo não-reconhecimento da reciprocidade nos relacionamentos, pelas próteses e pela ciência, que constata em suas pesquisas a incapacidade social dos velhos e velhas. Ora, poderíamos acrescentar aqui, nestas formas de opressão citadas por Chauí, a opressão que a pessoa idosa vive pela não permissão de seu envelhecimento, pelo discurso científico que taxa o que é envelhecer bem e impossibilita outras formas de envelhecer, conforme aponta Silva (2009). Não são todas as pessoas idosas que se identificam com o modo de viver ativo na velhice e nem em outros momentos da vida. Contudo, quando a ciência propaga que a velhice boa só é possível se realizarmos determinado “passo a passo”, podemos correr o risco de restringir e limitar as expressões de identidade de velhos e velhas e ainda de responsabilizá-los/as por viver bem ou mal o processo de envelhecimento.

Conforme Debort (2012), para compreender as novas configurações da velhice, é preciso considerar as articulações entre três atores que fazem parte deste processo: os gerontólogos, as pessoas de mais idade e a mídia. Há um entrelaçamento no discurso destes atores que deságuam em único objetivo: o envelhecimento bem-sucedido.

Debort (2012) mostra que as pessoas de mais idade apresentam uma necessidade de envelhecer de forma diferente ao notarem que sua velhice já não é igual àquela vivenciada por seus pais e avós. Certamente as pessoas idosas percebem que a demanda é de que não fiquem parados, mas exerçam alguma atividade por tanto tempo quanto agüentarem. Sobre o imperativo à atividade, Silva (2009) afirma:

Seja como característica intrínseca de comportamento ou personalidade, ou como habilidade ausente a ser exercitada, conquistada, produzida, a atividade está presente no cotidiano de todos aqueles que envelhecem de forma positiva, nas mais variadas esferas de atuação do sujeito. Atividade mental, física, social, sexual, lúdica, criativa, independente do adjetivo que a acompanhe, a atividade é uma obrigatoriedade para os sujeitos que pretendem viver a terceira idade." (SILVA, 2009, p.130).

De acordo com Silva (2009) o discurso sobre a atividade formula duas formas e ser na velhice: a pessoa idosa que evita adoecer e se tornar dependente, e a que produz toda uma necessidade de consumo de especialidades e produtos que permitam a permanência da atividade.

Para Debert (2012) a mídia também possui um papel na definição dos rumos do envelhecer. Pode-se dizer que a autora considera que a mídia causa uma desestabilização tanto nas representações de velhice, que circulam no meio científico, como aquelas postas no senso comum, entre as pessoas com mais idade. De acordo com Debert (2012) a mídia: “[...] ao mesmo tempo, abre campos para novas demandas políticas e para a formação de novos mercados de consumo.” (DEBERT, 2012, p.16). Ou seja, a mídia contribui na constituição de outras representações sociais de velhice, incluindo aí o debate e a socialização sobre o processo do envelhecer, mas também marca espaços de consumo e direciona o público idoso para um mercado específico em que, possivelmente, estão incluídos os “passo a passo”, as dietas, exercícios e cosméticos que garantem um novo modo de ser idoso – o mais rejuvenescido. Sobre esta observação de Debert (2012) podemos unir o pensamento de Bosi (1994), quando diz que os velhos e velhas de uma classe social favorecida ficam protegidos da desvalorização da pessoa idosa, pois se encaixam nas apelações deste mercado de consumo.

Segundo Debert (2012) um fator que teve influência para a criação destas diferentes categorias para definir a velhice encontra-se relacionado aos novos padrões que organizam a aposentadoria, englobando um contingente mais jovem entre a população aposentada:

A nova estrutura de empregos é concomitante à criação de uma série de etapas intermediárias no interior da vida adulta, como a “meia-idade”, a “terceira idade”, a “aposentadoria ativa”. Se a modernidade – como mostrou Ariès (1981) em seu estudo sobre a história social da família e da criança – assistiu à emergência de etapas intermediárias entre a infância e a idade adulta, assistimos, atualmente, a uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento. (DEBERT, 2012, p.18).

Com isso, verifica-se que não há, na modernidade, características únicas sobre o envelhecimento que o estabeleça como uma fase da vida. Há a criação de momentos intermediários entre a vida adulta e velhice. Isso deve-se à ampliação da definição de envelhecimento, que deixa de ser somente um período de declínio, como na segunda metade do século XIX (DEBERT, 2012, p. 14), e passa a ser um momento de possibilidades, inclusive de realizar sonhos e vontades que não puderam ser satisfeitos na juventude ou na vida adulta, conforme aponta a autora (DEBERT, 2012, p.19).

Barros (2004) propõe uma reflexão acerca do processo de envelhecimento na sociedade contemporânea ocidental, marcado por explicações prévias a respeito do envelhecimento, com as designações de cada etapa ou ciclo da vida. De acordo com Barros (2004) há uma forte característica individual e particular nas vivências de velhice.

A autora explica que a individualidade toma lugar preponderante na organização da sociedade moderna, em contraposição às sociedades tradicionais, onde prevalece a estrutura de grupos:

O indivíduo passa a ter um valor social. Decorrente do foco no indivíduo e não mais no grupo, é a percepção de si mesmo como ser inigualável e singular que permite a construção da idéia de trajetória de vida, de ciclo de vida, de projeto de vida e de percepção de uma memória individual. (BARROS, 2004, p. 13)

Conforme Barros (2004), a partir do surgimento da sociedade moderna começam as segregações de espaços e de momentos da vida. Neste processo foram criadas instituições para regular estas instâncias da vida como: a escola, hospital, asilo e as diferentes áreas de conhecimento:

Constroem-se, portanto, saberes, práticas e instituições para períodos específicos que, examinados detalhadamente, acabam por gerar novas especialidades, novas formas de controle e novas possibilidades de construções de outras classificações etárias: primeira infância, pré-adolescência, adolescência, maturidade, velhice. E hoje: terceira idade, quarta idade, velhos-jovens, velhos-velhos. Essas temporalidades do ciclo de vida marcam segregações entre elas, definem e institucionalizam as idades para a escolaridade, para o trabalho, para o casamento, para a aposentadoria. (BARROS, 2004, p. 14).

Silva (2008) explica que a terceira idade pode ser entendida como uma nova identidade das pessoas mais velhas, fruto de uma negação social da velhice. A autora ainda coloca a experiência da terceira idade como própria de um determinado grupo social:

No lugar das tradicionais imagens que articulavam o envelhecimento somente ao descanso, à quietude e à inatividade, surge um modelo identitário que inclui, em sua definição, o estímulo à atividade, a aprendizagem, a flexibilidade, o aumento da satisfação pessoal e a formação de vínculos afetivos inéditos. Estas características estão reunidas sob o signo da “terceira idade”, o rótulo que vem sendo utilizado para identificar a nova sensibilidade que passa a compor o processo de envelhecimento. (SILVA, 2008, p.802).

Barros (2004) explica que dentro desta ordem de classificação dos instantes da vida há polarizações como juventude X velhice. Há também na sociedade contemporânea uma tendência em homogeneizar as experiências de juventude e de velhice sem, no entanto, perceber as particularidades que existem em cada uma.

Por exemplo, há uma estereotipização de velhice subalterna e excluída, que, segundo Barros (2004), está relacionada à chegada da aposentadoria para a classe trabalhadora, que por sua vez está ligada à pobreza. Mas esta leitura de velhice não se adequa às pessoas que, embora tenham mais idade, ocupam outros espaços na sociedade, seja nas artes, religião, academia e que não se enquadram neste modelo de velhice.

Silva (2008) apresenta a discussão geracional sobre a periodização da nova velhice. A autora mostra que as identidades constituídas sob o rótulo da Terceira Idade são diferentes daquelas que se constituem como velhice e que este fenômeno é fruto de uma determinada geração. De acordo com Silva (2008):

Ainda que haja controvérsias acerca da delimitação de diferentes grupos de nascimento, os *baby-boomers* - nascidos no período posterior à Segunda Guerra Mundial - seriam a geração que agora envelhece e goza de saúde e recursos financeiros em sua aposentadoria. A importância política, econômica, social e cultural deste grupo o torna signatário da nova terceira idade. (SILVA, 2008, p. 810).

Silva (2008) retoma autores como Gilleard e Higgs, bem como a autora Guita Debert, para mostrar que a geração dos baby-boomers possibilitaram uma nova constituição de identidade das pessoas mais velhas, pois agrupam características como a transformação, a inovação e renovação, fruto das produções culturais, políticas e sociais que vivenciaram como, por exemplo, os meios de comunicação em massa, a cultura de consumo e o apogeu do Estado de Bem-estar social. Debert (2012) afirma que: “A geração é menos marcada pela idade das pessoas que a compartilham do que pela vivência de determinados eventos que marcam trajetórias passadas e futuras”. (DEBERT, 2012, p. 52). Tais questões confirmam o quanto a história e a cultura possuem fundamental importância na constituição das identidades.

Esta geração dos *baby-boomers*, que hoje agrupa as pessoas de mais idade, tem constituído outros modos de envelhecer, ou melhor, de se constituir. A identidade de velho e de velha passivo/a, que vivem a velhice como momento de perdas e decadências, de descanso e ausência de atividades não cabe na identidade das pessoas que estão envelhecendo hoje. Assim, como afirma Debert (2012), as aposentadorias estão deixando de ser um benefício conquistado para dar suporte a pessoas que não podem mais prover o seu sustento, como antes o velho era visto, para passar a ser um alvo de mercado, em que as pessoas de mais idade podem aproveitar seu tempo livre para passear, viajar, comprar e consumir, principalmente as coisas que até o momento da vida não haviam conseguido conquistar. Conforme Debert (2012):

Acompanha o crescimento desse mercado a criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados: a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria, o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e a ajuda social ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. (DEBERT, 2012, p. 61).

Nesta perspectiva, Debert (2012) mostra a transformação do conceito de velhice ao longo dos movimentos da história e da cultura. Ainda que seja importante considerar que as formas de envelhecer são diversas e que não se restringem a somente um tipo de velhice, precisamos pensar como a sociedade tem lidado com essas novas possibilidades do envelhecimento e seu impacto nas identidades de pessoas com mais idade.

Debert (2012) nos alerta ao mostrar que a constituição da terceira idade, como nova identidade para a velhice, tem se tornado um nicho para o mercado de consumo, bem como uma exigência de padrões a serem seguidos:

Seria, contudo, ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, que é associada a valores e estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. (DEBERT, 2012, p.66)

É neste contexto que podemos pensar o quanto o novo estilo de envelhecer pode contribuir também para a formatação de um padrão único de envelhecimento, que preconiza a juventude como meta. O que vale é ser o mais jovem possível, nem que disso dependa o consumo excessivo de um mercado que produz tecnologias que

prometem retardar o envelhecimento. Silva (2009) fala sobre o conceito de "máscara da idade" ou "*ageless*", retomando Featherstone e Hepworth, definindo-a como:

[...] um recurso utilizado pelos sujeitos no momento em que o corpo envelhecido se torna cada vez mais incapaz de responder às injunções e participar das oportunidades oferecidas pela cultura do consumo, ao mesmo tempo em que os sinais físicos do envelhecimento são extremamente desvalorizados socialmente. (SILVA, 2009, p. 132)

Desta maneira, há um corpo envelhecido que não consegue dar conta da demanda de uma identidade que precisa lutar contra o envelhecer. Barros (2004) questiona se aos indivíduos são oferecidas as condições necessárias para este cuidado de si e até mesmo se esta proposta de envelhecimento é condizente com a realidade complexa e diversa das pessoas idosas.

Com isso, pode-se pensar que as identidades dos velhos e velhas tem sido moldadas para o não envelhecimento. As representações sociais ora carregam um discurso sobre como é péssimo envelhecer, ora trazem a obrigatoriedade de se manter saudável, com a pele jovem, o corpo magro para viver bem a velhice. Ambos são discursos que não permitem envelhecer.

Ao observar esta mudança radical nos modos de envelhecer, constata-se de forma clara a tese de Ciampa (1996), em que a identidade é uma metamorfose, cuja a única constante é a mudança. Também fica claro que a identidade se constitui na concretude da vida, em um movimento ativo de apropriação realizado pelo sujeito.

No próximo capítulo apresenta-se a relação entre gênero, sexualidade e envelhecimento. Esta relação está permeada por questões sociais, históricas, culturais e políticas e tem influência na constituição subjetiva e identitária de pessoas com mais idade, constituindo também o seu pensar e a maneira como se comportam diante da sexualidade, foco principal deste trabalho. Por meio dos argumentos teóricos que serão discutidos identifica-se que a relação entre gênero, sexualidade e velhice também muda e se transforma ao longo das nuances históricas.

4 GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

A postura aqui assumida consiste em considerar sexo e gênero uma unidade, uma vez que não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida.

(Heleieth I. B. Saffioti – Gênero, patriarcado, violência, 2004, p. 108-109).

Este capítulo traz considerações a respeito das questões de gênero e sexualidade na vida e na constituição subjetiva de pessoas adultas com mais idade. Com isso, compreende-se a relação entre estas temáticas por meio dos estudos de gênero, como de Scott (1995) e Saffioti (2004), bem como estudiosos/as atuais que se dedicam à investigação sobre gênero, envelhecimento e sexualidade.

Notou-se a importância de realizar um aprofundamento nos estudos que se debruçaram sobre este tema, pois a discussão que o envolve ainda é relativamente nova. As produções acadêmicas sobre envelhecimento, gênero e sexualidade apresentaram um aumento significativo em torno do final dos anos 90 para os dias atuais. Esta afirmação tem como base o levantamento realizado no portal de teses e dissertações da CAPES¹², que se apresenta na seqüência dessa seção. A opção por este banco de dados se deu pela necessidade de identificar o que diversas áreas da ciência têm produzido ao longo dos anos a respeito das questões de gênero e sexualidade com relação ao envelhecimento humano.

4.1 Mapeamento da produção Científica sobre envelhecimento, sexualidade e gênero.¹³

Na pesquisa realizada no Banco de Dados da Capes foram procurados os descritores “envelhecimento e sexualidade” para reunir o que já foi produzido sobre esta temática e identificar as principais problemáticas levantadas e os resultados encontrados.

¹² O Portal da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) integra os sistemas de informação de teses e de dissertações existentes nas Instituições de Ensino Superior brasileiras, reunindo os trabalhos científicos em seu banco de dados. Contudo, faz-se necessário apontar que este banco de dados está em fase de reformulação desde meados do ano de 2013, sendo que esta pesquisa foi realizada em setembro de 2012.

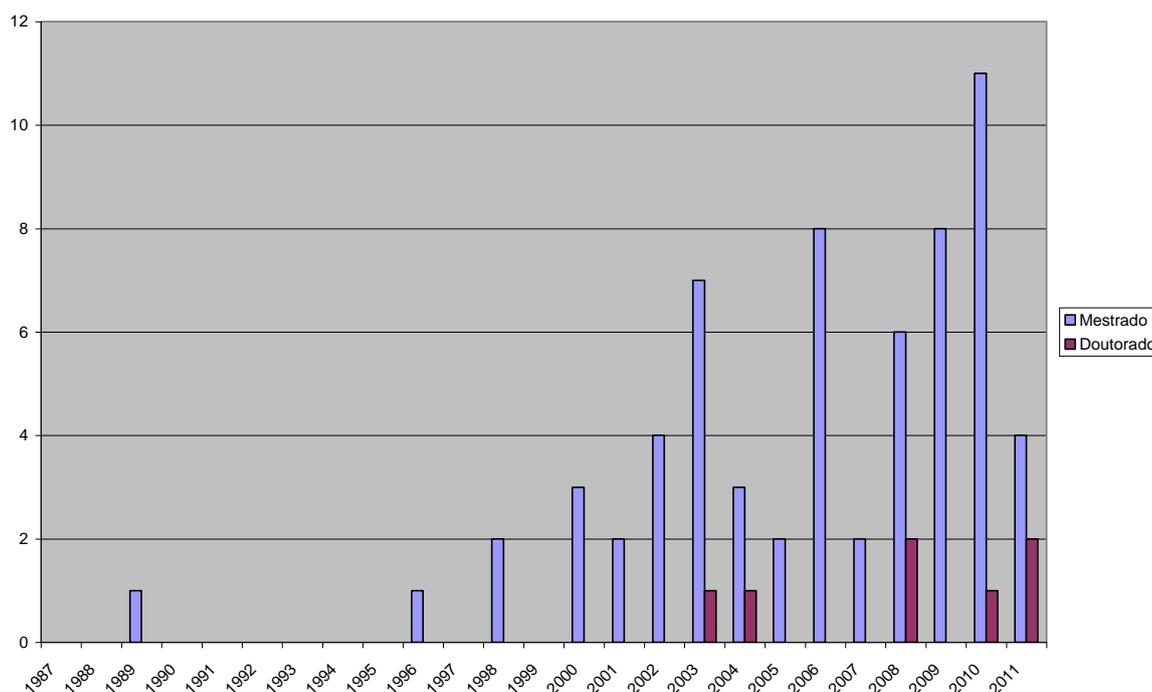
¹³ É necessário destacar que as considerações apresentadas neste subitem do trabalho são realmente breves, pois partem de apenas um banco de dados. Além disso, destaca-se que a escolha de palavras-chave pode não ter contemplado importantes trabalhos na área.

Também foram utilizadas as palavras-chave “envelhecimento e representações sociais” para localizar as produções que se dedicaram à pesquisa das representações sociais das pessoas idosas e do restante da sociedade sobre envelhecimento, com o foco na sexualidade de pessoas com mais idade.

Outros descritores utilizados na pesquisa foram “envelhecimento e gênero”. Procurou-se identificar o que tem sido produzido sobre as questões de gênero que envolvem a velhice.

O levantamento Bibliográfico realizado na Base de Dados do Portal da CAPES possibilitou que fossem encontradas 63 dissertações e 7 teses, totalizando 71 produções tratando de estudos sobre a sexualidade e envelhecimento nos últimos 24 anos, conforme mostra a figura 1:

Figura 1 - A produção científica sobre sexualidade e envelhecimento.



Fonte: Base de dados de teses de dissertações do Portal da CAPES

Foi observado um aumento expressivo nas produções acadêmicas relacionadas à esta temática no período de 2003 a 2010. Este fato pode estar associado aos movimentos sociais em prol dos direitos dos/as idosos/as, que culminou na aprovação do Estatuto do Idoso em 2003. Além disso, notou-se um aumento nas produções científicas sobre a AIDS na velhice, a partir de 2005. Isto pode ser reflexo da alta incidência de AIDS entre a população idosa, que dobrou nos últimos dez anos (de 7,3 em 1996 para 14,5 em

2006), conforme dados do Plano Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde (BRASIL, 2008).

A partir dos trabalhos localizados por meio das palavras-chave, buscou-se considerar os resumos formando categorias de análise. Os temas mais encontrados no conjunto dos trabalhos foram relacionados a corpo e sexualidade na velhice; a permanência da sexualidade na velhice; envelhecimento, sexualidade e AIDS; sexualidade, envelhecimento e gênero. Estes temas serão descritos na tabela 3.

Apesar de algumas produções destacarem as questões positivas da vivência sexual na velhice, em outras os resultados das pesquisas ainda apontam uma visão preconceituosa e limitada sobre a sexualidade no envelhecimento, tanto pelos/as próprios/as idosos/as, quanto por outros segmentos da população.

É importante considerar que a comunidade científica tem se debruçado sobre questões como a homossexualidade e envelhecimento, um tema pouco falado, mas de extrema importância na garantia da cidadania e dos direitos dos idosos e idosos homossexuais.

O presente trabalho se encaixa principalmente na categoria das produções sobre Sexualidade, Envelhecimento e Gênero. Ainda que esta categoria apresente um número significativo de trabalhos, tanto em mestrado, quanto em doutorado, percebeu-se que não houve entre essas produções um trabalho com os objetivos e o foco desta dissertação, que traz uma contribuição mostrando as diferentes perspectivas de sexualidade e gênero entre pessoas idosas que vivem em uma instituição fechada e outras externas a estes lugares.

Também não foram encontrados trabalhos, dentre essas produções, que tenham buscado relacionar as perspectivas teóricas das representações sociais, teoria histórico-cultural, estudos de gênero e estudos da antropologia. Desta maneira, justifica-se a realização desta dissertação, como mais um passo rumo à contribuição acadêmica para a compreensão da sexualidade na velhice.

Analisando esta pesquisa bibliográfica percebe-se a importância de se intensificar os estudos que permeiam a temática do envelhecimento e sexualidade. Além de ser um assunto, cuja discussão é recente, destaca-se também o preocupante processo em crescimento que envolve os casos de AIDS entre os/as idosos/as.

Tabela 3 – Trabalhos encontrados
Corpo e sexualidade na velhice

Descrição do Tema	Questões da imagem e corpo no processo de envelhecimento. A maioria desses trabalhos apontou a questão do corpo feminino e o estigma que este carrega por conta da constante demanda do jovem e do belo feita pela sociedade.
Autoras/es Mestrado	Lima (1989), Arcoverde (2006), Lílian Silva (2010), Separavich (2010), Francisco Silva (2010) e Francisca Silva (2011).
Autores/as Doutorado	Nenhum trabalho encontrado
Permanência da sexualidade na velhice	
Descrição do Tema	O significado da sexualidade para pessoas mais velhas. Os resultados mostram ambivalências na percepção da sexualidade na velhice: alguns trabalhos a mostram de forma positiva, em outros se destacou o preconceito e a dificuldade da vivência sexual na terceira idade por conta dos valores e crenças.
Autoras/es Mestrado	Machado (1996), Barbosa (1998), Renata Silva (2001), Arlete Costa (2003), Prumes (2007), Ana Carolina Costa (2008), Gomes (2009), Biasus (2009) e Aguiar (2011).
Autores/as Doutorado	Viana (2008).
Envelhecimento, sexualidade e AIDS	
Descrição do Tema	Trabalhos epidemiológicos sobre a AIDS no envelhecer; a importância da questão do gênero, principalmente sobre a mulher idosa acometida pela AIDS; as dificuldades, preconceitos e estigmas que o/a idoso/a soropositivo/a enfrenta; as questões sociais, políticas e culturais sobre a AIDS na terceira idade.
Autoras/es Mestrado	Alves (2002), Gross (2005), Martins (2008), Vera Araújo (2009) e Helony Silva (2011), Cortina (2003), Lucineide Silva (2006), Dantas (2007), Lopes (2010), Alexandre (2010), Olivi (2006), Provinciali (2006), Zornitta (2008), Oliveira (2009) e Castro (2009).
Autores/as Doutorado	Nenhum trabalho encontrado.
Sexualidade, envelhecimento e gênero	
Descrição do Tema	Produções sobre envelhecimento e gênero feminino, que abordam as questões sociais e subjetivas das vivências sexuais das idosas; envelhecimento, sexualidade e gênero masculino; homossexualidade masculina na terceira idade; as relações de gênero envolvendo tanto o feminino quanto o masculino e as questões da sexualidade na velhice
Autoras/es Mestrado	Pires (1998), Reis (2000), Pigatto (2000), Ramos (2001), Netto (2002), Mori (2002), Parisi (2002), Moares (2003), Eustáquio (2003), Menicalli (2004), Solange Tavares (2004), Lima (2006), Carvalheiro (2008), Lucas (2008), Ivonete Araujo (2009), Martins (2009), Fernandes (2010), Bortolotti (2010) e Mario Silva (2011), Brigeiro (2000), Oliveira (2003), Feriancil (2003), Santos (2006), Bier (2004), Maki (2005), Correia (2009), Maravilha (2010), Antunes (2010), Braun (2006), Maia (2010), Alborghetti (2003), Hermany (2006) e Oliveira (2010),.
Autores/as Doutorado	Mendonça (2004), Lima (2008) e Higa (2010), Trindade (2003), Mota (2011) e Pocahy (2011).

Fonte: Próprio autor

O estudo realizado por Alves (2002), sobre a AIDS em pessoas com idade igual ou superior a 60 anos no estado de Pernambuco, mostrou que o número cresceu de 19,

em 1990, para 57 casos em 2000, correspondendo ao aumento da taxa de incidência por 100.000 habitantes de 4,2 para 9,5, o que simboliza um crescimento de 200%.

Em Campo Grande - Mato Grosso do Sul, a pesquisa de Driemeier (2010) sobre a vulnerabilidade de idosos/as à AIDS e que participam dos Centro de Convivência de idosos, revela que 55,7% da população estudada se apresenta vulnerável à esta doença devido ao não uso de preservativo na relação sexual, 14% destes/as idosos/as mantêm relações sexuais com pessoas que tem outros/as parceiros/as, 2,9% já tiveram mais de cinco parceiros/as nos últimos anos, o que aumenta ainda mais o risco de adquirir o vírus HIV.

Feitoza (2008) afirma que os/as idosos/as não se percebem como grupo de risco vulnerável à AIDS. O autor aponta que isso pode acontecer por terem informações restritas sobre a sexualidade devido à carência educativa nesta área, sua formação muito rígida, bem como a elementos culturais, como por exemplo, a religião, que coloca a sexualidade no lugar de pecado.

Outra questão importante é a de gênero. Cortina (2003) realizou um estudo com mulheres idosas acometidas pela AIDS. Em sua pesquisa concluiu que tais mulheres não possuem poder de imposição mediante seus maridos para exigir proteção nas práticas sexuais. Segundo a autora isso se dá por questões culturais, já que foram educadas em uma cultura predominantemente patriarcal, sendo assim estas mulheres se submetem à vontade de seus esposos, mesmo sabendo que seus companheiros possuem uma vida sexual de risco.

A categoria gênero, conforme proposta Joan Scott (1995), traz contribuições importantes aos estudos sobre as relações entre o masculino e feminino, incluindo o caráter social e as relações de poder que envolvem as diferenças sexuais. Scott (1995) considerou nos estudos de gênero a realidade social, preocupou-se com as questões políticas e culturais que estão em torno das discussões do sexo. Esta perspectiva teórica dá margem à discussão que vai além de meras considerações sobre a diferença na concepção de sexualidade por idosos/as do sexo masculino e feminino, já que considera as questões sociais, econômicas culturais e políticas envolvidas na sexualidade.

Ressalta-se que neste estudo compreende-se gênero enquanto um conceito que identifica o tipo de relação social que se estabelece entre homens e mulheres. As relações sociais de gênero são construídas socialmente e específicas de cada grupo social e cultural. Os estudos de gênero permitem identificar as relações hierarquizadas

entre o masculino e o feminino e, como aponta Scott (1995), é uma forma primordial de significar as relações de poder.

Para Lopes (2009) o conceito de gênero evidencia-se nas relações de produção e de troca, sob as formas ideológicas e filosóficas, em torno, ou por meio das quais as sociedades organizam suas normas e valores. Vale ressaltar a importância das relações de gênero na constituição da identidade, que vai se pautar nas especificidades culturais e sociais em que os homens e mulheres estão inseridos/as.

Analisando estas questões postas nos parágrafos anteriores, percebe-se a importância e o valor dos estudos de gênero para compreender as representações sociais de sexualidade e envelhecimento em diferentes grupos de idosos e idosas. Contudo, antes de empreender esta relação entre gênero, sexualidade e envelhecimento é preciso organizar estas categorias de estudo. Na próxima subseção deste trabalho procurou-se evidenciar algumas considerações sobre o conceito de gênero.

4.2 Gênero: Um conceito importante na análise das relações sociais sob uma perspectiva histórica.

Sabe-se que gênero é algo construído e que não depende somente de características biológicas. Pode-se dizer que o conceito de gênero é recente. Segundo Saffioti (2004), o termo “gênero” apareceu pela primeira vez em 1968 por meio do estudioso Robert Stoller, contudo, de acordo com Saffioti (2004), Simone de Beauvoir já havia mostrado o conceito de gênero em seus trabalhos, porém sem nomeá-lo desta forma.

A autora Joan Scott (1995) aponta que a categoria de gênero, como um conceito teórico, só passou a ser evidenciada e considerada nos conjuntos teóricos a partir do final do século XX. Com isso, as teorias desenvolvidas entre o século XVIII até começo do século XX não apresentam contribuições sobre as questões de gênero:

De fato, algumas teorias construíram sua lógica a partir de analogias com a oposição entre masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais não tinha aparecido. Esta falta poderia explicar em parte a dificuldade que tiveram as feministas contemporâneas de incorporar o termo “gênero” às abordagens teóricas existentes e de convencer os adeptos de uma ou outra escola teórica de que o gênero fazia parte de seu vocabulário. (SCOTT, 1995, p. 85).

Para Scott (1995) foi no contexto da mudança de paradigmas da ciência, quando se passou a buscar não somente as causas dos fenômenos, mas o seu significado, que as questões de gênero emergiram e surgiram os questionamentos e buscas para compreender a desigualdade entre mulheres e homens.

De acordo com Scott (1995) as feministas começaram a usar o termo “gênero” designando a organização social da relação entre os sexos. Segundo a autora foi a partir do trabalho de Natalie Davis que os estudos de gênero passaram a enfatizar não somente a mulher, mas também o homem, estabelecendo um estudo da relação entre feminino e masculino e determinando que os estudos de gênero são aqueles que se propõem a investigar esta relação. Conforme Scott (1995) havia entre as feministas uma necessidade de inserir os estudos de gênero como uma categoria histórica que, ao ser estudada e investigada, poderia mudar o curso da história.

Scott (1995) faz uma crítica aos estudos sobre gênero que costumavam existir nas ciências sociais, pois eram limitados e se restringiam à descrição de fenômenos, ou traziam explicações causais sobre um fato, sem se preocupar com a complexidade histórica que envolve a temática de gênero. A autora mostra que o termo “gênero” passou a ser usado nas produções acadêmicas a partir dos anos 80. Contudo, estes estudos não apresentavam as questões das desigualdades, das opressões ou as relações de poder existentes nas relações de gênero.

Na verdade, segundo Scott (1995), houve uma troca do termo “mulher”, para o termo “gênero”, com o intuito de legitimar academicamente a luta feminista e, desta maneira, retirar a “ameaça” das questões políticas que envolvem as mulheres.

Contudo, faz-se necessário destacar que, conforme aponta Saffioti (2004), os estudos sobre as mulheres também revelam o caráter relacional de gênero, pois são nestes estudos que a história de desigualdades e de opressão são evidenciadas, o que dá base para entender como as relações entre o masculino e feminino foram se constituindo de maneira desigual ao longo da história.

De acordo com Scott (1995), na tentativa de mostrar o caráter social das relações de gênero, os/as historiadores/as feministas têm elaborado variadas formas de se analisar o conceito de gênero. Scott (1995) as resume em três modelos teóricos:

A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto (object-relation theories), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT, 1995, p.77)

Após elencar estas três vertentes principais que têm se proposto a estudar a questão de gênero, Scott (1995) aponta as problemáticas de cada uma delas. Primeiro a autora mostra que a abordagem teórica preconizada pelas feministas, calcada no conceito de patriarcado, apresenta problemas, já que não mostra como as desigualdades de gênero se relacionam com as outras desigualdades. Há também a questão das diferenças continuarem centradas na questão física, o que leva a uma a-historicidade do conceito de gênero.

Vale ressaltar neste momento do texto que o conceito de patriarcado trabalhado por Saffioti (2004) parece não corresponder com aquele que Scott (1995) criticou, visto que não traduz a desigualdade entre homens e mulheres por uma mera descrição das diferenças entre os sexos, mas revela o caráter histórico das relações de poder estabelecidas entre o masculino e o feminino. Saffioti (2004) apresenta uma crítica a este posicionamento de Scott (1995), afirmando que há uma certa ambigüidade em sua concepção:

Assim, criticando o conceito de patriarcado com base na concepção de que este constructo mental se baseia nas diferenças de sexo, condena-se sua a-historicidade, apontando o perigo de se transformar a história em mero epifenômeno. (SAFFIOTI, 2004), p. 112).

Com isso, o que se encontra em Saffioti (2004) consiste em uma crítica ao conceito de patriarcado como constructo mental, localizado em Weber. Para a autora esta explicação weberiana sobre as desigualdades é insuficiente, pois está centrada nas formas subjetivas e idealistas de construção do conhecimento. Saffioti (2004) ressalta que este conceito, a partir da década de 1970, foi rejeitado por muitas estudiosas feministas. Contudo, de acordo com Saffioti (2004) ainda havia uma carência no entendimento do patriarcado, pois estava limitado à questão da dominação masculina, rejeitando a face da exploração.

Desta maneira, segundo Saffioti (2004), o conceito de patriarcado ainda poderia ser entendido a partir de uma visão da sociedade tripartite, ou seja, a partir da política, economia e a questão social. A autora cita estudos recentes das feministas francesas em

que a dominação e a exploração eram analisadas a partir do campo político e econômico, respectivamente. De acordo com Saffioti (2004) esta visão mostrava que:

A hierarquia entre homens e mulheres, com prejuízo para estas últimas, era, então, trazida ao debate, fazendo face à abordagem funcionalista, que, embora enxergasse as discriminações perpetradas contra as mulheres, situava seus papéis domésticos e públicos no mesmo patamar, atribuindo-lhes igual potencial explicativo. (SAFFIOTI, 2004, p. 96).

A partir dessas considerações, observa-se que o entendimento das relações de gênero e do papel da mulher feitos por meio do viés funcionalista não explicavam de forma suficiente as desigualdades sofridas pela mulher. Esta concepção analisa a vida particular pela vida pública, não considerando as nuances e diferenças implicadas na relação entre público e particular.

Esta dicotomização parece estar presente no conceito de patriarcado e de seu funcionamento. Saffioti (2004), no entanto, ressalta que talvez por meio do estudo de gênero seja possível quebrar esta dicotomização que é feita ao se considerar as desigualdades entre mulheres e homens. A autora ainda mostra que isto não significa desvalorizar ou paralisar os estudos sobre mulheres, mas que se possa compreender, por meio do estudo da história das mulheres, as relações entre feminino e masculino.

De acordo com Saffioti (2004), revelar a história das mulheres é um caminho para identificar o caráter histórico da dominação masculina e, com isso, pode-se compreender a dimensão histórica do conceito de patriarcado.

Saffioti (2004) explica que nas relações de poder, diferente da dominação, há a possibilidade de subordinar pessoas mesmo contra as suas vontades. É nisto que, segundo a autora, reside a contradição nas relações entre homens e mulheres calcadas na ordem patriarcal de gênero. Conforme Saffioti (2004) no patriarcado as duas partes atuam: homem e mulher, contudo em uma utilização desigual do poder.

Para Saffioti (2004) o conceito de gênero é muito mais amplo do que o de patriarcado, já que implica também em relações de igualdade. A autora afirma que o patriarcado diz respeito a uma relação de gênero específica.

Ainda que neste trabalho concorda-se com as críticas de Saffioti (1994) sobre o posicionamento de Scott (1995) a respeito da vertente feminista que é calcada no conceito de patriarcado, considera-se importante a organização que Scott (1995) propôs para o entendimento das principais vertentes teóricas que se dedicam a estudar gênero, por isso esta autora será retomada.

Sobre a abordagem formulada pelas/os feministas marxistas, Scott (1995) alega que, ao buscarem explicações para a questão de gênero em causas materiais, os estudos tornaram-se limitados. O estudo de gênero no viés marxista acaba por encontrar uma explicação para o gênero que tem como base os modos de produção e o modelo econômico capitalista. Contudo, de acordo com Scott (1995) a subordinação das mulheres está posta na história muito antes do desenvolvimento do sistema capitalista e que, mesmo em sistemas socialistas, ela se perpetua.

A respeito desta relação entre classe social e gênero, Saffioti (2004), apesar de concordar em alguns pontos com Scott (1995), apresenta uma visão diferenciada com a qual concorda-se neste trabalho. Saffioti (2004) também afirma que a categoria de gênero é muito mais antiga do que a de classe social, datando cerca de 250 a 300 mil anos. Já as classes sociais estão postas na sociedade a partir do advento do modo de produção capitalista. Contudo, conforme Saffioti (2004), a partir do surgimento da categoria de classe social, esta se engendrou à categoria de gênero, culminando em uma complexa rede de relações desiguais. Á esta rede, Saffioti (2004) também inclui a categoria de raça:

Por sua vez, uma série de transformações no gênero são introduzidas pela emergência das classes. Para amarrar melhor esta questão, precisa-se juntar o racismo. O nó (SAFFIOTI, 1985, 1996) formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta desta fusão. Como afirma Kergoat (1978), o conceito de superexploração não dá conta da realidade, uma vez que não existem apenas discriminações quantitativas, mas também qualitativas. Uma pessoa não é discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplicamente discriminada. Não se trata de variáveis quantitativas, mensuráveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa. (SAFFIOTI, 2004, p. 115).

No trecho descrito acima, nota-se que a categoria de classe social não deve ser entendida como a base da determinação das relações de gênero, mas percebe-se a sua importância na medida em que torna mais complexa as relações sociais de desigualdade.

Neste trabalho também concorda-se com Scott (1995) em sua crítica aos estudos marxistas sobre gênero, que limitam a explicação desta categoria às bases materiais e econômicas.

Contudo, ainda que este estudo tenha uma visão de ser humano e de sociedade que dialoga com as concepções marxistas, principalmente aquelas desenvolvidas por Vygostky, é importante salientar que foi sustentado neste trabalho a relevância dos

estudos sobre gênero por pensar que as desigualdades de gênero, decorrentes principalmente das relações de poder, não excluem as desigualdades econômicas e de classe, mas que se relacionam com elas.

Não se defende que as relações desiguais de gênero possuam sua base simplesmente na desigualdade econômica, mas aceita-se que, apoiando-se na discussão de Saffioti (2004), a questão econômica e os modos de produção façam parte da organização das relações sociais entre as pessoas e que também interferem na constituição da sociedade e nas identidades do ser humano.

Ao considerar os sujeitos como históricos e concretos, pode-se estabelecer um diálogo também com a categoria de gênero que, conforme é exposta por Scott (1995), só pode ser compreendida quando é contextualizada e quando são considerados os fatores sociais implicados na sua construção.

Continuando a discussão apresentada por Scott sobre as três principais vertentes de estudo da categoria gênero, apresenta-se agora a base psicanalítica no entendimento desta categoria. Segundo Scott (1995) os estudos de gênero desenvolvidos na psicanálise encontram-se divididos pelas escolas das teorias das relações objetais, que centram-se mais no desenvolvimento moral e comportamental e menos na construção do sujeito, e nas escolas francesas, que fazem uma leitura estruturalista e pós-estruturalista de Freud, centrando-se na questão da linguagem, cujo principal autor é Jacques Lacan.

Ambas possuem o foco nos estudos da infância para compreender o desenvolvimento das identidades de gênero, contudo uma se preocupa com a experiência concreta das relações objetais da criança e a outra com a experiência simbólica da linguagem.

Scott (1995) apresenta críticas a estes modelos de conhecimento sobre gênero. A respeito da teoria das relações objetais, a autora mostra que este modelo teórico explica as relações de gênero considerando esferas muito pequenas, familiares e acaba por não haver conexão com esferas maiores, como a política, a sociedade e as relações de poder.

Já em relação às explicações sobre gênero provenientes da teoria de Lacan, segundo Scott (1995), também apresentam problemas. Ainda que esta teoria associe as proibições fálicas às leis o que, desta maneira, estabelece uma relação com as esferas sociais, políticas e de poder, há certa supervalorização do sujeito individual na compreensão do gênero. Com isso, sob esta vertente, as diferenças entre homens e mulheres são produzidas principalmente por um caráter subjetivo. Há também, de

acordo com Scott (1995), uma universalização das categorias e da compreensão de feminino e masculino.

Ao considerar essas três principais correntes que teorizam sobre gênero, Scott (1995) mostra a importância de realizar uma visão crítica, que rejeita o caráter estático da oposição binária e uma concepção de gênero a-histórica. A autora destaca a necessidade de se analisar as relações de gênero dentro do contexto em que elas são construídas, atentando-se para a reversibilidade e o deslocamento de sua construção hierárquica, ou seja, não aceitando-a como uma evidência proveniente da natureza das coisas.

Saffioti (2004), assim como Scott (1995), afirma que o conceito de gênero vai muito além de ser uma categoria de análise, embora seja muito útil quando assim utilizado. Para Saffioti (2004), gênero é também uma categoria histórica, que regula não apenas as relações entre mulheres e homens, mas igualmente as relações homem-homem e mulher-mulher.

De acordo com Saffioti (2004), apesar de existirem diferenças nas concepções do conceito de gênero entre teóricas/os feministas, há um consenso de que o gênero consiste em uma categoria construída socialmente e que explica as questões que envolvem o feminino e o masculino.

Embora possuam raízes epistemológicas diferentes, percebe-se que há aproximações entre a concepção de gênero proposta por Scott (1995) e Saffioti (2004) e o modelo metodológico que sustenta este trabalho, em que aceita-se a investigação e o estudo contextualizado com as questões históricas, pautando-se nelas para a realização das análises, conforme será abordado nos capítulos 3 e 4 deste trabalho.

Nota-se que Scott (1995) defende uma metodologia que vá além da relação histórica de causa e efeito para entender essas desigualdades, mas que evidencie na história o movimento de sua construção.

Desta maneira, pode-se desnaturalizar as concepções de que mulheres e homens se constituem de um determinado modo, porque agem no mundo de formas diferentes, de acordo com suas diferenças sexuais e biológicas. Scott (1995) evidencia que é preciso compreender o que é construído social e culturalmente a partir das diferenças entre homens e mulheres:

Devemos nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram; segundo a formulação de Michelle Rosaldo, devemos buscar não uma causalidade geral e universal, mas uma explicação baseada no significado: “Vejo agora que o lugar da mulher na vida social humana não é, de qualquer forma direta, um produto das coisas que ela faz, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social concreta”. Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas interações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança. (SCOTT, 1995, p. 86).

O trecho citado do artigo de Scott (1995) confirma o arcabouço teórico-metodológico adotado neste trabalho, que busca evidenciar o processo e não somente o produto, onde tentou-se compreender a construção de pensamento e de comportamento sobre a questão da sexualidade no envelhecimento. Pretendeu-se evidenciar as questões históricas imbricadas nas concepções de velhice e sexualidade das pessoas idosas entrevistadas, mostrando também as relações de gênero implicadas no desenvolvimento destas concepções.

Logo no início deste capítulo foram trazidas as considerações de Scott (1995) e Saffioti (2004) a respeito da categoria de gênero como um conceito que, ao ser estudado e investigado teoricamente, poderia gerar transformações na sociedade ao longo da história. No próximo subitem sustenta-se que, por meio das contribuições teóricas de estudiosas/os da antropologia, é possível notar os frutos dos estudos sobre gênero nas mudanças sociais no que diz respeito às relações sociais de gênero entre pessoas mais velhas.

4.2.1 Gênero e sexualidade na velhice: Uma relação possível de se entender nos movimentos da história.

Após compreender um pouco sobre a importância do conceito de gênero para o entendimento das relações sociais que se estabelecem entre masculino e feminino, faz-se necessário perceber como as questões de gênero têm se mostrado na vida de pessoas com mais idade.

Alves (2005) nos mostra que a velhice feminina ficou por muito tempo representada somente no âmbito da vida doméstica e privada, de uma maneira socialmente insignificante: “No caso da mulher velha, ao perder a função reprodutiva sexual, resta a manutenção das habilidades e capacidades de comando do lar para que sua posição no centro decisório da casa sobreviva”. (ALVES, 2005, p.20)

Alves (2005) cita a obra de Gilberto Freyre, “Casa-Grande & Senzala”, que retrata a vida das mulheres na sociedade patriarcal. Por meio dos escritos de Gilberto Freyre, Alves (2005) expõe que nesta organização social as mulheres aparecem sempre como dependentes da figura masculina, até mesmo quando são permitidas à vida pública, como no caso da morte de seus maridos, tomando para si a imagem máxima de homem, masculinizando a sua feminilidade. Ainda nesta sociedade patriarcal a representação das mulheres que não se casam passa pelo isolamento e invisibilidade.

De acordo com Debert (2004) alguns estudiosos, como Streib, consideram que as mulheres idosas sofrem de uma vulnerabilidade dupla por ser mulher e por ser idosa. O sofrimento vivenciado por estas mulheres, de acordo com o autor, parece proceder de relações desiguais vivenciadas durante toda a vida. Também sofrem as mulheres na velhice, porque perdem o papel a elas atribuído socialmente, como o da reprodução e do cuidado com os filhos. Além destas condições estão também marcantes os fatores socioeconômicos, como baixos salários, isolamento e dependência¹⁴.

Há outros autores, segundo Debert (1994), como Goody e Keth, que consideram o envelhecimento feminino positivo, se comparado ao masculino. Nesta perspectiva as mulheres não sofrem com a aposentadoria tanto quanto os homens e, por possuírem vínculos mais fortes com os filhos, estes estariam mais dispostos a cuidá-las do que cuidar de seus pais. Além disso, haveria mais tranquilidade, por parte da mulher idosa, ao lidar com as transformações demandadas pela velhice, já que passaram por muitas mudanças ao longo da vida, como a menstruação, a lactância e a gravidez.

De acordo com Debert (1994), a velhice costuma a ser vista de maneira homogeneizada sob o olhar da gerontologia. Desconsidera-se neste viés as nuances e diferenças decorrentes de classe, gênero e etnia.

Para a autora, a partir dos anos 70 com o surgimento das discussões sobre as categorias de classe, gênero, raça e etnia é que começaram as reflexões sobre como diferentes grupos de velhos e velhas experimentavam o envelhecimento. No entanto, conforme Debert (1994), estes estudos ainda estavam calcados em fatores psicológicos da androginia, em que haveria uma mistura nas diferenças de gênero, culminando na unissexualidade da idade avançada.

¹⁴ A questão da mulher se destacou nas produções acadêmicas brasileiras nos últimos 24 anos. De acordo com a pesquisa bibliográfica, apresentada no início desta seção, dentre as 63 dissertações encontradas, 19 delas tratavam sobre estudos relacionados ao envelhecimento feminino. No nível de doutorado, entre as 7 teses, 3 são dedicadas a esta temática. Nota-se, portanto, um importante esforço da comunidade científica em estudar as questões de gênero que envolvem a velhice feminina.

Segundo Debert (1994) esta unissexualização dos homens e mulheres na velhice revelam uma maneira estática e rígida de se conceber as identidades constituídas no envelhecimento. Além disso, parte-se de um pressuposto que universaliza as experiências de envelhecimento para homens e mulheres. A autora afirma:

Pensar a velhice como uma condição em que a mulher é vítima de uma dupla discriminação, ou como uma ocasião em que ela se encontra em uma situação privilegiada em relação aos homens, ou ainda, como um período em que as diferenças de gênero perdem significados ou os papéis sociais são invertidos, é pressupor que haveria um substrato comum à velhice que estaria presente em todas as sociedades e em todos os períodos históricos. Contra esse pressuposto, a contribuição mais importante da pesquisa histórica e da antropologia é a de mostrar que o avanço da idade pode ser vivido e compreendido de maneiras muito distintas. (DEBERT, 2013, p.22)

É nesse caráter histórico citado por Debert (2013), que procurou-se calcar esta pesquisa, buscando uma base teórico-metodológica que permitisse evidenciar as nuances e os movimentos da história e da cultura na constituição da identidade de pessoas idosas em relação à sexualidade e gênero.

Sobre estas nuances históricas, que foram fundamentais na construção da representação de velhice nos dias de hoje, Debert (1994) faz uma análise da presença feminina em programas para a terceira idade e a presença masculina de idosos em associações de aposentados. A autora mostra como a participação feminina é maior no âmbito dos Programas para a Terceira Idade, enquanto que, nas Associações de Aposentados, a prevalência é masculina.

De acordo com Debert (1994) tanto os movimentos de aposentados, quanto os Programas para a Terceira Idade, representam movimentos de resistência e de luta para a mudança do estereótipo negativo da velhice. A autora ressalta ainda que as diferenças de gênero estão especialmente postas nestes movimentos promovidos por idosos e idosas.

Segundo Debert (1994) as Associações de aposentados se formaram num processo de luta contra o Estado, que se concretizou nos anos 90, pois o valor da aposentadoria havia sido prejudicado por conta dos cálculos feitos pelo INPS.

Já sobre os Programas para a Terceira Idade, Debert (1994) revela que estão representados principalmente por programas da LBA, SESC e Universidades da terceira idade. A autora mostra que o foco destes programas estão voltados para atividades prazerosas e educativas, como trabalhos manuais, bailes, passeios, aulas e conferências. Para Debert (1994) é um dos objetivos destes programas a tentativa de desconstruir o

estereótipo de velhice existente. A autora ainda ressalta que a presença feminina nestes espaços é predominante.

De acordo com Debert (1994) há um esforço por parte da gerontologia, que fundamenta os princípios destes programas, em positivar o que é negativo na velhice. Estes lugares, portanto, tornam-se espaços de celebração da velhice. Sobre o envolvimento feminino com estes programas e com esta nova concepção de velhice, Debert (1994) afirma que:

Essa celebração da terceira idade não é exclusiva dos programas, mas está presente em outras manifestações, sobretudo nas revistas voltadas para um público feminino de classes média e alta. Nelas a velhice não é apenas o momento em que satisfação e prazer atingem o auge, mas também um momento em que a mulher é liberada de todos os papéis sociais próprios das fases anteriores da vida, pode enfim se dedicar a realização pessoal. (DEBERT, 1994, p. 42).

Para Alves (2005) o número expressivo de mulheres nos espaços dedicados às vivências da terceira idade se dá principalmente porque lá são trabalhados aspectos que já pertencem ao domínio feminino, como a sociabilidade. Além disso, esses espaços representam para as mulheres idosas o momento de tornar público algo que até então estava somente na esfera privada de suas vidas:

A sociabilidade aparece hoje para elas como forma de individuação sem rupturas drásticas com códigos e valores já conhecidos e compartilhados. As mulheres acabam transportando elementos da vida doméstica e familiar, que elas já conhecem, para fora do âmbito estritamente doméstico e ressignificam essas dimensões nos espaços de sociabilidade extradomésticos. (ALVES, 2005, p. 24).

Outra razão que explica a maior quantidade de mulheres nesses espaços da terceira idade, segundo Alves (2005), é que no passado essas mulheres puderam vivenciar a socialização de forma autônoma, mas sempre ligadas à figura masculina e à família.

Apesar disso, esses espaços de convivência atraem as mulheres idosas por serem justamente protegidos do caráter totalmente público, como é a rua, lugar destinado aos homens. Nesses lugares além de se sentirem seguras para fazer trocas interpessoais, as mulheres também acreditam que tem permissão de vivenciarem essas experiências, pois são “monitoradas” por profissionais, que conduzem as atividades. Com isso, as Universidades Abertas à Terceira Idade, os Centros de convivência tornam-se espaços

que permite às mulheres idosas viverem o prazer do lazer e do divertimento fora de casa, mas com uma justificativa válida.

A partir dessas considerações, percebe-se que a velhice se tornou o momento em que as mulheres idosas finalmente podem se libertar das amarras sociais que as perseguiram por toda a vida. Sobre a sexualidade, parece ser um momento de vivê-la com maior liberdade, já que na velhice não se está mais presa aos padrões reprodutivos, que ditam como a sexualidade da mulher deve ser exercida.

Sobre este domínio do corpo feminino pela sociedade, pode-se retomar a discussão de Saffioti (2004) a respeito do conceito de patriarcado. Há, de acordo com Saffioti (2004), a dominação e a exploração da sexualidade das mulheres, principalmente relacionada à sua capacidade reprodutiva. A sociedade acaba por determinar em quais momentos a mulher deve ou não ter seus filhos. Para Saffioti (2004) o patriarcado conduz a uma preservação do status quo, que se estabelece de acordo com os interesses masculinos.

O estudo de Alves (2012) pode confirmar esta questão relacionada à constante vigilância da sexualidade feminina. A autora destaca que há pontos positivos provenientes das mudanças sociais e que, possivelmente, foram conquistados a partir dos movimentos feministas que tem provocado transformações históricas. Contudo, trazendo esta reflexão de Saffioti (2004), é possível notar que ainda prevalece uma tentativa de manutenção do status quo, em que a mulher sofre uma exploração e dominação. Alves (2012) afirma que:

Se, por um lado, alguns aspectos dessa mudança são celebrados, como o fim da virgindade como um mandamento, a maior experiência sexual das mulheres de hoje e a diminuição da discriminação às mulheres separadas e solteiras, por outro, essas mulheres identificam novos problemas. Dois deles foram ressaltados por quase todas: a banalização do sexo e o reinado do corpo perfeito. Esses problemas colocam em questão a liberação sexual da mulher. No discurso delas é como se estivéssemos passado de um mundo onde o sexo era proibido para um universo onde ele é supervalorizado. Acompanhando esse movimento, emerge também o discurso da boa forma física e da exibição do corpo. (ALVES, 2012, p. 280-281).

Há também, conforme Alves (2012), no interior do discurso gerontológico uma apelação para a vivência da sexualidade entre pessoas mais velhas, com o intuito da velhice ser bem-sucedida e saudável. A respeito desta questão, Debert e Brigeiro (2012) também concordam que há um esforço da gerontologia e sexologia em colocar a sexualidade no lugar de condição para uma velhice saudável e bem vivida. De acordo com Debert e Brigeiro (2012) há um processo de erotização da velhice:

[...] a inclusão da velhice no curso da vida sexual é o imperativo que marca a reflexão dos especialistas sobre o tema, o que acontece em consonância com as tendências teóricas vigentes no campo gerontológico nas últimas décadas. Uma velhice sexualmente ativa vem se estabelecendo como um ideal defendido por gerontólogos e outros especialistas afins ao tema, e é intensamente propagado pelos meios de comunicação de massa. (DEBERT & BRIGEIRO, 2012, p. 38)

Debert e Brigeiro (2012) ainda ressaltam que a sexualidade na velhice analisada pelo viés da gerontologia e da sexologia enfatiza a heterossexualidade. Há ainda, segundo a autora e o autor, uma definição do que a sexualidade deve representar para homens e mulheres, sem considerar, portanto, as nuances do conceito de gênero e as diversidades sexuais.

Em relação à discussão sobre a sexualidade nos espaços em que prevalece a presença feminina, Debert e Brigeiro (2012) apresentam questões interessantes a partir de trabalhos de cunho etnográfico. A autora e o autor mostram que, apesar da insistência da gerontologia e sexologia no tema, o grupo de mulheres idosas solteiras e viúvas parece ter dificuldade de abordar a temática da sexualidade. Já entre o grupo das mulheres casadas parece haver uma concordância com o discurso proferido pela gerontologia, de que o sexo na velhice é muito melhor.

Em relação à sexualidade masculina, Debert e Brigeiro (2012) retomam o estudo de Brigeiro (2000) sobre os espaços ocupados por homens no envelhecimento e afirmam que as representações masculinas em relação à sexualidade diferem daquelas propagadas pela gerontologia. De acordo com Debert e Brigeiro (2012) os idosos entrevistados no estudo de Brigeiro (2000) demonstram que a sexualidade na velhice permanece envolta da virilidade, sem, no entanto, se relacionar com este novo projeto da gerontologia em que a sexualidade deve estar aflorada por todas as zonas erógenas do corpo. Debert e Brigeiro (2012) afirmam que:

Se os homens manifestaram interesse em manter a vida sexual, essa manutenção está estreitamente relacionada com os imperativos da masculinidade. Redimensionar a sexualidade, tal como propõe a gerontologia, não faz eco num contexto em que os valores tradicionais de masculinidade e a resistência aos estereótipos da velhice – como um momento de perda de lucidez, de autocontrole e da vida sexual – organizam as práticas cotidianas dos idosos nos shopping centers, nas praças e nas associações de aposentados. (DEBERT & BRIGEIRO, 2012, p. 49).

Com isso, estes idosos demonstram que a sexualidade na velhice permanece e está permeada pelas questões de gênero que envolvem o universo masculino. Este fato pode confirmar a crítica de Debert (1994) sobre a tentativa de universalização da sexualidade na velhice, quando alguns estudos apontam que neste momento da vida há

uma masculinização das mulheres e a feminização dos homens, sem verificar a história permeada pelas questões de gênero.

Em paralelo à discussão da sexualidade na velhice, pode-se retomar a questão dos lugares em que as novas identidades vão se constituindo sob a perspectiva de gênero.

Em relação às Associações de aposentados, Debert (1994) afirma ser o foco destas a prestação de serviços de informações sobre os direitos de aposentados. Nestas associações, segundo Debert (1994), prevalece a ênfase de um discurso público e político. Debert (1994) ressalta que nestes espaços a luta contra os estereótipos e preconceitos na velhice é diferente daquela que acontece nos Programas para a Terceira Idade. No movimento das Associações, não se trata de uma nova representação de velho, mas de trabalhador, que agora aposentado, apresenta dificuldades para prover a família.

Sobre as diferenças de gênero postas no envelhecimento e nestas organizações de idosos e idosas, Debert (1994) afirma que, enquanto os homens idosos de Associações experimentam a velhice como um momento de permanecer voltado para o sustento do lar, as mulheres idosas nos programas para a terceira idade voltam-se para a realização pessoal e autossatisfação: “[...] para elas é um privilégio que deve ser vivido com intensidade depois de uma vida tão cheia de obrigações para com os outros.” (DEBERT, 1994, p. 46).

Analisando as proposições colocadas pela autora Guita Debert (1994), é possível empreender aqui uma outra discussão. Sabe-se que o espaço público, em que as instituições e a economia se estabelece, por muito tempo negligenciou a presença feminina. Pode-se pensar, portanto, que o motivo das mulheres não estarem tão presentes nas associações de aposentados pode se dar por esta questão. A história de um mercado de trabalho que se constituiu como um ambiente restrito à presença masculina pode indicar que o envelhecimento feminino esteja mais afastado de lugares em que questões político-econômicas são tratadas.

Debert (1994) em sua pesquisa ainda revela como a participação feminina nos programas para a terceira idade e a masculina nas associações de aposentados é vista pelas idosas e idosos. De acordo com Debert (1994), na Associação de aposentados os programas são vistos com um tom de assistencialismo e infantilização da velhice, sem que haja uma evidente participação política na sociedade. Já nos programas para a terceira idade, as mulheres afirmam que as associações de aposentados, por meio de sua

luta, produz benefícios para a toda a sociedade, contudo acusam o machismo que está incutido nestas associações, já que lá a mulher não tem muita voz.

Conforme Debert (1994), que retoma Júlio Assis Simões¹⁵, há no interior da discussão sobre os papéis das associações e dos programas uma concepção que indica ser a associação o lugar de política e os programas o lugar de lazer.

Sobre este tema, Coutinho e Acosta (2009) apresentaram uma pesquisa que investiga as diferenças de gênero quanto à ocupação de espaços de lazer de idosos e idosas. Os autores deste trabalho notaram que ambos, homens e mulheres mais velhos/as, freqüentam lugares de lazer diferentes. Os pesquisadores identificaram que as pessoas idosas tem uma concepção machista, que advém de uma cultura patriarcal em que o masculino encontra-se no lugar de poder e chefia e isso pode ser o motivo dos homens idosos não aceitarem freqüentar os espaços tidos como femininos.

Nesta perspectiva também está o trabalho de Brigeiro (2000), que por meio de um estudo etnográfico apresenta considerações sobre os espaços masculinos ocupados na velhice. De acordo com Brigeiro (2000), os senhores que fizeram parte da pesquisa demonstram uma necessidade de preservar o espaço público, que lhes era delegado no passado.

Debert (1994) ressalta que há aspectos positivos a serem considerados sobre a ocupação de espaços na sociedade por homens e mulheres mais velhos e mais velhas. Mesmo sendo por meios diferentes há tanto nas associações, quanto nos programas uma potencial mudança nos estereótipos de velhice. Por um lado os aposentados lutam por direitos das pessoas mais velhas no âmbito político, já nos programas há uma luta que visa mudanças culturais.

Há também, segundo Debert (1994), um paralelo estabelecido entre os modos de envelhecer no passado e no presente. Contudo, a autora afirma que este paralelo é traçado de formas diferentes por homens e mulheres. De acordo com Debert (1994) as mulheres mais velhas ressaltam que o envelhecimento de hoje está muito mais aberto para novas regras e é marcado pela liberdade e independência feminina:

¹⁵ Trata-se da tese intitulada “Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria”, defendida em 2000.

Para as mulheres o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras. O próprio do envelhecimento é vivenciar um processo de perdas indesejadas e sofridas que tornaram a independência e a liberdade possíveis. Liberdade e independência são valores positivamente qualificados que dão à vida cotidiana uma nova dimensão de bem-estar. O bem-estar atual é construído através de dois conjuntos de oposições. Por um lado uma oposição entre a liberdade atual e as outras etapas da vida, sobretudo a juventude, em que as mulheres eram vítimas da opressão dos pais e dos controles que a sociedade exercia sobre suas vidas. Por outro lado uma oposição entre o que foi a experiência de envelhecimento das mulheres do passado e o envelhecimento hoje. Para todas as mulheres a velhice de suas mães e suas avós foi o período mais sombrio de suas vidas. Um período em que passavam a se vestir de preto já não saíam de casa e viviam na dependência dos filhos. (DEBERT, 1994, p.48).

Observando estas análises de Debert (1994), nota-se que estamos diante de um período histórico que começa a mostrar os resultados das lutas feministas. Certamente as mulheres que hoje envelhecem presenciaram ou até mesmo fizeram parte dos avanços decorrentes do movimento feminista dos anos 70. Neste sentido, acredita-se que haja uma significativa mudança de paradigmas e de estereótipos que circundam o envelhecimento feminino.

Sobre as representações de envelhecimento por homens idosos, Guita Debert (1994) afirma ser a lucidez o elemento mais conclamado e que os diferencia da velhice estereotipada de perdas e vulnerabilidades. De acordo com a autora todos os homens idosos, que participaram de sua pesquisa, reconhecem que a velhice hoje é menos valorizada do que antigamente. Debert (1994) sinaliza que este pensamento é fruto da história política brasileira:

A história política brasileira foi um verdadeiro assalto às condições de aposentadoria, transformando o idoso em um peso para a família e em objeto de desdém da sociedade como um todo. Ser lúcido é ser espectador desse conjunto de mudanças indesejadas que tornaram sombrias as experiências de envelhecimento e lutar para revertê-las. (DEBERT, 1994, p. 49).

A esta discussão é importante somar os trabalhos sobre os altos índices de suicídio entre homens idosos. Se ao homem é imposto o papel de provedor da família, há possivelmente um conflito quando os homens mais velhos se aposentam.

De acordo com trabalhos, como os de Meneghel et. al (2012), Minayo et. al. (2012) e Calvacante e Minayo (2012), o risco de suicídios em pessoas mais velhas aparece quando homens e mulheres perdem seus papéis sociais já estabelecidos, a mulher do cuidado e o homem de provedor. Para Meneghel et. al. (2012), na velhice permanecem as hierarquias de poder em que ao homem cabe o papel de autoridade e à mulher de submissão.

Minayo et. al. (2012) afirma que é urgente a atenção às mudanças psicossociais que acontecem na velhice, principalmente aquelas que tem relação com as questões de gênero como, por exemplo, o impacto da aposentadoria, perdas familiares, doenças degenerativas que afetam a autonomia e sexualidade. Para Minayo et. al. (2012), os estudiosos dedicados às questões do suicídio entre pessoas idosas concordam que há mais casos de suicídio entre homens idosos do que em mulheres, em decorrência destas variáveis.

Analisando estas importantes contribuições citadas nos parágrafos anteriores, justifica-se a necessidade de empreender estudos que relacionem as questões de gênero e de sexualidade ao envelhecimento. O gênero, esta categoria de análise histórica útil, como afirmam Scott (1995) e Saffioti (2004), pode auxiliar o entendimento das novas identidades e representações da velhice no cenário social brasileiro.

O próximo capítulo traz considerações teóricas e metodológicas sobre o embasamento desta pesquisa que visa, justamente, relacionar envelhecimento, sexualidade e gênero para compreender como esta relação se dá nos movimentos e trocas dos sujeitos com seu grupo, com sua cultura e sua história.

5 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA: CAMINHOS DA PESQUISA

Não se trata de uma obra com proposta de amostragem: o intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal. Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e de sua cultura: fronteira que é um dos temas centrais da psicologia social.

(Ecléa Bosi – Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos, 1994, p. 37)

Esta epígrafe, retirada do texto que introduz a obra de Ecléa Bosi, foi escolhida para iniciar este capítulo, pois revela justamente o arcabouço teórico-metodológico utilizado na realização desta pesquisa. Buscou-se orientação na Teoria Histórico-Cultural e Teoria das Representações Sociais que, embora sejam diferentes e tenham particularidades, em suas bases possuem uma concepção de ser humano concreto e histórico, que se constitui em relação com seu meio social e cultural e que também constrói este meio em que vive. Com isso, pode-se dizer que estas teorias possuem pontos de convergência, de “conversa” e de fronteira que possibilita trocas.

Ambas as teorias trazem pontos em comum em suas explicações sobre sujeito e sociedade, além de trabalharem essa fronteira (aqui colocada como a relação que se estabelece entre as oposições, seja de sujeito X sociedade, particular X universal e etc.) que não os divide, mas que permite a comunicação e a troca entre eles.

Por isso buscou-se o apoio destas teorias: para não somente registrar ou transcrever a voz das pessoas idosas que participaram deste estudo, mas para conhecê-las e, também, para entender os seus pensamentos sobre sexualidade neste momento da vida. Tais arcabouços teórico-metodológicos fazem parte do conjunto de pensamentos da Psicologia social, em que as fronteiras são estudadas, como bem apontou Bosi (1994).

Estudar as representações sociais de sexualidade na velhice consiste em identificar como a pessoa idosa constrói os conhecimentos sobre este tema articulado ao seu contexto social, histórico e cultural. Também implica como estes conhecimentos construídos organizam seu comportamento e sua identidade. Desta forma, é necessário abordar a temática em questão sob o olhar de uma perspectiva que investigue a totalidade da pessoa idosa, em sua dimensão biológica, social, cultural e histórica.

A Psicologia histórico-cultural e Teoria das Representações Sociais viabilizaram soluções para os estudos psicológicos reducionistas e dicotômicos, que orientavam as investigações da ciência anunciada no início do século XX. As escolas psicológicas em seus experimentos laboratoriais, ora destacavam como essencial os aspectos objetivos do comportamento humano, ora divagavam em concepções idealistas para explicar o sujeito e o mundo.

Nesse sentido, podemos dizer que a abordagem histórico-cultural de Vygotsky e a teoria das representações sociais de Moscovici trouxeram contribuições importantes para a ciência psicológica, uma vez que visaram superar as dualidades entre o sujeito e o objeto, particular e o universal, bem como o paralelismo que se interpunha entre os fatores biológicos e psicológicos. Vygotsky possibilitou em sua construção teórica o entendimento do sujeito humano em sua integralidade, bem como ofereceu à psicologia uma sistematização teórica e metodológica capaz de conceber seu objeto de estudo em seus aspectos comportamentais, psíquicos, sociais e culturais. Já Moscovici buscou solucionar a divisão que Durkheim apresentou entre indivíduo e sociedade. A grande contribuição da teoria das representações sociais é o entendimento da relação sujeito e cultura, interno e externo, universal e particular. Estes dois teóricos, embora tenham raízes epistemológicas diferentes, aproximam-se ao explicar a construção de conhecimento pelo sujeito.

Este capítulo versará sobre o arcabouço teórico e metodológico que embasou este estudo, bem como a caracterização da pesquisa, os lugares em que ela foi realizada e a escolha dos sujeitos que dela participaram.

Na seqüência desta seção apresenta-se com mais profundidade a construção da teoria e do método proposto por Vygotsky e seu esforço em superar a crise metodológica da psicologia. Vygotsky buscou relacionar o sujeito com a cultura e a história ao mostrar que este sujeito é ativo e se apropria do que está posto ao seu redor para se desenvolver, conhecer e constituir-se como pessoa.

5.1 O Modelo Teórico-Metodológico na Psicologia Histórico-Cultural

Vygotsky realizou uma importante contribuição no processo de superação do dualismo sujeito-objeto na construção do conhecimento psicológico. O autor fez uma crítica relevante ao método reflexológico, pois este apresentava instrumentos simples para investigar questões complexas do comportamento humano, além disso, seguia o

princípio darwinista que reduz tudo à dimensão universal, o que implica em ignorar os aspectos particulares e subjetivos:

A reflexologia clássica mantém-se em suas investigações dentro de um princípio científico universal darwiniano, reduzindo tudo ao mesmo denominador comum. E, precisamente por ser excessivamente geral e universal, esse princípio não oferece à ciência um meio direto para julgar suas formas particulares e individuais. No fim das contas, também resulta impossível para a ciência concreta do comportamento humano limitar-se a ele, assim como uma física concreta não pode se limitar apenas ao princípio da gravidade universal. São necessárias balanças, aparelhos e métodos especiais para conhecer o mundo terreno concreto, material, limitado, sobre a base de um princípio geral. O mesmo ocorre com a reflexologia. Tudo leva a ciência do comportamento do homem a sair dos limites do experimento clássico e procurar outros meios de conhecimento. (VYGOTSKY, 2004, p. 4)

Vygotsky (2004) assinala que a psicologia, assim como a física, tem que admitir outros princípios, outros métodos de estudo, principalmente quando se trata de fenômenos mais complexos, como as funções psicológicas superiores. Com isso, Vygotsky (2004) mostra a necessidade de inserir no estudo da reflexologia os reflexos inibidos. O autor é radical ao afirmar que a psicologia reflexológica deveria renunciar ao estudo do comportamento humano em suas formas transcendentais ou construir um método que permita investigar estes fenômenos complexos de uma maneira objetiva e científica.

Para Vygotsky (2004) seria um suicídio para a ciência do comportamento humano desconsiderar a psique, pois o comportamento não existe sem o psíquico nem o psíquico sem o comportamento, com isso Vygotsky (2004) faz uma crítica aos modelos materialistas mecanicistas e idealistas:

A bem da verdade, a psicologia raramente excluiu de seu âmbito o aspecto objetivo dos processos psíquicos e nem se encerrou no círculo da vida interior, como se esta fosse uma ilha deserta do espírito. Os estados subjetivos – isolados do espaço e de suas causas – não existem por si mesmos. E, pela mesma razão, tampouco pode existir a ciência que os estuda. Estudar o comportamento da pessoa sem a psique, como quer a reflexologia, é tão impossível como estudar a psique sem o comportamento. Não é possível, portanto, abrir espaço para duas ciências distintas. E não é preciso ser muito perspicaz para dar-se conta de que a psique é essa própria atividade correlativa dentro do próprio organismo, dentro do sistema nervoso: a atividade correlativa do corpo humano consigo mesmo. (VYGOTSKY, 2004, p. 26)

Vygotsky (2004) apresenta estas críticas aos dois modelos de conhecimentos que se excluem e propõe a investigação da consciência como um fato que está materializado na linguagem. Para isso, buscou no materialismo histórico-dialético o embasamento de sua metodologia de experimentação psicológica:

Baseado na abordagem materialista dialética da análise da história humana, acredito que o comportamento humano difere qualitativamente do comportamento animal, na mesma extensão em que diferem a adaptabilidade e desenvolvimento dos animais. O desenvolvimento psicológico dos homens é a parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação desta proposição significa termos que encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica. (VYGOTSKY, 1984)

A proposta de Vygotsky se resume em não deixar de considerar o aspecto biológico evolutivo da constituição humana, mas de trabalhá-la em relação com o meio social, histórico e cultural e, a partir desta relação, analisar o desenvolvimento humano de uma maneira que não se considere somente o produto do desenvolvimento ou do conhecimento, mas o processo. Vygotsky (1984) também ressalta a necessidade de uma análise explicativa e não apenas descritiva, como o método fenomenológico, além de levar em consideração a reconstrução no processo de desenvolvimento, de forma que seja revelada a origem das estruturas:

O resultado do desenvolvimento não será uma estrutura puramente psicológica, como a psicologia descritiva considera ser, nem a simples soma de processos elementares, como considera a psicologia associacionista, e sim uma forma qualitativamente nova que aparece no processo de desenvolvimento. (VYGOTSKY, p. 75, 1984).

O método de investigação na abordagem histórico-cultural propõe analisar o desenvolvimento humano como um processo que se constrói na relação entre sujeito e objeto fazendo com que o comportamento humano, a linguagem, o pensamento e as demais funções psicológicas superiores sejam frutos desta relação do sujeito com seu meio e não a soma de estímulos e respostas dispostos em uma cadeia causal, nem estruturas mentais localizadas no cérebro.

O autor elencou princípios básicos para investigar e compreender as funções psíquicas humanas, que será melhor explorado no próximo subitem.

5.1.1 Os princípios do Método de Investigação da abordagem histórico-cultural

Vygotsky (1984) propôs princípios básicos para a análise das funções psicológicas superiores e do comportamento humano, que são: analisar processos e não objetos, explicação versus descrição e o problema do comportamento fossilizado, descritos a seguir:

a) O princípio de analisar o processo e não o objeto consiste em considerar o desenvolvimento do processo e não somente o produto de forma estável e estanque. É

necessário reconstruir cada estágio para entender como se deu a construção do desenvolvimento. É possível relacionar este princípio vygotskyano com a proposta dessa pesquisa, de estudar as Representações sociais de sexualidade na velhice. Conforme Spink (2011) no estudo das representações sociais também é preciso conhecer o seu desenvolvimento, considerando como elas se dão no tempo e espaço de agora, bem como sua origem na história, no imaginário social, que é seu núcleo.

b) A explicação versus descrição propõe que a análise vá além da mera descrição, buscando a gênese da problemática. Este princípio de Vygotsky também faz “fronteira” com a metodologia de análise utilizada nessa pesquisa, pois a análise de conteúdo das representações sociais vai além da mera transcrição e descrição de dados, permitindo a revelação de seu núcleo, que contém a história do desenvolvimento das representações sociais.

c) O problema do comportamento fossilizado consiste na identificação dos comportamentos que se tornaram automatizados e que dificultam o entendimento de sua gênese. Estudar o desenvolvimento deste comportamento fossilizado nos permite chegar à sua gênese, analisá-lo, entendê-lo e, se possível, modificá-lo. Por isso a análise de conteúdo, ao desvelar o núcleo de uma representação social, abre vias para entender o seu processo de construção e também levanta possibilidades de modificar as representações sociais.

No próximo subitem serão apresentadas as contribuições do modelo teórico-metodológico proposto por Vygotsky na psicologia histórico cultural para o estudo das representações sociais da sexualidade na velhice.

5.2 As contribuições do método de investigação da teoria histórico-cultural para esta pesquisa

Neste subitem pretende-se mostrar o motivo de utilizar o método de investigação da psicologia histórico-cultural em uma pesquisa sobre as representações sociais da sexualidade na velhice.

Na pesquisa é necessário que se tenha em mãos um suporte teórico para não cair na mera aplicação do método. Ibañez (1992) mostra que é preciso ter cuidado com a supervalorização do método, pois há uma dependência entre teoria, método e dados.

Com isso, destaca-se que a proposta é subsidiar este estudo no alicerce teórico e metodológico da Teoria histórico-cultural. Esta não foi uma escolha, mas sim uma

necessidade do estudo, pois este suporte teórico-metodológico dá base para compreender o ser humano e seu desenvolvimento em conformidade com os aspectos históricos, culturais e sociais, ou seja, em sua integralidade.

De acordo com Ygotsky (1984), o desenvolvimento humano acontece sempre entrelaçado das questões históricas e é dependente da relação ativa do indivíduo com seu meio. Pode-se pensar então, que a velhice é construída junto ao meio e é passível de transformações e mudanças tanto no próprio indivíduo quanto no ambiente em que ele vive. Este processo caracteriza a dialética do desenvolvimento humano, em que o sujeito não é passivo somente às mudanças, mas que, acima de tudo, transforma também o mundo.

Para entender como as pessoas conhecem e interagem com seu meio é necessário compreender que são ativas, diferentes do sujeito que reage a estímulos e respostas, ou que guia seu comportamento por suas idéias. O sujeito do qual estamos falando é histórico, social e cultural e, principalmente, ativo. É importante considerar a contribuição de Leontiev sobre a atividade que, juntamente a Vygotsky, construiu um modelo teórico-metodológico para entender os processos psicológicos.

Vale lembrar que, segundo Duarte (2000), o conceito de atividade tanto na teoria de Leontiev, quanto na de Vygotsky está articulado com a concepção de trabalho humano proposto na teoria de Marx, sendo uma atividade que diferencia o ser natural do social, definindo o ser humano como ser histórico, social e cultural.

Zanella (2004) aponta que tanto em Vygotsky como em Leontiev há um destaque para a compreensão da atividade mediada pela cultura, ainda que para o primeiro a mediação simbólica se situe em um lugar privilegiado para explicar como se formam os processos psicológicos do sujeito.

De acordo com Codo (1991), Leontiev se dedicou principalmente ao estudo da atividade, a partir de sua teoria é possível pensar em um sujeito ativo e não somente passivo na constituição de si e do mundo. Com isso, o sujeito não se constitui como reflexo da realidade, como é pressuposto no mecanicismo, tampouco é fruto da mente, como defendido pelo idealismo.

Nesse sentido, a teoria histórico-cultural, ou sócio-histórica propõe o entendimento de um sujeito que age sobre o objeto, ainda que esteja submetido a condicionamentos ou determinantes sociais. O sujeito possui uma existência objetiva e real, também é preciso destacar que ele é um ser datado historicamente, estabelecendo

sua interação com o objeto a partir da atividade que exerce, organizada e mediada pelas práticas sociais de seu tempo.

Quando Vygotsky e Leontiev se referem à atividade mediada, eles propõem uma quebra das concepções tradicionalmente desenvolvidas sobre estímulo e resposta: sistema (E-R). A teoria histórico-cultural insere um terceiro elemento em um processo de duplas relações, que evidencia o comportamento humano mediatizado. Entre estímulo e resposta, entre ambiente e sujeito, localiza-se o elemento mediador. Para Vygotsky (1984) a mediação se constitui como um fator intermediário em uma relação e pode ser caracterizada por instrumentos ou signos, que se colocam entre a cadeia de estímulos e respostas como um auxílio visando a transformação do sujeito que age e do meio em que ele age.

Vygotsky (2004) cita um trecho de Marx que evidencia a diferenciação da ação dos animais não mediada e da atividade humana mediada. Marx (1983 apud VYGOTSKY 2004) mostra que o trabalho mediado diferencia o ser humano dos outros animais, pois o sujeito é capaz de planejar sua ação, sua atividade visando o domínio da natureza e sua sobrevivência:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é o que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste, existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX 1983 apud VYGOTSKY 2004, p. 55).

No fragmento citado, Marx ressalta que a capacidade de planejamento do ser humano dá a ele a vantagem frente aos outros animais de ter em mente sua atividade e objetivo antes de executá-los, isso dá ao sujeito um poder maior ao se deparar com as adversidades da natureza. Marx mostra que ambos, animais e seres humanos, trabalham, mas somente o ser humano usa os instrumentos mediadores a seu favor. O autor já sinalizava o estudo das funções psicológicas superiores e da consciência, mais desenvolvido posteriormente por Vygotsky.

Vygotsky (1984), ao estudar como se constituem as funções psicológicas superiores, destaca a importância da linguagem como instrumento mediador para solução de problemas e planejamento da ação. Para o autor quando a criança interioriza

sua fala a linguagem passa de uma fala egocêntrica para o pensamento. A linguagem passa a ter uma função planejadora:

Esse deslocamento temporal do processo de nomeação significa uma mudança na função da fala. Inicialmente a fala segue a ação, sendo provocada e dominada pela atividade. Posteriormente, entretanto, quando a fala se desloca para o início da atividade, surge uma nova relação entre palavra e ação; surge a função planejadora da fala, além da função já existente da linguagem, de refletir o mundo exterior. (VYGOTSKY, 1984, p. 31)

Com isso percebe-se que para Vygotsky a linguagem é mediadora nos dois processos: é instrumento para a interiorização e também constitui o pensamento ao planejar uma ação. Neste segundo processo há uma criação de instrumentos (signos) no campo psicológico. Apesar de ambos serem mediadores, Vygotsky faz uma diferenciação entre instrumento e signo:

A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente, deve levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio da atividade pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. (VYGOTSKY, 1984, p. 62).

Mesmo fazendo esta diferenciação, Vygotsky (1984) afirma que a combinação entre instrumento e signo na atividade é o que caracteriza as funções psicológicas superiores, pois o instrumento material e externo quando internalizado constitui os signos, com os quais os sujeitos vão lidar através do pensamento e da linguagem, que vão orientar a atividade do sujeito, ou seja, mediá-la.

Este processo de interiorização do meio externo e da constituição de um mundo interno, bem como de modificação do mundo externo, só é possível pela reconstrução da atividade externa de forma interna, com o auxílio dos signos.

Vygotsky (1984) mostra que o processo interpessoal é transformado em intrapessoal, primeiramente entre pessoas e depois interiormente. Para o autor todas as funções psicológicas tem origem nas relações reais entre os seres humanos.

Neste sentido, podemos pensar nas representações sociais como mediadoras do processo da constituição do sujeito e da construção de conhecimento pelo ser humano, pois, conforme Moscovici (1978), além de ser planejadora da ação humana, a representação social se constitui em um meio de apreender o objeto exterior, de passar

do conhecimento ausente e estranho para o presente e familiar. Esta relação entre conceitos da teoria histórico-cultural e representações sociais será melhor aprofundada na próxima seção deste capítulo.

5.3 Articulação entre Teoria Histórico-Cultural e Representações Sociais

Ao identificar as características da linguagem como instrumento de construção e organização do pensamento e, em última instância, mediadora do comportamento e da produção dos conhecimentos, é possível apontar as Representações Sociais como elementos que poderão se constituir como mediadores dos processos de socialização e constituição subjetiva e identitária dos sujeitos sociais. Como afirma Lopes (2009):

Quando Vygotsky (1989) indica os processos intra e intersíquicos como objetivação da relação singular e universal permeados do processo de mediação, ele delinea a concepção dialética da formação da psique. A mediação é descrita como elemento que permite a estruturação do pensamento, bem como a internalização do social e a constituição do individual. Tal abordagem estabelece estreita relação teórica para compreensão da representação social de gênero na constituição das identidades masculina e feminina. (LOPES, 2009, p. 121)

Lopes (2009) em seu trabalho aborda como as representações sociais de gênero irão constituir as identidades das pessoas e, desta maneira, conduzir seus pensamentos e comportamentos. A autora mostra que o processo de internalização para Vygotsky só pode ser entendido quando se compreende o conceito de mediação.

Como a mediação, conforme Vygotsky (1984), se dá por meio de instrumentos e signos, concretos ou simbólicos, pode-se dizer que as representações sociais estão carregadas de elementos mediadores.

Moscovici (1978) afirma que as representações sociais são caracterizadas por serem uma modalidade de conhecimento que tem por função elaborar comportamentos e comunicação entre indivíduos:

Portanto, se uma representação social é uma “preparação para a ação”, ela não o é somente na medida em que guia o comportamento, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. Ela consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo, as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. (MOSCOVICI, 1978, p. 49).

De acordo com Moscovici (1978) as representações sociais fazem a mediação entre algo que é estranho, e não faz parte de nosso conhecimento, tornando-o familiar.

O autor mostra que as representações sociais podem trazer à nossa propriedade cognitiva e psíquica um conhecimento que está posto no meio social e que ainda não tivemos acesso. Conforme Moscovici (1978) isto é possível pois as representações sociais possuem propriedades mistas, tanto cognitivas como sociais. Desta forma, podemos pensar na representação social como elemento mediador no processo de interiorização:

Em suma, observa-se que representar um objeto é, ao mesmo tempo, conferir-lhe o status de um signo, é conhecê-lo, tornando-o significante. De um modo particular, dominamo-lo e interiorizamo-lo, fazemo-lo nosso. É verdadeiramente um modo particular, porque culmina em que todas as coisas são representação de alguma coisa. (MOSCOVICI, 1978, p. 63 e 64)

É possível aproximar o conceito de representações sociais do conceito de mediação, elaborado por Vygotsky, pois ambos estão presentes no processo de apropriação e interiorização, que acontece no desenvolvimento humano e quando conhecemos e aprendemos coisas novas.

Vygotsky (1984) afirma que para interiorizarmos algo que está no externo, precisamos de instrumentos, que podem ser materiais ou simbólicos, como os signos e as palavras. As representações sociais são constituídas e se concretizam na palavra. Elas trazem a generalização do significado, sendo, portanto, um meio eficaz de comunicação e de apropriação de novos conceitos.

Os instrumentos simbólicos que possibilitam a interiorização de conhecimentos, que são muito semelhantes às funções das representações sociais (RS) de comunicação e apropriação, circulam em um espaço chamado por Vygotsky (1984) de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Conforme Vygotsky (1984) na ZDP é possível identificar o que o sujeito consegue fazer com a ajuda do outro: aquilo que ainda não aprendeu, mas pode aprender com alguém que já sabe. Este outro é um ser mediador, assim como suas palavras, gestos e símbolos também são mediadores para que o sujeito se aproprie e interiorize conhecimentos e modos de ser. Desta forma, a ZDP é o ápice do acontecimento dialético, pois o movimento é constante e ao sujeito é possível transformar o outro e transformar a si mesmo, ao adquirir novos conhecimentos.

A ZDP se trata do espaço de desenvolvimento e aprendizagem onde justamente acontecem as trocas e mediações, ou seja, onde circulam as representações sociais que carregam e constroem conhecimentos, já que as RS aproximam novos conhecimentos daqueles antigos que já estão solidificados para, assim, construir novos saberes.

Para identificar estas características das RS de aproximar novos conhecimentos e de comunicá-los, é necessário entender como elas se constituem. Moscovici (1978) mostra que dois processos são fundamentais na elaboração das representações sociais: ancoragem e objetivação.

Conforme Moscovici (2010), a ancoragem é um processo que permite a passagem de algo estranho e não familiar para a particularidade do sujeito. Neste processo acontece a classificação e a nomeação de um conceito novo, para isso há uma comparação ao paradigma de categorias que já foram apropriadas pelo sujeito, e que constituem o seu pensamento e saberes. Esse novo objeto ou conceito é associado às categorias que possuem elementos em comum com ele, familiarizando-se com o novo, ou permitindo a atribuição de sentido. Moscovici (1978) afirma que a ancoragem é um processo de elaboração de um mediador verbal.

A objetivação consiste na passagem de conceitos e idéias para esquemas e imagens concretas. As categorias ancoradas passam a ser conhecimento, o sujeito se apropria do objeto e lida com ele na sua vida. Sobre esses dois processos Moscovici (2010) afirma que:

Esses mecanismos transformam o não familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; depois reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e conseqüentemente, controlar. (MOSCOVICI, 2010, p. 61)

Podemos pensar que os processos de ancoragem e objetivação funcionam como instrumento mediador na construção do conhecimento e do comportamento humano. Percebe-se a similaridade entre o processo de internalização, descrito por Vygotsky (1984), com a constituição das representações sociais nos processos de ancoragem e objetivação. Ambos explicam uma reconstrução interna de uma operação externa e o uso posterior do que se constituiu internamente na realidade externa, funções que acontecem no espaço da zona de desenvolvimento proximal, conceituada por Vygotsky.

Sendo esses os processos que constituem as representações sociais, pode-se observar ainda melhor como elas são caracterizadas por elementos que as aproximam do conceito de mediação, elaborado na teoria histórico-cultural. As representações sociais promovem a mediação do comportamento humano e do processo de construção de conhecimento, por isso torna-se tão importante conhecê-las para estudar o entendimento e o comportamento da pessoa idosa em relação à sexualidade na velhice.

Para entender como o idoso e a idosa vivem a sexualidade é importante identificar como ele e ela construíram e constroem um conhecimento sobre sexualidade, dependendo de seu contexto social, histórico e cultural, bem como a maneira que este conhecimento interfere em seus comportamentos. Pode-se pensar que ao identificar e analisar as RS dos idosos e das idosas sobre a sexualidade são levantadas informações importantes para questionar e responder questões sobre a vivência da sexualidade na velhice.

Com o intuito de alcançar essas informações sobre as vivências da sexualidade na velhice, no próximo item será abordada a caracterização metodológica da pesquisa, os meios que possibilitaram o levantamento de dados por meio das entrevistas.

5.4 Caracterização da Pesquisa

No presente estudo procurou-se identificar os elementos mediadores do comportamento por meio da identificação das representações sociais que compõem o pensamento dos sujeitos inseridos em dois diferentes grupos de pessoas idosas, para tanto foi necessário organizar a pesquisa por meio dos procedimentos utilizados.

Nesta seção do texto serão abordados os procedimentos metodológicos e a caracterização do local da pesquisa, que consiste no lugar em que a pesquisa se concretizou, os procedimentos éticos realizados que viabilizaram a sua realização, informações sobre os sujeitos da pesquisa e sobre o instrumento utilizado.

5.4.1 Locus de pesquisa: Lugares em que os sujeitos e suas representações sociais foram visitados

Para realizar a pesquisa buscou-se espaços de convivência entre as pessoas idosas, e que estas estivessem dispostas a contar um pouco sobre sua história e sobre seu entendimento a respeito da sexualidade na velhice.

Como um dos objetivos específicos da pesquisa era o de realizar uma comparação entre a concepção sobre sexualidade de idosos e idosas que vivem em um lar de longa permanência e de pessoas idosas que não estão nesses contextos, foi-se em busca das autorizações para ter acesso a esses lugares e, por fim, realizar a pesquisa.

O processo de autorização da pesquisa foi feito por meio da entrega de ofícios endereçados a algumas instituições específicas que trabalham com serviços destinados à população idosa.

Na primeira tentativa não foi possível realizar a pesquisa no espaço de um Centro de Convivência para pessoas idosas, devido a questões burocráticas. Outra tentativa consistiu-se na entrega de ofício para um Lar de longa permanência de pessoas idosas, com utilidade pública e filantrópica, onde também não foi possível a realização da pesquisa.

A autorização foi concedida em uma Associação de Moradores específica para pessoas idosas e em um Lar de Longa Permanência.

A associação consiste em uma organização de pessoas idosas moradoras de uma determinada região da cidade de Campo Grande – MS e também de outras regiões, que se reúnem periodicamente e discutem sobre seus direitos e deveres como cidadãos idosos e cidadãs idosas. A partir de suas reuniões e buscando conhecimentos previstos em leis, eles e elas lutam e conquistam seus direitos, como por exemplo o acesso a serviços públicos e particulares com prioridade e qualidade.

Geralmente as idosas e idosos da Associação de Moradores se conheceram na universidade aberta à terceira idade de uma universidade particular da cidade, ou nos Conselhos urbanos da prefeitura. A sede da associação é na casa do próprio presidente, que foi entrevistado. O presidente tem boa vontade e é muito interessado para que a associação cresça, mas parece que é difícil reunir os associados, por fatores como doenças, distâncias, trabalho e família. O presidente faz panfletos, coloca nos mercados e lojas da região, busca meios e luta para que esses idosos possam usufruir de mais direitos.

As entrevistas com os membros da Associação foram feitas em suas próprias casas, já que não há um espaço físico específico para Associação. As casas ficam distantes uma das outras, não são no mesmo bairro, o que dificultou o acesso rápido a esses sujeitos da pesquisa. Não foi possível presenciar uma reunião da Associação, onde todos os sujeitos da pesquisa estivessem reunidos, para observar suas trocas e interações interpessoais. Apesar do esforço do presidente em reunir os participantes da associação no período em que esta pesquisa foi realizada, ele ainda não havia conseguido.

Todos os idosos e todas as idosas que entrevistei mostraram-se muito disponíveis e receptivos para comigo e com a pesquisa, ficaram felizes de poder contribuir, mesmo tendo que abdicar de parte do seu tempo de trabalho ou lazer para me

receber. Ao serem questionados/as a respeito da sexualidade a maioria não se intimidou diante do tema a ponto de interromper a entrevista ou dizer que não se sente a vontade para falar sobre isso, mas foi possível perceber certo constrangimento revelado por meio de risadas e pausas reticentes. Contudo, ao longo da conversa a maioria conseguiu revelar opiniões, experiências e pensamentos.

A outra instituição na qual a pesquisa foi realizada é um lar de longa permanência para idosos e idosas, uma associação civil sem fins lucrativos. A casa se mantém com a mensalidade paga pela aposentadoria dos idosos e das idosas que lá residem, com contribuições de familiares e também recebe doações de terceiros.

A infra-estrutura do local é muito boa, o espaço é arejado, bem cuidado e proporciona boas condições às pessoas que lá vivem. São oferecidas atividades físicas, educativas e de lazer, principalmente por meio de convênios feitos com universidades e também por meio de voluntariado.

No cotidiano os grupos se reúnem na sala e num espaço externo. A partir das observações realizadas é possível descrever esses grupos. As pessoas que ficam na sala assistem televisão, escutam música, conversam e jogam. Nesse espaço convivem homens e mulheres e foi possível identificar apenas um casal entre eles, que fica de mãos dadas e trocando carinhos. Na área externa ficam as pessoas que gostam mais de conversar.

Apesar do espaço proporcionar boas condições de vida e bem-estar aos idosos e idosas que lá vivem, as situações pelas quais essas pessoas passaram aparecem nas entrevistas através de conteúdos como tristeza, morte e abandono. A questão geracional também é um tema importante, pois a maioria dos idosos e das idosas deste espaço são mais velhos e velhas do que aqueles/as da Associação de Moradores, o que os/as aproximam das dificuldades do envelhecer e da temática da morte.

Nas entrevistas todos e todas foram muito receptivos/as e pareciam sentir-se lisonjeados por terem aquele momento para falar sobre si, para lembrar e contar suas experiências e histórias. Houve um constrangimento maior diante do tema da sexualidade e muitas vezes esse tema foi menos enfatizado pelos/as entrevistados, eles e elas pareciam querer falar sobre outro assunto e este assunto estava relacionado principalmente às suas lembranças, às dificuldades do envelhecer, à solidão e à morte. Mas, mesmo com essas barreiras diante da sexualidade, foi possível captar algumas representações e pensamentos em relação à esta temática.

No subitem a seguir é feita uma descrição sobre os participantes das pesquisas e alguns dados como idade, sexo, situação ocupacional, escolaridade, profissão e estado civil.

5.4.2 Participantes da pesquisa

Os/as participantes da pesquisa foram idosos e idosas de uma associação de moradores e de uma instituição casa-lar. As entrevistas foram realizadas com oito pessoas, sendo quatro de cada instituição, dois homens e duas mulheres. Esta escolha de sujeitos se deu com o objetivo de estabelecer as diferenças de gênero e diferenças sócio-culturais entre idosos/as institucionalizados/as e não institucionalizados/as. Participaram da pesquisa os idosos e as idosas que aceitaram fazer parte do estudo após lerem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TECLE, (Anexo B) e o assinarem. A tabela 4 mostra um panorama das informações dos/as participantes deste estudo:

Tabela 4 – Quadro de Participantes da Pesquisa

Grupo	Nome	Idade	Sexo	Situação	Escolaridade	Profissão	Estado Civil
Participantes da Associação	Cássio	62	M	Trabalhando	Superior Completo	Vendedor	Casado
	Paulo	75	M	Aposentado	Ensino Fundamental	Motorista, eletricista, encanador, garçom.	Viúvo
	Francisca	65	F	Aposentada	Magistério	Professora	Separada
	Elma	62	F	Aposentada e trabalhando	Ensino Fundamental	Trabalhadora Rural e Costureira	Solteira
Moradores do Lar de Longa Permanência	Otacílio	71	M	Aposentado	Ensino Fundamental	Trabalhador Rural	Solteiro
	Silvia	85	F	Recebe auxílio dos filhos	Ensino Fundamental	Cozinheira	Solteira
	Tereza	93	F	Aposentada	Ensino Fundamental	Costureira	Solteira
	Omar	85	M	Aposentado	Ensino Fundamental e Curso Técnico em eletricidade	Trabalhador Rural, eletricista, mecânico, motorista	Separado

Fonte: Próprio autor

Nota-se que há certa disparidade na idade dos participantes da Associação de Moradores e no Lar de Longa Permanência: as pessoas da Associação são mais jovens do que os/as moradores/as do lar de longa permanência. Essa questão geracional será trabalhada no próximo capítulo, com as análises das entrevistas. Essas informações

concretas sobre as condições de vida das pessoas entrevistadas também serão retomadas no próximo capítulo com as análises.

Com o intuito de melhor compreender e conhecer as/os participantes da pesquisa é necessário expor de forma resumida algumas características de suas vidas e cotidiano. No próximo subitem, primeiramente será apresentado o grupo de participantes da Associação de Moradores idosos e posteriormente o grupo de pessoas que moram em um lar de longa permanência para idosos. A identificação dos/as participantes foi preservada, desta maneira foram utilizados nomes fictícios para representá-los/as

5.4.3 Grupo vinculado à Associação de Moradores

a) Sr. Cássio

O Sr. Cássio tem 62 anos de idade e é participante da Associação de Moradores idosos. É trabalhador autônomo, contudo também já foi professor durante 10 anos. Quanto à sua escolaridade, possui ensino superior completo com a graduação em pedagogia.

Atualmente está fazendo sua segunda graduação em Administração. Sr. Cássio é casado e tem dois filhos. Cássio afirma que sempre participou de comunidades e atividades sociais, foi aí que conheceu a Associação de Moradores idosos. Possui uma situação financeira equilibrada, apesar de dizer que às vezes tem dificuldades, como qualquer trabalhador. Seu dia-a-dia está dividido entre as atividades do trabalho e da faculdade no período noturno.

b) Sr. Paulo

O Sr. Paulo tem 75 anos é aposentado, viúvo e mora sozinho. Foi casado por mais de 20 anos e tem duas filhas, sendo uma adotiva.

Paulo trabalhou em diversas profissões, tais como: motorista, eletricista, encanador, garçom, dentre outras. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Sua situação financeira é equilibrada, pois o Sr. Paulo mostra-se muito controlado nas suas contas, contudo reconhece que a aposentadoria que recebe é muito pouca para quem precisa fazer tratamentos médicos e arcar com remédios e, por isso, fica aliviado em saber que está bem de saúde.

Atualmente Paulo prefere trabalhar com pessoas para ajudar. Participa do Conselho Municipal urbano, da Universidade Aberta à Terceira idade e da Associação de Moradores Idosos de um determinado bairro da cidade. Foi a partir das reuniões do conselho municipal urbano que surgiu em Paulo a vontade de “ser útil”, como ele mesmo afirma, poder fazer algo pelos outros e lutar por direitos. Assim, juntamente com outros companheiros, fundou a Associação de Moradores Idosos.

Em seu dia-a-dia realiza seus cuidados pessoais, cuida de seus hábitos alimentares e faz exercícios físicos regularmente. Quanto à religião é evangélico e durante a entrevista cita vários trechos da bíblia para embasar suas explicações.

c) Sra. Francisca.

A sra. Francisca tem 65 anos de idade. Mora sozinha e é separada, tem três filhos, sendo que um deles faleceu recentemente. É professora aposentada, possui uma situação socioeconômica estabilizada, consegue manter sua casa sem muitas dificuldades. Quanto à escolaridade, possui Magistério e curso complementar de pedagogia.

Seu dia-a-dia é bem agitado, divide-se em atividades religiosas e sociais, como cursos de reciclagem. Francisca sempre esteve muito ligada a organizações e movimentos sociais, pois gosta de trabalhar junto ao público. Já participou de diversos movimentos nos conselhos urbanos, associação de mulheres e associação de pais. Foi por meio deste seu interesse que conheceu a Associação de Moradores Idosos.

d) Sra. Elma.

A sra. Elma tem 62 anos, é solteira e aposentada, contudo ainda trabalha como costureira em um atelier próprio. Antes de se aposentar Elma trabalhava na fazenda. Sobre sua escolaridade, Elma estudou até o 1º grau. A entrevistada começou a freqüentar a Associação de moradores, pois já era amiga do presidente da associação há muitos anos.

Em seu dia-a-dia realiza atividades domésticas, pois ela mesma mantém e cuida de sua casa, e trabalha em seu atelier de costura. Possui uma condição financeira equilibrada, pois procura controlar-se nos gastos desnecessários. Elma faz visitas regulares à sua mãe que mora na fazenda.

5.4.4 Grupo vinculado ao lar de longa permanência para idosos

a) Sr. Otacílio

O sr. Otacílio tem 71 anos de idade, é aposentado e solteiro. Há muito tempo não vê sua família, tentou procurá-la, mas afirma que não lembra a localização exata em que eles moram e também não conseguiu reconhecer a vila que moravam, pois tudo está muito diferente.

Há 10 anos Otacílio trabalhava em uma chácara na lida com gados. Neste lugar sofreu muito descaso e violência, encontrava-se doente e era exposto a maus tratos pelo patrão, até que judicialmente foi encaminhado para o lar de longa permanência em que agora está.

Otacílio nunca foi casado e diz que escolheu não se relacionar com ninguém para evitar brigas e confusões. O entrevistado afirma que não teve sorte nos namoros, pois suas namoradas sempre o traíram.

Sr. Otacílio gosta de morar no lar de longa permanência, pois lá recebe medicação correta, alimentação e mantém sua higiene em dia. Segundo ele, vive uma vida mais tranqüila. Apesar disso, o entrevistado sente muitas saudades de seus parentes e gostaria de ter a oportunidade de vê-los novamente.

Em relação à sua escolaridade, Otacílio estudou até o 2º ano e, posteriormente, serviu ao quartel. Hoje em dia em seu cotidiano o entrevistado diz que não faz nada, só fica à espera da morte, apesar disso procura realizar tudo que pode sozinho, possuindo autonomia sobre suas atividades diárias.

b) Sra. Silvia.

A sra. Silvia tem 85 anos e é moradora do lar de longa permanência para pessoas idosas. Apresentou-se à entrevista muito bem arrumada e demonstrou resistência a ser chamada de “senhora”, pedindo sempre que a pesquisadora a trata-se por “você”, pois quando é chamada de “senhora” sente-se muito velha.

Sra. Silvia não é aposentada, seus filhos bancam sua moradia na casa. Quando mais jovem trabalhava como cozinheira em fazendas do Pantanal. Sobre sua escolaridade, Silvia estudou até o 4º ano do primário. Nunca foi casada, mas teve um filho. Quando questionada sobre seu estado civil ela afirma ser uma “mãe carinhosa” e que teve seu filho sem casamento.

c) Sra. Tereza

A sra. Tereza tem 93 anos de idade. É aposentada e quando trabalhava foi costureira e professora de corte e costura. Nunca se casou e afirma ter tomado esta decisão por medo de ter um relacionamento ruim e passar por situações de violência, como sua irmã passou. Outra questão que favoreceu a escolha de Tereza foi a necessidade de cuidar dos pais, pois estes eram muito doentes e também dos irmãos. Por conta disso, Tereza afirma ter estudado só até o 4º ano, pois não tinha tempo nem dinheiro para estudar, precisava cuidar da família.

Tereza morava com sua irmã para cuidá-la, contudo, sofreu maus-tratos por parte de sua sobrinha e, assim, veio para o lar de longa permanência há 2 meses. Tereza dedicou toda a vida à sua família. Em suas falas lembra-se muito desta irmã com quem foi morar, a qual havia falecido há 8 dias do momento em que a entrevista foi realizada.

d) Sr. Omar

O sr. Omar tem 85 anos de idade, é aposentado e quando trabalhava prestou serviços em fazendas e chácaras, como laçador, domador, dentre outras atividades. Ele e seus irmãos tiveram uma fazenda em sociedade, mas a agricultura e pecuária não se desenvolveram e os irmãos tiveram que vender a propriedade. Com isso, Sr. Omar trabalhou em outras áreas, realizou atividades como eletricista, motorista, mecânico e outros. Omar fez um curso sobre eletricidade, especializando-se nesta área e, posteriormente, passou a trabalhar em indústrias e fábricas.

Em relação à sua escolaridade, o entrevistado estudou até o 3º ano, mas ressalta que antigamente o estudo era mais elevado. Atualmente Omar gosta de fazer trabalhos manuais, como artesanato, mas não tem conseguido realizar esse tipo de atividade por conta estar na condição de cadeirante, afirmando que fica difícil se locomover em um espaço pequeno.

Sobre seus relacionamentos afetivos, Omar relata que não teve êxito, acabou se separando e teve que passar todos os seus bens para sua ex-esposa. O entrevistado conta que teve uma proposta de namoro depois de se separar, mas que optou em não arrumar mais problemas, até porque vivia constantemente viajando a trabalho.

Omar tem dois filhos, uma mulher e um homem. Mantém mais contato com sua filha, pois esta mora próximo de onde ele está.

O Sr. Omar começou a morar em lares de longa permanência após se envolver em uma briga violenta com seu irmão, o qual ele afirma ser usuário de drogas e que na época incomodava muito a sua mãe. Primeiramente ele foi encaminhado a outro lar de

longa permanência para idosos e, então, depois de também ter se envolvido em brigas neste outro lugar, foi conduzido para a casa em que agora está. Omar afirma ser briguento apenas quando é incomodado, fora destas situações convive normalmente.

Após realizar estes breves comentários para conhecermos um pouco da história e do cotidiano das pessoas que participaram deste estudo, começaremos a explicar os procedimentos de coletas de dados por meio da entrevista, que será melhor abordado no próximo capítulo. O subitem a seguir será dedicado ao instrumento da pesquisa, que possibilitou a coleta de dados, informações e representações sociais.

5.4.5 Instrumentos e procedimentos de aplicação: a entrevista como meio de conhecer as pessoas e suas representações.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, uma vez que esse instrumento possibilita maior liberdade dos sujeitos da pesquisa para exporem suas ideias e propicia a manifestação de conteúdos significativos a serem analisados. Conforme Flick (2009), a entrevista semi-estruturada permite a extração da teoria subjetiva do entrevistado sobre determinado tema. É feito primeiramente um questionamento aberto e depois uma pergunta confrontadora, que é controlada pela teoria e hipótese que guiam a pesquisa.

O objetivo da entrevista semi-estruturada é dar um norte, abrir caminhos no momento da coleta dos dados, contudo sem limitar e prejudicar a fala do sujeito e a obtenção de elementos para análise.

Para contribuir no processo metodológico, as entrevistas precisam ser construídas com perguntas que auxiliarão na identificação da constituição sócio-histórica e cultural do sujeito e na evidenciação das categorias que emergirem em seu discurso.

No caso deste estudo elaboramos alguns tópicos a serem abordados nas entrevistas de modo a garantir o foco e o objetivo do estudo. Tais questões se referiram a dados de identificação, como idade, renda familiar, profissão e escolaridade. Também incluímos no roteiro algumas perguntas sobre a história de vida e o cotidiano do sujeito. Além dessas questões direcionamos a entrevista para identificar as representações sociais de envelhecimento e sexualidade. O modelo do roteiro encontra-se no Apêndice E.

As entrevistas foram individuais e tiveram seu roteiro desenvolvido pelos seguintes eixos norteadores:

a) Dados de identificação

- 1) Idade
- 2) Renda familiar
- 3) Profissão
- 4) Escolaridade

b) História de vida e cotidiano

- 1) Estado Civil
- 2) Histórico da vida afetivo-sexual
- 3) Histórico que a/o conduziu ao Centro de convivência de idosos ou Instituição asilar
- 4) Como a vida se constitui diariamente

c) Representações Sociais:

- 1) Envelhecimento
- 2) Envelhecer
- 3) Sexualidade
- 4) Sexualidade na velhice
- 5) Diferenças nas vivências afetivo-sexuais entre homens e mulheres
- 6) Diferenças nas vivências afetivo-sexuais entre homens e mulheres na terceira idade

No próximo capítulo serão abordados os achados da pesquisa, a organização dos dados e análise das informações encontradas.

6 ACHADOS DA PESQUISA: VOZES DOS SUJEITOS

Sentiu-se feliz. Ele havia descoberto no seu mundo uma brecha para entrar no passado.

(Ecléa Bosi – Velhos Amigos, 2008, p. 17)

Neste capítulo são evidenciadas as vozes das pessoas que fizeram parte desta pesquisa, bem como seus pensamentos e modos de compreender as questões do envelhecimento e da sexualidade. Para isso, apresenta-se a organização e análise das entrevistas realizadas. Todas as entrevistas foram transcritas e encontram-se no Apêndice A e B. Vale dizer que os dados foram transcritos respeitando a forma coloquial da fala dos sujeitos, mantendo inclusive os vícios de linguagem, a fim de garantir a veracidade de seus enunciados.

Por meio desta pesquisa foi possível encontrar uma maneira de visitar o passado e analisar sua relação com o presente, tentar compreender o sujeito e a sociedade, por meio das representações sociais das pessoas entrevistadas. Para tanto, foi preciso organizar os dados e analisá-los, o que será apresentado nas seções seguintes.

6.1 Organização e análise dos dados

Nesta seção serão evidenciados os procedimentos utilizados no tratamento dos dados, sua organização e análise.

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas mantendo-se a forma coloquial das falas dos sujeitos para garantir a confiabilidade dos dados. Posteriormente, foram separados, por meio dos eixos temáticos, os temas de interesse da pesquisa, que são: envelhecimento, sexualidade e as relações de gênero, no que diz respeito às vivências afetivo-sexuais. Estes eixos temáticos já estavam previstos no roteiro da entrevista, conforme foi apresentado no final do capítulo anterior, e direcionaram a entrevista semiestruturada.

Moscovici (1978) enfatiza a necessidade de codificar as entrevistas segundo categorias e temas para apreender a relação e representação estatística nos discursos. Para Moscovici (1978), é preciso focar em aspectos centrados no grupo, na forma como este se expressa sobre determinado tema da pesquisa, e também nos aspectos de

conteúdo, sob os quais os temas aparecem com maior frequência sobre determinado problema.

Dessa forma, para a organização e análise dos dados, utilizou-se da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Este recurso busca identificar como o conhecimento se constrói por meio das falas dos/as participantes do estudo. Franco (2003) mostra que na expressão oral estão as condições que envolvem a história da humanidade, as situações econômicas e culturais de uma sociedade.

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo permite que encontremos os significados nos diferentes tipos de enunciado, a partir da inferência ou dedução, respeitando critérios de categorização e estruturação.

A codificação das entrevistas mencionadas por Moscovici (1978) começou nesta pesquisa por meio da identificação dos eixos temáticos (envelhecimento, sexualidade e relações de gênero nas vivências afetivos-sexuais). Dentro dos eixos temáticos surgiram outros subtemas menores. Depois de identificar estes pequenos temas e aglutiná-los por aproximação de significados semelhantes, chegamos às categorias. Primeiramente, no próximo item, vamos explicar melhor os eixos temáticos e a frequência de temas.

6.2 Frequência de temas

É neste momento que se identificou a frequência de temas no discurso que está sendo analisado. Franco (2003) ressalta que nem sempre os indicadores temáticos estão no discurso de forma explícita, mas que são passíveis de serem identificados pela observação do pesquisador na frequência de algumas respostas como, por exemplo, as perturbações da palavra em uma entrevista, que surgem frente a estados emocionais.

Para se chegar a esta etapa, foi necessário realizar várias leituras das entrevistas e, por fim, separar os temas que mais se destacaram e tiveram maior frequência quando considerados os eixos temáticos principais desta pesquisa: velhice, sexualidade e diferenças entre homens e mulheres nas vivências afetivas e sexuais. Tais temáticas serão abordadas nos subitens a seguir.

6.2.1 Eixo temático Velhice

No que se refere à velhice, os temas mais comuns que surgiram no discurso do grupo vinculado à Associação de Moradores foram: o tempo, a saúde, as condições

individuais de envelhecimento, limitações e atividades, sejam elas físicas, cognitivas, de lazer ou trabalho. Já no grupo do Lar de Longa Permanência, quando se falou em velhice, os temas mais comuns foram: tempo, limitação, morte e solidão. A frequência destes temas, no que diz respeito à quantidade de pessoas que os mencionou, encontra-se na tabela 5. Com isso, analisando as frequências de temas nos dois grupos, pode-se pensar que o envelhecimento, para as pessoas entrevistadas nesta pesquisa, está ligado à passagem do tempo e a limitações.

Tabela 5 – Quadro de temas mais frequentes relacionados à velhice

Temáticas	Frequência (Nº de pessoas que tocaram no tema)	
	Associação de Moradores	Lar de Longa Permanência
Tempo	3	2
Condição Pessoal	2	0
Hábitos saudáveis	2	0
Limitação	2	3
Atividades (físicas, cognitivas, lazer, trabalho)	3	0
Morte	0	2
Solidão	0	3

Fonte: Próprio autor

6.2.2 Eixo temático Sexualidade

O eixo temático da sexualidade apareceu entre o grupo da Associação de Moradores relacionada à origem divina, a algo secundário no relacionamento, a uma condição de bem-estar (saúde, prazer, amor, companhia), mas também que gera consequências negativas quando é um ato de pecado, irresponsável e descartável. Além disso, os participantes deste grupo associaram a sexualidade a condições pessoais e individuais, sejam elas físicas, mentais ou emocionais.

No Lar de Longa Permanência, os relatos mais frequentes relacionaram a sexualidade ao bem-estar e a uma condição pessoal. Para este grupo, os relacionamentos afetivos e sexuais estão mais presentes na juventude. Além disso, a sexualidade foi associada também a consequências negativas, quando usada de forma errada, pecaminosa e descartável. A tabela 6 expõe a frequência destes temas. Considerando as temáticas frequentes nos dois grupos pesquisados, a sexualidade tem origem divina, está ligada ao bem-estar, gera consequências negativas, quando realizada de maneira irresponsável e descartável, depende de uma condição pessoal e é mais presente na juventude.

Tabela 6 – Quadro de temas mais frequentes relacionados à sexualidade

Temáticas	Frequência (Nº de pessoas que tocaram no tema)	
	Associação de Moradores	Lar de Longa Permanência
Necessidade (biológico/natural)	1	0
Origem divina	2	1
Secundária no relacionamento	2	0
Bem-estar	3	3
Gera consequências negativas quando é pecado, irresponsável, descartável	4	3
Condição pessoal (física, mental, emocional)	4	2
Mais presente na juventude	1	2

Fonte: Próprio autor

6.2.3. Eixo temático das relações de gênero nas vivências da sexualidade

Sobre o eixo temático das diferenças entre homens e mulheres nas vivências afetivas e sexuais, os temas mais frequentes no grupo da Associação de Moradores mostram que as mulheres se entregam mais em um relacionamento em relação aos homens, contudo, o homem é mais ligado ao sexo do que a mulher. Para este grupo, as mulheres são mais complicadas e complexas do que os homens. Além disso, há afirmativas de que os homens são mais despreparados em um relacionamento do que as mulheres.

No Lar de Longa Permanência, o tema mais frequente é de que o homem tem mais autoridade do que a mulher em um relacionamento. Quando se observa os temas mais frequentes, em ambos os grupos nota-se o aparecimento da mulher como mais submissa, o homem com mais autoridade, o homem mais influenciado a viver a sexualidade, a mulher sendo mais interesseira e que a mulher está tendo mais liberdade hoje em dia. A tabela 7 mostra a frequência destas temáticas.

Tabela 7 – Quadro de temas mais frequentes relacionados às diferenças entre homens e mulheres nas vivências afetivas e sexuais

Temáticas	Frequência (Nº de pessoas que tocaram no tema)	
	Associação de Moradores	Lar de Longa Permanência
Mulheres mais submissas	1	1
Homem autoridade	1	2
Homem mais influenciado a viver a sexualidade	2	1
Mulher se entrega mais	2	0
Mulher mais interesseira	1	1
Mulheres mais complicadas e complexas	3	0
Homens mais despreparados	2	0
Mulher está tendo mais liberdade	1	1

Fonte: Próprio autor

Após realizar um panorama sobre a frequência de temas encontrados nas falas dos sujeitos, em conformidade com os eixos temáticos do trabalho, tornam-se visíveis as categorias de análise que se evidenciaram nos discursos e que constituem as representações sociais do grupo pesquisado.

Dentro do eixo temático da velhice, surgiram as seguintes categorias: Tempo e Dificuldades; e Envelhecimento Bem-Sucedido. Já no eixo sexualidade, as categorias formadas são: Religião e Individualidade; Sexualidade e Bem-Estar; e Sexualidade e Gerações. No eixo temático das relações de gênero, foram desenvolvidas as categorias Mulher e Homem. Todas estas categorias serão aprofundadas na próxima seção deste capítulo.

6.3 As categorias de análise

De acordo com Bardin (2011), a categorização consiste no agrupamento de dados ou elementos centrais dos discursos, conforme suas semelhanças. Os critérios para estabelecer semelhanças nesta pesquisa são os semânticos, que possibilitaram formar categorias temáticas.

Com isso, foi identificado o sentido e o significado atribuído pelos entrevistados a um determinado tema, bem como foram levantadas as divergências e convergências que emergem no discurso. As categorias foram construídas conforme a frequência de temas que surgiram nas falas dos sujeitos.

Esta forma de organização dos dados em categorias permite evidenciar o núcleo central e os elementos periféricos que constituem as representações sociais. Conforme Anadon e Machado (2011), para Abric o núcleo central é que constitui a significação e coerência da representação social, além disso, tem a função de gerar, organizar e estabilizar as representações sociais. Já os elementos periféricos são mais acessíveis e

plásticos do que o núcleo central, admitindo variações inter e intra-individuais e sendo diretamente dependentes do contexto.

Anadon e Machado (2011) apóiam-se em Abric para explicar que identificando o núcleo central e os elementos periféricos de uma representação social pode-se ter embasamento para entender como o sujeito se posiciona frente ao objeto da representação. Este posicionamento do sujeito, ou seja, seu comportamento caracteriza, de acordo com Moscovici (1978), a dimensão de atitude das representações sociais. Com isso, entende-se a significação particular que o sujeito dá ao objeto e sua forma de lidar com isso. No caso deste trabalho, pretendemos conhecer como pessoas idosas compreendem e se comportam frente à sexualidade pela análise de sua representação social.

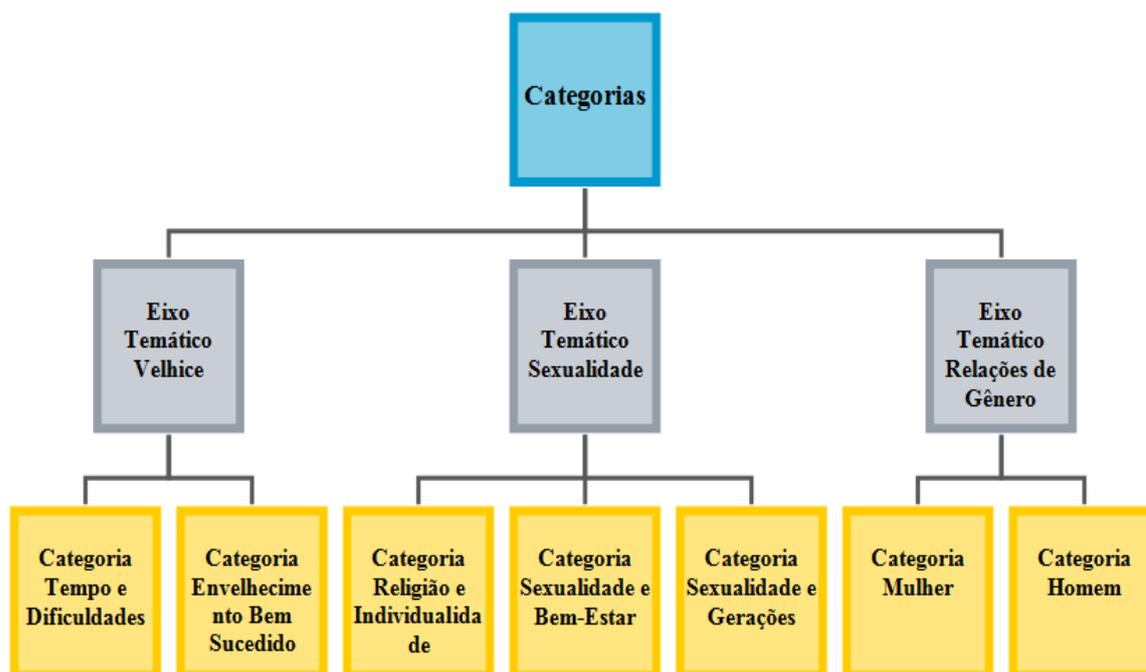
Neste processo de análise, o conteúdo das falas foi evidenciando-se e mostrando as diferentes concepções dos sujeitos sobre o mundo, sociedade, sexualidade e velhice/terceira idade. Pôde-se, com esta organização e análise, identificar os elementos que articulam o sujeito com o objeto do conhecimento, o particular com o universal, o subjetivo com o social.

Tais elementos podem ser encontrados nas categorias de análise, que organizam e norteiam as falas das pessoas entrevistadas. É por meio das categorias que se apreende os sentidos e significados que as pessoas atribuem à realidade.

As categorias são compostas por marcas discursivas, ou seja, elementos do discurso que aparecem com frequência e evidenciam as representações sociais. De acordo com Lopes (2009, p. 138): “As marcas discursivas são fragmentos significativos, impregnados de sentidos, que sintetizam as ideias e os pensamentos da pessoa entrevistada”. Procurou-se evidenciar as categorias conforme os eixos temáticos do trabalho, que são: velhice, sexualidade e vivências afetivo-sexuais por homens e mulheres.

A figura 2 mostra as categorias que serão abordadas nos próximos itens do trabalho:

Figura 2 - Categorias conforme os eixos temáticos.



6.3.1 Eixo temático: *Velhice/Envelhecimento/Terceira Idade*

Neste eixo temático encontram-se os enunciados que tratam sobre as questões pertencentes ao processo de envelhecimento. Este eixo é formado por várias denominações de velhice, pois é assim que elas aparecem nas falas dos sujeitos.

Ora a velhice apresenta aspectos positivos, ora negativos, mostrando o que Bardin (2011) descreve como dicotomia interna. Em um mesmo conteúdo pode-se obter mais de uma representação, que varia conforme os diferentes grupos e mudanças históricas. Sobre esta questão, Lopes (2009, p. 135) afirma que: “Na organização do conteúdo, é possível obter duas representações definidas por um mesmo conteúdo, porém radicalmente diferentes em função da organização dos elementos periféricos, resultando em uma centralidade diferente (ABRIC, 1998)”.

Estas nuances presentes em uma mesma representação social revelam as variações culturais e históricas que perpassam o processo de construção de um conhecimento. Desta maneira, encontram-se, neste mesmo eixo temático,

representações boas e más de velhice, como se pode ver na organização das categorias a seguir.

a) Categoria: Tempo e Dificuldades

Nesta categoria encontram-se os conteúdos das falas que evidenciaram a velhice como um processo natural de passagem dos anos, o qual todos vão vivenciar se não morrerem jovens. Foi uma categoria que surgiu tanto no grupo da Associação de Moradores, como no grupo que mora em um Lar de Longa Permanência.

Ao mesmo tempo em que concebem a velhice como algo comum e natural, também a veem associada a perdas e dificuldades. Com isso, nota-se uma ambivalência na mesma categoria: velhice como algo natural e como momento de perdas, o que confirma duas representações em um mesmo conteúdo, devido à organização dos elementos periféricos que compõem as representações sociais.

Em ambos os grupos surgiu a limitação e as perdas como condições da velhice, contudo, no grupo da Associação de Moradores somente duas, das quatro pessoas entrevistadas, é que levantaram as questões negativas da velhice. Entre os moradores do Lar de Longa Permanência todos/as os/as participantes apontaram as dificuldades do envelhecimento, com atenção especial para o tema da dependência, doenças e ausência de atividade (trabalho).

A velhice, como passagem do tempo, pode ser explicitada no seguinte trecho da entrevista com a Sra. Elma:

É os tempos! Eu digo os tempos que vai passando né? (sic) Que tudo tem um... um... tem um negócio final, né? (sic) Todo mundo tem final que... você não é mais o que era antigamente. (cf. Apêndice B, p. 190)

Também é possível identificar essa representação de velhice na fala do Sr. Paulo: “[...] cada dia vai passando, vai se aproximando da velhice.” (cf. Apêndice B, p. 175). Desta maneira, é forte a representação de que a velhice consiste em um processo natural de passagem do tempo, pelo qual todos/as estão sujeitos a passar.

Esta representação está bastante sustentada nas teorias biológicas da gerontologia. Como já foi mostrado no segundo capítulo deste trabalho, essas teorias consideram, principalmente, os trabalhos das áreas da biologia e fisiologia,

conceituando a velhice como um processo de degeneração natural do organismo, que já começa após a reprodução.

Por outro lado, nota-se que a representação social de velhice dos sujeitos desta pesquisa vai além da questão biológica, adentrando também no processo de desenvolvimento humano como um todo, ou seja, a forma como se comportam diante do envelhecer “natural”.

O que foi mencionado acima, pode ser visto no trecho da entrevista com a Sra. Tereza, que quando questionada sobre o que é a velhice diz:

Olha... é uma fase de vida que nós tivemos... [...] é a idade de vida, depende de aceitação, porque se a gente vai passar os anos, tem que ficar velho. Então tem que aceitar. [...] porque se a idade passa, vai passando os anos, vai passando... a gente tem que envelhecer e tem que aceitar! (cf. Apêndice C, p. 256)

Nota-se que envelhecer, para Tereza, é um processo individual de aceitação, muito próximo do conceito de envelhecimento das teorias psicológicas mais atuais, que trabalham com desenvolvimento humano na velhice. Fonseca (2007) mostra os principais autores que deram seguimento a teorias do desenvolvimento na velhice, em estudos mais atuais da psicologia. Entre eles estão: Baltes, Clarke-Stewart, Perlmutter & Friedman, Overton e Bronfenbrenner.

Estes autores realizaram um avanço frente às concepções restritivas das áreas médicas e biológicas, pois buscam compreender o envelhecimento na interação do sujeito com o meio, considerando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais da vida das pessoas. Além de buscarem uma compreensão mais holística e não fragmentada, essas teorias valorizam o papel ativo do indivíduo em seu desenvolvimento.

Apesar disso, o ser humano nestas perspectivas é ativo-adaptativo. Desta maneira, discute-se este caráter “ativo” do sujeito, pois só é ativo para se adaptar e não buscar transformações. Nos três trechos de entrevistas mencionados, é possível perceber que a representação social de velhice se aproxima da submissão e passividade frente a algo que não pode ser evitado. Trata-se de uma ação adaptativa, que mais se parece com a passividade. De acordo com essas concepções, é preciso aceitar a velhice para encará-la e melhor lidar com ela.

As teorias desenvolvimentistas da psicologia valorizam o papel ativo do indivíduo em seu desenvolvimento, mas apenas com caráter de responsabilização do sujeito para ter um desenvolvimento bem-sucedido ou não, como é o caso da velhice. Com isso, a pessoa idosa vai envelhecer bem, na medida em que souber envelhecer ou

em que escolher envelhecer bem. Este entendimento de velhice é questionável, pois não traz à tona os fatores históricos, econômicos e sociais que permeiam o envelhecimento, transformando-o em um processo privado e de responsabilidade apenas do sujeito, como afirma Debert (2012).

É nesse sentido que pensamos na abordagem histórico-cultural de desenvolvimento humano, como uma alternativa para conhecer o processo de envelhecimento de uma maneira não fragmentada e adaptativa.

Apesar de Vygotsky não ter trabalhado diretamente com a velhice, suas contribuições acerca do desenvolvimento humano e aprendizagem são importantes para pensarmos o sujeito em sua totalidade, incluindo outros períodos da vida, como o das idades mais avançadas. É relevante pensar sobre o processo de envelhecimento por um viés que vá além da visão reducionista e adaptacionista que as abordagens biologicistas e comportamentais têm sobre a velhice.

John Steiner e Souberman (1984), no Posfácio do livro “Formação Social da Mente”, afirmam ser um erro considerar Vygotsky unicamente como estudioso do desenvolvimento infantil, pois este autor pretendia, estudando o desenvolvimento, aprofundar-se nos processos psicológicos complexos.

Conforme Vygotsky (1984), o desenvolvimento humano acontece sempre entrelaçado das questões históricas e é dependente da relação dialética e ativa do sujeito com seu meio. Podemos pensar que a velhice é construída junto às transformações da sociedade, que acontecem entrelaçadas com as mudanças suscitadas no sujeito e por ele. Esta é a característica dialética do desenvolvimento humano, em que o sujeito não é passivo e somente é transformado, mas transforma também a si e o mundo.

Pensar no envelhecimento como um processo de transformação e mudança já é um começo, frente às teorias psicológicas do desenvolvimento humano que valorizam a adaptação. Vygotsky (1984) aponta que:

Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético. Numa pesquisa, abranger o processo de desenvolvimento de uma determinada coisa, em todas as suas fases e mudanças - do nascimento à morte - significa, fundamentalmente, descobrir sua natureza, sua essência, uma vez que é somente em movimento que um corpo mostra o que é. (VYGOTSKY, 1984, p. 74).

Desta forma, a partir da teoria histórico-cultural, podemos entender o envelhecimento em sua totalidade, sem a supervalorização de um aspecto sobre outro.

Com isso, é preciso considerar as questões biológicas, psicológicas, sociais, culturais e históricas para o entendimento da velhice.

Na introdução e no capítulo 2 deste trabalho mostramos que as teorias desenvolvimentistas, adaptacionistas, gerontológicas e comportamentais são as principais propagadoras de conhecimento científico na psicologia. Estas teorias carregam conceitos de envelhecimento que atingem a construção de saberes e representações sociais das pessoas.

Talvez, se as produções acadêmicas a respeito da velhice ultrapassassem a reprivatização do envelhecimento, mostrando às pessoas outros fatores que circundam a velhice, como as questões econômicas e culturais, novas representações seriam construídas.

Assim, pessoas idosas poderão pensar além da aceitação e da responsabilização de si a respeito de um processo que não cabe somente ao âmbito privado, mas também é de responsabilidade de toda a sociedade. As pessoas não envelhecem sozinhas, assim como não se tornam humanas sem o outro e as instituições sociais.

Como já foi dito, encontramos duas representações em um mesmo conteúdo, já que, para as pessoas que participaram deste estudo, a velhice é passagem do tempo, mas também momento de perdas e dificuldades.

Neste aspecto da representação social é importante ressaltar que a idade dos/as participantes foi um fator primordial nas análises, porque aqueles/as que levantaram esses conteúdos das dificuldades no envelhecer têm em média 78 anos de idade. O lugar em que estão também é algo que merece atenção, já que todas as pessoas entrevistadas no Lar de Longa Permanência trouxeram, em suas falas, as limitações e perdas que acontecem no envelhecimento.

Sobre esta condição dos idosos institucionalizados, Peixoto (2011) explica que há sempre um trauma na entrada em uma instituição asilar, pois essas pessoas precisam desfazer-se de suas coisas e de tudo que as constituíram, para passar a fazer parte de um novo cenário com outras regras e estilos de vida: “Ele transfere sua vida privada para um espaço coletivo, compartilhado com pessoas que não escolheu e tampouco conhece.” (PEIXOTO, 2011, p. 342).

O fato do Lar de Longa Permanência ser o espaço onde prevaleceu as representações sociais associadas às dificuldades e perdas do envelhecer está relacionado ao que este lugar representa:

Um choque. Uma mudança brutal na vida cotidiana. As razões da entrada em uma instituição se devem, em geral, à perda do cônjuge ou de um ente próximo, à perda de autonomia, à impossibilidade de ser cuidada pela família, seja porque ela não pode, seja porque não quer. (PEIXOTO, 2011, p. 345).

Dentre as falas que trazem conteúdos negativos relacionados à velhice, destaque-se o que disse Sílvia:

Velhice é cabar (sic) a mocidade que não aguenta mais. Né? Não é mais nova, não é mais coisa... é concordar e entender já tá (sic) noutro plano né (sic)? Não to (sic) mais queimando óleo vinte, como diz o meu vizinho! [...] (Cf. Apêndice C, p. 246)

Um trecho da entrevista com Otacílio também nos revela sobre as dificuldades e limitações do envelhecimento, principalmente relacionadas às doenças e outros aspectos negativos: “Tem muito... tontura, um tipo de fraqueza, tempo de terceira idade né? (sic). É doença de idoso. Assim vai indo. [...] é... sacrifício! (Cf Apêndice C, p.236)

A Sra. Elma, da Associação de Moradores, parece não se sentir propriamente uma idosa, demonstrando que considera a velhice um momento que está longe de chegar. Apesar disso, em sua representação social define o envelhecimento como momento de dificuldades e restrições:

Posso até ter mais dificuldade um pouco de estar assim. [...] Vai chegando numa certa idade você não pode mais viajar sozinho, não pode nada. Você não aguenta às vezes, né? (sic) [...] Tem “terceira idade” que é pior do que a juventude, né? (sic) (Cf. Apêndice B, p. 191)

Nos fragmentos das falas acima, percebemos o que muito se quer esconder: as dificuldades do envelhecimento. É interessante mostrar que são conteúdos que surgiram com destaque nas representações sociais de pessoas com idade mais avançada.

As pessoas mais velhas e que moram em um Lar de Longa Permanência possuem uma visão de envelhecimento mais negativa, dadas as próprias condições em que vivem de limitação e perdas, de solidão e abandono. Já os “jovens idosos”, como afirma Debert (2013), têm mais autonomia e liberdade para frequentar espaços de convivência social e política, tanto que nas falas de Elma e Paulo, ambos, apesar de conceberem as dificuldades do envelhecer, não se identificam com as características negativas da velhice. Paulo, até mesmo traz a responsabilização do próprio idoso por viver dificuldades na velhice. Ele diz:

[...] Por exemplo, desanimado de fazer as coisas, não acreditar, não se esforçar, não compreender. Aí a pessoa não compreende porque que ele tá (sic) assim, que as vezes ele fala até Deus não... esqueceu de mim. (Cf Apêndice B, p. 179)

Algo semelhante pode ser encontrado na pesquisa de Julio Assis Simões (2006) sobre os aposentados como atores políticos, que trata da mobilização de aposentados e pensionistas, chamada de “mobilização pelos 147%”, ocorrida entre 1991 e 1992. Simões notou que, nos discursos dos idosos entrevistados, todos se colocaram em um posicionamento distante da velhice mas, ao mesmo tempo, afirmaram que os problemas dos idosos mais velhos também são seus problemas, contudo, não faziam parte de suas constituições identitárias: “É verdade que, neste discurso, os idosos ainda são os “outros”, e não uma categoria identitária mais ampla.” (SIMÕES, 2006, p. 31).

Desta maneira, os/as participantes da Associação de Moradores ainda não se veem nesse momento da vida, não se acham velhos e velhas, apesar de possuírem uma representação social de velhice ligada a fatores negativos, como perdas e dificuldades.

Neste contexto, é interessante perceber o que Debert (2013) nos mostra sobre a participação de pessoas mais velhas em associações ou programas da terceira idade. A autora afirma que estes espaços são mais restritos àqueles/as idosos/as que ainda apresentam independência e autonomia para se locomover e estar presente nestes movimentos. Ficam de fora as pessoas com idades mais avançadas, que manifestam dificuldades físicas, de controle cognitivo e emocional.

É importante discutir como ficam esses/as idosos/as mais velhos/as, pois muito se fala dos movimentos da terceira idade, mas nem todos têm acesso a esses espaços. Novamente, é preciso questionar e problematizar as concepções de velhice como um processo individual e que, para ser bem-sucedida, depende unicamente dos sujeitos. Nesta perspectiva, envelhecer mal é, principalmente, uma responsabilidade de cada pessoa. Se não refletirmos e debatermos, cairemos na reprivatização da velhice, sem trazer uma discussão mais ampla, que proporcione a formulação de políticas públicas direcionadas aos/às idosos/as mais velhos/as.

Outro conteúdo que se encaixa nesta categoria da passagem do tempo e das perdas provenientes desta passagem é a questão do trabalho. Este conteúdo esteve presente nas falas de dois participantes do Lar de Longa Permanência. O Sr. Omar afirma:

Já sou idoso, já sou encostado do trabalho, inválido. Entendeu? [...] Olha, o envelhecer é apenas a indisposição para fazer as coisas. [...] É, incompetência. A pessoa cansada, já exausta. (Cf. Apêndice C, p.221).

Também a Sra. Sílvia diz que: “Velhice é quando a gente não aguenta mais trabalhar.” (Cf. Apêndice C, p.98)

Em ambas as falas, o envelhecimento aparece associado à perda de um lugar no mercado de trabalho. A questão do trabalho é importante para compreender os aspectos subjetivos do envelhecimento, pois na velhice a renda se dá com a aposentadoria ou ajuda de terceiros. Há muitas pessoas que não se encontram mais inseridas no mercado de trabalho.

Reis (2011) relembra Marx e mostra que é preciso considerar a forma como organizamos nossa vida material nas relações de trabalho, pois ela está diretamente ligada à maneira como nos constituímos como pessoa no processo de construção de nossa identidade. Reis (2011) ainda mostra que na aposentadoria o sujeito se depara com um sentimento de inutilidade para a sociedade, pois o modo de produção capitalista supervaloriza a produção e quem não está produzindo sofre esta exclusão. O autor discute que a aposentadoria pode ser vivenciada como a perda do sentido da vida, como uma morte social.

Bosi (1994) também destaca a importância do trabalho para compreender o envelhecimento. De acordo com a autora, a exclusão do idoso do mercado de trabalho provoca impactos consideráveis nas identidades das pessoas mais velhas. Isso acontece porque o adoecimento do trabalhador, segundo a autora, já vem ocorrendo muito antes da aposentadoria, em razão da coisificação da mão de obra e alienação da classe trabalhadora, que sente uma descontinuidade em seu ser quando não está mais inserido no mercado de trabalho.

É uma questão a se pensar, pois em um mundo regido pelo imperativo da produção e do consumo, estar fora deste processo constitui um fator importante na construção da identidade do idoso, em um sentido individual, e da própria velhice, em uma perspectiva mais ampla.

Na teoria histórico-cultural, aprendemos que as pessoas constituem sua identidade em um processo metamórfico, cheio de transformações e mudanças, no qual a atividade do sujeito é fator principal. Facci (2004) menciona que para autores desta abordagem, como Leontiev, Elkonin e Vygotsky, o desenvolvimento humano é sempre

caracterizado por uma determinada atividade e, em cada momento da vida, há uma atividade principal ou dominante.

Facci (2004) retoma Elkonin para explicar que desde bebê até a idade adulta o ser humano estabelece uma relação ativa e mediada com o meio: “[...] comunicação emocional do bebê; atividade objetual manipulatória; jogo de papéis; atividade de estudo; comunicação íntima pessoal; e atividade profissional/estudo.” (FACCI, 2004, p. 67). É assim que vamos nos constituindo como pessoas, a partir da atividade que exercemos.

Há certamente uma lacuna na teoria histórico-cultural, pois ainda não explicou o desenvolvimento humano até as idades mais avançadas, bem como não discutiu a respeito das atividades mediadas, que acontecem nesse momento da vida e que conduzem a constituição da identidade da pessoa idosa. Contudo, diante das ferramentas teóricas e metodológicas que buscam compreender a história do desenvolvimento psíquico, podemos dizer que a teoria histórico-cultural pode sim ter meios para compreender e explicar a velhice. Neste estudo, podemos apontar o impacto da aposentadoria nas identidades e na compreensão de velhice das pessoas entrevistadas.

Ao realizar parcerias teóricas com áreas como a antropologia, que tem se dedicado ao estudo da velhice em aspectos mais abrangentes, poderemos compreender melhor o desenvolvimento humano neste momento da vida. Por exemplo, estudos como o de Peixoto (2004), que aborda o retorno de pessoas já aposentadas ao mercado de trabalho. A autora discute três importantes condições que levam aposentados/as a continuar no mercado de trabalho: “[...] trabalhar para manter as mesmas condições de vida e por solidariedade familiar e trabalhar para preencher o vazio social” (PEIXOTO, 2004, p. 50).

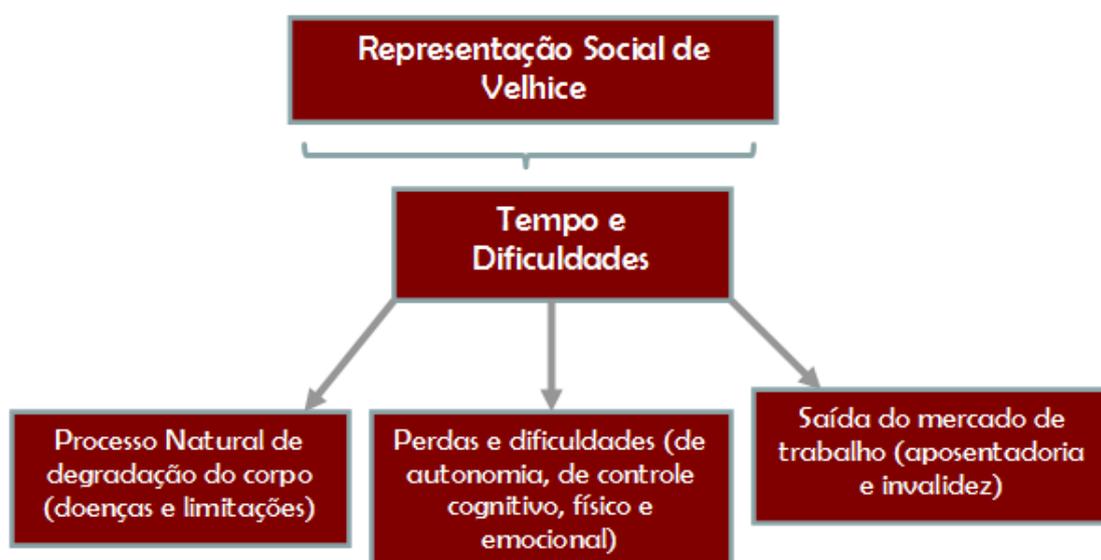
As pessoas entrevistadas por Peixoto (2004), ao mesmo tempo em que alegam o vazio que sentem frente à aposentadoria, também afirmam a necessidade de uma complementação salarial, seja para sua própria sobrevivência ou, na maioria das vezes, para auxiliar os filhos e netos. Apesar disso, de acordo com Peixoto (2004), o que tem maior importância nesse retorno ao mercado de trabalho é o sentimento de vazio social:

Numerosos são os aposentados que não querem parar de trabalhar, ainda que não necessitem aumentar a renda familiar. Apontamos duas razões para isso: a idade precoce da aposentadoria por tempo de trabalho/contribuição que retira da vida produtiva indivíduos ainda jovens que não desejam ficar inativos, e o prolongamento da vida estreitamente ligado ao progresso da medicina que lhes proporciona melhores condições de saúde, afastando o sentimento de envelhecimento e favorecendo a emergência de uma nova categoria de “aposentados trabalhadores”. Assim, em certos casos, o retorno ou a permanência no trabalho após 60/65 anos, para os dois sexos, não está somente focalizado na manutenção do mesmo nível de vida que detinham antes da aposentadoria mas, também, no desejo de continuarem ativos por mais longo tempo possível. (PEIXOTO, 2004, p. 58).

O sentimento de vazio social, vivenciado por pessoas aposentadas, confirma os pressupostos da abordagem histórico-cultural, em que a atividade principal exercida pelo sujeito é que faz mediação da constituição de si e da sociedade. Neste estudo, essa questão ficou bem clara no cotidiano dos/as participantes da Associação de Moradores/as: Cássio, Paulo, Francisca e Elma, que mantêm atividades de trabalho no setor informal, seja para seu sustento e de sua família, mas principalmente para se sentirem úteis.

Considerando as questões abordadas na categoria Tempo e Dificuldades, formulamos a figura 3, que sintetiza a representação social de velhice engendrada nesta categoria.

Figura 3 – Representações Sociais na categoria Tempo e Dificuldades



b) Categoria: Envelhecimento bem-sucedido

Esta categoria reúne conteúdos que surgiram, principalmente, no grupo da Associação de Moradores. Para este grupo, o envelhecimento é algo que depende de cada um, principalmente do esforço de cada pessoa para desenvolver uma boa velhice. Também consideram importante uma vida saudável para bem envelhecer e ainda destacam a vida ativa como uma maneira de retardar o envelhecimento.

Os idosos e as idosas que definiram a velhice como uma condição pessoal e individual são bastante ativos/as, seja no mercado de trabalho, como na própria Associação de moradores, em conselhos urbanos, universidades abertas à terceira idade e movimentos da Igreja. Podemos notar essa definição de velhice nas palavras de Paulo:

E então eu aprendi que, conforme diz (sic) sobre a borboleta, depende de você. Depende muito das pessoas, ser (sic)... saber que ele pode. Que a palavra tem poder. Se cê (sic) fala: "Não posso", na hora, ninguém vai falar que "cê" pode. Se você falar "Eu posso!" [...] Então a velhice é o seguinte ela... depende muito da gente, eu calculo assim, né? (sic) [...] Então eu, tenho no momento, eu acho a velhice muito boa, conforme está escrito, a melhor idade. (Cf Apêndice B, p. 175)

De acordo com ele, uma boa velhice depende muito de como cada pessoa vai encarar e lidar com o envelhecer. Francisca também partilha deste pensamento:

Então pra mim, a velhi... (sic) pra mim velhice não existe. Eu acho que a velhice é psicológico. Porque quando a gente quer determinar uma coisa a gente faz. [...] Eu acho que é, a... é, a velhice ela chega pra quem não tem, ela chega, pra quem não tem iniciativa própria. Amor próprio né (sic). Que você tem que falar, não eu posso, eu vou eu posso. [...] Porque o espírito permanecem (sic) jovem basta a gente querer. [...] Agora velhice vai da pessoa. (Cf Apêndice B, p. 209)

Desta maneira, o bom envelhecimento para os/as entrevistados/as é uma condição pessoal e individual, de responsabilidade de cada um/a. As respostas deste grupo corroboram os estudos de Debert (2012) sobre a prevalência do discurso gerontológico, no qual é fomentado o caráter individual da velhice bem-sucedida.

Diante das afirmativas dadas pelos/as entrevistados/as, podemos retomar Barros (2004), que explica o conceito de “terceira idade” como sendo proveniente deste sistema individualista que impera na sociedade contemporânea. O discurso, presente na concepção deste conceito, responsabiliza os sujeitos por uma boa velhice, ou seja, depende de cada um/a o cuidado de si mesmo/a. Este processo é caracterizado pela reprivatização da velhice, como afirmou Debert (1999). Sobre envelhecimento e individualismo, Barros (2004) afirma:

Examinando-se esse quadro, depara-se, na verdade, com a exacerbação de princípios básicos da ideologia individualista com a tônica na singularidade individual (o individualismo qualitativo, segundo Simmel) e com a tentativa de encobrimento do estigma moderno da velhice, numa luta contra o estereótipo que aparece agora adiado para mais adiante nos anos, uma vez que a perspectiva de vida se alarga. (BARROS, 2004, p. 18).

Com isso, nesta perspectiva de velhice positiva como responsabilidade individual, luta-se contra os aspectos negativos do envelhecimento. Entretanto, Barros (2004) questiona se aos indivíduos são oferecidas as condições necessárias para este cuidado de si e, até mesmo, se esta proposta de envelhecimento é condizente com a realidade complexa e diversa das pessoas idosas.

Sobre a complexidade que envolve o envelhecimento, Debert (1992) discute a influência das classes sociais e etnicidade nos modos de envelhecer, já que não há uma realidade homogênea na velhice, mas sim diversas formas de experimentá-la.

Nem todos/as têm acesso às tecnologias de rejuvenescimento e às possibilidades de envelhecer bem ou de retardar o que de há de negativo na velhice. Há um caráter ideológico imbricado nas múltiplas maneiras de se envelhecer, que depende das condições concretas de vida de cada grupo, suas diferenças sociais, econômicas e culturais. As condições objetivas e materiais de vida são muito diferentes, pois trata-se de uma sociedade desigual e de recursos materiais distribuídos desproporcionalmente. Nesse sentido, afirma Debert (1992):

A problemática das classes sociais e da etnicidade seriam elementos capazes de revelar a heterogeneidade das experiências, em grupos definidos através de categorias homogeneizadoras, como é o caso da velhice. Essa colocação marca de tal forma os debates atuais que qualquer pesquisa que não leva em conta as especificidades das minorias será criticada em termos das possibilidades de generalização de suas conclusões, mesmo quando seu universo é definido com bastante precisão. (DEBERT, 1992, p. 40).

Nesta pesquisa, percebemos o caráter heterogêneo das representações sociais de envelhecimento, mesmo em um universo pequeno de sujeitos entrevistados. Por isso, as categorias são constituídas por distanciamentos de concepções e representações.

É nesse contexto das experiências de envelhecimento heterogêneas que precisamos empreender uma discussão que vá além da responsabilização do sujeito por seu bom ou mau envelhecimento, possibilitando o envolvimento da sociedade neste processo, que não é somente do âmbito privado da vida.

Ligado ao caráter individualista de envelhecimento, também se encontra, nesta categoria, o conteúdo da velhice bem-sucedida associada a hábitos saudáveis de vida, como boa alimentação e atividade física. Destaca-se que este conteúdo surgiu somente

no grupo da Associação de Moradores, o que evidencia a heterogeneidade de pensamentos e representações sobre a velhice. Entre as falas, destaca-se a de Paulo:

Vou fazer ginástica na Orla, né? (sic) Faço 17 ginásticas, e os idosos lá todos admiram de mim, né? (sic) Aí perguntam: "Quantos anos"? Aí eu: "Não, mas eu sei como é que come, porque eu trabalhei em restaurante, né? (sic) Eu conheço os alimentos, né? (sic) Eu olho a data, ensino as pessoas a olharem a data da comida, né? (sic) [...] Não, cê (sic) pode, cê (sic) tem que fazer isso, fazer exercício e... alimentar bem", né? (sic). (Cf. Apêndice B, p.169)

Também podemos encontrar algo semelhante nas palavras de Francisca:

É a alimentação. Alimentação é muito importante, você tá (sic)... tá (sic) sempre mantendo sua alimentação equilibrada, porque... e a água também. Tem que tomar muita água. É a alimentação e a água. Você tem que se cuidar quando, cê (sic) pode ver, eu to com 65 e eu não tenho rugas, nem no braço nem no rosto. Todo mundo me pergunta, o que que (sic) eu faço, que creme que eu uso? Aí eu dou minha receita. Ó, você tem que comer muito legumes (sic), verdura, tomar suco natural né (sic)? Então você não envelhece. [...] Alimentação... alimentação é, agora eu, agora eu me cuido muito. Na, no legumes, verduras e frutas. Eu quase não como carne vermelha. Quase não como. De vez em quando meus filho (sic) vem que eles assa carne aí, mas eu como mais é frango, peixe. O peixe faz bem pro cérebro. (Cf. Apêndice B, p. 209)

Nos dois trechos citados acima, observa-se que essas pessoas acreditam que hábitos saudáveis podem minimizar o que é desagradável no envelhecimento. Certamente, hábitos adequados produzem boas condições de vida, mas há algo mais a ser discutido, além das recomendações e receitas para uma boa velhice. Esta concepção de envelhecimento bem-sucedido está muito presente no discurso da gerontologia, que incentiva a atividade física, a boa alimentação e o esforço de cada um. Como já foi discutido no capítulo 2 e em outros momentos deste trabalho, a concepção de boa velhice como algo que depende de cada indivíduo, acaba por responsabilizar os sujeitos pela sua boa ou má velhice, fica de fora desta discussão os limites econômicos e sociais que circundam o envelhecimento.

Percebe-se, nesta pesquisa, que os idosos e idosas mais jovens apresentaram esta representação social de velhice associada às atitudes individuais de vida saudável. Certamente, esta representação se dá porque esses/as idosos/as participam de movimentos em que este discurso é incentivado, como a própria Associação de Moradores e Universidades Abertas à Terceira idade. Além disso, todos/as que fizeram essas afirmativas estão em boa forma física e psicológica, e possuem condições de vida materiais e concretas que possibilitam acesso a uma vida saudável.

Junto deste conteúdo dos hábitos saudáveis, está o incentivo à vida ativa. Esta representação social apareceu em expressões que consideram a velhice como um momento em que permanecem as atividades, sejam elas intelectuais, físicas, de trabalho ou lazer. O seguinte trecho da entrevista com Cássio demonstra a velhice relacionada com a atividade:

Acordo cedo, a gente ajuda, aí vou pro trabalho, depois volto, a noite eu vou pra faculdade, né? (sic) [...] Olha, eu sempre participo de todas as comunidades, né? (sic) Eu acho que pra você fazer a diferença, acho que você tem que participar. Você tem que fazer, você tem que se expor, e se manifestar. (Cf. Apêndice B, p.161)

Na fala de Francisca, podemos perceber a importância de manter-se ativo para bem envelhecer ou, até mesmo, para não envelhecer:

A velhice? Cê (sic) sabe que a gente não envelhece. Se a gente manter a mente ocupada [...] Eu tenho muita atividade, eu ocupo muito minha cabeça. [...] Minha cabeça, pode ser que a pele envelhece (sic), os ano (sic) passa a pele envelhece né (sic), mas o espírito continua jovem. [...] Olha, hoje em dia os idosos, tão entrando no mercado de trabalho. [...] É você tá (sic) sempre pro... buscando coisas novas. Buscando atividades novas, conhecimentos novos. Hoje em dia, tem facilidade porque tem internet né (sic), tem, entra na internet aí faz a pesquisa. (Cf. Apêndice B, p. 199)

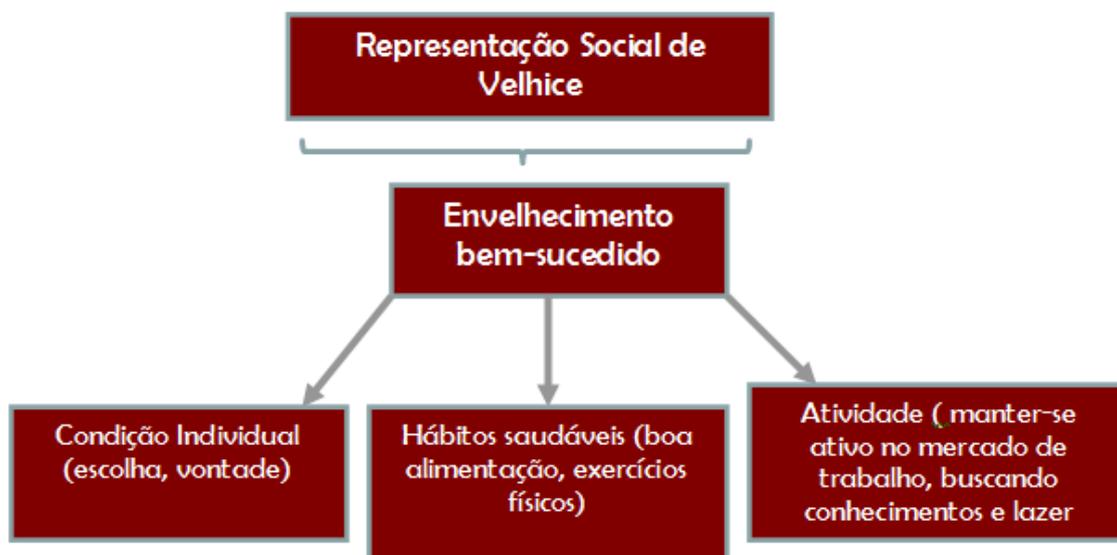
Francisca ainda relaciona atividade, envelhecimento e trabalho. Sua fala se aproxima do que foi discutido na categoria anterior, sobre o retorno de pessoas idosas aposentadas ao mercado de trabalho, buscando meios de manterem-se ativos. Parece que a velhice condiz com um certo vazio social, como explica Peixoto (2004), e para preencher esse vazio e não envelhecer, ou bem envelhecer, essas pessoas buscam manterem-se ativas.

Elma também comenta que não se sente envelhecendo e que isso está relacionado ao seu modo de viver sempre ativo: “Eu não estou me sentindo envelhecida, não. Eu não sei se é da minha luta, que eu não paro. [...]”.(Cf. Apêndice B, p. 190)

A representação social de velhice como um momento em que não se pode ficar parado/a é preeminente no discurso da gerontologia, em especial na Teoria da Atividade e Curso da Vida que, como evidenciado no capítulo 2 deste trabalho, fomenta a atividade em todos os âmbitos da vida do sujeito para que este possa envelhecer bem.

A figura 4 mostra como a representação social de velhice está construída nos conteúdos da valorização de hábitos saudáveis e atividade, ambas concretizadas no âmbito da escolha individual.

Figura 4 – Representações Sociais na categoria Envelhecimento bem-sucedido



No próximo item, discutiremos as categorias que surgiram no eixo temático da sexualidade.

6.3.2 Eixo temático: Sexualidade

O eixo temático da sexualidade apresenta as categorias que se formaram, a partir das falas dos sujeitos sobre o que entendem, como veem ou vivenciam a sexualidade. Os temas mais frequentes revelaram que, para os grupos investigados nesta pesquisa, a sexualidade tem origem divina, promove bem-estar físico e psicológico, depende de uma condição e vontade pessoal, pode gerar consequências negativas, quando praticada de forma errada, principalmente por uma juventude sem muita responsabilidade e zelo. As categorias formadas serão melhor discutidas nos itens a seguir.

a) Categoria: Religião e individualidade

Nesta categoria estão as falas que colocam a sexualidade como algo proveniente de Deus, o que evidencia o quanto a religião é importante na constituição do saber sobre a sexualidade na vida das pessoas entrevistadas. Há também um destaque para a sexualidade como uma escolha pessoal e individual. Esta relação entre religião e escolha pessoal será desenvolvida ao longo da discussão desta categoria.

Duas pessoas da Associação de Moradores e uma do Lar de Longa Permanência concebem a sexualidade como um presente de Deus e que, portanto, deve ser usada com respeito e parcimônia dentro das permissões religiosas. Nesta perspectiva, Omar afirma que a sexualidade: “[...] é um fenômeno, uma coisa que Deus deixou. Então, acho que deve ser abençoado [...]” (Cf Apêndice C, p. 225).

Segundo Duarte (2005), a relação entre religião e sexualidade está muito presente dentre as percepções do mundo ocidental moderno, principalmente na sociedade brasileira, onde há o que o autor chama de “sensibilidade geral ao religioso”, já que a religião é uma característica que faz parte da estrutura da cultura nacional.

Duarte (2005) usa a definição de *ethos* privado para explicar como a sexualidade está envolta pela oposição entre público e privado, pois ao mesmo tempo em que corresponde à vida particular, também é alicerçada no âmbito religioso e público.

Concordamos com Duarte (2005) que a definição de *ethos* privado é mais adequada, pois engloba tanto a sexualidade, quanto outras esferas da vida cotidiana a ela relacionada: “[...] compreendendo-se aí todos os valores, sentimentos e comportamentos relacionados ao prazer corporal, à satisfação moral, à reprodução sexual e à conjugalidade.” (DUARTE, 2005, p. 138).

Esses valores, sentimentos e comportamentos pertencentes à sexualidade e ligados às questões religiosas podem ser observados na fala de Francisca:

[...] se não fosse pra existir Deus não deixaria né (sic)? Não dizia pra Adão e Eva "Ide, crescei-vos e multiplicai-vos". Como é que eles iam (sic) se multiplicar? Através de que? [...] É, e eu penso assim também. Só que dentro da nossa religião a gente tem, é uma determinada doutrina. Tão (sic), se, por exemplo, eu não posso namorar um, uma pessoa que não seja evangélico. Tem que ser evangélico. Pode ser da “Deus é Amor”, de qualquer outra denominação, mas tem que ser evangélico, porque... porque o que tá (sic) dentro do, da Bíblia os evangélicos segue (sic) o que tá dentro da Bíblia. [...] Se tivesse tempo eu ia te mostrar na bíblia onde tá (sic) escrito que o corpo da gente é templo de Deus. E... eu vou te falar uma coisa! Quando a gente não, a gente não, não tá (sic) assim namorando com um, assim com outro né (sic), Deus abençoa tanto, purifica tanto a gente que tudo que cê (sic) pede, pede, pra Deus ele te dá. Interessante viu? [...] É! Porque a gente não, não se prostitui né (sic), não deita com qualquer pessoa né? (Cf. Apêndice B, p.204)

Para Francisca, as vivências afetivas e sexuais precisam ser reguladas por uma instância religiosa. Duarte (2005) afirma que esta maneira de lidar com a sexualidade está no âmbito estruturante do *ethos* religioso: “[...] como disposição ética ou comportamental associada ao universo religioso.” (DUARTE, 2005, p. 141). Ou seja, a maneira como as pessoas vão se comportar em suas experiências afetivas e sexuais é pautada nas determinações das doutrinas religiosas.

O *ethos* religioso é, segundo o autor, uma das dimensões estruturantes da sociedade moderna. Nesta estrutura, o sujeito envolve os preceitos religiosos em seu cotidiano e na maneira que organiza sua vida.

Apesar disso, Duarte (2005) mostra que dentro da dimensão do *ethos* religioso não há uma obrigatoriedade e exigência de se vivenciar o que determinada doutrina religiosa dispõe sobre sexualidade. Segundo o autor, a pessoa pode sentir-se pertencente a determinada religião, mas nem sempre compartilha de seus mandamentos ou doutrinas:

Isso significa que a continuidade de um “pertencimento” ou de uma “adesão” não significa necessariamente a obediência aos ditames doutrinários ou pastorais. A distinção entre o pertencimento e a adesão permite, por outro lado, que se compreendam as múltiplas situações – típicas do mundo moderno – em que a frequência da congregação ou do espaço religioso envolvido não corresponda necessariamente a um continuado sentimento interior de compartilhamento dos valores ou crenças específicos aí cultivados (ou vice-versa). (DUARTE, 2005, p. 142).

Neste estudo, pudemos verificar essa relação da sexualidade e religião no mundo moderno, pois ainda que as pessoas entrevistadas tenham destacado o valor da religião em suas representações sociais de sexualidade, a maioria também frisou a importância da individualidade e da escolha quando se trata da vida afetiva e sexual.

Sobre este duplo conteúdo da representação social associada à religião e também à escolha pessoal, Duarte (2005) discute a coexistência na modernidade do pensamento religioso, que estrutura modos de ser e também do racionalismo científico, sustentado nos pilares do individualismo e da ideologia laica:

À importante literatura especializada clássica acrescenta-se sem cessar a contribuição da pesquisa e da reflexão contemporâneas, baseadas sobretudo na constatação (e interpretação) da continuada vitalidade dos fenômenos explicitamente religiosos, em contraste com a ambição originária do racionalismo, intrínseco à ideologia moderna, de dissipação de toda crença ou representação coletiva apriorística [...]. (DUARTE, 2005, p. 140).

Ou seja, há uma correlação entre o pensamento religioso coletivo e o pensamento individualista moderno. Foi bastante presente, neste estudo, a concepção de sexualidade como uma escolha pessoal, algo que alguns/as gostam e outros/as não, que é prioridade em alguns relacionamentos, mas não em outros. Sete entre oito pessoas entrevistadas relataram que o valor que se dá ao sexo em uma relação depende do casal.

Este conteúdo da representação social de sexualidade relacionada à individualidade pode ser visto na fala de Sílvia:

Tem gente que gosta né? (sic). Tudo mundo não igual. Eu não sou igual a você e você não é igual a eu (sic) né? Cada um tem uma necessidade, uma... [...] Eu acho que cada um pensa de um jeito né? (sic). [...] porque cada um tem uma temperatura isso que eu acho né? (sic). Você gosta de namorar, tem dois três namorados né? (sic). E eu as vez (sic) não gosto, cada um com... é isso que eu entendo né. (sic). (Cf. Apêndice C, p. 247)

Também encontramos algo semelhante na entrevista de Francisca:

[...] pra quem gosta de namorar né (sic)? [...] Eu acho que é, a pessoa, por exemplo, tendo a oportunidade dela... dela ter... [...] e se essa pessoa vai se sentir bem, ela tem mais é que fazer. [...] Sentiu vontade? Teve oportunidade? Vai fazer. (Cf. Apêndice B, p.203)

A questão da individualidade e da escolha pessoal nas vivências afetivas e sexuais surgiu tanto nas falas dos homens quanto das mulheres, e também em ambos os lugares: Associação de Moradores e Lar de Longa Permanência. Duarte (2005) mostra que a ênfase no caráter individual da sexualidade é proveniente da herança moderna calcada em novas formações doutrinárias ou institucionais, como a ciência, a psicanálise e a militância política.

Ao discutir a individualidade e as escolhas, entramos na característica especialmente histórica que envolve as representações sociais de sexualidade para o grupo investigado. Nota-se a divisão entre mundo público (valorização da religião) e mundo privado (valorização da individualidade) para conceituar um mesmo fato, que é a sexualidade. Esta cisão é própria das sociedades modernas, onde surgiu a divisão social do trabalho e das classes, como afirma Heller (1977), repartindo as esferas particulares e universais da existência. O sujeito e suas representações passeiam nessas esferas e, assim, constituem a si mesmos, constroem saberes e representações sociais.

Ou seja, coexiste uma representação social de sexualidade que se relaciona com a crença, mas que também se estrutura na individualidade e particularidade. Esta mescla de conhecimentos é muito presente nas Representações Sociais, pois não exclui os saberes da ciência, do senso comum e das crenças. As Representações Sociais também carregam características relacionais entre o que é individual e particular, e o que é público.

A figura 5 ilustra a representação social de sexualidade ligada à religião e também às escolhas pessoais:

Figura 5 – Representações Sociais na Categoria Religião e Individualidade



b) Categoria Sexualidade e Bem-Estar

Esta categoria é formada pelas considerações sobre as consequências positivas provenientes da sexualidade, como a saúde, o bem-estar físico e mental, a companhia, o amor e o prazer. Também concebem a sexualidade como resultado de uma boa saúde.

A fala de Francisca exemplifica a representação social de sexualidade associada ao bem-estar e à boa saúde:

Mas eu entendo que o sexo, além de ele fazer bem pra saúde, ele tem, ele traz vários benefícios. Cê (sic) pode ver as pessoas que tem a sexualidade em dia, é difícil elas tem (sic), assim... é... morre (sic) de, ataque cardíaco né (sic). É difícil a gente ver pessoas assim. [...] Mas fazer sexo é bom, você tendo entendimento com seu parceiro, muito bom. Eu entendo. E faz bem pra saúde também. [...] Porque isso faz bem pra gente. Faz bem pra cabeça, pro corpo, pra tudo! Eu entendo assim, não sei... (Cf. Apêndice B, p.204)

A resposta de Cássio também evidencia a questão da saúde associada às vivências sexuais e afetivas: “[...] então se você tem uma cabeça boa, uma vida saudável, com certeza por muito tempo você vai ta usando da sexualidade... [...]”. (Cf. Apêndice B, p.163)

É interessante que o aspecto saudável que envolve a sexualidade para as pessoas entrevistadas vai além da saúde do corpo, mas também atinge a saúde psicológica e emocional, como explica Paulo: “Então... é um... um sistema assim posso dizer... de

alegria, de... humildade, né? (sic). A pessoa se ama. [...] é uma coisa de amor, é uma saúde, [...]”. (Cf. Apêndice B. p.175)

Sobre esta representação social de sexualidade na velhice relacionada com a saúde, podemos afirmar que tem sido um tema bastante trabalhado pela gerontologia, sendo mais um indicador de qualidade de vida no envelhecer. De acordo com Alves (2012):

Essa negação do lugar da sexualidade na velhice vem sendo aos poucos substituída por um discurso que aponta para a promoção da sexualidade como um recurso para garantia de autoestima na vida madura. Esse discurso, propagado por geriatras e gerontólogos, atribui à sexualidade um papel terapêutico e está acompanhado por um arsenal de medicamentos e técnicas que tratam do sexo como um instrumento, mensurável, controlável e que, bem manipulado, pode gerar um aumento de saúde mental e física (KATZ; MARSHALL, 2004). (ALVES, 2012, p. 267-268).

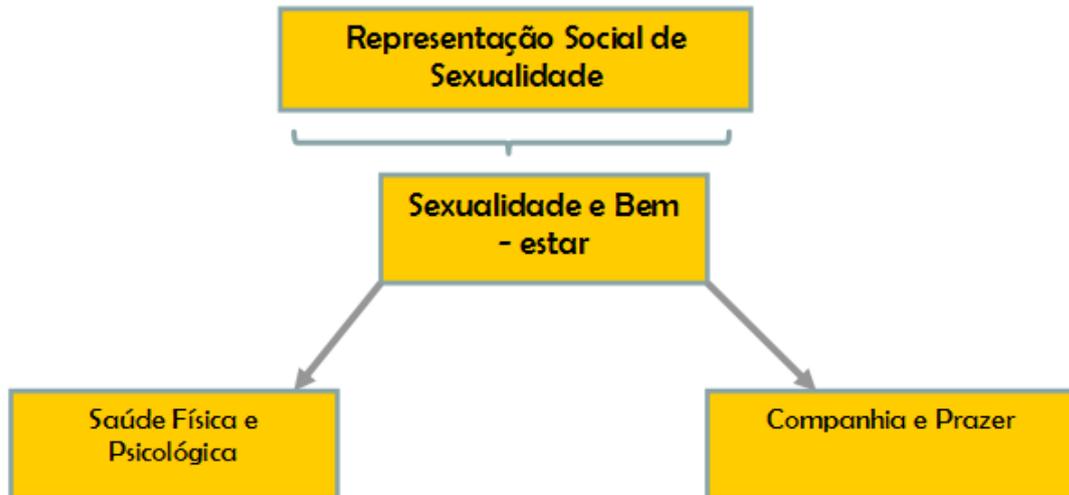
Se há um mito sobre uma velhice assexuada ou desviada, como afirmou Ribeiro (1996), este vem sendo substituído por novas representações de sexualidade na velhice que, ao contrário disso, enfatiza a sexualidade e a coloca como um dos pilares que sustentam o bom envelhecer.

Debert e Brigeiro (2012) mostram que há uma erotização da velhice com o intuito de promover o envelhecimento bem-sucedido. Percebe-se que este discurso gerontológico que fomenta o bom uso da sexualidade na velhice já alcançou as pessoas participantes deste estudo e compõe uma de suas representações sociais sobre sexualidade.

Seis dos/as oito participantes afirmam que a sexualidade produz bem-estar. Contudo, uma variável importante a ser analisada é o contexto no qual vivem essas pessoas, pois o grupo da Associação de Moradores foi o que realmente associou a sexualidade na velhice à saúde física, psíquica e emocional. No Lar de Longa Permanência foi enfatizado que a sexualidade na velhice é algo positivo e que permite a convivência e companhia. Esta variável pode indicar que as pessoas da Associação de Moradores está muito mais em contato com o discurso da gerontologia propagado nos lugares que eles e elas costumam frequentar, como a própria Associação e as Universidades Abertas à Terceira Idade.

Na figura 6, podemos verificar a representação social construída com base nesta categoria:

Figura 6 – Representações sociais na categoria Sexualidade e Bem-Estar



c) Categoria Sexualidade e Gerações

Nesta categoria, as pessoas entrevistadas fazem uma comparação das vivências afetivas e sexuais de seu tempo e as que se dão nos dias de hoje. Segundo os participantes da pesquisa, há uma mudança drástica na forma de viver relacionamentos, concordando que hoje as relações são descartáveis, irresponsáveis e descompromissadas, o que gera consequências ruins, como violência, briga e desestruturação familiar.

Quando questionado sobre a sexualidade, Paulo afirma que os jovens a experimentam de uma maneira descompromissada, sem limites:

Agora, tem muitos sem é... regra, né? (sic), sem limite, então tem que ter tudo uma coisa compatível. [...] hoje em dia, jovem aí com um ano, uma menina aí conhecida minha "É Sr. Paulo, eu tenho uma coleguinha minha, morou um ano só com o rapaz...". Então, eles não tem maturidade, né? (sic). Então, tão (sic) muito precoce, mas as liberdades (sic) [...] E assim tá hoje o sexo... Hoje tem muita facilidade pra sexo, se eu quisesse eu tinha muitas mulheres. Mas eu não posso fazer isso, tem um... tipo uma moral [...]. (Cf. Apêndice B p. 178)

Neste mesmo pensamento sobre a sexualidade das gerações atuais, Omar declara:

[...] nós estamos ficando quase como os animais. Se encontram e "tchau, bença"! (sic). Entendeu? [...] Porque, com consciência do que tá (sic) fazendo, porque, veja bem, a responsabilidade é dupla. Né (sic)? Ninguém tem essa responsabilidade. Ah, uns vai (sic) e namora (sic) dois, três dias e deu! Tchau. Não trabalha pra sustentar o filho. Né? (sic). Isso... isso daí se torna uma perdição pro ser humano, né? (sic). [...] E assim a vida foi rodando até chegar aos dias de hoje e cada vez vai piorar mais no lado matrimonial, no lado matrimonial vai perdendo campo, né? (sic) Para uma espécie de liberdade. (Cf. Apêndice C p. 225)

Foi significativo o número de pessoas que consideram as relações afetivas e sexuais de hoje em dia mais negativas do que as de antigamente. A metade dos entrevistados afirmou tal concepção, embora uma entrevistada tenha destacado que, além dos jovens viverem a sexualidade de forma irresponsável e desregrada, também há muitas pessoas idosas despreocupadas com as consequências ruins provenientes de relacionamentos afetivos e sexuais banalizados.

A banalização do sexo pelas gerações mais novas também foi relatada por Alves (2012) em um estudo com mulheres idosas. Segundo Alves (2012), para as mulheres que fizeram parte de sua pesquisa, a desvalorização do sexo é decorrente da corrupção dos valores antigos pelos movimentos libertários que surgiram nos anos 70.

Na pesquisa da autora, é possível observar o movimento da sociedade e as modificações das representações sobre sexualidade ao longo da história. As mulheres entrevistadas estavam na faixa etária dos 60 a 68 anos. Quando iniciaram suas vidas sexuais, o sexo estava muito envolto por tabus e não-ditos. Além disso, prevaleciam normas sociais que permitiam a sexualidade somente no casamento; outras possibilidades sexuais estavam descartadas pelos princípios morais.

Alves (2012) discutiu, em seu estudo, a questão da virgindade e iniciação da vida sexual para as mulheres entrevistadas e observou que há outras normas e valores circulando na contemporaneidade, o que não significa uma banalização ou relações descomedidas:

O fato de que a primeira relação ocorra mais cedo atualmente, tanto em termos de faixa etária quanto em termos de formação da díade, não implica que a sexualidade esteja desregada. A norma do casamento arrefeceu, e a experiência sexual tomou um novo sentido para os indivíduos, principalmente para as mulheres. (ALVES, 2012, p. 279).

O que Alves (2012) nos mostra é que foram construídas outras normatividades que regulamentam a vida sexual das pessoas, em especial, das mulheres. Na contemporaneidade, a aliança entre sexo e casamento foi substituída pela responsabilidade individual e novas formas de estabelecimento de vínculo entre os pares. Alves (2012) revela que:

A primeira transa hoje tem regras, mas regras que não se ancoram mais em diálogos com o princípio da conjugalidade, da parentalidade e da referência aos pais. O horizonte de julgamento, hoje em dia, está no princípio do prazer individual, da autonomia e das relações entre pares da mesma idade. (ALVES, 2012, p. 283).

De acordo com a autora, os significados que envolvem a sexualidade para cada geração são diferentes, mas nem por isso deixam de existir as regras e regulamentações sociais para as vivências afetivas e sexuais. Estas apenas foram se modificando ao longo da história, com grande influência dos movimentos sociais libertários, que trouxeram a sexualidade para o âmbito público.

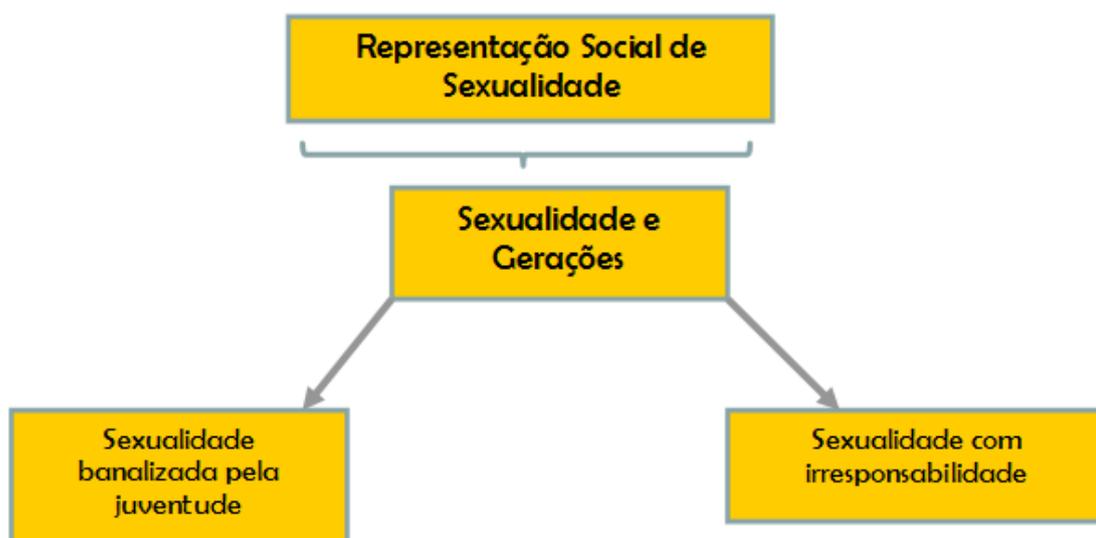
Na presente pesquisa, houve um destaque para a questão de gênero quanto à representação de sexualidade banalizada pela juventude, pois das quatro pessoas que afirmaram esta concepção de sexualidade, três são homens.

Os entrevistados construíram esta representação social de sexualidade banalizada pelos jovens, pois podem ter percebido uma diferença muito grande em relação ao modelo de sociedade e construção familiar na qual viveram sua juventude. De acordo com Alves (2005), este modelo familiar condizia com a família clássica patriarcal, cuja característica principal é a: “[...] ênfase nas relações de reciprocidade e de complementaridade entre as gerações e os sexos [...]”. (ALVES, 2005, p. 19).

Neste modelo antigo predominava a autoridade masculina que, como responsável pela família, não podia deixar que esta instituição ficasse comprometida. A partir da modernidade e na contemporaneidade isso ficou diferente, novas organizações familiares estão se constituindo, é comum a separação e o divórcio e, principalmente, os papéis de gênero na autoridade frente à família estão mais divididos. Alves (2005) ressalta que, neste momento da família contemporânea, a ênfase está na individualidade e na livre escolha.

A figura 7 sintetiza a organização desta representação social:

Figura 7 – Representações Sociais na Categoria Sexualidade e Gerações



No próximo subitem, iremos trabalhar o eixo das diferenças de gênero nas representações sociais de homem e mulher para as pessoas que participaram deste estudo.

6.3.3 Eixo temático: Diferenças de gênero nas vivências afetivo-sexuais

Neste eixo temático são apresentadas as diferenças de gênero nas vivências afetivas e sexuais de mulheres e homens mais velhos/as. Foi comum, em ambos os grupos, as concepções de que a mulher não é educada para a sexualidade e na velhice não cabe a ela viver relações afetivas e sexuais. Por outro lado, as pessoas deste estudo

também disseram que, hoje em dia, a mulher está tendo mais liberdade na sexualidade e em outros campos da vida, sendo até mais interesseiras e desrespeitosas nos relacionamentos. Sobre o homem, foram comuns as falas de que ele tem mais autoridade e que é mais influenciado a viver a sexualidade.

As categorias serão melhor abordadas a seguir:

a) Categoria: Mulher

Esta categoria expõe como as pessoas que participaram desta pesquisa concebem as vivências afetivas e sexuais da mulher. Há ambivalências nos conceitos dos/as participantes e duas representações distintas e marcantes sobre a mulher. Uma representação é de que a mulher, principalmente a idosa, não tem liberdade para vivenciar a sexualidade e, até mesmo, chega a negá-la e não pensar sobre ela.

Ao contrário desta representação social, há outra de que, atualmente, as mulheres vivem em pé de igualdade com os homens, tanto no âmbito do trabalho quanto nos relacionamentos, sendo mais interesseiras e traidoras, e tendo mais liberdade em suas relações afetivas e sexuais.

Sobre esta negação da sexualidade à mulher, Cássio afirma que as mulheres são educadas desde criança para não se relacionar com a sexualidade:

[...] o gênero feminino ele sempre é criado assim: a minha filha vai estudar, vou comprar uma bonequinha pra ela, ela vai ser isso e aquilo e nunca se pensa na sexualidade. [...] Mas só que no... é quando chega no termo “gênero” feminino a situação muda, né? (sic) Para a menina do meu vizinho pode, mas pra minha filha, não. Né? (sic) Então aí não é... já há uma discriminação aí gravíssima, né? (sic) Que vem da formação dos pais, porque nós, nós fomos criados realmente é... sobre o... espírito machista, né? (sic) Ainda muito machista. [...] Então tem uma discriminação sim, com relação à mulher existe sim. Então gera uma diferença... e isso gera uma diferença enorme na criação do gênero masculino para o feminino. Enorme. Que seria uma grande discriminação. (Cf. Apêndice B, p. 163)

Este entrevistado foi o único que teve um posicionamento crítico frente às relações de gênero. Cássio levantou as diferenças na educação dada a homens e mulheres, e também a questão do machismo presente na sociedade. Destaca-se que este é o mais jovem homem dos sujeitos da pesquisa e também o único que teve acesso ao ensino superior, tendo concluído uma graduação em Pedagogia. Pensamos que este contexto tenha proporcionado informações para que ele construísse esta representação sobre a mulher. O fato de ser mais jovem e pertencente à classe média urbana favoreceu

para que Cássio tenha vivenciado as mudanças e transformações provenientes dos movimentos sociais, como o feminismo e, desta maneira, possui uma visão crítica das relações desiguais de gênero.

O veto sobre a sexualidade na vida das mulheres foi descrito por duas entrevistadas do Lar de Longa Permanência. Estas mulheres têm entre 85 e 93 anos e foram educadas na clássica família patriarcal, onde a sexualidade na vida da mulher era ainda mais interdita e vigiada. Ambas não foram casadas, embora uma delas tenha tido um filho. As duas relatam, com certo pesar, que “escolheram demais” e acabaram ficando sozinhas. Sobre essa experiência, Tereza diz:

Se eu não me casei, que eu fui pedida em casamento com 16 anos, num dia só fui pedida por dois, um primo e outro sobrinho do meu cunhado, e eu não quis. Agora, depois dos 64 anos? Nunca tive namorado, não tive nada, agora vou casar com 64 anos? Que isso! [...]. (Cf. Apêndice C, p. 258)

Atualmente, Tereza tem 93 anos, mas relata que aos 64 foi pedida em casamento e achou muito tarde para ter um relacionamento amoroso. Assim como Teresa, Sílvia também traz uma representação de que a sexualidade da mulher idosa é vergonhosa e já não é algo que lhes cabe: “Pra quê? Pra que que eu vou bancar a assanhada aqui pra... pra ficar como doida né? (sic)”. (CF. Apêndice C p. 245).

A fala destas mulheres pode ser explicada pela não-permissão da vivência sexual fora da função reprodutiva e do padrão normativo, que delega a sexualidade à juventude e à vida adulta. Alves (2005) nos mostra que a velhice feminina é frequentemente concebida no espaço doméstico e privado, com imagem de avó, esposa, mãe e dona de casa. Quando a mulher perde a função reprodutiva, são esses outros papéis a elas investidos e não a imagem de mulher namoradeira.

Esta representação sobre a ausência da vida afetiva e sexual da mulher idosa foi construída por elas desde a juventude, em que a sexualidade era bastante envolta por tabus e proibições. Alves (2005), em seu estudo sobre família, sexualidade e velhice feminina, discute as vivências afetivas e sexuais de mulheres que viveram a juventude nos anos 50:

Em minhas pesquisas, as mulheres se referem frequentemente à moral reinante na época de sua juventude – anos 50 -, que condenava as mulheres que se “aventuravam muito fora de casa”. Uma “moça de família” não ficava sozinha ou com amigas fora do lar e mesmo os programas de lazer, como cinema e o “bailinho”, eram sempre vigiados por um adulto, de preferência uma mulher mais velha: mãe, tia ou vizinha. (ALVES, 2005, p. 25).

As duas mulheres do Lar de Longa Permanência também passaram pela juventude na década de 50 e, com isso, construíram representações sociais bastante fundamentadas nos princípios morais desta época sobre o papel da mulher diante dos relacionamentos amorosos e sexuais.

Percebe-se que a questão geracional é fundamental na análise destas representações sociais, pois temos outras concepções sobre a mulher e seus relacionamentos na fala das duas entrevistadas da Associação de Moradores.

Estas mulheres, com faixa de idade entre 62 e 65 anos, viveram a juventude entre os anos 60 e 70 e, com isso, foram mais impactadas pelos movimentos sociais e políticos a respeito da questão de gênero. Também há uma variável concreta do contexto em que vivem, ambas de camadas médias urbanas. Francisca e Elma comentaram sobre as mudanças na vida da mulher. Ambas afirmaram que, hoje em dia, a igualdade entre homens e mulheres já pode ser percebida em alguns âmbitos da vida, como trabalho e relacionamentos. Elma diz:

Eu não sei, tenho a impressão que está meio igual agora já. Teve uma época que “ah só falavam que os homens que eram... não sei o quê”, mas acho que depois que ficou essa a... as mulher ter... como se diz? A mulher ter as mesmas... quase as mesmas igualdades do homem de participar, de sair, de trabalhar; elas não ficam pra trás não... Elas também tão bem... (risos). [...] mas acho que na minha opinião homem e mulher “tão” meio... igual, né (sic)? (Cf. Apêndice B. p. 192)

Francisca afirma que as mulheres tem jornada tripla e que, muitas vezes, não são compreendidas pelos homens e desvalorizadas pela sociedade, pois têm mais preocupações, tendo que trabalhar, cuidar da vida doméstica e conjugal: “[...] mulher trabalha mais, cê (sic) sabe né que a jornada da mulher é dupla né (sic)? Quando tem filho pequeno é tripla. Né (sic)? Então, a mente dela já tá (sic) mais cansada, tá (sic) preocupada com aquilo, [...]” (Cf. Apêndice B p. 207)

Percebe-se que as entrevistadas destacaram as mudanças na vida das mulheres, mencionam a igualdade nos relacionamentos e no trabalho. Podemos notar a importância dos movimentos históricos e sociais que transformaram representações sociais e modos de ser das mulheres de camadas médias urbanas, como aceleração da urbanização, conquistas provenientes do movimento feminista e a revolução sexual:

As mulheres das camadas médias urbanas que têm hoje entre sessenta e setenta anos assistiram a mudanças fundamentais na sociedade brasileira: a aceleração da urbanização e as conquistas feministas foram as que mais de perto tocaram o cotidiano dessas mulheres. A valorização do trabalho da mulher fora do lar e a “revolução sexual” são aspectos de um processo de mudanças que atingiu essa geração de mulheres. Os efeitos dessas mudanças, se não foram diretamente sentidos em sua juventude, estão agora gerando consequências na velhice. (ALVES, 2005, p. 25-26).

Alves (2005) percebeu, em sua pesquisa, que as mulheres idosas mais jovens estão se apropriando das ideias libertárias e quebrando com a repressão que viveram na juventude e vida adulta. A autora evidencia que os movimentos abertos à terceira idade são lugares onde essas mulheres podem viver sua individualidade e usufruir dos espaços públicos, outrora povoados, em sua maioria, pelos homens.

Na presente pesquisa, também foi possível verificar que entre as idosas mais jovens houve uma mudança na representação sobre o gênero feminino. Elas declaram, em suas palavras, as vivências do cotidiano, no qual percebem e até vivem a independência e autonomia.

Quando as entrevistadas mencionam que hoje há igualdade entre homens e mulheres e falam sobre a mulher no mercado de trabalho, notamos transformações nas representações sociais. Essas mudanças se dão por conta de movimentos da história e da cultura, que são fundamentais na construção de saberes sobre as relações de gênero.

Já dentre os homens, foi muito significativa uma representação social pessimista sobre a maneira que as mulheres vivem os relacionamentos afetivos e sexuais. Três deles, na faixa de 71 a 85 anos, não veem as mudanças nas relações de gênero como algo favorável para a sociedade e relacionamentos.

Mas é importante considerar a trajetória afetiva dos três, que relatam experiências ruins em seus relacionamentos amorosos. Paulo comentou sobre as dificuldades de se relacionar com mulheres, pois sempre há por parte delas um interesse econômico e não apenas afetivo. Ele relata algumas más experiências nas quais saiu prejudicado. Otacílio e Omar falam sobre a frieza das mulheres, que são interesseiras e traidoras. Eles também não mencionaram boas vivências nos relacionamentos.

Para Omar, de 85 anos, os movimentos libertários em favor das mulheres prejudicaram a sociedade e a organização familiar:

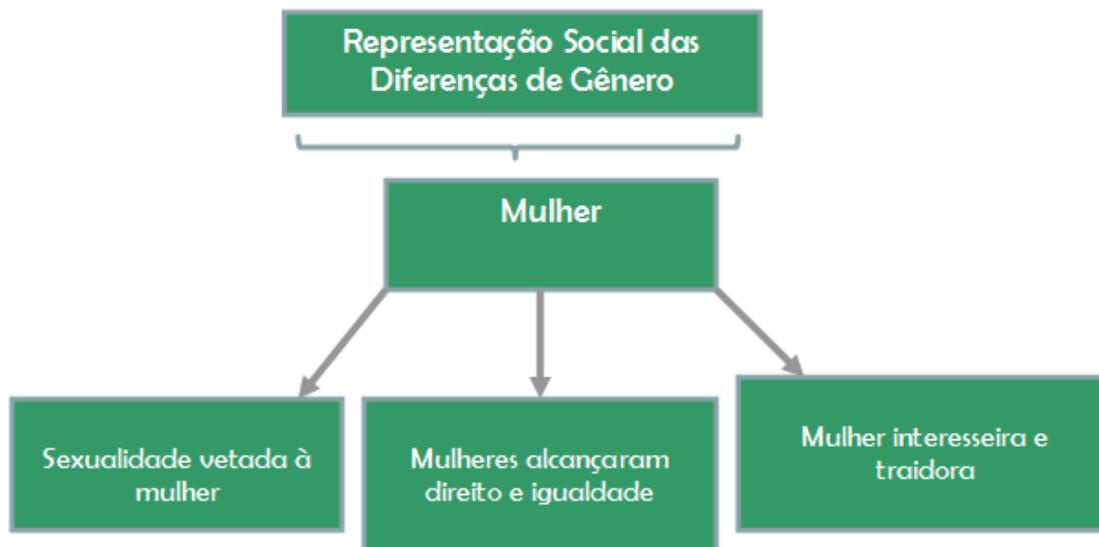
Olha, eu digo pra você uma coisa, dado o sistema moderno hoje, da libertação feminina é... dá uma euforia, não pode ver um homem bonito, né? (sic). [...] E a mulher tem bastante direito, trabalhou, tem o direito dela, né? (sic). Então, ela não quer que seja jogado fora, jogado fora o dinheiro. [...] Porque, cê (sic) veja bem, a... a mulher a (sic) entrando muito no campo político, o dia que tiver muitas governadoras a guerra será real. [...] Foi São Pedro que inventou o casamento, que a mulher das épocas antiga (sic) é uma escrava e pra libertar a mulher e dar direito à ela, uma recompensa, é que ele inventou o casamento. [...] Até bem pouco tempo é... a mulher era uma escrava né? (sic). (Cf. Apêndice C. p. 224)

Apesar de reconhecer as conquistas femininas, Omar preocupa-se com a liberdade que a mulher tem alcançado, pois na sua época as coisas eram muito diferentes. Em decorrência dessa liberdade, a mulher pôde sair do âmbito privado e ir em busca de seus próprios interesses individuais. Talvez essa seja a razão da insatisfação destes homens com a liberdade da mulher e, assim, afirmarem que elas sejam mais interesseiras e ambiciosas. Para Paulo, as mulheres entram em um relacionamento com interesses financeiros e não afetivos, e Otacílio diz que são mais traidoras.

A liberdade da mulher não é algo positivo para esses homens, que constituíram suas identidades em uma clássica família patriarcal, como afirmou Alves (2005), onde a mulher cabia papéis bastante restritivos ao âmbito doméstico, ao cuidado do lar e do homem.

Percebe-se que nesta categoria há duas representações sociais das vivências afetivas e sexuais das mulheres, que se transformaram ao longo da história e dependendo do contexto, trajetória de vida e idade das pessoas entrevistadas. De um lado, há a representação de que a sexualidade é vetada à mulher e, de outro, uma representação de mulher que já conquistou direitos iguais e, até mesmo, é mais interesseira e traidora. A figura 8 sintetiza a representação social de mulher neste estudo:

Figura 8 – Representações Sociais na Categoria Mulher



No próximo item, trabalharemos a categoria Homem e as representações sociais evidenciadas a partir dela.

c) Categoria: Homem

Os/as participantes possuem uma concepção de homem bem centrada na questão da sexualidade, dos instintos, da autoridade e da detenção de direitos sobre a mulher. Com isso, há participantes que afirmaram ser o homem violento e ciumento, sendo responsável pelo fim dos relacionamentos. Existe uma representação forte de que o homem está mais ligado ao sexo do que a mulher.

Sobre o homem viver mais a sexualidade do que a mulher, há afirmações como a de Francisca: “A mente do homem é safada. Ele chega já, já impondo (sic) alguma coisa onde ela talvez tá (sic) na TPM dela, né? Aí já dá uma resposta, aí ele aproveita vira as costas e ó. Quer dizer, mas ele deu oportunidade dela entrar em conflito com ele [...]” (Cf. Apêndice B, p 208.). Omar também considera que o homem é muito mais voltado para a sexualidade: “Não, primeira coisa que... o homem depende do sexo pra poder agir [...]” (Cf. Apêndice C, p.226).

Em relação às vivências afetivas e sexuais na velhice, o homem também é lembrado como o frequentador de bailes e namorador, segundo Cássio: “Não sou assim tipo... um solteirão, né? (sic) Baileiro (sic) que vai aqui, que vai ali e curte, posso até ir, mas não... não com essa... com esse intuito né? (sic) De conhecer, de namorar, outras pessoas.” (Cf. Apêndice B, p. 164).

É interessante perceber que Cássio não se coloca como esse tipo de homem mais velho disposto às saídas e encontros afetivos e sexuais, mas quando questionado sobre a vida afetiva e sexual do homem idoso, o entrevistado logo traz esta representação.

Não surgiu nas falas sobre o homem uma representação que o afaste da sexualidade e vida afetiva, como foi presente nas representações sobre a mulher. Não há questionamentos em relação à ênfase na sexualidade masculina.

Além do destaque na sexualidade do homem, as pessoas entrevistadas também afirmaram que ele é mais ciumento e violento nos relacionamentos. Segundo Elma: “Mas que homem aparece mais ciumento, acredito que seja... mais ciumento que a mulher.” (Cf. Apêndice B p. 192).

Omar considera que o homem é semelhante aos animais machos que brigam por uma fêmea: “O homem já não, todos os animais, digamos, o macho se arrebatam brigando por causa de uma fêmea. E o homem é a mema (sic) coisa, o homem tem ciúme da namorada, da... é um instinto que vem do ser humano e dos animais também.” (Cf. Apêndice C, p.224).

As pessoas entrevistadas acreditam que o homem age por instinto e impulso, como os animais. Tanto é que Francisca comenta sobre a necessidade do homem se preparar melhor para viver os relacionamentos, pois não sabe lidar com as mulheres:

Ele precisa ser mais preparado. Ele tem que se preparar melhor pra poder ter um casamento duradouro, senão não dura. [...] Porque aí ó (sic), eles vão saber me... tratar melhor suas mulheres. [...] O homem é, é o culpado de 90% o homem é culpado. Então eu penso dessa maneira. (Cf. Apêndice B, p. 206).

É claro, na representação do grupo, que o homem esteja ligado aos instintos, que não consegue controlar os impulsos animais, como a agressividade e a sexualidade. Esta representação deflagra as permissões que histórica e socialmente são dadas aos homens e negadas às mulheres, também configura a naturalização das relações de gênero. Sobre este aspecto, Saffioti (2004) nos diz:

A mulher foi socializada para conduzir-se como caça, que espera o “ataque” do caçador. À medida, no entanto, que se liberta deste condicionamento, passa a tomar a iniciativa, seja no seio do casamento, seja quando deseja namorar um rapaz. Como o homem foi educado para ir à caça, para, na condição de macho, tomar sempre a iniciativa, tende a não ver com bons olhos a atitude de mulheres desinibidas, quer para tomar a dianteira no início do namoro, quer para provocar o homem na cama, visando a com ele manter uma relação sexual, [...]. Os condicionamentos sociais induzem muitos a acreditar na incontrolabilidade da sexualidade masculina. (SAFFIOTI, 2004, p. 27).

A partir deste trecho de Saffioti (2004), podemos retomar a representação de mulher interesseira e traidora, bastante comentada entre a maioria dos homens deste estudo e que não foi bem vista entre eles. Já a representação de homem é marcada pelo indiscutível lugar de macho, que não sabe controlar suas vontades e desejos.

Fica também evidente nas falas dos/as participantes da pesquisa uma concepção de sociedade organizada pela cultura patriarcal, em que o homem tem mais poder e superioridade do que a mulher e, além disso, também tem mais liberdade para viver a sexualidade.

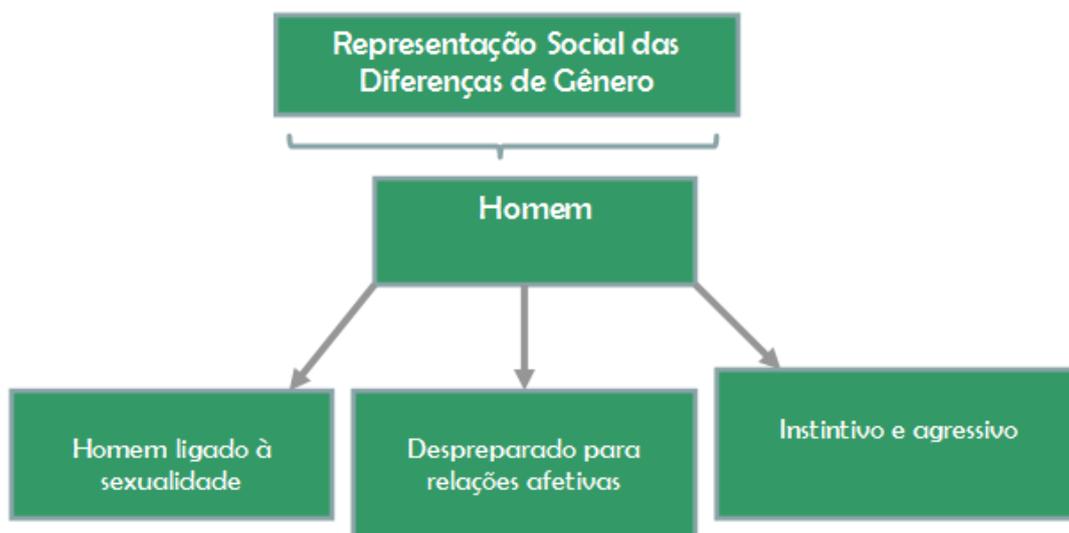
De acordo com Saffioti (2004), o conceito de patriarcado tem estado presente em diferentes momentos da história da humanidade e nesta trajetória apresentou facetas diversas, contudo, continua existindo. A autora esclarece que, por exemplo, a dominação e exploração masculina na Roma antiga, que detinha direitos de vida e morte sobre as mulheres, hoje se traduz nos crimes de homicídio com altas taxas de impunidade.

Percebeu-se uma maior coesão na representação social sobre como o homem vive a sexualidade e os relacionamentos afetivos, quando a maior parte das pessoas entrevistadas relacionam o homem à superioridade, à autoridade e ao sexo.

Com isso, conclui-se que esta representação possui um núcleo bem estabelecido, que é difícil de ser desconstruído e minado, pois foi construído em um longo período histórico e embasado no conceito de patriarcado.

A figura 9 mostra a categoria homem e as representações a ela vinculadas.

Figura 9 – Representações Sociais na categoria Homem



A representação social de homem e mulher para este grupo circula em esferas diferentes, o que é típico da construção social polarizada das relações de gênero, onde a mulher tem um papel socialmente definido e o homem tem um outro papel diverso. Da mulher, a sexualidade está distante; do homem, está próximo. A mulher é dada como frágil e sentimental; o homem, agressivo e violento.

Estas oposições revelam o caráter binário das relações de gênero, que se naturalizaram e enraizaram os conceitos de homem e mulher. Além disso, é preciso destacar o contexto no qual estas representações foram construídas, já que o homem mais jovem do estudo, assim como as outras duas mulheres mais jovens, possuem uma visão mais crítica sobre as relações de gênero e vivências afetivas e sexuais de homens e mulheres, pois viveram em um período onde as relações de gênero foram questionadas e no qual iniciou-se um debate sobre a naturalização dos papéis atribuídos a homens e mulheres. Ao contrário disso, os idosos mais velhos, tanto homens quanto mulheres, deflagraram conceitos de homem e mulher calcados nos princípios morais clássicos de organização familiar patriarcal.

A partir da formação das categorias citadas acima, pode-se trazer algumas considerações a respeito das representações sociais de sexualidade e envelhecimento em uma perspectiva de gênero, o que será feito na seção seguinte do texto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa possibilitou confirmações entre teoria, método e resultados. Nos capítulos iniciais, destacou-se que os sujeitos são históricos e se constituem nos movimentos da história e da cultura. Também foi ressaltado que os saberes não são estáticos, mas passíveis de mudanças, ao longo da relação sujeito-objeto e indivíduo-sociedade.

Ao longo do trabalho, constatamos também que gênero e sexualidade são questões que caminham permeadas pelo caráter social e cultural das relações humanas. Notou-se que a identidade de pessoas mais velhas não é única e nem estável, mas está em constante mudança. Destacou-se ainda que as Representações Sociais têm influência na constituição das identidades e dos saberes, sendo fundamentais para compreender o comportamento humano. Além disso, estas representações não são reflexos das ideias do sujeito tão somente, nem do meio social, mas são construídas na relação deste sujeito com um contexto carregado de cultura e história.

No início, mostramos os objetivos deste trabalho e gostaríamos de relatar se os mesmos foram atingidos. O objetivo geral consistia em compreender as representações sociais que a pessoa idosa tem sobre sexualidade na velhice em uma perspectiva de gênero. Para alcançá-lo, fizemos caminho por meio dos objetivos específicos. O primeiro deles foi o de identificar/levantar as Representações Sociais das pessoas idosas sobre sexualidade em um grupo de idosos/as que vive em um Lar de Longa Permanência e em um grupo participante de uma Associação de Moradores.

Pensamos que foi possível atingir este objetivo, como consta no capítulo 5 desta pesquisa. Identificamos e levantamos as RS de pessoas idosas sobre sexualidade por meio das categorias que surgiram nas entrevistas. Em ambos os lugares, prevaleceu uma representação social de sexualidade associada à religião e individualidade, o que indica um sincretismo de saberes oriundos da coletividade, como a religião, e vindos do racionalismo científico moderno, com ênfase na individualidade. Assim, são construídas as Representações Sociais, não excluindo saberes, mas combinando-os e preparando comportamentos e modos de ser (identidades).

Podemos dizer, ao fim deste trabalho, que os idosos e idosas dos dois lugares pesquisados consideram como fundamentais os princípios religiosos para suas vivências afetivas e sexuais mas, ao mesmo tempo, regem seus comportamentos pelos preceitos individualistas, típicos da sociedade em que vivemos. Foi possível verificar as

polarizações nesta representação social, pois ela justamente traz as relações entre particular (individualismo) e universal (crenças religiosas), existentes nos saberes das pessoas e nas suas experiências cotidianas.

Além das representações de sexualidade citadas, também foi presente nas falas dos sujeitos um conteúdo que permitiu a formação da categoria Sexualidade e Bem-Estar. Foi uma categoria que surgiu em ambos os grupos, apesar disso, o conteúdo voltado para a saúde física e psicológica apareceu apenas no Lar de Longa Permanência. Na Associação de Moradores foi presente uma representação de sexualidade ligada à companhia e convivência. Esta questão pode revelar que o discurso da gerontologia sobre os benefícios do sexo entre pessoas de mais idade prevalece entre os/as participantes da Associação de Moradores e constitui suas Representações Sociais e modos de lidar com a sexualidade.

Ainda construímos uma terceira categoria a partir das entrevistas realizadas: Sexualidade e Gerações. Os conteúdos desta categoria surgiram em ambos os grupos, mas destaca-se o caráter geracional e de gênero, pois esta representação foi mais expressiva entre homens idosos de idade mais avançada. Para eles, a sexualidade é banalizada pela juventude e experimentada de uma maneira irresponsável e sem regras. Esta concepção está baseada nas vivências afetivas e sexuais desses idosos, que construíram sua identidade e seu modo de ser e lidar com a sexualidade em uma clássica família patriarcal. Neste modelo de família predominavam determinadas regras, que limitavam e restringiam a vida sexual de homens e mulheres. Alves (2012) nos mostra que as gerações mais jovens têm outras regras e maneiras de lidar com a sexualidade, o que não implica que ela esteja banalizada.

Desta maneira, pensamos que este objetivo específico foi alcançado, pois identificamos/levantamos as Representações Sociais de sexualidade para os grupos pesquisados e estas representações são: Sexualidade regida pelos princípios individuais e religiosos, Sexualidade que promove bem-estar e saúde e sexualidade banalizada pelas gerações mais jovens.

O segundo objetivo específico consistia em descobrir as diferenças entre as Representações Sociais da sexualidade nos grupos referidos. Percebemos estas diferenças, principalmente na categoria Sexualidade e Bem-Estar e na Categoria Sexualidade e Gerações.

A representação de sexualidade ligada à saúde apareceu com destaque na Associação de Moradores. No Lar de Longa Permanência, a representação é diferente,

se relaciona com o bem-estar, mas pelo viés das coisas positivas provenientes da sexualidade, como carinho, amor e companhia. Estas diferenças são marcantes e se dão, principalmente, pelo contexto no qual essas pessoas estão. Na Associação de Moradores, todos e todas estão envoltos pelo discurso da boa velhice, que remete aos hábitos de vida saudável, dentre eles o uso da sexualidade como um dos pilares para o bom envelhecimento. Já no Lar de Longa Permanência, o que prevalece é a demanda da companhia, do afeto, carinho, da conversa, já que a trajetória de vida dessas pessoas os/as levou a experienciar situações de abandono e solidão.

O terceiro objetivo específico consistiu em identificar as diferenças de gênero nas Representações Sociais dos idosos e das idosas sobre sexualidade, assim como as implicações sociais e psicológicas frente às suas relações sociais. Pensamos ter alcançado este objetivo, pois realmente há diferenças de gênero nas representações identificadas. Além das diferenças de gênero, encontramos também disparidades geracionais nas representações. Vamos descrevê-las mais detalhadamente.

As diferenças de gênero consistem nas representações de como mulheres e homens experimentam as vivências afetivas e sexuais. Quanto às representações de mulher, houveram ambivalências nos pensamentos das pessoas entrevistadas. Para algumas, a sexualidade na velhice não é algo que cai bem para mulheres. Já outras, veem de forma benéfica a característica libertária da sexualidade feminina, nos dias atuais. Um homem comenta criticamente sobre as diferenças de gênero e as desigualdades sofridas pelas mulheres. Em contrapartida, três homens não acham positivas as novas configurações das relações de gênero, afirmando que as mulheres são até mesmo mais traidoras e interesseiras.

Para duas mulheres deste estudo, de idade avançada e que moram no Lar de Longa Permanência, a sexualidade não é algo que cabe às mulheres mais velhas. Esta representação orientou o comportamento dessas mulheres, tanto que ambas mencionaram vivências pessoais em que a sexualidade e afetividade não foi permitida por terem mais idade. Já as idosas mais jovens, comentaram sobre as igualdades e liberdades que as mulheres têm alcançado, tanto no trabalho quanto nos relacionamentos. Ambas experimentaram, em seu cotidiano, as mudanças provenientes dos movimentos sociais, como o feminismo, da década de 70. As idosas de idade mais avançada não puderam conhecer essas mudanças de maneira impactante em suas vidas.

Nas Representações Sociais que os homens desta pesquisa têm sobre as mulheres foi predominante o reconhecimento de que a vida delas está diferente. Para

eles, atualmente, as mulheres têm mais liberdades em seus relacionamentos e alcançaram certa igualdade no trabalho. Apesar disso, os entrevistados encaram esta mudança de forma negativa, afirmando que as mulheres são mais interesseiras e traidoras. As trajetórias de vida dos entrevistados os levaram a construir essa representação social sobre a mulher, em razão das más experiências em seus relacionamentos afetivos. Além disso, há o caráter geracional já mencionado, pois os homens que possuem esta representação mais negativa sobre a liberdade da mulher fazem parte de uma geração constituída na clássica família patriarcal. Somente um entrevistado, o mais jovem dos participantes desta pesquisa, mencionou, de forma crítica, as desigualdades que marcam as relações de gênero e que prejudicam a mulher.

Sobre as Representações Sociais de como o homem vive os relacionamentos afetivos e sexuais, houve uma certa coesão entre os dois grupos e também entre homens e mulheres. A representação esteve bem centrada na questão da sexualidade, dos instintos e da agressividade. Para os/as participantes deste estudo, o homem é guiado pelos seus instintos, por isso vive mais a sexualidade do que a mulher.

Pudemos ver que as Representações Sociais que cada sujeito construiu ao longo de sua trajetória de vida conduz seus pensamentos, comportamentos e a forma de lidar com a sexualidade.

Ainda, nesta pesquisa, buscamos investigar as Representações Sociais de envelhecimento para o grupo do Lar de Longa Permanência e da Associação de Moradores. Percebemos que as representações de velhice se apresentaram de uma maneira diferente nos dois grupos.

Por meio da análise das falas dos sujeitos, surgiram duas categorias: Tempo e Dificuldades e Envelhecimento Bem-Sucedido. Na categoria Tempo e Dificuldades, encontramos duas representações: Velhice associada à passagem do tempo, que é natural e inerente a todo organismo, e velhice relacionada a doenças, perdas e dificuldades cognitivas, físicas e emocionais.

Embora esses conteúdos tenham surgido em ambos os grupos, notou-se que a ênfase foi maior no Lar de Longa Permanência. O grupo da Associação de Moradores mencionou as perdas e dificuldades que ocorrem na velhice, porém os sujeitos se colocaram no lugar de espectadores, já que, para eles e elas, a velhice ainda está distante. Em contrapartida, os idosos e idosas do Lar de Longa Permanência já vivenciaram e ainda vivem muitas perdas, não só biológicas, mas também sócio-afetivas, como a entrada em uma instituição asilar, que exige deles e delas um

despojamento da vida que costumavam ter e os coloca diante de um novo cotidiano, como nos mostra Peixoto (2011).

Outro conteúdo bastante significativo foi a perda de um lugar no mercado de trabalho, que acontece com a aposentadoria. Este conteúdo esteve presente nas falas do grupo do Lar de Longa Permanência, indicando que a aposentadoria é um fator importante ao se analisar as transformações nas identidades de pessoas mais velhas. Autores/as como Bosi (1994) e Reis (2011) mostram que na aposentadoria há um sentimento de vazio social.

Ainda sobre a velhice, construímos a categoria Envelhecimento e Bem-Estar. Os conteúdos desta categoria revelam uma Representação Social de velhice associada aos hábitos saudáveis e tecnologias de rejuvenescimento, muito propagadas pela gerontologia. Esta Representação social teve destaque no grupo da Associação de Moradores, da qual fazem parte idosos/as mais jovens e participantes de outros movimentos, como a Universidade Aberta à Terceira Idade, Centros de Convivência e a própria Associação. Nesses lugares, o discurso gerontológico é muito presente e contribuiu na construção desta RS de velhice.

Além disso, são idosos e idosas de uma classe média urbana, que têm condições concretas, pelo menos mínimas, de ter hábitos saudáveis de vida. Fica um questionamento sobre se populações idosas mais jovens e de camadas pobres apresentariam Representações Sociais de envelhecimento associadas ao discurso gerontológico do envelhecimento bem-sucedido.

Com esta pesquisa, foi possível perceber, mesmo em universo pequeno de investigação, que a velhice não é um processo de desenvolvimento humano homogeneizado, mas tem sentidos e significados múltiplos, que dependem da relação dos sujeitos com a história, cultura e condições concretas de vida dispostas na sociedade. Tais condições não são distribuídas uniformemente e, assim, não há um só envelhecer, mas várias maneiras de se envelhecer, dadas as dimensões subjetivas e materiais de cada sujeito.

Apesar das limitações metodológicas que impossibilitaram o estudo de questões próprias da sexualidade, como o corpo, conclui-se que o presente trabalho nos permitiu conhecer as Representações Sociais de dois grupos de pessoas idosas sobre sexualidade, envelhecimento e diferenças de gênero. Considera-se que estas representações foram construídas ao longo do tempo, no entrelaçar das identidades, trajetórias de vida, movimentos da história e da cultura. Desta forma, confirma-se que as Representações

Sociais não são produções individuais tão somente, mas que são construídas por sujeitos concretos na relação entre indivíduo e grupo, particular e universal, singular e plural.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In MOREIRA, A. S. P. e OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.
- AGUIAR, J. S. **O escutar: confissões sobre sexualidade**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2011.
- ALBORGHETTI, P. F. **Envelhecimento e conjugabilidade: um estudo de gênero com casais idosos em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2003.
- ALEXANDRE, S. G. **Representações Sociais E Vulnerabilidades De Mulheres No Contexto Da Aids**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, CE, 2010.
- ALVES, A. M. Família, sexualidade e velhice feminina. In: HEILBORN, M. L. et. all (orgs). **Sexualidade, família e ethos religioso**. RJ: Garamond, 2005
- ALVES, A. M. Diferenças Geracionais, Gênero e Sexualidade. In STREY, M. N.; BOTTON, A.; CADONÁ, E.; PALMA, Y. A. (Org.). **Gênero e Ciclos Vitais: Desafios, Problematizações e Perspectivas**: EdiPUCRS, 2012.
- ALVES, A. M. Fronteiras da relação. Gênero geração e a construção de relações afetivas e sexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana**, n.3, p.10-32, 2009.
- ALVES, F. A. P. **Aids E Envelhecimento: Características Dos Casos Com Idade Igual Ou Maior A 50 Anos Em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2002.
- ANADON, M., MACHADO, P. B. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Bahia: Eduneb, 2011
- ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2010.
- ARAUJO, I. A. **As representações sociais da sexualidade/vida sexual da mulher no climatério: subsídio para o cuidado de enfermagem**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2009.
- ARAUJO, V. L. B. **Pessoas De 50 Anos E Mais Vivendo Com Hiv/Aids No Ceará, Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, CE, 2009.
- ARCOVERDE, M. A. M. **A Percepção da sexualidade do corpo idoso**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, PR, 2006.
- BARBOSA, A. C. **Sexualidade, Meia-Idade e Envelhecimento da mulher – A sexualidade da Loba**. Dissertação (Mestrado). Universidade Gama Filho, RJ, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, M. M. L. Velhice na Contemporaneidade. In: PEIXOTO, C. E. (Org.) **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIASUS, F. **Representações Sociais de Envelhecimento e sexualidade**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2009.

BIER, A. L.S. **Sobre cinemas e vídeo-locadoras pornôns, províncias de outros corpos e outros significados**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2004.

BORTOLOTTI, L. M. R. **“Na Melhor Idade” - Mulheres, Sexualidades E Envelhecimentos: Um Estudo Etnográfico A Partir De Bailes De Terceira Idade**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2010.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRAUN, A. B. M. **A Mãe Do Menino, Daniela, Maria Camila, Helga E A Mulher Do Moço Do Saxofone: A Representação Da Mulher Em Cinco Contos De Lygia Fagundes Telles**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, PR, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. **Programa Nacional de DST e AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 5 ano. V. 01, 60 p. – (Boletim Epidemiológico AIDS DST) 2008.

BRIGEIRO, M. M. C. **Rir Ou Chorar? Envelhecimento, Sexualidade E Sociabilidade Masculina**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2000.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

CARVALHEIRO, B. C. **Análise da produção científica sobre a sexualidade da mulher idosa em periódicos da enfermagem, saúde pública e gerontologia, no período de 2003 a 2007**. Dissertação (Mestrado). Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS, 2008.

CASTRO, S. F. F. **AIDS E VELHICES: Construções identitárias e políticas públicas no cotidiano do envelhecer com Aids**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, PI, 2009.

CAVALCANTE, F. G.; MINAYO, M. C. S. Autópsias psicológicas e psicossociais de idosos que morreram por suicídio no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000800002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 Mar. 2014.

CHAUÍ, M. S. Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In: BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 17-33.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 24-25.

CODO, W. O fazer e a consciência. In: S. T. M. LANE, W. CODO (Orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CORREIA, C. A. C. **Homossexualidade e velhice: a dupla estigmatização**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2009.

CORTINA, I. **O Hóspede Inesperado: AIDS no envelhecimento feminino**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2003.

COSTA, A. C. O. **Sexualidade e envelhecimento: a demanda de atualização de crenças e valores**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2008.

COSTA, A. E. K. **Estudo da sexualidade nos grupos de convivência da terceira idade na região**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Santa Cruz do Sul, RS, 2003.

COUTINHO, R. X.; ACOSTA, M. A. F.. Ambientes masculinos da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Mar. 2014.

DANTAS, R. C. **Identidade, Sexualidade E Aids: Significações Por Mulheres Na Terceira Idade Portadoras De Hiv**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2007.

DEBERT, G. G. Família, Classe Social e Etnicidade: um balanço da bibliografia sobre experiência de envelhecimento. **BIB Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 43, pp.33-50,1992.

DEBERT, G. G. Gênero e Envelhecimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 3, 1994.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: FAPESP, 2012.

DEBERT, G. G. Feminismo e Velhice. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, 2013.

DEBERT, G. G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de Gênero e a Sexualidade na Velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 80, 2012.

DRIEMEIER, M. **Vulnerabilidade de idosos que freqüentam os Centros de Convivência de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, à Síndrome de Imunodeficiência Adquirida**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, MS, 2010.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”:** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. São Paulo: Cortez, 2000.

DUARTE, L. F. D. Ethos privado e justificação religiosa: Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, M. L. et. all (orgs). **Sexualidade, família e ethos religioso**. RJ: Garamond, 2005.

EUSTÁQUIO, R. M. S. **Menopausa E Envelhecimento Em Mulheres Da Zona Rural Baiana**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, BA, 2003.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, Abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 set. 2014.

FEITOZA, A. R. **A cultura do idoso e sua influência no risco perante o HIV/AIDS**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, CE, 2008.

FERIANCIL, M. M. **Sexualidade E Velhice - Um Estudo Das Representações Masculinas**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2003.

FERNANDES, A. P. S. **Desafios Da Menopausa: Vivências De Mulheres Participantes De Oficinas**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.

FLADOLI, B. X.; LEÃO, I. B. O conceito de Cultura em Vigotski. In: **X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional**, 2011, Maringá. Anais eletrônicos. Disponível em: <https://abrapee.files.wordpress.com/2012/02/conpe-trabalhos-completos-anais_x-conpe-final.pdf> Acesso em: 21 jan. 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, A. M. Subsídios para uma Leitura Desenvolvimental do Processo de Envelhecimento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a14v20n2.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2013.

FONSECA, A. M. Promoção do desenvolvimento psicológico no envelhecimento. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 ago. 2013.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação de Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOMES, A. A. **O morar dos idosos nas instituições de longa permanência: o caso dos casais residentes na Instituição Nosso Lar em Santo André/São Paulo**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2009.

GROSS, J. B. **O estudo de portadores de HIV/AIDS após os 60 anos de idade em duas unidades de saúde do estado do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz, RJ, 2005.

GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000600031&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600031>.

HAMILTON, S. I. **A psicologia do envelhecimento: Uma introdução.** São Paulo: Artmed, 2002.

HELLER, A. **Sociologia de La Vida Cotidiana.** Barcelona: Ediciones Península, 1977.

HERMANY, A. E. S. **Memória de idosas e idosos: um estudo de gênero sob o viés da corporeidade em um ambiente de educação não-formal no município de Santa Cruz do Sul.** Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do rio dos Sinos, RS, 2006.

HIGA, R. **Significados psicossociais da perda urinária para mulheres de condições socioeconômicas menos favorecidas: Um estudo Clínico-Qualitativo.** Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2010.

HOOVER, S.L. e SIEGEL, J.A. International demographic trends and perspectives on aging. **J.Cross-Cult. Geront**, 1986. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/v4q35827pu756443/fulltext.pdf>> Acesso em 17 de março de 2013.

IBAÑEZ, T. Introducción: La Tensión Essencial de La Psicología Social. In: PAÉZ, D; Valencia, J. MORALES, J. F; SARABIA, B.; URSUA, N. **Teoria y método em psicología social.** Barcelona: Antrhopos Editorial Del hombre, 1992.

JACQUES, M. G. Identidade. In JACQUES, M. G., STRAY, M. N., BERNARDES, M. G., GUARESCHI, P. A., CARLOS, S. A., FONSECA, T. M. G. (Org.). **Psicologia Social Contemporânea: livro texto.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 159-167.

JECKEL-NETO, E. A. e CUNHA, G. L. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**, 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ; 2001. p. 17-44.

JOHN-STEINER, V; SOUBERMAN, E. Posfácio. In: **A Formação Social da Mente.** São Paulo, SP. Martins Fontes, 1984.

KALACHE, A. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol.3, n.3, set. 1987. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1987000300001&lng=en&nrm=iso> Acesso em 3 de março de 2013.

LEME, L. E. A. Gerontologia e o problema do Envelhecimento. Visão Histórica. In. PAPALÉO NETO, M. (Org.). **Gerontologia**. São Paulo: Editora Atheneu, 1996.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro Editora, 1978.

LIMA, D. **A Atividade Física e sua relação com a auto-imagem e a auto-estima na terceira idade**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 1989.

LIMA, S. M. **O Outono da vida: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas**. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, DF, 2008.

LIMA, T. G. **Tornar-Se Velho: O Olhar Da Mulher Homossexual**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.

LOPES, F. M. V. M. **Vulnerabilidades da Mulher idosa frente ao HIV/AIDS**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ, 2010.

LOPES, Z. A. **Representações sociais acerca da violência de gênero: significados das violências vividas por mulheres agredidas**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, SP, 2009.

LUCAS, M. Z. S. S. **Sexualidade E Envelhecimento Feminino: Percepção E Expectativas**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Maranhão, MA, 2008.

MACHADO, M. J. C. **Envelhecendo com amor, carinho e sexualidade**. Dissertação (Mestrado). Universidade Gama Filho, RJ, 1996.

MAGALHÃES, D. N. **Invenção Social da Velhice**. Rio de Janeiro: Editora Papagaio, 1989.

MAIA, G. F. **Olhares Sobre O Envelhecer: Uma Leitura De Gênero No Centro De Santa Maria**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2010.

MAKI, M. A. **Reflexões Sobre O Processo De Envelhecimento Nos Homossexuais Masculinos**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2005.

MARAVILHA, L. M. M. **Representando envelhecimentos nos percursos da hétero e da homossexualidade masculina**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pernambuco, PE, 2010.

MARCOVÁ, I. **Dialogicidade e Representações Sociais: As dinâmicas da mente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MARTINS, M. A. V. **Representação Social da Sexualidade: um olhar da mulher na Menopausa**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Brasília, DF, 2009.

MARTINS, M. S. N. P. **Comportamento e práticas sexuais de idosos portadores do HIV/aids atendidos em um centro de referência no Distrito Federal.** Dissertação (Mestrado), Universidade Católica de Brasília, DF, 2008.

MENDONÇA, E. A. P. **Representações Sociais como Objeto de Práticas Educativas na Promoção da Saúde no Climatério-Menopausa.** Tese (Doutorado). Fundação Oswaldo Cruz, RJ, 2004.

MENEGHEL, S. N.; GUTIERREZ, D. M. D.; SILVA, R. M.; GRUBITS, S.; HESLER, L. Z.; CECCON, R. . Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 8, 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000800009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Mar. 2014.

MENICALLI, A. M. F. **Vivência Sexual das Mulheres de Meia Idade Viúvas ou Separadas num Município de Minas Gerais (Itajubá).** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2004.

MINAYO, M. C. S.; MENEGHEL, S. N.; CAVALCANTE, F. G. Suicídio de homens idosos no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 10, 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001000016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Mar. 2014.

MOLON, S. I. **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MORAES, C. A. **À Percepção da sexualidade feminina no processo de envelhecimento: estudo comparativo de mulheres da 4ª e 8ª década.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade de São Paulo, SP, 2003.

MORI, M. E. **A vida ou Vida: a escuta psicológica e a saúde da mulher de meia-idade.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, DF, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOTA, M. P. **Homossexualidades Masculinas e a Experiência de Envelhecer.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2011.

NETTO, J. R. C. **Mulheres no climatério: nível de informações, ansiedade, depressão, qualidade de vida e resultados de uma intervenção psicológica.** Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, SP, 2002.

NETTO, M. P. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

OLIVEIRA, A. A. C. S. **Um Perfil da Sexualidade Masculina na Terceira Idade: estudo realizado na cidade do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado). Universidade Gama Filho, RJ, 2003.

OLIVEIRA, E. G. **Aposentando O Preconceito: Representação Social Sobre Hiv/Aids Entre Pessoas No Processo De Envelhecimento.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ, 2009.

OLIVEIRA, K. F. **Gênero E Sexualidade Na Educação De Jovens E Adultos: Um Estudo De Caso.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2010.

OLIVI, M. **Comportamento E Conhecimento Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis Em População Com 50 Anos E Mais De Idade.** Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Maringá, PR, 2006.

Organização Mundial de Saúde-OMS. Envelhecimento Ativo: uma política de saúde. Brasília: **Organização Pan-Americana de Saúde**, 2005. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf> Acesso em 15 de março de 2013.

PARISI, S. **Menopausa e Iniciação: vivências de morte e renascimento no desenvolvimento da mulher.** Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, SP, 2002.

PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais.** São Paulo, v. 16, p. 119-141, 1993. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/index.php/perspectivas/article/view/775/636>. Acesso em: 11 jul. 2013.

PEIXOTO, C. E. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, C. E. (Org.) **Família e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PEIXOTO, C. E. Sobre a institucionalização da velhice e as condições de asilamento. In: GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e Felicidade.** Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 2011.

PIGATTO, N. **Reflexões acerca da vida de mulheres de 3ª idade: uma aprendizagem no decorrer de sua existência.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2000.

PIRES, A. **Velhos em revista: envelhecimento e velhice nas páginas de Claudia e Playboy (anos 80 e 90).** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, SP, 1998.

POCAHY, F. A. **Entre Vapores e Dugblagens: Dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2011.

- PROVINCIALI, R. M. **O convívio com HIV/aids em pessoas da terceira idade e suas representações: vulnerabilidade e enfrentamento.** Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, SP, 2006.
- PRUMES, C. P. **Ser deficiente, Ser envelhescente, Ser desejanste.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2007.
- RAMOS, R. B. A. **O desejo não tem idade – a sexualidade da mulher idosa.** Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, PE, 2001.
- REIS, A. P. **Do Corpo Sedutor ao corpo Invisível: A menopausa em uma perspectiva Antropologica.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, BA, 2000.
- REIS, C. W. **A atividade principal e a velhice: contribuições da Psicologia histórico-cultural.** Maringá, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá, PR, 2011.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 2 v.
- ROTTERDAM, E. **Elogio da Loucura.** São Paulo: Rideel, 2003.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SANTOS, R. B. **Homens com câncer de próstata: um estudo da sexualidade à luz da perspectiva heideggeriana.** Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, SP, 2006.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SEPARAVICH, M. A. A. **Um reflexão socioantropológica sobre o corpo na menopausa.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2010.
- SILVA, F. A. **Nas malhas do discurso midiático: velhice, corpo e sexualidade.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, RN, 2011.
- SILVA, F. N. M. **Corpo, Tempo e Envelhecimento: Análise do discurso de Hilda Hilst em “A obscena senhora D”.** Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Brasília, DF, 2010.
- SILVA, H. R. **Conhecimento de homens idosos sobre a prevenção do HIV/Aids.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, PI, 2011.
- SILVA, L. R. F. Autonomia, imperativo à atividade e "máscara da idade": prerrogativas do envelhecimento contemporâneo. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, Abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000100015>.

SILVA, L. R. F. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312008000400011>.

SILVA, L. S. **O Corpo na contística de Sônia Coutinho: uma leitura feminista**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, BA, 2010.

SILVA, L. S. **Vulnerabilidade Ao Hiv/Aids De Homens E Mulheres De 50 A 59 Anos**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, BA, 2006.

SILVA, M. R. A. **Satisfação E Função Sexual De Mulheres Idosas Participantes De Grupos De Convivência**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Pernambuco, PE, 2011.

SILVA, R. M. O. **A sexualidade no envelhecer: um estudo com idosos em reabilitação**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, SP, 2001.

SIQUEIRA, R. L. de; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232002000400021>.

SIMÕES, J. A. "A maior Categoria do país": O aposentado como ator político. In: MORAES, M.; BARROS, L. **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SKINNER, B. F. e VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar sua vida**. São Paulo: Summus, 1985.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A., JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TAVARES, S. S. P. **Climatério: crise ou crescimento? Um estudo sobre a sexualidade de grupo de mulheres de 45 a 55 anos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Gama Filho, RJ, 2004.

TEIXEIRA, I. N. D'A. O.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, Mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000100010>.

TRINDADE, E. **Hermenêutica do existir do homem de meia-idade - paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, SP, 2003.

VIANA, H. B. **Adaptação E Validação Da Askas - Aging Sexual Knowledge And Attitudes Scale Em Idosos Brasileiros.** Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia.** Tradução: Claudia Berliner. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, L. S. (1929). Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas , v. 21, n. 71, Julho, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200002&lng=en&nrm=iso Acesso em 06 mai. 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZANELLA, A. V. Atividade, Significação e constituição do sujeito : considerações à luz da Psicologia Histórico-cultural. **Psicologia em estudo.** [online]. v. 9, n.1, p.127-135, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100016&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 nov. 2012.

ZORNITTA, M. **Os novos idosos com AIDS: sexualidade e desigualdade à luz da bioética.** Dissertação (Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz, RJ, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PESQUISA SOBRE PSICOLOGIA E ENVELHECIMENTO NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES

Artigo	Autor/a	Ano
Representações sociais do envelhecimento	Maria Cristina Triguero Veloz; Clélia Maria Nascimento-Schulze; Brigido Vizeu Camargo.	1999
Um olhar para mulheres idosas: relato de uma experiência de intervenção	Marly Lamb; Meyre Eiras De Barros Pinto; Jeanette Monteiro De Cnop.	2000
Representações Sociais do Desenvolvimento Humano	Angela Maria De Oliveira Almeida; Gleicimar Gonçalves Cunha.	2003
Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice	Anita Liberalesso Neri.	2004
Perda da adaptabilidade emocional progressiva do idoso: este fenômeno existe?	Flávio Merino De Freitas Xavier.	2004
Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade	Rachel Shimba Carneiro; Eliane Mary De Oliveira Falcone.	2004
O idoso e a ressignificação emocional do lazer	Jossett Campagna De Gáspari; Gisele Maria Schwartz.	2005
A importância do exercício físico nos anos maduros da sexualidade	Raquel Almeida Vaz; Nuno Nodin.	2005
A relevância do apoio social na velhice	Rosa Maria Lopes Martins.	2005
Relação entre ansiedade, depressão e desesperança entre grupos de idosos	Katya Luciane De Oliveira; Acácia Aparecida Angeli Dos Santos; Mirian Cruvinel; Anita Liberalesso Néri.	2006
Tarefas de desenvolvimento do adulto idoso	Geraldina Porto Witter.	2006
O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais	Ludgleydson Fernandes de Araújo; Maria da Penha de Lima Coutinho; Maria de Fátima de Souza Santos.	2006
A velhice como espetáculo	Aline Terumi Bomura Maciel; Regina Taam.	2007
Tempo de plantar e tempo de colher: as representações sociais de profissionais de saúde e idosos sobre o processo de envelhecimento	Elizete Maria Bachi Comerlato; Iraci Guimarães; Elioenai Dornelles Alves.	2007
Atitudes de leitura e desesperança em idosos	Katya Luciane de Oliveira; Mirian Cruvinel; Acácia Aparecida Angeli dos Santos.	2007

Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura	Carlos António Sampaio de Jesus Laranjeira.	2007
O desafio da clínica psicanalítica com idosos	José Tiago dos Reis Filho; Gisela de Carvalho Santos.	2007
Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: reação com habilidades sociais	Rachel Shimba Carneiro; Eliane Falcone; Cynthia Clark; Zilda Del Prette; Almir Del Prette.	2007
Eventos estressantes, estratégias de enfrentamento, auto-eficácia e sintomas depressivos entre idosos residentes na comunidade	Andréa Cristina Garofe Fortes-Burgos; Anita Liberalesso Neri; Ana Paula Fabrino Bretas Cupertino.	2007
Representações do envelhecimento em agentes comunitários da saúde e profissionais da enfermagem comunitária: aspectos psicológicos do processo saúde-doença	Rochele Paz Fonseca; Clarissa Marcelli Trentini; Felícia Valli; Rosane Azevedo Neves da Silva.	2008
A importância da manutenção das relações familiares para o idoso institucionalizado	Fernando Pereira.	2008
Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família	Ivanilza Etelvina dos Santos e Cristina Maria de Souza Brito Dias.	2008
O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais	Rodolfo Herberto Schneider; Tatiana Quarti Irigaray.	2008
Terapia familiar sistêmica e idosos: contribuições e desafios	Maria Clara P. De Paula Couto; Laíssa Eschiletti Prati; Deusivania Vieira Da Silva Falcão; Sílvia Helena Koller.	2008
Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida	Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira Teixeira; Anita Liberalesso Neri.	2008
Análise psicossocial da violência contra idosos	Ludgleydson Fernandes de Araújo; Jorgeano Gregório Lobo Filho.	2008
A relação entre variáveis de saúde mental e cognição em idosos viúvos	Clarissa Marcelli Trentini; Blanca Susana Guevara Werlang; Flávio Merino de Freitas Xavier; Irani Iracema de Lima Argimon.	2008
Reflexões sobre a imagem da velhice mostrada no filme "Elsa e Fred. um amor de paixão"	Lucy Gomes; Carmen Jansen Cárdenas; Vicente Paulo Alves; Carlos Lopes.	2008
Diferenças biopsicossociais entre idosos de instituição asilar particular e filantrópica da cidade de Porto Alegre	Newton Luiz Terra; Ângelo José Gonçalves Bós; Gislaine Bonardi; Samantha G. de Freitas Dickel; Carolina C. Mohr; Lauren; Mallmann; Irênio Gomes da Silva Filho; Maria Helena Itaquí Lopes.	2009

Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro – ageismo	Maria Clara P. de Paula Couto; Sílvia Helena Koller; Rosa Novo; Pedro Sanchez Soares.	2009
Qualidade de vida em idosas: a importância da dimensão subjetiva	Tatiana Quarti Irigaray; Clarissa Marceli Trentini.	2009
Quem está mais próximo da morte? Percepção dos idosos sobre que faixa etária se associa mais à morte	Sandra Carolina Farias De Oliveira; Maria Isabel Patrício De Carvalho Pedrosa; Maria De Fátima De Souza Santos.	2009
Grupos de idosos: atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo	Olga Nazaré Pantoja de Morais.	2009
Envelhecimento: um processo multifatorial	Flávia Heloísa dos Santos; Vivian Maria Andrade; Orlando Francisco Amodeo Bueno.	2009
Atividade Física e Bem-Estar na Velhice	Maria Da Silva Santana; Eulalia M. Chaves Maia	2009
Envelhecer com Aids: representações, crenças e atitudes de idosos soropositivos para o HIV	Ana Alayde Werba Saldanha; Ludgleydson Fernandes De Araujo; Valdileia Carvalho De Sousa.	2009
Atenção e memória visual na população idosa: Uma associação entre as habilidades literárias sob condições de interferência	Pedro Gabriel; Joseph Conboy.	2009
A influência da actividade física na saúde mental positiva de idosos	Helder Miguel Fernandes; José Vasconcelos-Raposo; Estrela Pereira; Joana Ramalho; Sílvia Oliveira.	2009
Ambientes masculinos da terceira idade	Renato Xavier Coutinho; Marco Aurélio de Figueiredo Acosta.	2009
Revisão para psicólogos da segunda causa mais comum de demência neurodegenerativa em idosos	Rosangela Bertelli; José João Pinhaços de Bianchi; Eduardo Chaves Cruz.	2009
Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso	Ana Carolina Lima Cavaletti Guerra e Célia Pereira Caldas.	2010
Amizade, idoso e qualidade de vida: revisão bibliográfica	Ana Kelly Almeida; Eulalia Maria Chaves Maia.	2010
Representaciones sociales del envejecimiento: diferencias estructurales relacionadas con la edad y el contexto cultural	Joao Wachelke; Alberta Contarello.	2010
O envelhecimento na perspectiva de homens idosos	Lilian Maria Borges Gonzalez; Eliane Maria Fleury Seidl.	2011
Rappresentazioni sociali dell'invecchiamento tra psicologia sociale e letteratura Social	Alberta Contarello; Ilaria Marini; Alessio Nencini e Gaia Ricci.	2011
Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos	Ludgleydson Araújo; Elba Celestina do Nascimento Sá; Edna de Brito Amaral.	2011
Religião e espiritualidade de idosos internados em uma enfermaria	Flavia Meneses Duarte; Katia Da Silva Wanderley.	2011

geriátrica		
O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos	Maria das Dores Ferreira da Silva; José Ferreira-Alves.	2011
Esbozos de una construcción de la finitud en los mayores de ochenta años: de la negación a la aceptación	Paula Pochintesta.	2011
Integridade familiar: especificidades em idosos pobres	Filipa Daniela Marques; Liliana Sousa.	2012
Percepções e comportamentos de cuidados com a saúde entre homens idosos	Lilian Maria Borges; Eliane Maria Fleury Seidl.	2012
"Fundo Nacional do Idoso" e as políticas de gestão do envelhecimento da população brasileira	Adriano Rozendo; José Sterza Justo.	2012
Violência contra pessoa idosa: representações sociais entre adolescentes do arquipélago de Fernando de Noronha-PE	Ludgleydson Fernandes de Araújo; Edna de Brito Amaral; Elba Celestina do Nascimento Sá; Regina Ligia W. de Azevedo; Jorgeano Gregório Lobo Filho.	2012
Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares	Jacqueline de Oliveira Moreira.	2012
Bem estar subjetivo em idosos praticantes de atividade física	J.T. Miranda Neto; C.A.G. Lima; M.C.S. Gomes; M.C.D. Santos; F.M. Tolentino.	2012
Bem estar subjetivo na terceira idade	S.F. Oliveira; M.I.N. Queiroz; M.L.A Costa.	2012
O efeito do estresse na qualidade de vida de idosos: o papel moderador do sentido de vida	Rômulo Lustosa Pimenteira de Melo; Maria do Carmo Eulálio; Valdiney Veloso Gouveia; Hermesson Daniel Medeiros Silva.	2012
Habilidades comunicativas e a rede social de apoio de idosos institucionalizados	Adriana Guimaraes Rodrigues; Ailton Amelio Silva.	2012
A autoestima em uma amostra de idosos com prática de caminhada orientada	M.F.M. Maia; A.R.M. Ruas; F.P. Rocha; N.F.R. Oliveira; J.S Souza.	2012
Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero	Stela Nazareth Meneghel; Denise Machado Duran Gutierrez; Raimunda Magalhães da Silva; Sonia Grubits; Lilian Zielke Hesler; Roger Flores Ceccon.	2012
Avaliação das funções executivas em idosos acometidos por doenças crônico-degenerativas	Ivone Lucia Brito; Silvia Coutinho Areosa; Regina Maria Fernandes Lopes; Irani I. De Lima Argimon.	2012

Suicídio de homens idosos no Brasil	Maria Cecília De Souza Minayo; Stela Nazareth Meneghel; Fatima Goncalves Cavalcante.	2012
Autópsias psicológicas e psicossociais de idosos que morreram por suicídio no Brasil	Fátima Gonçalves Cavalcante; Maria Cecília de Souza Minayo.	2012
Relações entre padrão do sono, saúde percebida e variáveis socioeconômicas em uma amostra de idosos residentes na comunidade - Estudo PENSA	Beatriz Helena Domingos Oliveira; Mônica Sanches Yassuda; Ana Paula Fabrino Bretas Cupertino; Anita Liberalesso Neri.	2012
Velhice e pessoa idosa: representações sociais de adolescentes escolares	Maria Célia de Freitas; Maria Assunção Ferreira.	2013
Déficits na Memória de Trabalho em Idosos com Depressão Maior: Uma Revisão Sistemática	Tatiana De Nardi; Breno Sanvicente-Vieira; Rodrigo Grassi-Oliveira.	2013
Influência da idade na percepção de finitude e qualidade de vida	Camila da Cruz Ramos de Araujo; Adriana Coutinho do Azevedo Guimarães; Carolina Meyer; Leonessa Boing; Manoella de Oliveira Ramos; Melissa de Carvalho Souza; Silvia Rosane Parcias.	2013

APÊNDICE B – ENTREVISTAS ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

1. SR. CÁSSIO

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Eu vou fazer algumas perguntas básicas, sobre sua vida, sua história. Primeiro alguns dados de Identificação. Qual é a sua idade?

Participante: Eu tenho 61, vou fazer 62.

Pesquisadora: Ah sim, 62. O Sr. Possui alguma renda, o Sr. Disse que trabalha né? (sic)

Participante: Eu trabalho.

Pesquisadora: Como é que é o seu trabalho?

Participante: Eu, é... eu não tenho carteira assinada, eu trabalho como autônomo, né, eu trabalho como autônomo. Eu trabalho com vendas.

Pesquisadora: Então, sua situação profissional é empregado, né, autônomo e trabalha com vendas né? (sic)

Participante: Isso.

Pesquisadora: E sua escolaridade? Até que ano o Sr. Estudou?

Participante: Eu tenho pedagogia e faço administração de empresas.

Pesquisadora: Entendi. Então Ensino Superior, né? (sic) Completo e...

Participante: Isso, completo e cursando Administração de Empresa

Pesquisadora: O Sr. Já trabalhou nessa área que o Sr. Se formou?

Participante: Já fui professor, dei aula durante dez anos.

Pesquisador: Ah, entendi.

Participante: Só que eu descobri que eu não... não era isso que eu queria, dar aula, sabe? Por vários motivos. Eu acho que você pra dar aula, ou qualquer atividade que a gente faça, tem que ser apaixonado por ela. Tem que gostar muito pra você desempenhar o seu trabalho com amor, com carinho e poder estar comprometido com a sua comunidade em ajudá-la. Se não...

Pesquisadora: Se não fica difícil, né? (sic)

Participante: Não vira, não vira...

Pesquisadora: E sobre seu estado civil, o Sr. É casado, solteiro, separado?

Participante: Não, sou casado, tenho dois filhos, um de nove e...

Pesquisadora: Mora com sua esposa?

Participante: Moro, ela está aqui do lado trabalhando.

Pesquisadora: Ah, sim... Tem filhos, o Sr. Disse...

Participante: Tenho dois filhos.

Pesquisadora: Ainda moram com o Sr.?

Participante: Moram, são novos, um de 9 e um de 12.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Pesquisadora: Ah sim. Sobre sua história de vida, cotidiano...Como que o Sr. conheceu a Associação de Moradores, né? (sic) O Sr. Paulo., quanto tempo faz que o Sr. participa...

Participante: Olha, eu sempre participo de todas as comunidades, né? (sic) Eu acho que pra você fazer a diferença, acho que você tem que participar. Você tem que fazer, você tem que se expor, e se manifestar.

Pesquisadora: E sobre seu cotidiano, seu dia-a-dia, o sr. trabalha todo dia né? (sic)

Participante: Não, trabalho todos os dias normal.

Pesquisadora: Acorda cedo...

Participante: Acordo cedo, a gente ajuda, aí vou pro trabalho, depois volto, a noite eu vou pra faculdade, né? (sic)

Pesquisadora: Todos os dias?

Participante: Todos os dias.

Pesquisadora: È bem corrido então!

Participante: Bem corrido também!

Pesquisadora: E sobre suas condições financeiras? Como são? Equilibradas ou é meio difícil?

Participante: Olha, elas são equilibradas e difícil também! (risos). Eu acho que pra grande maioria do trabalhador, a vida assim econômica ela é difícil pra gente, é bem difícil... Não é fácil não, mas a gente sobrevive, com garra, talento, a gente vai vivendo.

Pesquisadora: E sobre as suas relações afetivas, né? (sic) O Sr. disse que é casado...Como é que ta o casamento?

Participante: Não, meu relacionamento com a companheira... tudo bem graças a Deus. A gente vai levando também. Têm altos e baixos, mas faz parte de... faz parte da família. Eu acho que todo casal tem momentos de altos e baixos na vida da gente, mas ta tudo bem, graça as Deus. Até pra... esses altos e baixos que faz com que a gente possa crescer, não é verdade?

Pesquisadora: Sim, é verdade!

Participante: Porque...você não vai viver o mês inteiro, a semana toda sóóóó (sic) naquela tranqüilidade, né? (sic) Tem que acontecer alguma coisa diferente, algum fato diferente que é pra gente mudar, né? (sic) Pra melhorar o relacionamento.

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:

Pesquisadora: Sobre o envelhecimento, a velhice, que que o Sr. entende por isso, por envelhecer, por velhice...que que (sic) o Sr. acha disso?

Participante: A velhice é um conceito interessante quando a gente fala de velhice...Porque a velhice, na verdade, ela é um amadurecimento e...temporal de todos nós, nós estamos por aqui numa passagem, né? (sic) Vamos chamar assim de passagem, então...eu agradeço a Deus por conseguir chegar nos meus 62, porque tem outros que passam por aqui numa passagem muito rápida. Então, eu estou nos meus 62, eu espero permanecer nos meus 80, 90...O máximo de tempo que eu puder permanecer aqui, gostaria. Ta? E...tipo assim, eu acho que a...a vida toda da gente não é só na velhice, não é só nesse período de amadurecimento. Mas eu acho que quem tem uma vida assim...alto-astral, alegre, que passou a vida toda assim nesse clima, ele vai envelhecer do mesmo jeito. Ele não vai ser aquele velho ranzinza, nem mau-humorado, nem doentio. Eu não...eu to nos meus 62, a minha pressão constantemente eu to medindo, ta normal. Tenho alguns sintomas, como por exemplo, labirintite, mas é consequência também um pouco da idade. É...eu sou uma pessoa saudável, graças a Deus.

Pesquisadora: Sobre essas questões da sexualidade...o que que o Sr. acha disso, o que o Sr. entende sobre sexualidade, o que o Sr. pensa sobre isso.

Participante: Olha, é interessante. Sexo ele é um ato...animal, na verdade. Porque...é mais fácil você...se identificar com as pessoas pelo carinho, pelo afeto, pelas idéias e nunca ter como prioridade o sexo. Acho que o sexo é uma das ultimas prioridades. Então, acho que qualquer relacionamento, qualquer casal que priorize o sexo, não sei se é a melhor atitude. Pra mim a gente não tem como prioridade assim, sexo, não. Ele faz parte da vida da gente, normal, só que nós não temos como prioridade a sexualidade, sabe? Ela faz parte. Assim como você necessita do ar pra respirar, da água pra...você saciar a tua sede, a gente também faz do sexo assim, mas não aquela... aquela coisa carnal que você tem que...não, sabe? É uma necessidade humana, sabe?

Pesquisadora: Certo. Sobre a questão das homossexualidades. O que o Sr. pensa disso, o que o Sr. acha? Qual é o seu pensamento?

Participante: Olha... a gente vive um processo de evolução do nosso planeta, que...muitas coisas mudaram e alterou alguns valores. Eu vejo assim...eu não concordo. Não concordo. Não concordo porque...porque eu vejo assim, acho que os valores que...alguns valores que nós perdemos não são valores da nossa cultura. Eu vejo o problema da sexualidade como migração de outras culturas, que chegou até nós. E aí o que aconteceu? A sociedade aceita de

braços abertos. Então, na verdade, não vejo isso aí como uma boa coisa não. Assim como eu posso fazer até um paralelo, por exemplo, a sexualidade com a criança. Lá no início você me perguntou se eu já tinha trabalhado como pedagogo. Eu já trabalhei como pedagogo sim. Ocorre que as leis hoje, elas privilegiam muito a criança. Eu fui criado onde eu podia trabalhar enquanto criança. Eu fui criado onde eu tomava benção. Eu fui criado onde os valores...A gente respeitava muito o idoso. Hoje você vê, não respeitam a melhor idade. E a melhor idade é um patrimônio que você...e em qualquer outra cultura o idoso é respeitado e nós não somos. Ou seja então são valores que...a grande maioria não vê isso. Então com referência à homossexualidade, eu não sou favorável não. Não concordo, agora...tá aí no nosso sistema, né? (sic) A gente convive com isso, mas dizer assim você é favor? Eu sou absolutamente contra.

Pesquisadora: Sobre a sexualidade na terceira idade, na melhor idade, o que o Sr. Pensa sobre isso? O Sr. Acha que continua acontecer, ou dá uma parada? O que o Sr. Acha?

Participante: Não, eu vejo normal, também, porque a sexualidade ela é também...ela tem tudo a ver com sua mente, da sua cabeça...a gente é o que a gente pensa, ou então se você tem uma cabeça boa, uma vida saudável, com certeza por muito tempo você vai ta usando da sexualidade. Muitos, hoje você vê, tem aí idoso com 10 anos...então tem muitos jovens aí também passando por essa dificuldade da sexualidade, porque é uma coisa da cabeça. Então, comigo não tenho essa dificuldade não, sabe? Não enfrento esse problema, graças a Deus!

Pesquisadora: Sobre a homossexualidade na terceira idade, o Sr. Já viu casos? O que o Sr. Acha disso? Já viu acontecer por aí ou acha que é menos do que na juventude...

Participante: Ta (sic) aí ó, interessante...eu não fui testemunha de nenhum caso ainda, sabe? Então pra mim...eu não vi, não presenciei, não cheguei a ver, na terceira idade, na melhor idade, como chamam, nunca vi. Não tive ainda esse prazer de ser...não sei se prazer ou desprazer de ver, né? (sic) Então, não sei dizer pra você direito...

Pesquisadora: O Sr. Acha que existem diferenças na forma como o homem e a mulher vivem o namoro, o casamento e até a própria sexualidade? O Sr. Acha que cada um vive de uma forma diferente um do outro?

Participante: Vive sim, porque...é interessante a...o gênero feminino ele sempre é criado assim: a minha filha vai estudar, vou comprar uma bonequinha pra ela, ela vai ser isso e aquilo e nunca se pensa na sexualidade. O homem não...ele vai ser o rei, ele vai ser o melhor...ele vai ser o machão da rua, o rei do bairro. Então tem uma discriminação sim, com relação à mulher existe sim. Então gera uma diferença...e isso gera uma diferença enorme na criação do gênero masculino para o feminino. Enorme. Que seria uma grande discriminação.

Pesquisadora: O Sr. Acha então que o homem é mais influenciado a viver a sexualidade do que a mulher?

Participante: Do que a mulher...inclusive muitos pais criam o menino, tipo assim: meu filho pode tudo e minha menina não, quando na verdade, olha se os direitos não são giuais para todos? Então se um pode o outro também pode. Mas só que no...é quando chega no termo “gênero” feminino a situação muda, né? (sic) Para a menina do meu vizinho pode, mas pra minha filha, não. Né? (sic) Então aí não é...já há uma discriminação aí gravíssima, né? (sic)

Que vem da formação dos pais, porque nós, nós fomos criados realmente é...sobre o...espírito machista, né? (sic) Ainda muito machista.

Pesquisadora: Entendi. Na Terceira idade como que o Sr. Acha que se dá essas diferenças entre homens e mulheres? Na vivência do namoro, do casamento, da sexualidade...Essas mesmas diferenças que o Sr. Falou, que já...que acontecem em outras idades também.

Participante: Olha, eu não sei dizer assim pra você uma resposta X, porque eu não vivenciei isso, eu não tive ainda né? (sic) Eu namorei, casei e to com a minha companheira, né? (sic) Não sou assim tipo...um solteirão, né? (sic) Baileiro que vai aqui, que vai ali e curte, posso até ir, mas não...não com essa...com esse intuito né? (sic) De conhecer, de namorar, outras pessoas. Então não sei te responder...Não sei, não saberia.

Pesquisadora: Ta certo, então agora eu vou fazer umas perguntas, na verdade eu vou falar uma palavra e o Sr. Fala as cinco primeiras coisas que vierem na sua cabeça quando eu falar essa palavra. Quando eu falo, por exemplo, “Velhice”, o que que vem na sua cabeça quando eu falo essa palavra?

Participante: Amadurecimento, é...experiência, sabedoria, né? (sic)

Pesquisadora: Mais duas.

Participante: É história...de vida...História né, na própria história, onde a gente faz a história de vida você ta fazendo a história pro mundo...né? (sic) E exemplo...exemplos...

Pesquisadora: O Sr. Mudaria de lugar essas palavras? Que o Sr. Colocou em primeiro o amadurecimento, em segundo experiência, terceiro sabedoria, quarto história né? (sic) De vida e da sociedade e quinto o exemplo. Colocaria alguma dessas em primeiro?

Participante: Ah, pode colocar história de vida em primeiro...a história de vida em primeiro.

Pesquisadora: Mudaria alguma mais?

Participante: a experiência, né? (sic)

Pesquisadora: Experiência em segundo...

Participante: Sabedoria em terceiro...conhecimento também...em quarto pode ser...porque vai numa...

Pesquisadora: Se eu falo a palavra “envelhecimento”, vem essas mesmas palavras ou vem outras na sua cabeça?

Participante: Não, vem outras também...né? (sic) Porque envelhecer: saudável...envelhecer é...como que eu diria? Preciso encontrar um termo que seria apropriado...Eu coloquei, como é que foi? Envelhecer?

Pesquisadora: Envelhecer o Sr. Colocou “saudável”.

Participante: Envelhecer saudável, “uhum”. Envelhecimento, né? (sic)

Pesquisadora: O que vier assim na sua cabeça...

Participante: Não, é que agora não veio nada. Não veio nada também...Tem que ser mais coisa?

Pesquisadora: Não, se não vier tudo bem...E quando eu falo “sexualidade”, diga cinco coisas que vem à sua cabeça...

Participante: Sexualidade seria, por exemplo, é...momentos, né? (sic) São momentos de prazer ao lado da companheira, alegria, compromisso, é...fidelidade, amor, carinho.

Pesquisadora: O Sr. Mudaria de lugar alguma delas? Em primeiro ficou momentos de prazer, segundo alegria, terceiro compromisso, quarto fidelidade e quinto amor e carinho, né? (sic)

Participante: Pode ser nessa mesma, na primeira. Não...pode ser nessa mesma, porque na verdade a ordem dos fatores não vai alterar na sentido do produto, apenas uma vai ta na posição de...né? (sic) Num conceito assim de filosófico seria, né, na verdade...

Pesquisadora: Se eu falo a palavra “homossexualidade” , que que vem na sua cabeça?

Participante: Seria é...falar da homossexualidade é...não precisa anotar nada ainda porque é interessante, olha...Eu não sei, eu nunca vivi isso assim na família. Não tenho na minha família pra dizer olha assim, um gay, não tenho, mas...eu acho que seria um problema, pode escrever, um problema social e familiar, dependendo da cultura de cada...de cada família. Por exemplo, dependendo do grau de instrução de cada um, porque o conhecimento leva você a entender melhor as coisas, porque isso é um problema social. Pode escrever: um problema social já né? (sic)

Pesquisadora: “Uhum”, coloquei um problema social, um problema familiar, né? (sic) Depende de cada cultura.

Participante: Depende da cultura da família.

Pesquisadora: Mais alguma coisa vem na sua cabeça?

Participante: Aí pode ser também é...renúncia. Quantos pais renunciam...determinadas coisas pelos filhos que são homossexuais, né? (sic)

Pesquisadora: Então, renúncia da família, né? (sic)

Participante: Renúncia da família seria...é.

Pesquisadora: Mais alguma coisa?

Participante: Não, é só.

Pesquisadora: O Sr. Mudaria de lugar alguma dessas coisas? Colocaria alguma em primeiro lugar?

Participante: Como seria? Como é que ta aí?

Pesquisadora: O Sr. Colocou em primeiro problema social, em segundo um problema familiar, em terceiro depende de cada cultura, né? (sic) E em quarto renúncia da família.

Participante: É, isso mesmo.

Pesquisadora: É isso mesmo?

Participante: É, nessa ordem mesmo.

Pesquisadora: Sr. Cássio, eram essas as perguntas que eu tinha pra fazer pro Sr., né? (sic) Eu agradeço ao Sr. Por ter parado um pouquinho do seu dia pra me receber, né? (sic)

Participante: Não, tranqüilo!

Pesquisadora: Então é isso, né? (sic) Eu to fazendo esta pesquisa com várias pessoas, né? (sic) Depois vou analisar as repostas e ver o que eu encontro pra estar contribuindo mais com essa temática.

Participante: Perfeito. E eu espero também ter podido ajudar você no seu trabalho, na sua tese, ta?

Pesquisadora: Com certeza ajudou! Eu agradeço muito, Sr. Cássio.!

2. SR. PAULO

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Então, para iniciar vou fazer algumas perguntas de identificação. A sua idade, o sr. já havia mencionado que é 75, né (sic)?

Participante: É...pode por aí a data, né (sic)? É 05/02/1939. Minas Gerais, Cataguazes, né (sic)? Minas Gerais.

Pesquisadora: O sr. possui alguma renda familiar, como que é?

Participante: Se eu possuo? Não, só o salário mínimo pelo LOAS ainda, né? (sic)

Pesquisadora: Ah tá (sic), da aposentadoria?

Participante: É, da aposentadoria porque eu perdi a carteira que tinha anos...aí lá em São Paulo tirei outra, aí chegou aí não falaram nada, só é o LOAS, não tem direito a 13º e nem se morrer fica pra outra pessoa.

Pesquisadora: Entendi. Então a sua situação profissional é aposentado.

Participante: É...é, eu sou motorista, eletricista, encanador, faço pintura, faço alguma coisinha...

Pesquisadora: Mas então o sr. ainda exerce alguma profissão?

Participante: Não, não exerço não, porque não adianta, né? (sic)

Pesquisadora: Ah sim.

Participante: Agora, eu mexo assim só com gente pra ajudar.

Pesquisadora: Só na Associação mesmo...

Participante: É só na Associação e no Conselho Regional Urbano, né? (sic) Que sou conselheiro, né? (sic) Então aí a gente ajuda o governo e o prefeito. A gente procura assim, defender eles, porque... como eu já defendi o (Nome do Prefeito), uma sra. sentou assim, na linha do Trem, ali, né? (sic) Naquele Mato ali perto do Comper da 14, ela sem dar "Bom dia", nem nada, ficou assim sentada esperando lá: "Tá (sic) vendo esse matagal aí? Esse povo só quer dinheiro!". Aí eu cheguei nela...falei assim ó: "Olha, a sra. foi na reunião?", ela: "Não", "Então, pois é o dinheiro está em caixa, que o prefeito falou! Desse trecho, até a Cabreúva até lá na "coisa" tava em caixa.". Aí ela calou, não falou nada. Quer dizer, o povo...só sabe julgar...nem saber julgar não sabe. Vamos dizer assim, julga sem saber o porque, então, nós temos que questionar todos os assuntos que a gente não entende pra dizer: "Escuta, tá (sic) acontecendo isso por que?". Então a gente tem que questionar, né? (sic) Eu acho que é assim, questionar o assunto. Você me falou uma coisa que eu não compreendi, mas por que que tem que ser assim? Aí você fala: "Não, sr. P, é porque é assim, assim e assim". Então, o povo está muito ainda assim...atrasado, vamos dizer. Não assim, que eles quer (sic) ser, é porque as vezes não tem a oportunidade, não é, de ter uma reunião, uma orientação, ler bons livros...Não tem. Então isso aí que a gente acha que precisaria de alguém que tem vontade e outras pessoas ajudar também.

Pesquisadora: Entendi. E a sua escolaridade, qual que é?

Participante: A minha escolaridade quando eu era pequeno na roça nós estudamos uns dias só, e depois eu vim pro Rio de Janeiro, eu fiz o 3º ano na Escola Particular Noturna, né? (sic) Trabalhava na Antártica e de noite eu ia por conta própria. Aí nessa época eu passei pra 4ª série, mas eu...ler letra de imprensa eu leio todas, né? (sic) Mas eu escrever, por pontuação...isso aí...é difícil pra gente que não teve a oportunidade, né? (sic) Então eu leio todas as impressas, né? (sic) Mas já no manuscrito eu já sou ruim.

Pesquisadora: Tem dificuldade, né? (sic) Mas o sr. está agora na Universidade Aberta da UCDB.

Participante: É, agora estou lá...Aí se descobre alguma coisa a gente já sabia, né? (sic) Mas não tinha certeza... Então a gente confirma, né? (sic)

Pesquisadora: Sempre aprendendo...E o seu estado civil?

Participante: Estado civil? Viúvo, né? (sic)

Pesquisadora: Faz muito tempo que a sua esposa faleceu?

Participante: Faz...2007 faz uns 6 anos agora né? (sic)

Pesquisadora: Ah sim, entendi. Como que começou a Associação de moradores idosos? O sr. pode contar um pouco?

Participante: Como eu comecei? Foi o seguinte...o presidente da vila aqui sempre me chamava pra eu entrar com ele, né? (sic) Mas, quando a minha falecida tava, ela via as coisas e falava: "Não adianta mexer com esse povo...esse povo é assim e assim", aí ficamos. Aí quando fiquei viúvo, ele tornou a me chamar e alguém me falou: "Não, sr. Paiva, vai, é bom!" E eu gosto de reuniões, gosto de distrair, gosto de conhecer mais coisas...Aí entrei com ele, como suplente dele no Conselho. Aí o que que aconteceu, eu cobrava dele e ele...posso falar o nome dele, não tem problema, a gente não tem nada de maldade, sabe? "Vamo...fazer uma reunião pra gente conhecer a diretoria". Eu não conhecia a diretoria. E o povo sempre metendo pau nele e eu sempre procurando defender, né? (sic) E aí o A., que é do CRF, ele conhece a gente há algum tempo, aqui era um barraco ainda, há 25 anos atrás, né? (sic) Aqui era área da prefeitura...Aí nós conseguimos...o governador entrou, né? (sic) Graças a Deus, gostei muito, porque ele trabalhou muito. E ele entrou aqui em Campo Grande e melhorou a cidade, aí deu condições de nós pagarmos o terreno, 276 prestações de 11,40 reais, aí quando nós pagamos agora há uns anos atrás ele passou o documento pra gente, então a gente é proprietário. A casa eu construí, né? (sic) A minha falecida estava viva ainda, né? (sic) Me ajudava muito...Então construí a casa sem fazer dívida, com esforço. E os filhos foram casando...foram embora, acabou...ficou eu sozinho...a casa desse tamanho, né? (sic) Aí eu falei "Bom, não vou ficar trabalhando nesse "solão" quente, não que eu tenho preguiça, eu tenho vontade, mas é perigoso, se cai num lugar lá, a gente tem que respeitar...Aí o A. que me deu essa idéia, como o R. não queria movimentar e o povo sempre falando, aí o A. falou você põe a Associação que eu te dou o apoio. Vai lá na SETAS, no SAS, disse que era só idoso. Aí "danei" a pegar idoso, idoso aqui, idoso ali. Aí na diretoria tem que ser gente nova. Como é que idoso vai cuidar de idoso? Eu sou idoso, mas eu tenho disposição, mas tem uns aí que é mais novo que eu, mas não tem...Aí eu registrei, aí fui arrumando, vai daqui, sem saber e a papelada pra ali, lei e regulamento. Mas eu sei que nós temos os direitos...Aí eu fichei a turma. Aí ficou meio capegando, como diz o ditado, porque...os idosos não se "achegam" muito, né? (sic) E tem um que está desacreditado. Você deve saber disso...muita gente desacreditado. Eu falo: "Vamos lá na reunião pra você ver, vamos lá! Na Setas". "Nego" (sic) não sabe nem o que é Setas, nem o que é planurb, né? (sic) Então a gente quer...mas como eu fiquei viúvo, mesmo assim sozinho, mexendo com casa e com isso e tinha umas dívidas e coisa e tal, não...não...não progrediu muito. Mas tem tudo a documentação,né? (sic) CNPJ, tudo direitinho. Então, por isso que...que eu com a vontade de ser útil, arrisquei, só que não vou desanimar. Tem dificuldade, mas eu vou pondo tudo no lugar. Então, agora vou fazer a nova diretoria com pessoas que dá pra movimentar um pouco mais, e o que eu vou nas reuniões lá eu aprendo e alguma coisa eu aprendo...Igual eu falei pra você, vou lá me formar e ver como é que é isso assim, né? (sic) Então a gente tem que se dispor, sem exploração,

porque existe muita exploração e eu sou contra, entendeu? Explorar a pessoa e aí que surgiu essa...essa oportunidade.

Pesquisadora: Então o sr. que fundou a Associação?

Participante: Eu que fundei, tenho todas as documentações, graças a Deus. Tem poucas pessoas por enquanto, mas vai expandir muito. Eu estou fazendo panfleto, estou colocando em diversos lugares, não é, o panfleto...A Seleta por exemplo, conversei com o chefe lá e já tem panfleto lá, o Comper já tem panfleto, e o gás eu corro atrás, se a pessoa aceita...Então vai ser uma coisa que vai melhorar, se Deus quiser, é ter fé em Deus. A gente teme a Lei do Homem e a de Deus, né? (sic) Porque...Não adianta você querer ir na Igreja todo dia, mas pra fora não fazer nada...

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Pesquisadora: Está certo. Então, o Sr. pode me falar um pouco sobre o seu dia-a-dia, sua vida, seu cotidiano...Como é que é? O sr. já falou um pouco né? (sic) Mas, pra gente registrar melhor...

Participante: É...eu, como já sabe, né? (sic) Eu moro sozinho, então nós entendemos, pelas pesquisas, que o idoso ele modifica um pouco, né? (sic) O sono, por exemplo, nosso, é à base de 5 horas. Porque eu lembro que quando eu era novo, podia fazer barulho, que eu não acordava. Hoje eu durmo uma base de...deito a base de 11 horas, as vezes quando está meio frio a gente se acomoda um pouquinho, e dorme até a base de 4, 5...É nessa base, difícil dormir até as 6 horas. Levanto, lavo meu rosto, essas coisas, vou escovar os dentes, faço um café, não todo dia, porque eu vario as coisas. Um dia é café, outro dia um chocolate, outro dia um leite com café, um dia um pão com manteiga, outro dia um pão com ovo, outro dia uma mandioca frita, outro dia uma batata cozida....Quer dizer, não encharco de uma coisa só. Aí vou fazer a ginástica, né? (sic)

Pesquisadora: Todos os dias o sr. faz?

Participante: Vou fazer ginástica na Orla, né? (sic) Faço 17 ginásticas, e os idosos lá todos admiram de mim, né? (sic) Aí perguntam: "Quantos anos"? Aí eu: "Não, mas eu sei como é que come, porque eu trabalhei em restaurante, né? (sic) Eu conheço os alimentos, né? (sic) Eu olho a data, ensino as pessoas a olharem a data da comida, né? (sic) Aí venho pra casa, água minhas plantas, trato da cachorrinha, do papagaio, aí as vezes eu faço o almoço e depois do almoço, ultimamente, todos os dias, 13:00, 12:00 e pouco eu saio daqui e vou pra UCDB, faço computação na Terça e na quinta. Faço filosofia, fazemos também essa aqui: "Cidadania", né? (sic) Política, que é muito bom...e...e faço a natação na segunda-feira, por enquanto, e...e assim por diante. Aí chego em casa a base de 16:00, de segunda à sexta, né? (sic)...à quinta...Aí na sexta-feira eu lavo a casa, ponho a roupa pra lavar na...eu mesmo. Eu não uso jantar, só almoço, né? (sic) Minha janta é um...uma lanche, me dou bem, faz anos já, né? (sic) A gente acostuma, durmo bem...E...aí vou ler alguma coisa, aí noticiário eu não estou assistindo muito mais, porque não vejo nada que presta, mas mesmo assim a gente escuta, liga um pouquinho e passa, né? (sic) A gente não concorda, porque eu conheço um pouquinho a Bíblia, e a Bíblia em Romanos, 12, nos disse: "Não se conformeis com o mundo e nem com o que nele há!". Então, isso aí é muito importante, então eu procuro entender desse

mundo, de uns tempos pra cá, nos fins dos tempos, como está em Timóteo, 1º Timóteo, 3, aliás, 1º Timóteo 4 e 2º Timóteo, 3. Está bem explicado, ali em Mateus, 5, fala muito bem das bem-aventuranças, que tem gente que as vezes não observa as bem-aventuranças. É feliz a pessoa que passa por essa luta e compreende, né? (sic) Então e nós temos os dizeres, eu não lembro onde está escrito, mas tem o dizer: "Vê com quem tu andas, que eu direi quem tu és". Então isso é uma coisa que dá pra pegar, se eu andar com pessoas piores do que eu...Eu tenho que andar com pessoas melhores do que eu, né? (sic) Fala: "Olha lá, o sr. Paulo, com quem está andando. Será que ele também está fumando?". Se eu estou dentro de um bar, tomando um guaraná e a pessoa tomando cerveja, de longe vão falar: "Olha lá, o sr. Paulodiz que é crente e está bebendo cerveja!". Então eu já evito, e evitando o mal, o resto Deus nos dá. Então, meu dia-a-dia é desta maneira. Aí vem pra casa, vou ler algumas coisas que eu tenho que ler, examinar o nosso estatuto, e procurar...As vezes a pessoa fala: "Sr. Paiva, mas eu paguei tanto na água!", aí eu falo: "Uai, mas você tem que ver, se você tem direito!", porque a água não é por minha conta, mas eu sei como é que funciona. A luz não é por minha conta, mas eu sei...Agora o gás é eu que arrumo, o oculista, eu que arrumo, né? (sic) Pra ver o óculos da pessoa, tem tabela. Foto, eu arrumo, e estou arrumando um depósito de material também...Quer dizer, a pessoa vai aproveitar, né? (sic) A minha preocupação é essa, eu quero que todo mundo seja feliz.

Pesquisadora: Muito bem! O Sr. disse que tem filhos, né? (sic) Moram aqui? Como é que é?

Participante: É tem uma, a...uma, a filha única minha...minha filha única está em...em Nova Iguaçu, acho que é Nova Iguaçu, em Goiânia, né? (sic) Tem...um garoto de três anos, agora está esperando outro pra dezembro. Ela é a caçula, é...casou agora há poucos tempos também. E tem a outra que eu criei ela com a idade de um ano e pouca.

Pesquisadora: Filha adotiva, então?

Participante: É, filha da falecida, né? (sic) Então, convivemos mais de 20 anos aqui, né? (sic) E a filha então ela...ela trabalha na saúde, né? (sic) Agente de saúde que chama, né? (sic) Que visita as casas e está fazendo a faculdade que ela ganhou e ela tem três filhos, e tem um...um marido que é pedreiro e ela também, às vezes, quando tinha tempo, mexia também, né? (sic) Com esse negócio de pedreiro. Ela tem 30 anos de idade, então ela me liga: "Pai, vem almoçar aqui?", "Pai, está tudo bem?", "Está, minha filha, pode ficar tranquila!". Só que nós não temos assim, muito contato, porque ela tem os três filhos pra cuidar, tudo na escola, mexe com agente de saúde, e ainda faz faculdade a noite!

Pesquisadora: É bem corrido, né? (sic)

Participante: Bem corrido! Então, é bem corrido, então como eu não gosto...Então: "Oh, minha filha, fica tranquila". Aí eu falo pra ela: "Olha, é o seguinte, eu...não dou presente pra vocês, porque...se eu der presente pra um, sabe como é que é, eu não posso dar pra dois, três, quatro, cinco...né? (sic)" Não tem jeito. E o meu salário é esse. Mas eu não...Aí eu falei em fazer a...o inventário da casa, então, ela, que é a D. e a R., que é minha filha legítima, que falou: "Pai, não esquenta a cabeça, com isso não, aí ninguém vai tirar o sr. daí, né? (sic)". Eu falei: "Não". Então, não vou esquentar, fui falar com o advogado e ele disse, naquele tempo, que é há um ano atrás, cabe três mil reais, mais ou menos, três mil reais pra fazer...E o inventário é demorado...que a falecida tem outros filhos, né? (sic) Tem outros filhos. Aí eu

falei: "Então, então vamos deixar, né? (sic)". Aí ficamos quietos. Estou com os documentos falando que a casa é minha, que eu paguei o terreno, a casa eu construí, sabe? O terreno era da prefeitura e o governador deu os documentos pra nós. Então, 3 mil 700 e pouco, num local deste que custa mais de 30 mil um terreno desses, né? (sic) E assim, então, essa...convivência minha é dessa maneira...

Pesquisadora: A gente já falou um pouco, mas assim, as condições financeira do sr., são equilibradas? Ou é meio difícil?

Participante: A situação financeira é o seguinte...eu, gozo da saúde, não gasto dinheiro com remédio, mas o ordenado, não posso nem reclamar, mas o ordenado, pra nós sabermos...que tem gente que as vezes nem sabe...mas, para nós é pouco: 22, 60 reais por dia, pra mim dá, mas mesmo assim eu não posso ajudar ninguém. Eu gosto de ajuda, tem aí...coisa das crianças, LBV e não sei mais o que, pedindo, igual o Hospital do Câncer, né? (sic) Que pediam...pra gente, a gente dava, uns 10 reais. Mas 10 reais pra eles, 10 reais pro outro e mais 20 pra água e mais 30 pra luz, já foi! Quer dizer, é meio difícil, sabe? É difícil. Então, a gente...dou graças a Deus, que não gasto com remédio, tenho saúde, graças a Deus. E...então, o meu alimento dá pra me alimentar, mas...Graças a Deus a gente pode...Agora, eu não posso dizer que está bom esses ordenados, porque antigamente a gente ganhava mais, conforme eu já disse..O dia-a-dia pra mim é mais tranquilo por causa disso, vou controlando, né? (sic) E a gente vai bem...Não tenho o luxo, né? (sic) Porque o luxo também estraga muito, sabe? Agora, andar bem arrumado é lógico, mas a gente não pode... A gente vê todo mundo andando mais ou menos e também anda mais ou menos, não...não vou ficar com sapato, terno, uma gravata, comprar um carro, não...Não dá.

Pesquisadora: E como que é a questão afetiva na vida do sr? Afetiva, sexual, como que está? Tem uma namorada?

Participante: Não, a afetiva é o seguinte, a gente hoje em dia...pela minha consciência que eu tenho, hoje em dia é difícil a vida sexual, porque...Não vou dizer "As mulheres", mas...nós, nós homens, nós e as mulheres, está difícil se encontrar, muito difícil. Eu estive com uma aqui muito boa pessoa, trabalhadora, é...como diz...séria, sincera, limpa, mas os filhos dela...é...como é que diz...posso estar errado, porque não entendo muito pra especificar, mas é como "urubu na carniça": "Mãe, vem dormir aqui em casa?", "Mãe, me arruma 50 reais", "Mãe, o agiota quer me matar, porque eu não tenho dinheiro pra pagar", "Mãe, eu preciso de uma geladeira", leva uma geladeira novinha...Aí eu não agüentei ver essa situação dela, porque pra eu viver com uma mulher tem que ser feliz os dois. Aqui não, pelo menos a moradia tem e talvez até o alimento tem, né? (sic) Mas...pra mulher ficar sofrendo eu não sinto bem, eu não gosto de ver uma pessoa sofrendo...De maneira nenhuma, até os bandidos mesmo, eu tenho dó. Porque eles falam: "Eu sou bandido e...é assim mesmo", e...conforme a gente tem um conhecimento a gente vê que realmente é triste, então a minha vida sexual é o seguinte: eu evito muito, respeito muito, sou uma pessoa que gosta muito de respeito, eu lido com idosa e com idoso e quando vem com "Ai, coisa e tal", eu não acho graça...porque, já pensou? Eu aprendi com um rapaz também, do nosso convívio aí, e ele falou: "Já pensou, as meninas dão bola pra gente, sr. Paulo Olha aqui na televisão" e mostrava no computador, mas eu tenho que ter cuidado, porque eu quero me candidatar...Já pensou um candidato...né? (sic) E a coisa que nós vemos por aí é desse jeito. Agora, tem velho sem-vergonha e tem velha sem-vergonha e tem o novo, então é em geral, então não posso julgar ninguém. Eu detesto, porque é biblicamente e também eu não acho que eu tenho condições de julgar ninguém.

Então, eu fico na minha meio...um pouquinho retraído, sabe? Eu...tenho muita fé em Deus, porque eu vou precisar arrumar uma companheira, né? (sic) E...mas eu tenho assim, um pouco de...vou dizer pra você, né? (sic) Que é gente que entende das coisas...por exemplo: "Ah, você conhece alguma idosa que está sem marido, que precisa de um amigo, que precisa de um companheiro? Dá meu cartãozinho pra ela!" Eu poderia fazer isso, mas eu acho assim meio esquisito, conforme a gente vê no rádio, tem mulher pedindo, né? (sic) Que precisa de um companheiro que é de Deus mesmo. E a bíblia mesmo diz: "Não é bom que um homem viva só!", e quando fala "o homem", é o homem e a mulher, porque tem coisa que a bíblia, né? (sic) A gente tem que entender...Então, não é bom, conforme eu tenho visto aí, idoso e idosa, outro dia morreu, a vizinha deu falta, foi ver já estava...morta...Quando a minha morreu, morreu ao meu lado...Aí eu sacudi, coisa e tal, fiz respiração boca a boca, aí chamei o vizinho aqui, né? (sic) Então, tudo isso se passa na cabeça da gente, porque...porque eu não tenho enfermidade nenhuma, não é que eu possa amanhecer morto, também, né? (sic) Deus é que sabe. Não é o medo disso, mas a gente chega, conversa com a pessoa, né? (sic) "Oi, tudo bem?", quer dizer, a alegria é saúde do coração, do corpo, né? (sic) Porque o coração tem que estar alegre, tem que sorrir, tem que brincar, né? (sic) Tudo com respeito, piadas, né? (sic) Bater papo, como diz o ditado...Então, isso aí pra mim me traz uma "dificuldadizinha" (sic), né? (sic) Mas, eu me apego muito com Deus e Ele está me sustentando, porque quando aconteceu a penúltima vez, que eu larguei esposa lá em São Paulo, que não deu certo, fui pra Rondonópolis, me deu aquela tristeza e eu comecei a beber...Não tomava água, só cerveja, o dia que não tinha cerveja eu arrumava cachaça mesmo, um dia cachaça, teve pelo menos uma vez que eu me lembre, pus um pouco de água no álcool, porque não tinha também...e limão, e açúcar e bebi...né? (sic) Aí, já conhecia um pouco Deus, né? (sic) Sabia que Ele que comanda, que dá a nós tudo que precisa, mas aí uma dona me deu um folheto de uma Igreja e naquilo eu senti alguma coisa assim diferente. Fui numa Igreja, num domingo, isso aí é um testemunho muito bom, fui na Igreja num domingo a noite e...essa Igreja é de segunda a segunda, né? (sic) Domingo a domingo, todo dia. Aí, voltei no domingo, passei no bar, pedi a cerveja e me sobrou meia cerveja...Só que estranhei, mas não foi assim...um estranho maior, porque a cerveja tem aquela espuminha que ficava e até aquela eu tinha que beber, né? (sic) Era sede, não bebia nem água, era aquela tristeza e coisa e tal...Aí eu fui na Igreja na segunda, na terça, na quarta, na quinta e eu lá dentro da Igreja em pé assim, lembrei que eu tinha esquecido de bebida! Quer dizer...tem gente que não acredita, porque se você tem aquele vício e esquecer!? Mas é aí que eu aprendi...Ah! Mas Deus funciona sem eu pedir! Eu não falei: "Oh, Deus, tira essa pinga de mim!?" Não...aí arrumei... com pouco tempo eu arrumei essa sra. que morreu agora, né? (sic) Depois de 20 e tantos anos...Uma mulher de fibra também, sofredora, né? (sic) E aí eu aprendi. Hoje, Deus não me deixou, eu agradeço todos os dias, ele não me deixou entristecer e nem cair na bebida! Não é uma benção?! Porque, morar sozinho numa casa dessas e eu gostava da mulher...Era uma mulher séria, ela tinha até que dormir fora com os filhos dela porque a filha largou o marido, motorista de ônibus de viagem, com três crianças, aliás, com quatro...Três filhos dela e um filho dele com uma outra mulher. Aí largou, aí falei pra ela: "Fala com ela pra ela não...dar um jeito de não largar, porque vai sobrar pra você que é mãe, aí sobra pra mim também!". E não deu outra...ela perdeu o amor pelo cara, diz, né? (sic) E aí não tendo amor não compensa...E aí a mãe tinha que arrumar uma menina pra cuidar dos meninos dela, tinha que arrumar dinheiro...aí ela pegou, foi, pediu pra mim, porque tudo com o nome sujo, né? (sic) Pra mim, se tinha uma máquina de lavar pra filha, né? (sic) Porque tinha que lavar aquelas "roupaiada" toda e coisa e tal, e a filha...Aí eu fui e não alcançou o valor da coisa, né? (sic) Aí eu fiquei nervoso e com vergonha, né? (sic) Porque eu sou limpo, graças a Deus, e...discuti lá na loja, e liguei pra um, liguei pra outro, mas não tem...Tinha que dar uma entrada e coisa e tal...Aí a mãe deu um jeito na...outra loja, parece, o cara vendeu a máquina pra essa mulher, pra filha dela. E a filha só acho que pagou ou uma, ou duas só e o

resto a mãe que pagou. Aí vendi meu celular por filho dela, celular bom que eu tinha, vendi por 300 reais, e ele...não pagava. Aí, poxa, será o que que foi? E coisa e tal...Aí ela ficou sem jeito também, ela trabalha na garagem, não sei se está aí ainda, ela vem 11 horas pra almoçar e eu já deixava a janta, recolhia a roupa pra ela, até lavava alguma roupa, até fazia comida, né? (sic) Aí ela mexia com 100 mil reais, mas eu não sou tão trouxa assim, né? (sic) Porque ele pra vir de São Gabriel ali e não vir aqui em casa é difícil, aí ele vinha aqui, por semanas aí e coisa e tal e eu fui vendo aqui e falei: "Meu Deus do céu, como é que pode?", aí nós ficamos um ano e...um ano e seis meses, mais ou menos, naquela coisa, aí ela falou: "Ah, mas você não gosta dos meus filhos, que eles venham aqui", aí eu falei: "Não, não é que eu não gosto, mas quando vem, traz um guri novinho, a mãe fica pra lá e briga com a mãe, que é a segunda mulher dele" e coisa e tal, aí ela contou os assuntos dela, que foi até despejada e tudo, falei: "Meu Deus do céu", aí ela começou a tomar conta de todos os netos, assim, a atender todos os netos, como se fosse uma mãe. E eu penso: "Pô, a gente ensina os filhos da gente, sofre com os filhos e depois deles casados, vai criar os netos?". Aí o que que aconteceu, aí ela cismou, eles vieram pra cá, saiu do emprego lá, não me pagou, até ontem, porque hoje ainda é dia, né? (sic) Aí, você vê a história como é que é, é bom gravar pra você ver como é que a pessoa sofre. Aí, bom, aí vem, coisa e tal, aí ela falou: "É, vou embora, vou alugar a casa ali com eles". Aí alugou uma casa ali com eles, aí foi, pôs o que ela tinha dentro...Aí ficou, as vezes de vez em quando me ligava. Aí vai daqui, vai dali, e eu...eu não vou pedir a ela, que eu não mandei ela embora. E vai daqui, e ela sofrendo...Aí passou um ano, ela me ligou: "É, você pode tirar um guarda-roupa pra mim?", mas não é que eu fui e tirei o guarda-roupa pra mulher? De dó! Porque a irmã dela iria vir lá de Rondônia pra cá, já fazia tempo que ela falava que tinha que trazer essa irmã pra cá.

Pesquisadora: Essa mulher é a que faleceu?

Participante: Não, é a última! Não, a que faleceu era gente boa! Essa foi depois, ela estava sem marido, tinha separado do marido há muito tempo e daí logo logo morreu. Aí, nós íamos casar, pra você ver que Deus existe assim: a gente vê as bênção de Deus. Eu ia casar com ela, porque achei ela no jeito, meus filhos gostaram dela também, mas aí não deu certo da gente casar, porque ela trabalhava lá na lavagem de carro, de ônibus ali, de ônibus de viagem, né? (sic) E não tinha tempo, coisa e tal, e foi em um, foi em outro, era só vir aí, coisa e tal, arrumava umas testemunhas e tal, mas não deu tempo. Aí começou a ver como é que era, aí ela...teve um natal aí, não sei que ano que é, também não interessa. Ela comprou presente pra todo mundo, pros meus parentes...e ela ganha pouquinho mais do que o salário...pra todo mundo: parente dela e parente meu...Falei: "Mulher, mas isso aí não pode, gente!" A gente ganha essa mixaria, né? (sic) Eu já era aposentado, tudo direitinho, mas, ganhava aquele "salariozinho", e ela também. Aí eu fui vendo que ela...falava: "É, não vou deixar meus filhos por causa de ninguém", aí falei: "Então está bom, se você não gosta de mim, não tem problema, não quero casar, obrigar ninguém". Aí ela: "Não é, eu gosto, mas não sei o que, que você...". Bom, então ela falou que iria embora e aí foi, levou a mudança, está com...Vai fazer três anos agora em fevereiro. No dia que eu registrei a...a ata, da minha associação, ela foi embora, naquele dia. Mas, não ficou inimiga, sabe? Mas aí, comprei o guarda-roupa pra ela. Ela de vez em quando pagava, no fim, agora, em fevereiro foi a última vez que ela esteve aqui. Ficou devendo pra mim uns 300 a 400 reais, era 90 e pouco por mês, né? (sic) Aliás, 90 por mês. O filho dela ficou devendo 250, e ela sempre falava comigo, falava que eu esquento por causa de dívida, ela falava que não esquentava..E eu cá! Aí sumiu, aí que ela parou de ligar pra mim. De fevereiro pra cá, nunca mais ligou. Aí quando inaugurou o mercado ali, eu passei, eu vi ela lá, mas nunca mais. Aí veio, vinha cobrança pra ela e eu briguei com eles,

falei: "Gente, já faz mais de dois anos que essa mulher não está aqui! Aonde é que eu tenho que ir pra ver se vocês param com isso?", aí até que agora há pouquinho tempo parou...parou de vir a cobrança. Então a situação não era brincadeira....Diz que está morando na esquina da M. com a T., em um sobradinho que tem ali. Em cima de uma casa lotérica, parece, mas eu não sei. Então, hoje em dia eu estou com o máximo de cuidado. Porque a mulher pra mim é o seguinte, tem que ser honesta, honesta quer dizer: nas suas obrigações, no caráter, né? (sic) Porque a honestidade é também o caráter e compreensiva como eu sou. Porque eu tenho compreensão hoje em dia. Caiu um prato lá, o marido já fica bravo. Por exemplo: "Oh, preciso de dez reais, você pode me arrumar?", mas aí: "Pra que você quer?",entendeu? Agora, passa vendedor na rua: "Ah, vou comprar!", "Não, você vai pagar 10 reais por mês!", mas é dez reais da luz, dez da água, dez da comida, dez do gás...Já não são mais 10. Nós temos que ter mentalidade. Então, muitas, não digo assim, lógico, tem muita mulher que quer marido rico, carro...Eu tenho as anedota, né? (sic) A gente do Rio de Janeiro, até eu posso contar pra você, porque é bom também: "O cara está com a mulher lá, dirigindo o carro e tal, e fala:

- Tenho uma coisa pra te falar...

- Então fala logo!

- Eu sou casado.

- Ah! Que susto você me deu, pensei que você...o carro não era seu!"

(risos).

E já aconteceu que uma vez, você talvez até conheça a...a Ana Cristina, que ela tinha um programa na rádio difusora, de noite, então tinha "Minha cara Metade", aquelas coisas toda e muita gente ligando. Aí eu liguei e consegui. Aí chegou minha vez e uma falou: "Tem carro?", aí falei: "Não, só tenho uma bicicleta (sic)!, Ah, eu tinha carro, vendi, comprei uma moto, mas vou comprar outro carro". Aí falei: "Então, tá, "brigado" (sic). E já vi outros contar (sic) que achou ruim, porque o cara falou que mulher só quer dinheiro. E é assim, então a gente não pode...caí (sic) nessas...Tem mulheres boas, que precisa (sic) de um companheiro, sincera. Mas tem a mulher, eu digo assim, pur (sic) exemplo, a mulher pra ela arrumar um marido...é...é muito fácil...Agora, o marido arrumar mulher não é...Porque a mulher tem as qualidades toda (sic): Simpática, sadia, que as vezes uma mulher bonita, mas é doente, é fumante, é...bebe, gosta de festa...né? (sic). "Ah, mas festa é bom!". Depende, né? (sic). Não acredita em Deus, não respeita, né? (sic). Na casa faz comida e joga fora, entendeu? Então tem todo (sic) esse tipo. E o homem não, o homem não sendo ladrão, já é uma grande vantagem. Não sendo beerrão (sic), né? (sic). Já crê em Deus aí já...já é mais fácil. Eu acho assim, né? (sic) Eu tô (sic) pensando desse jeito. Agora a mulher...eu acho muita mulher, mas pra mim não dá! Muito velha, é...assim...cheia de remédio...É difícil, né? (sic). Então, mas eu aguardo em Deus, e...conforme tô dizendo, se eu pudesse falar pra você: "Ó, leva esse cartãozinho, se conhecer alguma pessoa que...eu não conheço, pra cê (sic) conhece!, O Antônio conhece, a Maria conhece alguma pessoa, então pode...né? (sic)". Mas eu não posso, a minha Associação eu não posso facilitar, entendeu? Tem que tratar com respeito, né? (sic) E procurar esquivar (sic), porque...pra mim, por exemplo, num (sic) é orgulho e nem quero que eu não ponho os olhos nas coisa (sic) material. Eu tenho essa casa aqui, essa casa aqui ela tem 90 metro (sic), de área coberta, tudo individual, tudo cercadinho, asfalto, né? (sic). Tem meus móveis direitinho, minha geladeira, microondas, tem relógio nas parede (sic), tem...tudo! Né? (sic). Parece que não tá (sic) faltando nada. Chega uma mulher aqui, paga aluguel, quer ver como é que é as coisa? (sic). Paga aluguel, aí vem uma vizinha daquelas:"Ah, eu gostei do sr., o sr. é caprichoso!". Falei: "Gostou da casa!" A gente tem que ter cuidado. Então às vezes até a gente perde...né? (sic). Olha, se Deus é por nós, quem será contra nós? Então eu digo, essa é a minha situação minha dia-a-dia é dessa maneira. Tem hora que eu penso: "Oh, Meu Deus,tanta mulher sofrendo aí...precisando de um companheiro, e eu tá (sic) precisando de

companheira...É ambas as partes. Mas não é que eu quero escolher mulher novinha, mulher bonita, mulher isso e aquilo, não é isso. Não, tem que ser...simpática, alegre, né? (sic). E ela tem que também talvez...tem que ter uma aposentadoriazinha (sic), porque uma aposentadoria só pra dois, não é brincadeira! Eu entendo aqui, eu manjo. Se você for na cozinha eu te mostro lá, tudo organizado assim...O gás tal dia que eu liguei, né? (sic), a...minha água é tanto, a minha luz é tanto, né? (sic), o pacote de arroz é tanto. Quer dizer, um controle pra gente analisar. Agora chega e põe uma mulher aí, mete sal na comida, eu não posso comer salgado, muito óleo, compra essas carne (sic) gorda, eu conheço, né?(sic). Então, tem que ter uma pessoa que com...compete (sic) com a gente, né? (sic).

Pesquisadora: Que combina, né?(sic)

Participante: É, então o dia-a-dia é...por causa de Deus eu sou feliz, mas se não fosse ele eu num (sic), não sabia o que ia (sic) fazer. Andar por aí eu não ando não.

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:

Pesquisadora: "Uhum" (sic). Então, a próxima questão, assim, né (sic)? É o que é velhice pro sr. né? (sic). O que significa envelhecer?

Participante: Hum...(sic)A velhice é o seguinte: como eu fazendo esse estudo da filosofia, eu passei a entender, conforme você também entende. A...a, como se diz, não velhice assim totalmente...Mas para o jovem, as vezes não entende. Que a velhice, Deus quando a mulher se engravida, cada dia vai passando, vai se aproximando da velhice. Então eu achava que a velhice é depois quando a gente não tá (sic) mais aguentando nada assim, né? (sic). 60-70 anos, coforme tem gente. E então eu aprendi que, conforme diz (sic) sobre a borboleta, depende de você. Depende muito das pessoas, ser (sic)...saber que ele pode. Que a palavra tem poder. Se cê (sic) fala: "Não posso", na hora, ninguém vai falar que "cê" pode. Se você falar "Eu posso!"...Então, a velhice pra nós, pra mim, ela é...é...como se diz assim...é interminável, só quando Deus chama a gente mesmo, porque...Enquanto a gente tem vista pra enxergar, perna pra andar, e Deus não deixa a gente criar preguiça, que a preguiça é uma velhice: "Ah, nao vou mexer com essa casa aí não". Eu vejo garoto novo: "Não, tô (sic) cansado!", Eu vi, eu aprendo muito vendo as coisa (sic), vi uma...uma senhora, não sei se é mãe, ou o que que é do rapaz, fez voltar lá pra compra uma..."Ah não, eu tô (sic) cansado!". Jovem ainda...sei, sei lá, julgo muito uns 15, 16...tava cansado. Eu eu não sinto esse negócio de ter preguiça, lavo minha louça, limpo casa, trato dos bichinho (sic), jogo água nas planta (sic). Quer dizer, eu num (sic)...acho que tá (sic). Então a velhice é o seguinte ela...depende muito da gente, eu calculo assim, né? (sic)

Pesquisadora: "Uhum" (sic), é...e o que o sr. entende, o que o sr. pensa sobre sexualidade.

Participante: Olha a sexo...sexualidade ela já é...por Deus. Então...é um...um sistema assim posso dizer...de alegria, de...humildade, né? (sic). A pessoa se ama. Só que muitas pessoas as vezes usa de outra forma né? (sic) Por...engano, né? (sic), é por...fingimento Mas a...o sexo mesmo ele é uma coisa que vem de Deus e tudo que vem de Deus tudo é bom. É igual você tomar um copo de água fresquinho, não muito gelada, um copo de água fresquinho assim no calor, assim o...que maravilha! é...podemos dizer assim...eu constumo olhar assim o mundo: Nós tamos (sic) num paraíso, nós vê (sic) pela televisão, né? (sic) as águas tranquilas, aquelas

coisa maravilhosa e muitas pessoas não leva (sic) a sério essas coisas, né? (sic) E eu já penso assim. Então o sexo é...é uma coisa de amor, é uma saúde, é uma coisa mesmo por Deus né? (sic). Então eu entendo assim, porque...as pessoa quando se ama e compartilha com o sofrimento da pessoa: "Não, isso daí quando tá...", "Não, isso aconteceu comigo também e eu fui em frente, tenha bom ânimo, tá escrito!". Então o...o sexo é essas coisa (sic), um ajudando o outro, né? (sic), como se diz o ditado: vai pegar um peso, se eu pegar isso aqui sozinho ele é meio difícil né? (sic). Então, um pega de um lado e o outro pega do outro, quer dizer...Num achou dificuldade. Então, o sexo é isso. Agora, tem muitos sem é...regra, né? (sic), sem limite, então tem que ter tudo uma coisa compatível. O casal tem que se conformar um com o outro, né? (sic), concordar. Porque tem muitos que é sem concordância.

Pesquisadora: E o que o sr. pensa assim, como o sr. vê a questão da homossexualidade. A questão dos gays, das lésbicas...

Participante: Eu num entendo muito deles não, porque tem essas tipo (sic), né? (sic)...é lésbica, é...homossexual, é num sei o quê. Eu não entendo, mas eu há tempos eu achava que era sem-vergonhisse né?(sic), mas depois com o passar do tempo a gente vai aprendendo...Pode ser um ...eu não sei assim se é um destino, né? (sic) da pessoa, ou se é uma coisa assim por Deus, porque...eu ficava muito aborrecido, mas depois que eu vi que é (sic) os dois é o feminino e o masculino, né? (sic), então eu vejo que tem alguma coisa né (sic), assim, um desejo, da pessoa. Agora eu num...como eu sou, penso muito pra não julgar, mas nós sabemos que existe Deus e existe o Diabo. Isso aí é certeza, porque é...a gente que lê a bíblia e convive esses anos a gente vê, né? (sic). Então..eu acho que não é de Deus, né? (sic) Mas, infelizmente eu não julgo. Não posso julgar, porque...nós temos muito tipo de coisas, eu conversando com uma passageira e a passageira conversando comigo, uma moça nova até, lá em São Paulo, eu era taxista, ela falando que a mulher, que tem dois sexo, né? (sic). Então eu não achava que era, eu não sabia que era assim, então...existe de nascença né? (sic). A gente vê a discussão sobre o pai judiar da criança, porque não quer brincar com carrinho, quer brincar com boneca, e aquela que...Então, vem de pequeno, então eu acredito que isso é uma coisa assim...bem...pensada assim, não podemos julgar. Isso que é minha meta: não julgar. Só que, como biblicamente, sai da presença do...que Deus não vê só o mal, mas a aparência do mal. Então não convivo assim muito com eles, mas eu trato eles bem quando coisa...eu...

Pesquisadora: E o que o sr. pensa assim, o que o sr. acha da sexualidade na terceira idade, na velhice, o que o sr. acha?

Participante: Olha eu, aí...é uma coisa interessante que eu acho. Eu, pra falar a verdade, eu me sinto novo ainda, mas diz que tem um que...mais novo que eu num...Então eu tenho assim uma...não posso julgar se ele não soube tratar, porque eu também não tive tratamento. Principalmente a pessoa que é...pouca leitura, porque hoje em dia tem muita coisa. Então é o seguinte: eu calculo que eu poderia ter, na minha idade, que meu sexo pode ser na base dos 40 anos, né? (sic) atrás...Vamos dizer, mas tem gente aí que com 40, 50 não tá com nada, né? E mulher também a mesma coisa, né?(sic). Eu não sei, não sei muito em detalhes assim, mas a gente percebe que tem umas que tá avançada ainda, que nem eu, e outras já tá mais retraída. Agora, ele faz falta né? (sic). O sexo faz. Mas a gente não pode também se julgar, porque meu sistema é esse: não atacar ninguém. As vezes a pessoa me trata bem e tudo, mas eu tenho que respeitar. (risos). Mas se a pessoa se abrir, aí sim. É desse jeito.

Pesquisadora: Sim. E assim, a homossexualidade na velhice o sr. conhece algum caso ou...

Participante: Não, eu só vejo falar.

Pesquisadora: É, o que o sr. pensa sobre isso.

Participante: Que ele tem esposa e filho, né? (sic) e também tem marido.

Pesquisadora: E já é uma pessoa idosa já? Como é que é?

Participante: Não, que eu conheço no momento não me lembro. Mas...gente nova a gente vê na notícia, né? (sic). E eu já vi no quartel, na década de 60, ele era...não sei se era sargento, não me lembro bem. Era homossexual, né? (sic). E então, não tenho assim um grande conhecimento, mas eu sei que não acho que é...que provém de Deus né? (sic). Mas, eu não posso é...não posso dizer: "Não, mas é...". Antigamente tinha, agora como eu vejo um pastor, até foi preso, que castrou dois fiéis, porque tá na bíblia antigamente o homem pra...pra cuidar de mulher nas arena, né? (sic). Então não podia por um homem lá que...o cabeleireiro, por exemplo, pra mim é uma profissão que não dá, até o dentista mesmo, tá alisando a pessoa e coisa e tal. Pra mim não dá. Eu não aprendi a dançar, porque pra mim não dá. Mas já tem outros que...então eu não entendo muito sobre isso, mas eu sei que existe, né? (sic). Então a gente evita de...se aproximar muito, né? (sic). Num é assim coisa...mas me vê "Oi, Bom dia, boa tarde, tudo bom e coisa e tal", entendeu como que é? Dou atenção pra pessoa e coisa assim, mas não convivo, porque cabeí (sic) e dizer pra você agora a pouco: "Vê com quem tu andas que direi quem tu és". Então, anda com uma pessoa aí, olha lá...Então eu tenho uma boa reputação graças a Deus, desde o quartel que eu aprendi mais no quartel. O quartel naquele tempo era bom. Hoje não pode dizer que não é bom, porque eu vejo as vezes...Mas o nosso era milico, né? (sic), andando por aí com cabelo grande, não podia, tudo cortadinho, a farda bem arrumadinha e o...o tenente coronel ensinava a gente até como andar com uma mulher, a mulher subir na escada, andar numa calçada, como escovar um dente, né? (sic). Então, orientava muito, então, daí pra cá eu comecei por Deus, né? (sic). Comecei a aprender as coisa (sic) e a minha convivência com reunião, com essas coisas eu, eu sou muito chegado em reunião, né? (sic). Então eu aprendo, cada reunião que eu vou eu aprendo e converso com a pessoa e aprendo, aí dou boas orientação (sic). Falo: "Ah, não, mas isso é assim!" Então o...o idoso assim eu não tenho grande conhecimento, mas deve existir, né? (sic). Agora tem um, como diz, uns é (sic) avançado de mais. Tem pessoas que às vezes até quase brigam: "É, olha isso que é mulher", falo "Mas, rapaz, mas...Deus...cada um tem a sua", "Cê (sic) não gosta?", "Mas eu tenho a minha, eu tenho respeito". O cara fica...chega e abraça um poste porque desvia né? (sic), porque fica...oiando (sic)! Não sei se tá (sic) bem explicado, mas acho que é...o que eu sinto né? (sic).

Pesquisadora: Sim! É...o sr. já falou um pouco, mas...se o sr. puder falar um pouco mais das diferenças assim que o sr. percebe, que o sr. vê na forma de viver o namoro, a sexualidade, as diferenças entres os homens e as mulheres idosas e idosos, o que o sr. acha assim?

Participante: Só os idoso (sic) e com idosa? Como que é o namoro deles?

Pesquisadora: Isso, a diferença assim, de como que o homem lida né? (sic) com isso, com namoro, com sexo e como que a mulher lida?

Participante: É, mas aí o seguinte, é muito variável, né? (sic). Tem idoso aí que tem um carinho, que a gente fica até assim...não digo invejado as vezes, que inveja Deus me livre. Mas fica...radiante de vê o casalsinho de mão dada, né? (sic) é...beija, chama "meu bem" ou "meu amor", né? (sic). Então, a gente vê alguns assim, mas tem uns que não se (sic) tomam banho, não se perfuma (sic), é...é um tipo assim de relaxo né? (sic), vamos se dizer...Então...tem tudo, de tudo tem um pouco. Tem os casais idoso (sic) que convive muito bem, né? (sic). Com aquela aparência e tem aqueles relaxado. Como tem também nos novo, né? (sic). Então, dos novo (sic) que eu não conformo (sic) muito, porque...no meu tempo não era assim. É um agarra agarra, criança com criança, né (sic), assim, criança quer dizer...10 anos pra cima. Cê (sic) sabe que tem estatística que deu criança de 10 anos tá (sic) se apaixonando e o pai e a mãe não tem jeito de fazer nada. Agora, muitos casais orienta (sic) as crianças: "Aí seu namoradinho". Isso aí eu não acho que tá (sic) certo, mas infelizmente...Eu acho que tá (sic) errado, mas não discuto. E o idoso é dessa maneira, então a gente tem que...tem idoso que realmente tem uma postura muito bonita. Convive 50 anos com a esposa, 40, e hoje em dia jovem aí com um ano, uma menina aí conhecida minha "É sr. Paulo eu tenho uma coleguinha minha, morou um ano só com o rapaz...". Eu falo: "Poisé, é isso que eu falo pra vocês, tenham cuidado, porque você, né? (sic) É nova, sua mãe é trabalhadora, é assim..." Então, eles não tem maturidade, né? (sic). Então, tão (sic) muito precoce, mas as liberdades (sic), é muito...Então a minha falecida, a mulher que eu aprendi muito, ela disse: "A pessoa acha a bota lá e quer logo enfiar os dois pé (sic)" e é desse jeito, a pessoa achou moleza, faz roça grande, porque...Cê (sic) vai fazer roça, as vezes você não entende, mas eu entendo, tem aquele mato pra você "desbrincar" e aquilo tudo. Aí fala "Puxa vida, pra mim, só pra minha despesa já dá!", mas tá moleza aí...E assim tá hoje o sexo...Hoje tem muita facilidade pra sexo, se eu quizesse eu tinha muitas mulheres. Mas eu não posso fazer isso, tem um...tipo uma moral, uma coisa assim que eu acho que tem que...Porque Deus diz: "Esforça que eu te ajudo!", se eu quero moleza vem ali e diz: "Ah, vamo (sic) lá em casa, coisa e tal, limpar a casa pra mim". Igual, eu trouxe uma vez uma, que eu não tinha muita prática, ela veio limpar, ah, pra mim sair fora, tive que ter...ter estômago, porque se não, não sai. Arrumei uma sócia também, me pegou no pé de uma tal maneira, então eu falei, não não pode. Então eu evito o máximo. Mas igual, os outros, cada um, né? (sic), lógico, cê (sic) tá (sic) perguntando pra mim, né? (sic). Então, o que eu acho é isso, que tem os que mantem uma postura e tem outros que é bagunçado.

Pesquisadora: Entendi! E o sr. acha que quem mantém a postura é mais o homem ou a mulher. Como que é?

Participante: É, aí eu vou te contar hein? A mulher se entrega muito mais fácil do que o homem, sabe? Segundo algumas mulheres mesmo falaram: "Não, eu sou mulher também, mas mulher tá (sic) demais!". Falei: "É, realmente!". Agora, o homem...tem muito homem que é apressado, é...como é que é...avança muito. O meu sistema já é diferente. Eu calculo que tenha algum igual eu, né? (sic), porque é difícil, um..por exemplo um P, porque conheço poucos Paulos na minha caminhada toda. Conheci um no quartel, uma menina aqui e um que teve aqui só e lá,vez e outra ouvi falar em um Paulo., mas sempre tem. Né? (sic), quer dizer, no meu sistema é assim. Sou muito...assim, reservado, né? (sic), não é orgulho. É o respeito e o que eu aprendi. Nós temos um livro, do Edir Macedo, que eu aprendi a poucos tempos atrás, é...Casamento Blindado. Então o pastor já deu explicação pra nós, pra quem quer pegar pega,

eu peguei. A gente tem que olhar o homem, falo, eu sou o homem, olhar a mulher de baixo pra cima, não de cima pra baixo. Porque? Porque a pessoa "Ah, fulana é bonitinha e coisa e tal, vamô (sic) pra cama!". E não é assim. Tem que saber a postura da pessoa, né? (sic). O...conhecer a pessoa, é...investigar, assim, falar o que sente, que é difícil a pessoa falar o que sente. Então, vai explicar, então a gente tem que ter esse cuidado, como eu já...essa que eu acabei de falar que morou comigo quase dois anos. Eu vi que ela era boa pessoa, era evangélica também, mas nem toda que diz que é evangélica é evangélica. Né (sic), tem que ter tudo, tem que ter o raciocínio, então se eu pegar o...por exemplo: é bonitinha "Não, sou viúva e coisa e tal", "Então vamô (sic)". Mas vou saber lá a família, que isso eu já aprendi há muitos anos, só que a gente esquece. Eu aprendi quando o jovem, vamos dizer, você tem uma filha, lógico que ela vai namorar. Vamos supor, ela vai namorar um rapaz, né? (sic), ela tinha que saber onde é que ele trabalha, como é que funciona lá com os colegas e com o patrão, em casa, como ele trata os irmãozinho, as irmã, o pai e mãe. Então, aí sim, aí vai saber. Igual hoje nós tem (sic) gente dentro da Igreja, lá é uma beleza: "Oh, aleluia, glória a Deus!", sai aqui fora esquece...Então isso aí que nós tem (sic) que ter esse cuidado. Então, é por isso que eu te digo, eu sou assim. Mas o outro eu já não sei, pode ser que tenha. Porque tem...muito homem honesto, tem muita mulher honesta, mas não é só honestidade que depende pra você ter uma mulher dentro de casa, ou um convívio. Tem que ter outras coisas. Eu, por exemplo, pra uma mulher me conhecer ela tem que saber lá na Planurb: "Ah o sr. P, conhece ele lá?", "Ah, conheço!", lá na prefeitura: "O sr. Paulo e coisa e tal", na delegacia: "Ah, ele tem uma passagem aqui". Né? (sic). Então tem que...tinha que ser assim, mas como não dá tempo, tem que, conforme a conversa, a pessoa vai entendendo. É isso assim.

Pesquisadora: Entendi! Agora eu vou...vou falar algumas palavras pro sr. e o sr. vai falar as cinco coisas que vierem primeiro na sua cabeça. Vou falar uma palavra, né? (sic, eu vou falar por exemplo: velhice. Aí o sr. vai me falar quais são as cinco primeiras coisas que surgem na sua cabeça quando eu falo velhice.

Participante: Velhice, né? (sic). Então, eu, por exemplo, eu quando não...tinha alguma confissão que a velhice não é conforme nós pensava (sic). Que eu pensava que é...que tava assim, jogado, né? (sic). Por exemplo, desanimado de fazer as coisas, não acreditar, não se esforçar, não compreender. Aí a pessoa não compreende porque que ele tá (sic) assim, que as vezes ele fala até Deus não...esqueceu de mim. Então eu, tenho no momento, eu acho a velhice muito boa, conforme está escrito, a melhor idade. Já conversei com ele:"Que melhor idade que nada, Paulo., eu tô (sic) quase perto de morrer!", "Mas, rapaz, tem tudo...o respeito das pessoas", quer dizer, eu não me sinto na velhice.

Pesquisadora: Se o sr. for resumir em cinco palavras e em ordem, o que o sr. falaria. Por exemplo: Velhice é...em palavras mesmo.

Participante: Ah, sei, vou ver se eu consigo. Velhice é quando a pessoa está, não digo assim, doente, mas tá (sic) desanimada, isso aí é uma coisa né? (sic).

Pesquisadora: Então, desânimo, né? (sic).

Participante: É, o desânimo isso aí pra mim é uma velhice. Ele tá desacreditado, desanimado. Desanimar é uma coisa, desacreditar é outra. Cê (sic) fala: "Não, cê (sic) pode fazer isso, cê (sic) pode fazer aquilo", mas não acredita.

Pesquisadora: Desacreditado.

Participante: Então, são duas. Agora, se ele realmente...ele não tem sono, ele começa a tomar remédio pra dormir, ele tá (sic) errado. Porque eu conheço gente, que toma remédio pra dormir e...as vezes não consegue dormir. Então aí já é velhice.

Pesquisadora: Então o sr. colocaria como, essa palavra?

Participante: Então, eu colocaria que é falta de...de compreensão. Não sei se eu já coloquei?

Pesquisadora: Não, o sr. colocou: desânimo, desacreditado...

Participante: É.

Pesquisadora: E falta de compreensão?

Participante: É falta de compreensão. Porque a compreensão, se a pessoa compreende as coisa (sic) ele...pensa, né? (sic).

Participante: Aí vamos supor, que eu não sei, né? (sic), mas...calculo assim, a pessoa ali...85 anos, 90, por aí. Aí acho que a coisa muda, né? (sic). Então, acho que aí já chegou a velhice.

Pesquisadora: Então, idade avançada.

Participante: É...85, 90, eu creio que muda. Porque, no momento, eu conheço pessoas que até agora com...85 anos, inclusive eu tenho que ir lá uma hora ver, mas...não sei, né? (sic). Então, eu calculo assim. Mas no meu caso, é assim é...90 anos, né? (sic), 85...Mas até 80 a gente vê pessoas coisa (sic) e eu com 75 não me sinto nada, então, quer dizer, não acho que tô (sic) na velhice. Né? (sic). Tô caminhando, pra velhice.

Pesquisadora: "Uhum" (sic). Falta mais uma palavra que o sr. definira velhice assim, com uma palavra.

Participante: É, acho que...a pessoa, é, pelo que eu calculo, a pessoa mal-informada. É, porque, ele acha que tá (sic) velho, mas a pessoa se informou: "Não, cê (sic) pode, cê (sic) tem que fazer isso, fazer exercício e...alimentar bem", né? (sic). Porque a pessoa não tem informação, ele aposentou e já acha que tá (sic) velho. Então, ele não tá com...não tem aquele sentimento. E...a velhice por exemplo, nós não pode (sic) dizer, por exemplo...velho é um par de sapatos, né? (sic). Furou, você tem que jogar fora. E a velhice não, ela vai gradativamente e a pessoa vai em frente até não agüentar. Agora, se ele tá (sic) com uma dor no joelho, ele tá (sic) é doente, não tá (sic), não é porque ele tá (sic) velho. Então, nós vimo (sic), nós aprendemo (sic) muito com o pastor na Igreja muitos anos atrás, que você passa no cemitério e você vê catatumba de todos os tamanhos. Aqui mesmo, quantos jovens já morreram e eu tô (sic) aí? Quantos idosos já morreram e eu tô (sic) aí. Então, eu acho que é uma determinação

de Deus, em Deus que nós faz (sic) aquilo que é lícito fazer, porque tem jovem aí que as vezes morre porque empina a moto, chega lá, ou sai correndo, ou bebe, né? (sic). E eu sou contra essas coisas, esse tipo de correria, apavorista (sic), é...é falar muito, é...pode dizer o português claro: "Miolo de pote", né? (sic), carga d'água né? (sic). Sai por aí: "Não, eu moro sozinho, eu, meu dinheiro dá, ah eu recebi uma indenização", aí o cara vai e escuta: "Opa", vai lá e mata ele, conforme tem acontecido. Então, aí eu acho que faz parte da velhice também né? (sic), mas falta informação. Compreensão, aí vem a compreensão.

Pesquisadora: O sr. manteria essa ordem que o sr. colocou ou o sr. mudaria? Porque o sr. colocou assim, velhice: desânimo, desacreditado, falta de compreensão, idade avançada e mal informado. O sr. mudaria essa ordem?

Participante: Acho que não. Não, eu não pensaria nisso não, porque a informação, aí vem né? (sic) a... compre...vai compreender: "Oh, se você não pode fazer isso, não deve fazer aquilo", então daí cê (sic) vai...analisar, né? (sic), então cê (sic) vai entender que realmente. Eu acho que não, não tem aonde mudar no momento, né? (sic).

Pesquisadora: Então, assim, se for falar em velhice o sr. acha que velhice é mais desânimo, mais desacreditar, mais falta de compreensão, é mais idade avançada, ou é mais mal-informada.

Participante: É quase tudo, mas a idade avançada é mais, né? (sic).

Pesquisadora: A idade avançada viria em primeiro, né? (sic).

Participante: É...ele pode tá...mas a cabeça já num né? (sic). Vai disso tudo aí, mas o primeiro vai a idade avançada. Idade avançada calculada nos 90-100 por aí...

Pesquisadora: E o que viria depois, depois de idade avançada, o que o sr. acha que será depois desânimo, desacreditar, falta de compreensão ou mal-informada.

Participante: Eu acho que aí é desânimo, né? (sic) só pode. O desânimo é a mesma coisa da preguiça né? (sic). "Ah não vou varrer essa casa não, que eu tô (sic) cansado".

Pesquisadora: E aí a gente tem ainda que o sr. disse: desacreditado, né? (sic), falta de compreensão e mal-informado.

Participante: É a pessoa fala: "Não, você pode", aí fala "Não acredito!". Se não acredita, quem vai fazer você acreditar? né? (sic). Isso é muito importante, por exemplo o Deus, por exemplo, eu não só acredito como eu tenho certeza. Não sei se eu tô (sic) errado, eu tenho certeza que ele existe e que ele atende nós. "Ah, eu tenho fé em Deus que isso vai acontecer", "Eu tenho fé em Deus que você vai me pagar", isso aí tá errado, "Ah, o que não presta eu entrego pra Deus", eu não entrego assim, eu falo "Oh, Deus, tem misericórdia" é o que eu aprendi né (sic).

Pesquisadora: Então o sr. acha que em terceiro lugar aqui na velhice vem essa falta de compreensão? O desacreditar ou o mal-informado, em terceiro lugar.

Participante: É. A informação faz falta né? (sic), mas o desacreditar é meio confuso, né (sic). Que aí não adiantou a pessoa informar, então ele não acredita mais né (sic). Então, se ele não acreditar...

Pesquisadora: Então é desacreditar, né? (sic). A velhice é desacreditar. E aí, ficou o mal-informação e a falta de compreensão. O que o sr. colocaria em 4º lugar?

Participante: Pode ser a...a informação. É.

Pesquisadora: E em último lugar a falta de compreensão.

Participante: É, porque se você não esforçar pra haver a compreensão, compreender, não, falou que é assim, "Puxa, eu não, não compreendo porque que é assim", mas é. Pois é, no mundo nós vimos tantas coisas, né? (sic). Eu por exemplo, o...vou falar no nosso poder requisitivo (sic). Os grande (sic) tem a mão fininha, tem seus bons carro, mas ele não compreende que ele é que nem nós que trabalha: alimenta mal, as vezes dorme mal, e ele é ser humano que nem a gente e quando ele...não tem data pra morrer, a gente vê jovem ricoço morrendo, então pra quem vai ficar? Então, eu acho que isso aí a gente tem que procurar compreender o porque né? (sic), porque...a bíblia fala que tem a pessoa avarenta. A avareza é a pessoa que gosta de tudo que é bom pra ele, e esquece do outro, então isso aí é uma falta de compreensão. Então, eu acho que o...o nosso convívio...então eu compreendo que a minha vida é assim. Eu sou assalariado né? (sic), mas o cara que trabalha também, no pesado, igual eu já fui, também ganha um salário. Então, eu compreendo que eu não posso reclamar. Não é muito bom? Agora se eu não compreendo, fala "Porque que fulano ganha...nós ganha 20, 2...22,60 por dia e o vereador ganha 500? Nós ganha 8.000 e não sei quanto por ano e ele ganha 15 por mês!", quer dizer, é muita diferença, então eu tenho que compreender que eles é que faz (sic) isso, não é eu que faço, porque se fosse pra eu fazer eles iam ganhar 10 por mês e o trabalhador ia ganhar 2, né? (sic). E o preço da mercadoria parava num preço só. Por exemplo esta...a Dilma anunciou que antigamente, você não lembra ainda, talvez, antes do Lula, é todo o primeiro de maio que saía o salário, mas só avisava no dia. Hoje eles tão (sic) adiantando, já saiu ontem que o salário vai pra esse preço, de 678 pra 722, é uma mixaria né? (sic). Então, já começa o povo a aumentar as coisinhas, então tem que, eu me compreendo que é assim mesmo. Que nós aprendemos nas reuniões também, da Herbalife, "Por que que é assim?", "Porque é assim", "Por que que a vida é desse jeito?", "Porque é desse jeito". O ser humano é desse jeito, que, nós, eu não me lembro onde é que tá (sic) escrito, mas tá (sic) escrito na bíblia, que o próprio Deus, que aprendeu a fazer o ser humano, porque o bicho é cabeçudo (sic) né? (sic). Então, mas eu compreendo que é assim, eu sofria: "Mas, meu Deus eu ganho 22, 60 por dia e o cara ganha 500, porque que é assim?", "Porque é assim!". (risos), a pessoa não compreende e fica se batendo...

Pesquisadora: Sim, eu vou fazer essa mesma dinâmica que a gente fez sobre a palavra velhice, né? (sic), e eu vou falar agora a palavra sexualidade, e o sr. vai falar as 5 primeiras palavras que vierem na sua cabeça, quando eu falo sexualidade.

Participante: "Uhum" (sic), é...pra começar é um...tem diversas coisas, mas pra começar é um...um desejo. Né? (sic).

Pesquisadora: Desejo. E a segunda?

Participante: Aí a segunda é oportunidade. A terceira é consumir, o desejo. Eu acho que essas três aí é o certo. Porque as vezes tem desejo, mas não tem a oportunidade, né? (sic), então aquilo vai ter que passar. E se tem a oportunidade, mas não tem desejo acho que nada vai acontecer. Né? (sic). Três né? (sic).

Pesquisadora: Isso, aí são 5, faltam duas.

Participante: Ah, cinco. Aí...desejo, a oportunidade, consumir, e satisfação.

Pesquisadora: Satisfação. E mais uma?

Participante: Aí depois, da satisfação, é...alívio não é, vai vir, pode vir outro...desabafo.

Pesquisadora: Desabafo. O sr. colocou a primeira, é...desejo, oportunidade, terceira consumir desejo, a quarta satisfação e a quinta desabafo. O sr. mudaria essa ordem? Colocaria algum desses em primeiro?

Participante: No momento não.

Pesquisadora: Não mudaria? O primeiro está desejo...

Participante: É, porque se a gente não desejar pode ter a oportunidade, que não deseja.

Pesquisadora: Então, em primeiro lugar vem o desejo.

Participante: É...

Pesquisadora: Em segundo vem o que? Oportunidade, consumir desejo, satisfação ou desabafo.

Participante: Qual o terceiro?

Pesquisadora: O segundo. O primeiro o sr. manteve o desejo.

Participante: O segundo é oportunidade. Terceiro é consumir o desejo.

Pesquisadora: E o quarto satisfação ou desabafo?

Participante: Desabafo né? (sic).

Pesquisadora: É, o sr. muda então?

Participante: É, porque...consumou e desabafou né? (sic) então...aí pode porque...quer dizer ficou aliviado né (sic)? Então...

Pesquisadora: E depois satisfação, por último né? (sic).

Participante: É, porque...desabafou aí ficou satisfeito. Aí acho que não tem mais nada né? (sic). A não ser começar de novo pra...pra próxima né? (sic), oportunidade, aí vem...quer dizer, o desejo fecha no desejo.

Pesquisadora: "Uhum" (sic). A gente vai fazer mais uma dessa dinâmica com a palavra homossexualidade. A gente já conversou né?(sic) sobre isso, mas pro sr. definir em 5 palavras, homossexualidade.

Participante: Aí já é mais difícil, porque eu não...meio que não...né? (sic).

Pesquisadora: Mas o sr. pode falar o que o sr. pensa sobre isso.

Participante: A gente não tem...contato né? (sic).

Pesquisadora: Mas é só o que o sr. pensa sobre isso mesmo, o que vem à sua cabeça quando fala "homossexualidade".

Participante: É quase igual, né (sic), essa que a gente faz do sexo. É quase igual, porque...deseja, aí encontrou com o indivíduo e tem aquela oportunidade, aí...assumiu o ato...calculo que ele vai ficar pensando pra outra oportunidade. É...não entendo né? (sic). Coisas que a gente não tem o contato, né? (sic). Quando a gente tem o contato com a coisa é mais fácil né? (sic). Aí eu penso assim. Que eu analiso assim, aquele mesmo desejo que a gente tem, aí acha uma oportunidade de consumir, e se sente realizado, pode ser? Mas...depois também tem que ser cinco né? (sic). Pode ficar pensativo, né? (sic).

Pesquisadora: O sr. colocou então desejo, oportunidade e depois?

Participante: Consumar né? (sic). Achou a oportunidade e consumou. E depois eu calculo que eles fica (sic) pensativo né? (sic). Sei lá, é uma coisa assim meio difícil, deve ficar meio pensativo: "Como é que eu achei aquela pessoa, que me satisfiz né (sic). Sei lá, calculo assim.

Pesquisadora: E se a gente mudar essa palavra homossexualidade para a palavra "gay", se a gente falar em "gay".

Participante: Poisé, aí que está o negócio, eu não sei se o gay é que tem mulher e filho, e tem o homem. Ou o que não tem mulher, não gosta de mulher.

Pesquisadora: Vamos pensar em 5 palavras pra definir essa palavra "gay".

Participante: Então, eu não...

Pesquisadora: Primeiro o sr. falou "Não sei se é homem ou..."

Participante: É, porque...tem uns que tem a esposa e filho, né?(sic), e tem o amante, né (sic).

Pesquisadora: Tem uns que tem esposa e filhos e amante.

Participante: Antigamente, não sei...antigamente falava "Gilete" né? (sic). Cortava dos dois lados, né? (sic). Então eu não entendo. E como eu não entendo se é doença, ou se é sem-vergonhisse ou o que é, se é diabólico ou se é por Deus, eu não entendo...Eu fico em dúvida nessas coisas.

Pesquisadora: Se o sr. fosse definir então o sr. colocaria é...tem uns que tem esposa e tem filho, a segunda palavra o sr. colocaria o que?

Participante: Insatisfeito só com a esposa. Não é possível, sabe? É duro...sabe? É...isso aí é uma das perguntas bem..difícil. Pra mim é bem difícil, pode ser que tem gente que entende, né? (sic), pelos estudos sobre esses negócio todo sobre sexo, né? (sic). E, então, da mulher já é mais fácil, porque a mulher...segundo me disseram ela já nasce com os dois sexo, né? (sic). E outras operam né? (sic). Como aquela, esqueço o nome dela, que a gente também não dá atenção, operou né? (sic). Parece mulher hoje né? (sic), outras viram homem. Então, é uma coisa assim que não tem o conhecimento, mas o...o gay, eu não sei ainda. Eu não sei se é ele que tem mulher, ou...como tem o "disquinho" (sic) aí das pegadinhas, que o gay diz que é viado, agora se ele é viado e tem mulher eu não sei, sei que tem um que tem. Vejo falar que tem né? (sic), mulher e tem filho, outro tem mulher e não consegue filho, né? (sic). Aí...então não...não tem jeito. Eu acho que aí...que essa pergunta aí fica...difícil. Você pode me dizer, quantas qualidades é? (sic). É homossexual, é homem gay, é homem viado, é...como é que é lésbica. Quantas qualidades? Eu não sei nem quantas qualidades...

Pesquisadora: Então, tem a homossexualidade, na homossexualidade tá (sic) junto tanto é...a lésbica né? (sic), que são mulheres que gostam de mulheres e aí o gay que é o homem que namora com homem. E também tem as travestis ou os travestis, as transexuais, os transexuais, que também depende...

Participante: Então, como que funciona? Não é tudo uma coisa só?

Pesquisadora: Então, sobre as travestis ou transexuais depende, há pessoas que possuem relacionamentos com homens ou mulheres, é mais uma questão de identidade de gênero. De como ela se identifica como mulher. Já na sexualidade tem três tipos, a homossexualidade,

que pode ser homens que namoram com homens, mulheres com mulheres, tem a heterossexualidade, que é com o sexo oposto e a bissexualidade, que a pessoa tem preferência pelas duas coisas.

Participante: Não, mas pera (sic) aí, parece que tá (sic) misturando o feminino com o masculino. A homo, o que que é a homo?

Pesquisadora: A homossexualidade tanto homem com homem ou mulher como mulher. É assim, a pessoa tem um sexo e gostar do mesmo sexo que ela tem.

Participante: Ah tá, porque aí no..."disquinho" (sic) o Didi aí fala: "Ah, ela é homa", quer dizer, eu não entendo né? (sic). Então, tanto faz o homem como a mulher que gosta do mesmo sexo. O homem gosta do homem e a mulher gosta da mulher.

Pesquisadora: Isso. Aí tem o hetero, que é o homem com a mulher, ou a mulher com o homem, que é do sexo oposto. E tem o bissexual, que gosta tanto do sexo oposto, como do mesmo sexo.

Participante: Ah! Então, menina, é difícil porque...deve ter alguma coisa escrita sobre isso, mas não...não leio porque a gente também não tem tempo pra ler. Então, tem coisa que eu gosto de deixar mais de lado né? (sic). Por exemplo uma pessoa que é ignorante eu procuro evitar. Por exemplo uma pessoa que fala...língua estranha né? (sic), que é japonês, essas coisas, então...que eu não entendo, então eu evito. Mas não julgo, então eu evito, então a pessoa que é...vamos dizer a palavra portuguesa certa, que é metido a brabo (sic), então eu não...eu evito. Entendeu? Então, é...eu sou dessa maneira, então nessa parte aí do gay, dessas coisas eu vejo as vezes, igual eu vi no ônibus né? (sic), dois jovens assim, eu sentado assim e eles em pé. Quando chegou na praça ali ele beijou na boca do outro jovem. Falei Meu Deus, como é que pode. E tem gente que: "Oh, tá vendo olha aí isso é sem-vergonhisse", mas eu não sei! Entendeu como é que é? Então não ligo, não fico julgando. Quer dizer eu não concordo, mas não dou demonstração, então essas coisas assim eu evito. Agora o homem com uma mulher é lógico a gente conhece. Agora essa tal da oportunidade também é uma coisa muito certa. Se não tiver uma oportunidade não vai ter. Cê (sic) teve essa oportunidade de fazer essa entrevista comigo, né? (sic), se eu dissesse: "Não, não vou mexer com isso não, já tô (sic) lidando com idoso". Não, eu quero, eu tenho compreensão que eu tô (sic) aprendendo, e se eu não tenho compreensão, você falar e falar aí, nada entra na cabeça. Então eu conto pra você que a minha vontade é de ajudar os outros, que os outros sejam felizes é um prazer pra mim. Se você chega aí com um carrão daqueles mais caros que tiver eu vou falar "Oh, mas que bacana", mas tem gente que não é assim, entendeu? Nós estamos fazendo um estudo da...Monalisa, pra você ver, coitada a mulher sofredora, uma mulher simples, foi roubada, coisa e tal o quadro dela, ela também sofreu, o Picasso entrou no meio e não sei mais quem...Quer dizer, a gente vê essas histórias, né? (sic). Então a gente tem que ter compreensão, bom pra mim a história dela não tem muito valor, mas eu sinto que ali...Quando eu fiz esse curso de 40 e poucas horas, eu aprendi que tem gente que fala "Fulano, senta ali, que ali é melhor", "Não, eu quero sentar aqui". Eu não posso ficar com raiva da pessoa. Porque, até o próprio Deus, a bíblia diz que nós temos o livre arbítrio. Se nós quiser (sic) a gente vai na igreja, se quiser nós ora (sic) em casa, se quiser orar debaixo de uma árvore ele escuta. Interessa que você tenha aquela pegada, que é Deus. Não é tá (sic) na Igreja todo dia e aqui fora fazer coisa errada, então as coisas é assim (sic), se chama compreensão. Isso aí é

uma coisa que bate muito na minha tecla, porque se eu não compreender as coisas...Então, se você falar pra mim "Não, vai fazer isso faz aquilo", fala "Oh, escuta, porque que vai fazer assim?", "Não, porque é assim, assim e assim". Ah, eu questionei o assunto, daí eu vou ter a compreensão, mas se não perguntar, não entendi...Né (sic)? Quer dizer, a sua filosofia, por exemplo é uma coisa de conhecimento e eu já não tenho. Mas eu posso pegar um pouquinho do seu conhecimento! Você pode falar: "Não, sr. P, lidar com pessoa não é fácil". Uma pessoa de certo grau de estudo, de compreensão me falou duas vezes: "Sr. Paulo. o sr. é aposentado, não paga imposto, o sr. vai mexer com gente? Pode dar até um infarte!", eu pensei assim, aí lembrei, não, Deus não fez ninguém pra ser inútil não. E hoje eu pego. Tenho dificuldade, que eu leio essas papelada toda (sic), quando eu peguei uns papel (sic) ali, que tem que ler o porquê, como que eu tenho que fazer, num (sic) é fácil. Mas eu vou arrumar gente que vai me ajudar, agora eu vou desistir no meio do caminho? Porque já me aconteceu isso. Eu fiz, eu comecei a fazer curso de fotografia lá em São Paulo, larguei, comecei a fazer outro de rádio, cheguei a montar uma pecinha, né? (sic). Soldando ali direitinho, larguei de mão. Comecei a fazer o judô, depois larguei. E aí hoje eu comecei, não, agora não. Agora eu tenho tempo. Pego o ônibus todo dia vou na universidade, e faço aquilo e aprendo uma coisa, aprendo outra, né? (sic). Não é bom? Agora ficar: "Ah não, já tô (sic) velho, eu não...", quer dizer, falta compreensão. A velhice é assim, quando tiver (sic) mesmo, no fim mesmo dos tempos, aí vai enfraquecendo, aí sim, aí tá (sic) a velhice. Mas eu tô (sic) bom, então eu compreendo que eu posso. "Não seu (sic) Paulo o sr. pode...", eu tô (sic) mexendo no computador né (sic)? Não é fácil...mas eu tenho o computador aí, já disco o nome, já faço a letra pequena, faço a grande, mas já tô (sic)...Eu nem sabia ligar! Já sei ligar e desligar! Quer dizer, eu já não aprendi? Então, se outros podem, porque que eu não posso? Então é isso, é a compreensão também, né? (sic), agora dessa parte aí eu não...o gay, é mais ou menos isso aí. Tem aquele desejo, aí encontra a pessoa, e a oportunidade, aí assume o ato, aí se fica satisfeito, né (sic), e pode depois ficar analisando pra próxima vez, pensativo, se como foi bom. Deve ser assim.

Pesquisadora: "Uhum" (sic), o sr. mudaria de ordem isso que o sr. falou? Que o sr. colocou primeiro o desejo, né? (sic), segundo a oportunidade, terceiro assumir o ato né? (sic), quarto, fica satisfeito, e quinto pensativo. O sr. mudaria? Colocaria algum desses em primeiro?

Participante: Não, acho que não.

Pesquisadora: Entendi. Tá (sic) certo então, sr. Paulo eram essas as questões que eu tinha pra perguntar pro Sr. né? (sic). E agradeço sua atenção e disponibilidade de me receber!

3. SRA. ELMA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Bom, são algumas perguntas sobre sua vida, coisas assim. A sua idade, D. Elma?

Participante: Tenho 61 pra 62 anos.

Pesquisadora: Como é que é sua renda familiar? A sra. possui uma renda, aposentadoria ou o serviço da Sra. mesmo...

Participante: Não, eu sou aposentada mesmo e tem mais esse rendimento aqui...do meu serviço, né? (sic)? Só isso mesmo...que eu ganho também.

Pesquisadora: E qual que é a sua situação profissional? A sra. trabalha né? (sic)? A sra. é aposentada, mas continua trabalhando?

Participante: Trabalhando...tanto aqui, como em casa também, né? (sic)? Porque eu sou só. Tenho as minhas amigas que às vezes prestam algum serviço em casa, algum dia, mas sou independente mesmo.

Pesquisadora: E a sra. trabalhava com o que, que a sra. aposentou?

Participante: Eu antes trabalhava na fazenda, eu era...(risos) “lavorista” mesmo! Só na enxada e conheci tudo, tudo que era serviço de fazenda, nós fazíamos.

Pesquisadora: Plantação, mexer com gado?

Participante: Tudo. Então, não to trabalhando mais agora, porque agora não to mais lá, mas trabalhei de tudo isso aí! Plantação...

Pesquisadora: Faz muito tempo que a sra. aposentou?

Participante: Não, não tem muitos anos não. Tem uns... 3 anos acho.

Pesquisadora: Ah tá. É recente, né? (sic). E a sua escolaridade? Até que ano a sra. estudou?

Participante: Eu não cheguei a terminar o segundo grau, hein? (risos). O primeiro grau, segundo grau...não terminei. Eu não sou...não tenho aquela...diploma do segundo grau.

Pesquisadora: Entendi. E o seu estado civil? A sra. já foi casada? Ou é solteira?

Participante: Não, não fui casada, sou solteira.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Pesquisadora: Solteira. E agora um pouco assim da sua história de vida e do seu dia-a-dia...Como que a sra. conheceu a Associação de moradores? Como a sra. começou a participar?

Participante: Eu sou amiga, conhecida do....amiga, conhecida do...

Pesquisadora: Do Sr. P.?

Participante: Do P. há uns doze anos já, ou mais...Então, através disso a gente ta sempre encontrando com ele, e ele me convidou pra participar disso aí. Falei “bom...é uma opção pra mim, pois eu também já estou na terceira idade mesmo!” (risos) Eu tô (sic) entrando” (risos).

Pesquisadora: (Risos)...e um pouco do seu dia-a-dia. Como é, a sra. acorda cedo, já vem trabalhar ou trabalha em casa?

Participante: Eu acordo cedo e ainda tenho que ver o serviço de casa...pra mim preparar até meu almoço, né? (sic)...já que eu deixo tudo meio preparado...Serviço de casa também, tem, porque tem horta, plantação em casa e quintal grande. Tudo eu faço, às vezes antes de sair, quer dizer, não está todo assim bem organizado, mas tudo a gente tem que...deixar limpo, devido as...assim né? (sic) De...a limpeza por causa de bichos, né? (sic) Dengue, essas coisas assim...Então, sempre ta fazendo isso...cedinho.

Pesquisadora: Cedinho!

Participante! É! (risos).

Pesquisadora: E a sra. mora sozinha?

Participante: (aponta para o seu cachorro): “Eu e aquele lá!” (risos)

Pesquisadora: É seu amigo! (risos)

Participante: (risos). Ele me acorda, se eu ficar dormindo até tarde ele não deixa eu dormir não! Chama e chama mesmo!

Pesquisadora: Olha só! A sra. tem garantido o despertador!

Participante: É, esse aí é um despertador! Nunca vi!

Pesquisadora: E como que são as suas condições financeiras? São equilibradas? Dá pra levar ou fica apertado?

Participante: Vou dizer a verdade. Eu só não aperto porque eu sou muito equilibrada nisso aí. Graças a Deus não me falta nada, mas eu não posso fazer tudo que eu quero, tem que ser tudo dentro do limite. Por exemplo: minha casa ta lá precisando de uma reforma, qualquer coisa, mas não...não dá! Outra também porque ela é tão velha, que acho que tem que demolir, não sei o que fazer daquela casa lá não. Mas alguma arrumada nela eu vou ter que dar né? (sic), porque...enquanto eu tô (sic) aí né? (sic) Tem que dar uma arrumada nela.

Pesquisadora: A sra. sempre morou aqui?

Participante: Sempre morei aqui, desde os 15 anos que eu moro na cidade aqui.

Pesquisadora: A sra. só ia pra fazenda trabalhar...

Participante: Não, eu morava lá desde pequena. Eu trabalho...toda vez eu vou. Hoje mesmo se eu for pra fazenda também eu ia trabalhar. Tem que ajudar as coisas lá, lá em casa é só minha mãe mais três irmãos...

Pesquisadora: Sua mãe mora na fazenda com seus irmãos?

Participante: Mora, mora lá com meus irmãos.

Pesquisadora: E seu pai? Já é falecido?

Participante: Meu pai já é falecido já.

Pesquisadora: E me conta um pouco assim dos seus relacionamentos, tem namorado? As vezes arruma um paquera? Como é que ta isso?

Participante: (risos). Não. Pode ser que está nulo, assim. Não tenho namorado não.

Pesquisadora: É? Faz muito tempo que a sra...

Participante: Nem eu quase arrumo namorado não, porque as vezes esses namorados aí é meio...meio complicado. Tem que ter um pouco de atenção, né? (sic) Tempo.

Pesquisadora: Então é por sua opção que a sra. não...não quer.

Participante: É...um pouco também acho que é comodismo, porque se arrumar namorado a gente não tem mais sossego...E a maior parte dessa rapaziada hoje aí o compromisso deles é diferente do da gente, né? (sic) (risos)

Pesquisadora: Entendi! Faz muito tempo que a sra. não se relaciona com ninguém?

Participante: Faz...faz tempo já. Ainda no tempo da minha juventude eu ainda era mais de festa, de baile, de paquerinha...agora não...Uma que o tempo...o tempo, já falo o tempo mesmo, né? (sic) O tempo tá (sic) muito complicado. Você vai num baile, você tem que estar acompanhada, não pode estar sozinha, tem dificuldade para ir, para voltar, tudo diferente dos anos que eu...que eu participava, hoje é tudo diferente. A gente tem até medo de ir participar desses bailes aí. Mas eu, uma festinha assim, esse tipo de coisa assim eu vou...

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:

Pesquisadora: E me diz um pouco o que é a velhice para a sra.? O que que é envelhecer? A sra. já se vê envelhecendo? O que a sra. acha disso?

Participante: Eu não estou me sentindo envelhecida não. Eu não sei se é da minha luta, que eu não paro. Posso até ter mais dificuldade um pouco de estar assim... que...você não é mais o que era antigamente, mas eu não me sinto velha não. Posso até me falar de velha aqui, mas eu na minha...não...eu faço a mesma coisa.

Pesquisadora: Então o que é velhice pra você?

Participante: É os tempos! Eu digo os tempos que vai passando né? (sic) Que tudo tem um...um...tem um negócio final, né? (sic) Todo mundo tem final, mas dizer que eu estou velha, fraca, doente, que não posso...não, não tem pra isso não.

Pesquisadora: Entendi! E o que a sra. pensa sobre essas questões de namoro, de sexualidade, o que a sra. acha disso?

Participante: (risos) Pra juventude hoje? Pra todos, né? (sic)

Pesquisadora: Pra todos.

Participante: Eu acho que se se dão bem, se...se gosta, se querem, tem que participar, tem que ir...ir pensando na responsabilidade né? (sic) Tanto o idoso quanto o jovem, porque o jovem não está muito...preocupado com a vida, mas eles tem o direito, né? (sic) Não pode tirar esse direito deles. Os idoso também. Os idosos querem passar o tempo, querem aproveitar. Agora eu não vejo isso só no aproveitar, então tem tantas coisas boas que você pode fazer sem ser...tipo assim ser um relacionamento com um ser, né? (sic) Diferente. Tem muita coisa boa. Eu não me preocupo muito na minha parte com isso não, porque eu...minha vida é muito ocupada, meus tempos são muito ocupado, então não sobra muito tempo pra você por isso na cabeça, porque muitas vezes depende da gente, né? (sic) “Eu quero isso, aquilo, então vou lutar por aquilo”. Agora você vai lá deixando, vai...Eu acho que seja assim, né? (sic) (risos). Não sei também.

Pesquisadora: Entendi. Não, mas a sra. pode falar o que a sra. pensa mesmo.

Participante: É eu...penso isso mesmo.

Pesquisadora: E o que a sra. acha dessa questão da homossexualidade, homem que namora com homem, mulher com mulher. O que a sra. acha disso?

Participante: Eu...eu não acho certo. Porque não sei se é devido a...da crença da gente...Eu acredito que um pouco...é eles mesmos que põe isso na cabeça e vai...Uns é meio de nascença, né? (sic) Outros parece que eles põe na cabeça que eles gostam muito e mudam as coisas, né? (sic) Eles próprios mudam as coisas, né? (sic) Não acredito que Deus deixou essas coisas não! (risos).

Pesquisadora: A sra. tem alguma religião?

Participante: Eu sou evangélica, mas mesmo assim, eu sou mais a bíblia, né? (sic) Então eu nem li a bíblia inteira para saber o que é que tem sobre isso aí, mas...eu não sei se isso vem de...vem de geração mesmo ou é eles que...né? (sic). Que quer mudar muito, que quer experimentar muito as coisas da vida, né? (sic) Parece que falta uma coisa, então eles querem se...sei lá como que eles se sentem, querem aproveitar de outra forma, então apela pra essas coisas, porque muitas pessoas...demais. Umas pessoas que tem a capacidade de ser um homem, uma mulher, mas não, eles querem viver assim de...de coisas diferentes, né? (sic) (risos).

Pesquisadora: E o que a sra. acha das vivências da sexualidade, relações sexuais e namoro na velhice? O que a sra. acha disso?

Participante: Olha, é como eu disse lá, se eles sentem bem, sentem necessidade e gostam disso eu não sou contra. Eu acho que eles devem até, porque é uma companhia um pro outro na velhice, né? (sic) Porque na velhice é pior do que na juventude, porque na juventude você é uma pessoa liberal. Você faz o que você quer, sai para onde você quer, vai para todo lugar. Vai chegando numa certa idade você não pode mais viajar sozinho, não pode nada. Você não agüenta às vezes, né? (sic) E outros é porque não gostam mesmo, agora contra eu não sou, a esses relacionamentos, só que tem que ver também, né? (sic) Porque é a mesma coisa da juventude, né? (sic) Tem muitas pessoas idosas aí que está...fazendo arte também, né? (sic) Ultrapassando um ao outro e eu não acho...por isso que eu não acho certo, né? (sic) Agora, se eles gostam, sentem necessidade de ter uma...viver a dois acho que está certo.

Pesquisadora: Entendi. E a sra. já viu casos ou ouviu dizer de homossexualidade na velhice? De homem com homem, mulher com mulher que namoram e são idosos e idosas?

Participante: Eu não ouvi isso ainda não. Que depois desta certa idade de idosos que passou a ser assim? Não, vejo muito em novela isso aí, né? (sic) Mas na realidade, não sei se é falta de convivência também, mas não... não tenho assim conhecimento de ninguém que eu já vi não.

Pesquisadora: A sra. acha que os homens vivem de forma diferente o namoro, o casamento, de forma diferente das mulheres? Acha que tem diferenças na forma como cada um vive, sente...

Participante: Casal?

Pesquisadora: É, casal, namorados, ou os homens em geral e as mulheres. Acha que os homens são mais ciumentos, ou as mulheres são mais ciumentas? Coisas assim, essas diferenças... A sra. acha que existe isso?

Participante: Acho que existe sim, sempre existiu e existe essas diferenças. Não são todos, cada um tem um... um sistema de, de vida... tanto homem, quanto mulher. Mas que homem aparece mais ciumento, acredito que seja... mais ciumento que a mulher. Agora a mulher também não... não tá (sic) ficando para trás também não. (risos).

Pesquisadora: E a sra. acha assim que as mulheres são mais namoradeiras ou os homens são mais namoradores? O que a sra. acha disso? Quem gosta mais de viver esse namoro, essa sexualidade? Os homens ou as mulheres?

Participante: “Ixi”... eu estou achando que agora já está quase igual, hein? Antigamente mais era os homens, as mulheres eram mais sossegadas, mas hoje as mulheres estão... ultrapassando, né? (sic) Também. Eu não sei, tenho a impressão que está meio igual agora já. Teve uma época que “ah só falavam que os homens que eram... não sei o que”, mas acho que depois que ficou essa a... as mulheres ter... como se diz? A mulher ter as mesmas... quase as mesmas igualdades do homem de participar, de sair, de trabalhar; elas não ficam pra trás não... Elas também tão bem... (risos).

Pesquisadora: A sra. acha que essa igualdade está maior?

Participante: Tá maior, tá... mas acho que na minha opinião homem e mulher “tão” meio... igual, né (sic)?

Pesquisadora: Ah sim, entendi. E a sra. acha que essas diferenças que a gente está falando na velhice, como que a sra. acha que elas se dão? Os idosos e as idosas são diferentes na forma de se relacionar? A sra. acha que os homens idosos são mais namoradores ou as mulheres...

Participante: Um pouco... eu acredito que um pouco eles são menos, mas também quando dão para ser namoradores é em todo lugar... vixi! (risos) Né? (sic) É em baile e tudo... Eu não vou em baile, mas sei que tem os homens e as mulheres tudo que... que gostam e... tem as... as cantadas como eles dizem, né? (sic) Gostam de namorar mesmo, né? (sic) (risos)

Pesquisadora: Agora eu vou fazer algumas perguntas, eu vou falar algumas palavras e a sra. fala as cinco primeiras palavras que vierem na sua cabeça. Não precisa nem pensar muito, é o que vier mesmo! Quando eu falo, por exemplo, a palavra “velhice” o que que vem na sua cabeça? Cinco palavrinhas...

Participante: “Velhice”?

Pesquisadora: É...

Participante: Ah, não sei lá...tem tanta coisa...Acho que um pouco é perda de...de vontade de sair assim...de viajar, de “coisa”...de participar também.

Pesquisadora: Perda de vontade, né? (sic)

Participante: É...de estar como era antigamente, né? (sic) Em todas as partes eu acho, né? (sic) Até na alimentação eles mudam muito...(risos)

Pesquisadora: Pode ser qualquer coisa que vier na sua cabeça quando a sra. lembra de “velhice”.

Participante: Velhice, né? (sic) E eles reclamam muito, tudo as coisas reclamam “que eu to velho, to velho”. Acho que nem tudo isso, né? (sic)

Pesquisadora: Reclamam?

Participante: É...doenças, é só o que eles pensam também.

Pesquisadora: Faltam duas palavrinhas.

Participante: Doenças, né? (sic) `

Pesquisadora: A sra. falou: Perda de Vontade; Não é como era antes; Reclamam muito; doenças...Faltam duas.

Participante: Doenças e...Viagem também, né? (sic) Amizade...

Pesquisadora: Está bom.

Participante: É? (risos).

Pesquisadora: E se eu falo a palavra “envelhecimento”? Vem outras coisas na sua cabeça?

Participante: Envelhecimento?

Pesquisadora: É.

Participante: Assim como eu disse...Eu acho que o envelhecimento que a gente acredita é o passar dos anos, porque tudo vai, né? (sic) Não é como antes...

Pesquisadora: Não é como antes.

Participante: Tudo...tudo...um carro novo ele pode, ele é tudo...vai ficando velho ele vai perdendo um pouco das...das...da juventude. Vai perdendo a...

Pesquisadora: Mais alguma palavra vem?

Participante: De envelhecimento? (risos)

Pesquisadora: É...

Participante: Eu acho que é tudo isso aí que nós falamos...que envelhecimento é isso: Você vai perdendo a vontade de tudo também, de viajar, de...de...

Pesquisadora: Se eu falo a palavra “Terceira Idade”, vem outras coisas na sua cabeça?

Participante: Assim, eu acho que você pode estar tendo a oportunidade de participar de outras coisas né? (sic) De conhecimento...porque na juventude você quer saber só de baile, de estudo e coisa...de tanta coisa...Chegando a terceira idade já é mais...não é muito mais aquela vontade de bailar, dançar, namorar...Eu acho que não é todos que pensam em namorar.

Pesquisadora: Entendi. E quando eu falo “sexualidade”, o que que vem?

Participante: “Sexualidade”? Eu não sei...é que todos os anos tem essa parte da sexualidade. Tudo é sexual, né? (sic) Mas...existem os que participam mais, né? (sic) Da vida ativa...sexual, né? (sic) E outros não...Na terceira idade, né? (sic) (risos).

Pesquisadora: O que mais que vem na sua cabeça se eu falo “sexualidade”? Pode falar o que vier...

Participante: Eu acho que tudo em...opostos, né? (sic) Tudo em opostos na sexualidade, porque alguns tem mais atividade, né? (sic) Em querer...conhecer alguém, namorar, passear, sair...principalmente a juventude, né? (sic) Mas, nós estamos falando da terceira idade, né? (sic)

Pesquisadora: Bom, pode ser o que vier à sua cabeça.

Participante: Então...não sei. Tem “terceira idade” que é pior do que a juventude, né? (sic) Há muitos anos que eu participo dessas “terceira idade”, porque...trabalhando assim, né? (sic) Mexe muito com a terceira idade...muito, muito mesmo! Porque...a juventude é mais fácil deles viverem, né? (sic) Vai numa loja, compra uma mercadoria...eles...qualquer lugar, qualquer roupa está bom pra eles. Agora a terceira idade é difícil porque...uma que uma não gosta daquele modelo. Não pode usar isso, não pode usar aquilo. Não pode usar curto, não pode usar muito aberto, outros modelo...Então, a gente tem mais assim até...mais contato com as pessoas idosas já. Toda a vida, não só agora que eu já também estou na terceira idade (risos). Mas toda a vida foi assim. A gente tem mais é...a terceira idade. A juventude eles estão, eles sentem bem em qualquer lugar, né? (sic) Qualquer loja eles compram, eles se divertem, agora a terceira idade já não é muito, né? (sic)

Pesquisadora: Não é tão fácil...

Participante: Não...tem que ser mais coisas...

Pesquisadora: E quando eu falo a palavra "homossexualidade", o que que vem?

Participante: Homossexualidade?

Pesquisadora: É. Pode falar o que vier.

Participante: Ah, eu não sei te explicar esse negócio de homossexualidade porque, isso aí é do, do travesti, né? (sic) Então, como eu tô (sic) dizendo pra você, eu acho que é uma opção deles...de vida diferente, porque sei lá, dá a impressão que eles se encontram melhor com os outros homens, porque mulher diz que é tudo cheia de "enjoeira" de "coisa", e eles, entre eles mesmos se dão melhor. Muitas vezes a gente já ouviu gente comentando isso, que mulher é muito complicada, muito problema, dá muita despesa. Então eles querem viver lá entre a...entre eles. (risos).

Pesquisadora: O que mais que vem em sua cabeça?

Participante: Do homossexual?

Pesquisadora: É. O que vier...

Participante: Mas você está falando de homossexual ou daqueles homens assim...Homossexual é homem...também, né? (sic)

Pesquisadora: É, são os homens que namoram com homens e mulheres com mulheres...

Participante: Ah tá (sic), isso são os homossexuais mesmo, né? (sic)

Pesquisadora: Isso.

Participante: É...100% opção de vida. Querer experimentar outra coisa que não é...não é...diferente pra eles...uma vida diferente que eles gostam né? (sic) Acho que tanto o homem quanto a mulher, né? (sic)

Pesquisadora: Mais alguma coisa vem?

Participante: (Risos) Eu também já...convivi muito com esse pessoal, já mexi, já trabalhei, já trabalhou comigo...Homossexual.

Pesquisadora: Ah, é?!

Participante: É! homossexual, mas muitas vezes eles querem se aproximar de mulher para...pra ficar, ver se aparece uma isca pra eles, né? (sic) (risos). Coitado dos homens!

Pesquisadora: Ah, Entendi! Bom, D. Elma Essas eram as perguntas que eu tinha pra fazer pra sra. Eu agradeço a sra. ter parado um pouco do seu dia aí...

Participante: Mas foi tão bom falar da vida dos outros! É divertido falar da vida dos outros! (risos).

Pesquisadora: Conversar um pouco né? (sic)

Participante: É! (risos)

Pesquisadora: Então, D. Elma. é isso, qualquer outra coisa que aparecer eu entro em contato, mas a sra. pode ficar tranqüila que não vai tirar mais do seu tempo não!

Participante: (Risos) Não vai precisar você fazer outra viagem não?

Pesquisadora: Não! (risos)

4. SRA. FRANCISCA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Vou fazer algumas perguntas, primeiro alguns dados de identificação, né (sic)? Qual que é a sua idade?

Participante: Sessenta e cinco.

Pesquisadora: Sessenta e cinco? O seu nome completo é? T. é o seu apelido?

Participante: É, é apelido. É Francisca.

Pesquisadora: Francisca. S. da C.

Pesquisadora: E a senhora possui alguma renda familiar? Como é que é a situação econômica da senhora?

Participante: Aposentada.

Pesquisadora: É aposentada? Aí recebe a aposentadoria, tudo certinho?

Participante: “Uhum” (sic).

Pesquisadora: E a senhora tem alguma profissão, exerce...

Participante: Eu sou professora aposentada.

Pesquisadora: Professora aposentada?

Participante: “Uhum” (sic)

Pesquisadora: De, de que matéria? Como que era?

Participante: É, eu sempre fui de..do EJA, né? (sic). Eu fui...vários anos eu fui do EJA, depois eu passei a dar aula assim, em escola particular, depois fui pro município, depois fui pro estado, sai de novo...Na época do Z. eu fui oito anos professora, de jovens e adultos.

Pesquisadora: Ah sim! E qual é a sua escolaridade?

Participante: Eu terminei...eu fiz o magistério, depois eu fiz é... fiz complementação de pedagogia, fiz complementação.

Pesquisadora: Ah sim! É qual é o seu estado civil?

Participante: Sou divorciada.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Pesquisadora: Divorciada? Ah sim. É...Agora eu vou perguntar algumas coisas sobre o cotidiano da senhora né? (sic). E a história de vida também. Como que a senhora começou a participar da associação de idosos?

Participante: Olha, eu sempre fui participativa em todas as comunidade (sic) onde eu morei né? (sic). Todos os bairro (sic) que eu morei, eu fui participativa. Sempre eu tinha assim...era clube de mães, associação de moradores, associação de mulheres, associação de amigos, então sempre, toda vida eu fui participativa, sempre gostei de ta (sic) mexendo com a população.

Pesquisadora: “Uhum!” (sic). E aí a senhora entrou em contato com essa associação, como é que foi que a senhora conheceu?

Participante: O senhor P.?

Pesquisadora: Isso.

Participante: É porque eu...eu faço parte do conselho regional do centro da cidade. Urbano né? (sic). Do centro da cidade, e faço parte também daqui do Anhaduizinho. Aí eu faço parte do conselho local de saúde também, daqui do bairro, né? (sic) nosso...A Unidade de saúde. Aí o seu (sic) P. falou que tava precisando né? (sic), falou que ele que tava (sic) precisando, daí eu falei assim, ele falou assim se não importava colocar meu nome, falei se eu puder ajudar né? (sic), claro, se eu puder contribuir né? (sic), aí ele colocou meu nome na associação, mas eu já conhecia ele da...de reuniões, dos bairro (sic) que a gente participa, ele participa e eu também, do centro da cidade.

Pesquisadora: Ah entendi.

Participante: Do conselho.

Pesquisadora: É...a senhora pode me falar um pouco sobre seu o cotidiano, o seu dia-a-dia, como é que é...

Participante: Bom, eu sou missionária né? (sic). Então é assim: eu, como eu já sou aposentada, arrumei alguma coisa pra fazer. Eu não quero ficar parada. Aí eu fui ungida missionária da igreja Evangélica. Aí, assim eu tenho dias determinados, por exemplo, na quarta eu tenho grupo de oração aqui na igreja, bem aqui pertinho. Aí, na...na...no sábado eu tenho culto na igreja. Aí durante a semana, por exemplo, na segunda, eu dou um curso de reciclagem de garrafa pet. Daí na terça a gente sai fazer visita nas casa (sic), vai...vai fazer leitura bíblica nas casas. Então eu não fico parada.

Pesquisadora: Nunca fica parada, né (sic)?

Participante: Não, não...Tem dia que eu esqueço até de almoçar porque tanta coisa que eu vou fazendo, fazendo, fazendo...chego na casa aí, tomo um lanche, convidam prum (sic) lanche, aí passa, aí chego em casa...aí quando eu chego em casa é que eu vou almoçar e jantar ao mesmo tempo. É...aí que eu lembro, tem dia que eu esqueço.

Pesquisadora: Então é bem corrido o seu dia-a-dia.

Participante: É bem corrido é, bastante...bem corrido mesmo.

Pesquisadora: “Uhum” (sic). E a senhora participa da universidade também, aberta a terceira idade?

Participante: Não, eu, esse ano eu não fui não, eu...eu ia (sic) ir mas depois surgiu (sic) outros problemas, perdi meu filho mais velho né? (sic) Faleceu, aí fiquei muito abalada com a morte dele né? (sic). Aí eu não...não quis participar, mas eu ia participar né? (sic).

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Eu ia participar, eu posso participar. Mas não fui não, talvez o ano que vem, sobra um tempinho...

Pesquisadora: Voltar né? (sic)

Participante: Se eu não arrumar mais atividade pra fazer!

Pesquisadora: Já tem bastante né? (sic)...

Participante: Tem bastante...

Pesquisadora: ...completo o dia

Participante: É, tá, ih! (sic). Na segunda né? (sic), a gente dá o curso. Na terça eu to por aí. Então não paro.

Pesquisadora: Não para mesmo!

Participante: Eu não, cê (sic) sabe o que que é não sentir..., tem gente que fala: "ai eu to (sic) tão triste sozinha". Eu não me sinto sozinha, eu não me sinto sozinha, e nem sou estressada, nem me estresso, nada. Eu tenho muita atividade, eu ocupo muito minha cabeça.

Pesquisadora: “Uhum” (sic).

Participante: Minha cabeça, pode ser que a pele envelhece (sic), os ano (sic) passa a pele envelhece né (sic), mas o espírito continua jovem.

Pesquisadora: “Uhum!” (sic).

Participante: Eu...eu dou palestra na igreja também.

Pesquisadora: “Uhum” (sic) . Qual que é a sua religião?

Participante: Eu sou evangélica.

Pesquisadora: Evangélica?

Participante: “Uhum”.

Pesquisadora: Ah sim.

Participante: Pentecostal.

Pesquisadora: Pentecostal, “uhum” (sic). E a senhora é daqui de Campo Grande mesmo...?

Participante: É, eu nasci em Ponta Porã, mas eu vim pra cá com 12 ano (sic) de idade.

Pesquisadora: “uhum” (sic).

Participante: Eu... criei aqui né (sic), cresci aqui.

Pesquisadora: Ah sim.

Participante: Aqui que eu me entendi por gente.

Pesquisadora: Legal! E...e as suas condições financeiras, como que são? Equilibradas?

Participante: Olha, eu sou muito econômica demais. Eu só compro aquilo que eu posso, que eu vejo que eu vou poder pagar. Eu compro a prestação, mas eu compro tudo naquele...eu determino né (sic), pagar minha água, minha luz, telefone, tudo...né (sic), certinho, aí eu vejo se eu vou poder comprar ou não. Eu compro, olha cê (sic) acredita que Deus me abençoou tanto, e com meu salário eu compro presente pros meus filhos. O ano passado....passado, é...retrasado, minha filha formou, eu dei um comp...um...um...um net pra ela né (sic), pra ela fazer as atividade (sic) da escola dela, que ela dá aula também.

Pesquisadora: A senhora tem quantos filhos?

Participante: Eu só tenho...agora ficou só dois.

Pesquisadora: Dois?

Participante: Era (sic) só três, faleceu um, aí ficou o caçula e ela, a menina, casada né (sic). Tem (sic) dois netos...três neto (sic), ficou três. É três neto, porque esse que é do meu filho que morreu, ficou o pequenininho de quatro anos. E a minha...minha renda é controlada. Graças a Deus cê (sic) pode olhar minha geladeira, tá (sic) lotadinha, meu armário tá cheio de mantimento, né (sic). Minha casa é isso aqui que cê (sic) tá (sic) vendo. Casa parecendo casa de boneca, tudo cheio de almofada, boneca pra tudo quanto é lado, eu tenho...tem boneca...

Pesquisadora: A senhora costura?

Participante: Costuro.

Pesquisadora: A senhora que faz então?

Participante: É, é, é.

Pesquisadora: Que legal!

Participante: Eu que faço!

Pesquisadora: A senhora costura pra fora também?

Participante: Não, não, só quando uma amiga pede assim pra mim (sic) fazer alguma coisa aí eu faço. Pra não ocupar meu tempo, senão eu tenho que ficar direto em casa né (sic). Eu não sou...não gosto muito de ficar em casa. Doméstica.

Pesquisadora: Gosta de sair!?

Participante: Gosto de ta (sic) sempre movimentando com alguma coisa fora de casa.

Pesquisadora: “Uhum” (sic), legal. É, e os seus filhos, moram aqui?

Participante: Não, os dois mora (sic) lá em São Gabriel do Oeste. Inclusive o caçula que casou agora, ele vai vim (sic) amanhã, vai vim (sic), faz tempo que eu não vejo ele, acho que faz uns três mês (sic) que eu vim de lá, aí ele tá (sic) com saudade.

Pesquisadora: Vai fazer uma visita!

Participante: É, ele vem, ele e a mulher dele. Ele é novinho, tem 18 ano (sic), completa 18 amanhã, e a menina tem 15. Já tá (sic) grávida já.

Pesquisadora: São bem novos

Participante: “Uhum” (sic) e já tá (sic) grávida.

Pesquisadora: Ah, já vai ter um netinho?

Participante: Já vai ter um bebezinho com 15 ano (sic). Ele novinho né (sic), vai ser pai e ela novinha vai ser mãe.

Pesquisadora: Sim!

Participante: Então...Tô (sic) na expectativa do bebê.

Pesquisadora: E como estão as suas relações afetivas, amorosas, sexuais, como é que tá (sic) essa, essa parte da sua vida?

Participante: Olha, eu, por eu ser evangélica a gente não se envolve né (sic), assim na na...na parte da sexualidade, a gente não se envolve. A não ser que alguém, por exemplo, a gente conhece alguém e aí começa um relacionamento e só pode dormir com ele só depois de casar. A minha religião não permite né (sic).

Pesquisadora: Entendi...

Participante: Então, até agora não apareceu nenhum príncipe ainda!

Pesquisadora: Ah, tá à espera!

Participante: Tô (sic) à espera!

Pesquisadora: Ah, entendi...E como é que foi, a senhora foi casada né (sic)?

Participante: Eu fui casada...

Pesquisadora: Faz muito tempo que divorciou, como é que foi esse processo?

Participante: Tá (sic) com...bom, que ele resolveu assinar, foi o ano retrasado né (sic). Mas...

Pesquisadora: É recente então?

Participante: É...é. Tá (sic)...não, tá com...já tô (sic) com cinco, seis anos que eu tô (sic) separada dele né? (sic). Só que...que ele assinou o divórcio é, né (sic), pra que não entrasse na justiça e tal na briga, ele assinou numa boa. Mas levou três anos pra ele assinar. Porque ele queria voltar. Aí eu é que não quis voltar mais.

Pesquisadora: Entendi...

Participante: Sabe? Então ele não queria dar o divórcio. Aí eu, fui levando na água morna, ele também é evangélico né (sic), aí a gente foi conversando, conversando até que ele assinou! Deixou livre ele, falei pra ele. Cê (sic) fica livre e eu também né (sic)? Ele tem, ele tem 71 anos.

Pesquisadora: Mais velho que a senhora?

Participante: É. Aí, não deu certo né (sic). A gente resolveu por um ponto final porque evangélico não pode tá (sic) discutindo, brigando assim.

Pesquisadora: “Uhum”, e cês (sic) discutiam muito, brigavam muito?

Participante: Não, não. O problema nosso foi traição. Da parte dele.

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Então não houve briga. Eu simplesmente saí, entrei na justiça né (sic). Assim que eu saí da casa já fui lá na justiça né (sic), na, naquela atendimento a mulher. Expus o caso pra delegada e aí, o (sic) a a, a assistente social que tava lá, aí ela fez um boletim de ocorrência e tal, maontou o processo, aí eu entrei com o processo de divórcio.

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Mas demorou pra ele assinar. Mas é... deu tudo certo! Sem briga sem discussão, sem nada...Às vezes ele me liga quando ele tá (sic) doente, pra fazer oração pra ele.

Pesquisadora: E a senhora?

Participante: É, eu faço oração na igreja né (sic). Eu não vou na casa. Na casa dele eu não vou né (sic). Não que eu tenha alguma inimizade, alguma coisa. Não, não tenho nada. Mas é pra evitar. Aí eu não vou na casa dele. Aí eu só faço oração na igreja.

Pesquisadora: Ah, entendi. E depois que a senhora separou, não surgiu nenhum namorado? Coisa assim?

Participante: Surgir, surge um monte né (sic)? Ih...

Pesquisadora: Surge um monte...

Participante: Surge um monte! Só que a gente, como, por ser evangélica, a gente, a gente vai muito dentro da bíblia né (sic)? A gente segue o que tá (sic) escrito dentro da bíblia. Porque na bíblia em Marcos, Marcos 16, se eu não me engano, tá (sic) escrito que o corpo da gente é o templo de Deus. Então a gente, por exemplo, se eu me deitar com meu, vamos supor que eu namorei um cara. Eu sendo evangélica. Aí eu deitei com ele e já fui transar com ele. Aí, aí eu já tá cometendo adultério! Prostituição. Tanto ele tá (sic) se prostituindo como eu também. Então a gente, tem, quando é evangélico, tem outra mentalidade, diferente. A gente não fica namorando assim não. Agora a gente espera em Deus né (sic). Se ele colocar uma pessoa ali, se conversar e ver que vai dar certo aí tudo bem, mas do contrário a gente não pode arrumar namorado não.

Pesquisadora: Entendi, entendi. É...agora eu vou falar um pouco...

Participante: Deixa eu por uma bacia aqui, dá licença só um pouquinho. É que tem uma goteira aqui.

Pesquisadora: Tudo bem!

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:

Pesquisadora: Então, agora é... vamos falar um pouco sobre velhice, envelhecimento. O que é velhice pra senhora?

Participante: Olha, eu vejo da maneira assim, tem pessoas que falam assim: "Ai eu tô (sic) velha", "Ai eu não vou fazer isso porque eu tô (sic) velha já pra essas coisas". As vezes a gente convida pra fazer um curso. "Ah pra que que eu vou fazer esse curso, eu tô (sic) tão

velha já". E tem pessoas...eu to...dou curso pruma (sic) senhora de 52 anos. Ela aparentemente, a fisionomia dela, parece que ela tem mais idade do que eu. Ela, parece que ela cruzou os braços e tá (sic) esperando só o dia de cada dia passando o tempo pra ela morrer de certo. Sabe? Então pra mim, a velhi..., pra mim velhice não existe. Eu acho que a velhice é psicológico. Porque quando a gente quer determinar uma coisa a gente faz. Não importa a idade. E nem pra amar, namorar né (sic), pra quem gosta de namorar né (sic)? Não tem idade! O amor por amor não existe idade. Né (sic)?

Pesquisadora: “Uhum”!

Participante: Cê (sic), cê (sic) assiste aquela novela?

Pesquisadora: Qual?

Participante: Do...da, “Amor à Vida”?

Pesquisadora: Ah, às vezes assisto sim!

Participante: Então, tem aquele médico e a...a...a mãe da...da Pilar, (risos). Ela tá (sic) namorando um doutor, mais velho que ela e ela também bem de idade já, mas eu ri, eu ri tanto! Ela chegou, ela foi pousar com o médico. Foi pousar, foi transar com o médico, com o namorado dela. Aí, como ela não tinha costume de fazer isso, a filha Pilar ficou horrorizada! Aí falou: “Mamãe que, aonde é que a senhora foi? Fui dormir com o meu namorado!”. Todo mundo ficou de boca aberta: “Mamãe! Nessa idade?!”. Aí né (sic), a mentalidade dela! É, aí ela falou assim, a...a senhora falou assim, a mãe da Pilar falou pra ela assim: “E pra gente amar e transar precisa ter idade?”.

Pesquisadora: Esse dia eu perdi!

Participante: “Uhum” (sic), a velhinha falou! “Uhum” (sic): “E pra gente namorar e transar precisa ter idade?”. Falou pra filha dela. Mas eu ri tanto, ri tanto!

Pesquisadora: Legal, né (sic).

Participante: É, e eu penso assim também. Só que dentro da nossa religião a gente tem, é uma determinada doutrina. Tão (sic), se, por exemplo, eu não posso namorar um, uma pessoa que não seja evangélico. Tem que ser evangélico. Pode ser da “Deus é Amor”, de qualquer outra denominação, mas tem que ser evangélico, porque...porque o que tá (sic) dentro do, da Bíblia os evangélicos segue (sic) o que tá dentro da Bíblia.

Pesquisadora: “Uhum” (sic), entendi.

Participante: Se tivesse tempo eu ia te mostrar na bíblia onde tá (sic) escrito que o corpo da gente é templo de Deus. E...eu vou te falar uma coisa! Quando a gente não, a gente não, não tá (sic) assim namorando com um, assim com outro né (sic), Deus abençoa tanto, purifica tanto a gente que tudo que cê (sic) pede, pede, pra Deus ele te dá. Interessante viu?

Pesquisadora: Entendi!

Participante: É! Porque a gente não, não se prostitui né (sic), não deita com qualquer pessoa né?

Pesquisadora: “Uhum” (sic).

Participante: É gostoso ser evangélico! Eu gosto da minha religião.

Pesquisadora: Legal! Então, a senhora já falou um pouco sobre isso, mas eu vou, vou pedir pra senhora falar um pouquinho mais, o que a senhora entende sobre sexualidade?

Participante: Olha. A sexualidade ela vem desde...do... da...dos primitivos né? (sic) Desde o tempo do começo do mundo né? Então eu acho que é uma coisa semelhante, porque se não fosse pra existir Deus não deixaria né (sic)? Não dizia pra Adão e Eva "Ide, crescei-vos e multiplicai-vos". Como é que eles iam (sic) se multiplicar? Através de que?

Pesquisadora: Da sexualidade...

Participante: Da sexualidade! De um com o outro. O homem complementa a mulher e a mulher complementa o homem. Então é...é...tem gente que acha que o sexo é horror. Tem gente, eu conheço. Muitas pessoas. Que o sexo é um horror. Mas eu entendo que o sexo, além de ele fazer bem pra saúde, ele tem, ele traz vários benefícios. Cê (sic) pode ver as pessoas que tem a sexualidade em dia, é difícil elas tem (sic), assim...é...morre (sic) de, ataque cardíaco né (sic). É difícil a gente ver pessoas assim. Aquelas pessoas que tem a sexualidade em dia. Eu acho que é uma coisa normal. É normal. Pra quem gosta de fazer e tem possibilidade né (sic), oportunidade de fazer é normal. Né? (sic) Eu entendo que é normal. Agora do outro eu não sei se acha horror fazer sexo. Mas fazer sexo é bom, você tendo entendimento com seu parceiro, muito bom. Eu entendo. E faz bem pra saúde também.

Pesquisadora: Entendi, “uhum” (sic). É...e o que a senhora acha da, das homossexualidades? Como que a senhora vê essa questão?

Participante: Por exemplo...da...homem com homem?

Pesquisadora: Isso é...mulher com mulher...

Participante: Mulher com mulher?

Pesquisadora: “Uhum!”

Participante: Olha, eu acho que vai da cabeça de cada um. Porque veja bem. Se eu escolho viver com uma outra...se eu tenho afinidade por aquela outra pessoa, eu acho que depende exclusivamente de mim e daquela outra pessoa, né (sic). Eu me sinto com ela, ela se sente bem comigo, então porque não viver junto? Eu não tenho preconceito, nem com travesti, nem com é... nem mulher com mulher, não tenho preconceito não. Eu entendo dessa maneira, que é uma coisa normal. Eu acho normal. Pra mim é normal. Se tem alguém que acha errado, né, vai questionar, porque eu acho normal.

Pesquisadora: Entendi! É...e o quê a sra senhora acha da sexualidade na terceira idade?

Participante: Eu acho que é, a pessoa, por exemplo, tendo a oportunidade dela...dela ter...se um o homem atrai a mulher e a mulher atrai o homem e se essa pessoa vai se sentir bem, ela tem mais é que fazer. Porque pro amor não existe idade e pro sexo também. Sentiu vontade? Teve oportunidade? Vai fazer. Porque isso faz bem pra gente. Faz bem pra cabeça, pro corpo, pra tudo! Eu entendo assim, não sei...

Pesquisadora: É...e sobre a homossexualidade na velhice, na terceira idade? O que a senhora acha sobre isso?

Participante: Então. Ó (sic), veja bem. Se a gente, por exemplo, eu, por exemplo, sou divorciada tal, se eu ver (sic) uma mulher, ela quer morar comigo e se eu gostar dessa mulher, se ela vai me complementá (sic) na minha vida, porque não? Acho que é normal! Não tenho...ninguém pode impedir. Hoje em dia ta (sic) tão comum né? Ninguém pode impedir. Se eu acho, por exemplo, que eu vou me sentir melhor com ela do que arrumar um parceiro homem, porque? Eu tenho uma amiga que mora com uma outra mulher. Eu tenho uma, uma sobrinha que mora com a outra mulher. Ela mora lá em Três Lagoas, minha sobrinha. Eu acho, eu não sei, pra mim, na minha cabeça eu sou muito liberal, na minha cabeça não tem preconceito. Eu vejo tudo as coisas (sic) pra mim tudo é normal. Porque hoje em dia, cada um tem sua escolha! É natural isso aí. Né (sic)? Eu não debato isso não.

Pesquisadora: Entendi, “uhum” (sic). É...a senhora acha que existem diferenças nas vivências amorosas sexuais entre homens e mulheres? A forma como homens e mulheres vivem a sexualidade, o amor...a afetividade.

Participante: Entre homem e mulher?

Pesquisadora: “Uhum”. Se tem diferença, se o homem vive de uma forma. Mulher vive de outra...que a senhora acha disso?

Participante: Olha, tem muitos que vivem realmente de uma forma diferente né? Mais (sic) é como eu falei, é a escolha de cada um. Ela optou por isso? Então, se ela se sente bem, se aquilo satisfaz a vida dela, da pessoa, ela tem mais é que viver aquilo que ela escolheu. Nós não escolhemos, eu ...por ser professora? Por que eu escolhi ser professora? Porque eu me sinto bem! Eu acho que isso é, é o que eu escolhi pra mim onde (sic) eu vou me adaptar, onde eu vou me sentir bem. E a se...e a sexualidade é isso também.

Pesquisadora: “Uhum” (sic)...entendi.

Participante: Entendeu? Eu penso assim.

Pesquisadora: Entendi. Mas a senhora acha que a mulher vive de uma forma e o homem ele pensa diferente dela, na hora de...de namorar né (sic). Como que a senhora pensa que se a mulher vive aquilo de uma forma né (sic), e o homem vive de forma diferente. A senhora acha que há essa diferença?

Participante: Existe.

Pesquisadora: É? Como que é? Quais são essas diferenças?

Participante: Existe porque, é...hoje em dia, por exemplo os casais, a maior parte dos casais se separam por falta de, de diálogo, de entendimento. Porque antes, eu acho que tem que ó, por exemplo, o homem tem que se entregar totalmente a mulher. E a mulher a mesma coisa. Se entregar totalmente ao homem, né (sic)? Aí o casamento duradouro, mas do contrário se um tiver a mente lá e a outra aqui não tem condições de viver não. Entendeu?

Pesquisadora: A senhora acha que...que o homem se entrega mais do que a mulher? Ou a mulher se entrega mais do que o homem, nos relacionamentos, como que a senhora acha?

Participante: A eu acho que a mulher se entrega mais.

Pesquisadora: É?

Participante: É. A mulher se entrega mais porque a partir do momento que ela tá junto com o cara, ela acha que aquele...aquele é o tudo pra ela. Então, é onde o tudo às vezes é onde né (sic), há um desentendimento aí, porque ela acha que ele é tudo pra ela, mas ele não acha que ela é tudo pra ele. Então é...aí é onde existe os contraste (sic).

Pesquisadora: Entendi! Porque que a senhora que tem essa diferença? De ela achar que ele é tudo pra ela e já ele não acha isso?

Participante: Eu acho que é falta de preparação. Preparação. Eu acho que antes de ter um relacionamento eles têm que se preparar: "O que que você gosta?". E ele também a mesma coisa "e você o que que você (sic) gosta?". Tendeu? (sic). Aí dá certo, mas do contrário não dá certo não.

Pesquisadora: Entendi! E a senhora acha que falta mais essa preparação na parte do homem ou da mulher?

Participante: Do homem. Do homem. Ele precisa ser mais preparado. Ele tem que se preparar melhor pra poder ter um casamento duradouro, senão não dura.

Pesquisadora: "Uhum", entendi. É...e a senhora acha que essas diferenças, que a gente tava falando delas, é, nas...nessas vivências amorosas, sexuais na velhice, elas existem também? Entre homens e mulheres?

Participante: A dificuldade?

Pesquisadora: Isso! E, e como é que é essa dificuldade?

Participante: Existe sim. Existe...

Pesquisadora: E...e é mais da parte do homem, é por conta da questão do homem ou da mulher? O que a senhora pensa sobre isso?

Participante: Não, do homem.

Pesquisadora: É?

Participante: Porque quando a gente é casado, é...às vezes tem... a gente tá num (sic) dia que não quer fazer nada né (sic). Mas tem um dia que você tá acesa. E aí a mulher vai procurar o

marido, e é onde ele fala assim...como uma...eu tenho uma amiga que o marido dela falou assim "Cê (sic) parece tarada! Eu não to afim de você", diz ele. "Cê (sic) ta parecendo tarada". Aí onde a mulher ja esfria. Ela gela né. Mesma coisa que cê (sic) jogar um balde d'água no monte de brasa acesa. Apaga de vez! E aí onde há os conflito (sic). Por isso que os casamento (sic) não dá certo. Nesses conflito (sic). Porque ele acha que a mulher, né (sic), ele...ele quer, a mulher não quer. Pronto. Aí depois ela quer aí ele já vai fazer a mesma coisa com ela. Só que ele não entende que a mulher tem outras né (sic), mulher trabalha mais, cê (sic) sabe né que a jornada da mulher é dupla né (sic)? Quando tem filho pequeno é tripla. Né (sic)? Então, a mente dela já tá (sic) mais cansada, tá (sic) preocupada com aquilo, e ele não, ele só vai sair da casa, vai pro trabalho, do trabalho vem, quer dizer, acha tudo...almoço pronto, casa limpa, roupa lavada, passada, ele não entende. Por isso que existe essas diferença (sic). Muitos. Então por isso que o homem tem que ser preparado. Tem que se, tem que haver assim...num (sic) existiu ainda, nós na bíblia preparamos, inclusive através desse...desse daqui ó (sic) "Casamento Blindado". Nós evangélicos preparamo (sic). Preparamo (sic) o casal. O homem e a mulher.

Pesquisadora: Já lida com essas diferenças...

Participante: Com as diferenças, tanto da mulher como do homem. O homem tem que se preparar! Quando as vezes a mulher ta diferente ele já acha que ele, ele ta sendo traído. A gente tem experiência e vivência, eu vejo muito isso. "Ah porque cê (sic) ta diferente, cê (sic) tem outro? Cê (sic) chegou da rua diferente! Cê (sic) foi encontrar com alguém?". Então aí é onde há os conflito (sic). Existe! Não sei se você é solteira ou é casada?

Pesquisadora: Eu sou solteira...quer dizer, eu namoro.

Participante: Ainda bem. Mas tem que se preparar bem viu?

Pesquisadora: (risos)

Participante: Se você quiser casar e durar pra sempre, até que a morte separe, sem preparar é difícil viu?

Pesquisadora: É, não é uma coisa mágica né? É uma coisa que é...

Participante: Não. Isso aí é igual a uma pedra de diamante que cê (sic) pega e tem que lapidar até ela ficar naquele molde que você quer colocar num (sic) anel. É, o casamento é assim! Casamento a gente tem que...ir se preparando, lapidando, lapidando até...e, e confiança também. A falta de confiança também, por isso que existe (sic) muito casamentos desfeitos. A falta de confiança, a traição...então existe muito essas coisa (sic).

Pesquisadora: "Uhum" (sic), entendi. A senhora acha que, é, nos relacionamentos, essa falta de confiança é mais na parte da mulher ou do homem?

Participante: De ambos.

Pesquisadora: De ambos?

Participante: É. Porque o homem também as vez (sic) ele já chega com aquela idéia assim: "Vou...vou arrumar, aí eu vou namorar aquela secretária, mas primeiro eu vou irritar minha mulher pra ela brigar comigo.". Tendeu (sic)? A mente do homem é safada. Ele chega já, já

impondo (sic) alguma coisa onde ela talvez tá (sic) na TPM dela né? Aí já da uma resposta, aí ele aproveita vira as costas e ó. Quer dizer, mas ele deu oportunidade dela entrar em conflito com ele. Por isso que existe essas separação (sic), muitos (sic).

Pesquisadora: “Uhum” (sic) entendi. A senhora acha que essa questão da traição é mais da parte da mulher ou do homem?

Participante: Do homem.

Pesquisadora: Do homem? Porque?

Participante: Porque ele não é preparado. Porque quem é preparado prum (sic) casamento, pruma (sic) vida a dois, ele não faz essas coisa (sic), não faz. Eu tenho um amigo que ele mora lá em Rio Verde e a namorada dele mora aqui. Ele vem de mês em mês só pra ver a namorada. Ela é tranquila, ele também. Ele vai pra todo lugar, ela também, não tem problema com isso. Falta de confiança. Mas eles já são preparado (sic) né. A cabeça dele já é outra, já são preparado pra isso. Se existisse, eu tava pensando, esses dia (sic) eu tava pensando, se existisse assim uma...uma, tipo uma faculdade, onde todos os casais pudessem ali debater a vida deles, ali debater o...o...os problemas, o que que tá (sic) acontecendo com ele...com ele pra ver é, tinha que existir uma faculdade. Eu acho que tinha que existir, vocês que são psicólogas tem que tá (sic) procurando aprofundar mais sobre isso daí. Sobre a vida dos homens. É né (sic)? Porque aí ó (sic), eles vão saber me...tratar melhor suas mulheres. É, homem, geralmente é o homem. O homem é, é o culpado de 90% o homem é culpado. Então eu penso dessa maneira.

Pesquisadora: Sim...

Participante: Entendeu?

Pesquisadora: Entendi, entendi sim. Olha agora nesse momento eu vou falar algumas palavras, vou deixar aqui. E aí eu quero que a senhora fale as cinco primeiras, cinco primeiras coisas que vierem na sua cabeça. Primeiro as...as cinco primeiras coisas, e eu vou anotar. Aí vou falando as palavras, né (sic)? A primeira palavra é velhice. A senhora pode falar cinco primeiras coisas que vierem na sua cabeça em ordem, na ordem que vier na tua cabeça.

Participante: A velhice? Cê (sic) sabe que a gente não envelhece. Se a gente manter a mente ocupada. Mas se a gente manter a mente desocupada, aí você envelhece. Você envelhece, fica doente, depressiva, não tem vontade de viver. Mas, é, é partir da cabeça desocupada.

Pesquisadora: “Uhum” (sic)...então se for elencar cinco palavrinhas mesmo, a primeira palavra que vem na sua cabeça quando eu faço velhice, o que vem?

Participante: É manter a mente ocupada!

Pesquisadora: Manter a mente ocupada...

Participante: Exatamente!

Pesquisadora: E a segunda, segunda coisa que vem na sua cabeça.

Participante: Sobre a velhice?

Pesquisadora: “Uhum” (sic). Quando eu falo velhice, o que vem na sua cabeça, depois disso?

Participante: Eu acho que é, a...é, a velhice ela chega pra quem não tem, ela chega, pra quem não tem iniciativa própria. Amor próprio né (sic). Que você tem que falar, não eu posso, eu vou eu posso.

Pesquisadora: Mais...mais uma coisa, mais uma palavra, quando eu falo velhice, o que vem na sua cabeça?

Participante: É cinco?

Pesquisadora: “Uhum” (sic), faltam três, isso.

Participante: Então, a, a velhice, ela não a gente envelhece a matéria.

Pesquisadora: Matéria então.

Participante: A matéria! Porque o espírito permanecem (sic) jovem basta a gente querer.

Pesquisadora: Mais um, mais duas.

Participante: Ó (sic), eu acho que como tem, depois já da terceira idade já são aposentados, eu acho que os aposentados tinham mais é que viajar. Viajar pra outro lugar, pra outro país, pra outra cidade, conhecer gente nova, conhecer outros grupos diferentes, participar de grupo de idoso.

Pesquisadora: E mais uma questão que vem na sua cabeça.

Participante: Na velhice? É a alimentação. Alimentação é muito importante, você tá (sic)... tá (sic) sempre mantendo sua alimentação equilibrada, porque...e a água também. Tem que tomar muita água. É a alimentação e a água. Você tem que se cuidar quando, cê (sic) pode ver, eu to com 65 e eu não tenho rugas, nem no braço nem no rosto. Todo mundo me pergunta, o que que (sic) eu faço, que creme que eu uso? Aí eu dou minha receita. Ó, você tem que comer muito legumes (sic), verdura, tomar suco natural né (sic)? Então você não envelhece. Eu tinha uma amiga, ela faleceu já, deu derrame. Menina, ela tinha 57 ano (sic), você olhava nela com aquela pele assim, murcha sabe, parecendo aquele, cê (sic) já viu maracujá quando seca? Igualzinho! Sabe? É a falta de água e da alimentação equilibrada. Alimentação...alimentação é, agora eu, agora eu me cuido muito. Na, no legumes, verduras e frutas. Eu quase não como carne vermelha. Quase não como. De vez em quando meus filho (sic) vem que eles assa carne aí, mas eu como mais é frango, peixe. O peixe faz bem pro cérebro.

Pesquisadora: Se a senhora tivesse que mudar essas coisas de ordem, a senhora mudaria? A senhora colocou em primeiro lugar manter a mente ocupada, né (sic), o segundo chega pra quem não tem amor próprio, o terceiro que envelhece a matéria o espírito é permanece jovem né (sic), o quarto viajar aproveitar né (sic), viver, e o quinto alimentação, né (sic) cuidar da alimentação, do...do físico, né (sic). A senhora mudaria essas questões de lugar?

Participante: Não, acho que não.

Pesquisadora: Não?

Participante: Não.

Pesquisadora: Em ordem assim de importância, se a senhora fosse classificar, é isso mesmo, sobre a velhice...

Participante: É, é isso mesmo.

Pesquisadora: É? Tá. É...a senhora acha que tem diferença entre a velhice e envelhecimento?

Participante: Velhice? E envelhecimento? Deixa eu ver...velhice, envelhecimento. Envelhecimento é a idade. Agora velhice vai da pessoa. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi... E a velhice vai da pessoa..

Participante: É.

Pesquisadora: E se eu falar a palavra envelhecimento, vem outras coisas na sua cabeça? Em primeiro, em segundo, em terceiro, em quarto, em quinto lugar...

Participante: Eu acho que, envelhecimento, é você buscar, hoje em dia é buscar seus direitos.

Pesquisadora: Buscar os direitos.

Participante: É.

Pesquisadora: E em segundo lugar?

Participante: Segundo lugar é...é, exerce (sic) né (sic). Exerce (sic) o direitos. Buscar e exerce (sic). Não adianta você só busca (sic) e não exerce (sic). Né (sic), aí...

Pesquisadora: E em terceiro lugar? Que que vem?

Participante: Sobre...

Pesquisadora: Sobre envelhecimento. Quando a gente fala, envelhecimento.

Participante: Olha, hoje em dia os idosos, tão entrando no mercado de trabalho.

Pesquisadora: Então, atividade profissional né (sic)?

Participante: Atividade profissional.

Pesquisadora: E em quarto lugar?

Participante: Sobre?

Pesquisadora: Sobre envelhecimento. Quando eu falo envelhecimento.

Participante: Eu acho que é, respeitar e exigir respeito. É respeitar os direito (sic) do outro mais jovem e exigir seus direitos. Aquele que ta dentro da idade dele né (sic).

Pesquisadora: Entendi. E em último lugar?

Participante: Sobre?

Pesquisadora: Envelhecimento.

Participante: Envelhecimento?

Pesquisadora: “Uhum” (sic).

Participante: É você tá (sic) sempre pro...buscando coisas novas. Buscando atividades novas, conhecimentos novos. Hoje em dia tem facilidade porque tem internet né (sic), tem, entra na internet aí faz a pesquisa. Um dia eu tava mexendo no computador, entrei lá no, no...no Estados Unidos, lá na...na...na Nova York numa boate, onde só tinha homossexuais e mulheres transando com cachorros.

Pesquisadora: Nossa...

Participante: É...

Pesquisadora: Tem de tudo né (sic)?

Participante: Tem de tudo! Internet ensina você o que você quiser. Cê (sic) entra na internet você acha. Só pesquisar.

Pesquisadora: É...a senhora mudaria de lugar, assim, ordem de prioridade? Buscar direitos, exercer direitos, é, atividade profissional, mercado de trabalho, respeitar e exigir respeito e buscar coisas novas, conhecimentos. A senhora colocaria outra coisa em prioridade?

Participante: Primeiro tá (sic)...

Pesquisadora: Primeiro tá (sic) buscar direitos. Segundo tá (sic) exercer direitos. Em terceiro mercado de trabalho, né (sic). Respeitar, em quarto, respeitar e exigir respeito. E em quinto buscar coisas novas, conhecimento.

Participante: Eu acho que esse buscar coisas nova (sic) ia (sic) lá no primeiro.

Pesquisadora: Lá em primeiro? Ah tá (sic). Mais algum que a senhora quer mudar de lugar?

Participante: Tá (sic), fala aí de novo...

Pesquisadora: Tá (sic), buscar coisas novas agora né (sic)? É...buscar direitos. Exercer direitos. Mercado de trabalho, respeitar e exigir respeito.

Participante: Mercado de trabalho, segundo.

Pesquisadora: Segundo? Ah tá (sic)! Mais algum que a senhora quer mudar? Agora ficou buscar coisas novas, mercado de trabalho, buscar direitos, exercer direitos, respeitar e exigir respeito.

Participante: Não, acho que tá (sic) bom.

Pesquisadora: Tá (sic) bom?

Participante: Tá (sic) bom.

Pesquisadora: Ta (sic).

Participante: Ta(sic) bom desse jeito.

Pesquisadora: É...mais uma palavra que eu vou falar e aí a senhora vai me falar é...as cinco primeiras palavras ou coisas que vierem na sua cabeça. Quando eu falo sexualidade, que vem em primeiro lugar na sua cabeça?

Participante: Amor.

Pesquisadora: Amor? E depois?

Participante: Prazer.

Pesquisadora: “Uhum” (sic). Em terceiro?

Participante: É...primeiro amor, prazer, ah, bem-estar né (sic)?

Pesquisadora: Bem-estar. Em quarto...

Participante: Em quarto aí dá pra gente...pra gente colocar...deixa eu ver. Sobre a sexualidade, né (sic)? Ta (sic). Em quarto vai....desejo né (sic)?

Pesquisadora: Desejo? E em quinto? O último?

Participante: Qual que já foi?

Pesquisadora: Foi amor, prazer, bem estar, desejo.

Participante: Vê outro, outro...sobre o sexo?

Pesquisadora: Isso!

Participante: Deixa eu ver. Eu já falei os três né (sic)? Três não, quatro.

Pesquisadora: Falou quatro.

Participante: Sobre o sexo...é...por exemplo, se a pessoa arruma um, é...tá (sic), sente o desejo de ter sexo, ele tem que buscar o parceiro, claro né (sic)? Mas também não pode ser, é, o primeiro que passar: “é você mesmo”, né (sic)? Eu acho que o sexo tem que haver uma atração entre ambos.

Pesquisadora: Atração então?

Participante: É, atração entre ambos.

Pesquisadora: “Uhum” (sic), entre ambos.

Participante: É.

Pesquisadora: A senhora mudaria de lugar? Colocaria algum desses em primeiro, na lista de prioridades?

Participante: Qual...?

Pesquisadora: Tá (sic) em primeiro tá (sic) amor, prazer, bem-estar, desejo, atração entre ambos. Tem algum desses que a senhora colocaria em primeiro?

Participante: Esse aqui ia (sic) no primeiro. E aquele vinha por último.

Pesquisadora: O atração?

Participante: É.

Pesquisadora: Atração primeiro e o amor último. Mudaria mais algum? Vem depois do primeiro que é atração, a senhora colocou prazer, bem estar e desejo.

Participante: Não, esse tá (sic) bom. Só esse mesmo.

Pesquisadora: Deixaria assim? E agora, a última palavrinha que eu vou falar e a senhora pode falar as cinco primeiras palavras que vierem na sua cabeça.

Participante: Cinco?

Pesquisadora: É, homossexualidade. Que vem na sua cabeça quando eu falo homossexualidade.

Participante: Homossexualidade, eu acho que é uma escolha. Da pessoa.

Pesquisadora: E em segundo?

Participante: Em segundo? É cinco?

Pesquisadora: É cinco.

Participante: Ta (sic). A primeira foi...

Pesquisadora: Escolha...

Participante: Escolha da pessoa né (sic). É...desejo.

Pesquisadora: Desejo. Terceiro?

Participante: Terceiro vem...terceiro vem...complementação.

Pesquisadora: Complementação.

Participante: É que um complementa o outro.

Pesquisadora: Quarto?

Participante: Cê (sic) entende...Falta quanto? Duas?

Pesquisadora: Faltam...duas! Isso.

Participante: Homossexualidade...

Pesquisadora: Pode falar qualquer coisa, não precisa...

Participante: Direitos!

Pesquisadora: Direitos. E em quinto?

Participante: A última?

Pesquisadora: Isso. Qualquer coisa que vier!

Participante: Tá (sic)! É...direitos né (sic)? Bem-estar!

Pesquisadora: Bem-estar? Ta (sic).

Participante: Pronto.

Pesquisadora: Isso! A senhora mudaria essas, essas prioridades que a senhora colocou, em primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto? Colocaria algum em primeiro? Colocaria algum em último?

Participante: Fala aí o...

Pesquisadora: É, escolha da pessoa, segundo desejo, terceiro complementação de um ao outro, quarto direitos, quinto bem estar.

Participante: Ah eu, eu acho que não.

Pesquisadora: Não?

Participante: Não. Essa não vou mudar não.

Pesquisadora: Tá (sic).

Participante: Vou deixar assim mesmo.

Pesquisadora: É, então, D. T., é isso por enquanto! Essas são as, as questões né (sic)? E agora eu vou analisá-las, juntamente com as demais respostas e aí assim que terminar o meu estudo eu vou fazer uma devolutiva com todo pessoal né (sic)? Lá na associação e, e mostrar minha pesquisa pra, pra todos vocês né (sic), pra ver...

Participante: Cê (sic) vai marcar uma reunião né (sic)...?

Pesquisadora: Vou, vou sim!

Participante: ...pessoal da associação.

Pesquisadora: É então o...o senhor P. até falou que vai marcar uma, uma reunião da...

Participante: Com a diretoria.

Pesquisadora: ...isso! E aí eu vou, vou tá (sic) lá pra ta (sic) observando vocês né (sic), como é que funciona a associação pra entender melhor. Mas foi muito bom conversar com a senhora viu? Agradeço muito sua, sua disponibilidade, sua atenção, gastar seu tempo da tarde...

Participante: Quer tomar um suco?

Pesquisadora: ...não eu já, já vou indo!

Participante: Não, tá (sic) pronto na geladeira...

Pesquisadora: É?

Participante:...tá (sic) geladinho!

Pesquisadora: Então eu aceito!

APÊNDICE C – ENTREVISTAS LAR DE LONGA PERMANÊNCIA

1. SR. OMAR

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Pra começar, Sr. Omar qual é a sua idade?

Participante: 85

Pesquisadora: 85 né? (sic), vou anotar aqui!

Participante: É.

Pesquisadora: E o sr. possui alguma renda familiar, o sr. tem aposentadoria, coisas assim?

Participante: Não, eu...eu sou o seguinte: Comecei, o meu pai era pecuarista, entendeu? E quando foi com 15 anos eu fui pra fazenda com ele trabalhar...com 19 anos eu tinha, ele acabou falecendo. E eu tomei conta do pedaço, foi feito um inventário, dividido...Trabalhei até os irmãos se formar (sic), o único burro.

Pesquisadora: O sr. não pôde estudar então?

Participante: Até o 3º ano.

Pesquisadora: Até o 3º ano? Ah tá!

Participante: Mas, naquele tempo era um pouco mais elevado o estudo e tal, né? (sic). E aí tocamos em sociedade, os irmãos em sociedade, mas começou um roubo de gado lá! E era uma quadrilha, aí andaram matando e...e consumiram com quase tudo, foi até pra polícia, né? (sic). Mas, é assim que eu levei a minha vida, tinha um tratorzinho (sic), fiz uma represa com 90 metros de extensão e...muitas outras coisas que não me recordo, fui laçador, fui domador de cavalo e...tudo que podia se fazer na propriedade eu fazia. Mangueira, fiz mangueira, né? (sic) E...e assim por diante.

Pesquisadora: O sr. trabalhava, então, na fazenda...

Participante: Trabalhei na fazenda, depois vendemos. Porque...era pequeno demais e não dava pra eu tocar e não tinha a tecnologia que existe hoje. Então, a terra não era muito boa e então, foi por isso que perdemos as lavouras e propriedade...

Pesquisadora: E faz muito tempo que daí vocês venderam?

Participante: Ah, já, já faz quase 50 anos!

Pesquisadora: Ah, sim, e depois disso o sr. trabalhou em que? Depois que o sr. vendeu...

Participante: Olha, eu...vou dizer pra você, eu sou eletricitista, sou motorista, sou mecânico e...e faço muitas outras coisas assim que...

Pesquisadora: Fazia muitas coisas então!

Participante: Muitas coisas! Como agora mesmo eu faço artesanato!

Pesquisadora: O sr. faz artesanato agora?

Participante: Faço! Faço, não...fiz, hoje não dá pra mim (sic) fazer mais.

Pesquisadora: Por que não dá mais hoje?

Participante: Não dá mais pelo seguinte, que...aperto de...de locais pra mim trabalhar, porque eu sou um cadeirante né? (sic) e como cadeirante eu tenho que ter espaço pra mim agir né? (sic). Então, esse espaço não existe, entendeu? Então é a razão de que eu parei com o artesanato. Tô (sic) bem aqui! Tô (sic) muito bem, como posso dizer isso, eu sou diabético, e...diabético não é (sic) só eu, é muitos outros que estão aqui também, então, é mais verduras, as coisas...

Pesquisadora: Tem que cuidar bastante né? (sic).

Participante: É...e...pra preservar a saúde das pessoas, tem gente que não gosta, que reclama, mas...não existe razão de reclamar. É muito bom, de vez em quando a gente sai, vai lá na Vovó e de lá anda...

Pesquisadora: No "Vovó Ziza" lá?

Participante: Onde tiver oportunidade! Hein?

Pesquisadora: No Centro de convivência Vovó Ziza?

Participante: É no Vovó Ziza. É lá. E a gente vive desse jeito que eu gosto.

Pesquisadora: E aqui o sr. faz artesanato aqui ou...

Participante: Tem dois que eu fiz, né? (sic). Mas por conta desse espaço, como eu disse, entendeu?

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Tem dois, lá em cima perto do...tem se quiser olhar!

Pesquisadora: Ah sim, que legal! E o seu estado civil, o sr. já foi casado ou...

Participante: É, eu casado eu fui...casado e casei mal (risos).

Pesquisadora: (risos) Como que aconteceu isso?

Participante: Casei mal, tive duas passagem na vida. E...essas passagens foi (sic) o seguinte: Eu era namorado de uma mulher, né (sic). Ela tinha seus problema (sic) e eu tinha os meu (sic). No final de contas ela pediu socorro, porque os pais dela são daqueles antigo né (sic) que...se perdeu tchau. E eu tinha medo disso, entendeu? E eu tinha medo disso e...aí eu falei pra ela: "Cê (sic) quer ir pra fazenda? Que ir vamos, te levo lá!". Aí levei, aí veio o pai, se

ouriçou, queria me pegar na fazenda...Aí, eu fiquei esperando. O dr. B. N. da C., ex-governador do estado atacou e evitou que eles fossem lá na fazenda né? (sic).

Pesquisadora: Os pais dela?

Participante: É, os pais dela e o um baiano que é escrivão da polícia. E...e daí eu daqui um pouco vendi a fazenda, fui pra São Paulo, todo mês eu vinha aqui visitar e ver minha família e...levei um ano pra lá fazendo curso de eletricidade. E...lá fiz o curso na..."Ara" (sic), Meu Deus! Parece Avenida São João com a...com a...lá no Martinelli. Fiz e vim embora pra cá e comecei a trabalhar né? (sic). Trabalhei na "Volks" (sic) muito tempo, trabalhei na Comave, né? (sic) e depois, eu, com o desastre da família, eu passei a viajar. Andei Mato Grosso inteiro fazendo parte elétrica de máquina agrícola...

Pesquisadora: "Uhum" (sic) e nesse período o sr. ainda era casado com ela?

Participante: Depois, quando tinha os filho (sic) com 6 ano (sic), resolvi casar.

Pesquisadora: Mas com essa mesma mulher?

Participante: Aí quando eu já casei, é...começou o atrito, né? (sic). É...eu digo que ela tava (sic) esperando isso. E passei um pouco de trabalho, dificuldade, sol quente, e aí...nunca tive mais nada na vida. Tudo que eu tinha, 70 vaca (sic) arrendada, um terreno na... perto da Vila Progresso, ali. E...dei tudo.

Pesquisadora: O sr. deu tudo pra ela? Vocês se separaram então?

Participante: Hein?

Pesquisadora: O sr. deu tudo pra ela?

Participante: É, me separei. Aí me separei e...nunca mais eu pisei em casa.

Pesquisadora: Nunca mais viu ela.

Participante: Nunca mais vi! E nem quero! Entendeu?

Pesquisadora: O sr. nem sabe se ela tá (sic) viva...

Participante: Eu acho que a gente nunca deve ter contato com as pessoas inúteis!

Pesquisadora: Ela não foi uma boa pessoa então? Aí o sr. não teve mais contato?

Participante: Não e nem quero! Só no divórcio, no divórcio...né? (sic). Aí, ainda houve uma pergunta da juíza lá...Né? (sic): "Cês (sic) não querem voltar?". Falei: "Deus o livre!" (risos)

Pesquisadora: (risos) Ela era muito ruim então?

Participante: Hein? Eu passei uma vida maravilhosa, voltar nunca!

Pesquisadora: E depois dela o sr. teve outra esposa? Outra namorada?

Participante: Mas o que que eu vou fazer com esposa? Eu até tive uma proposta de uma!

Pesquisadora: Até teve uma proposta? Como é que foi?

Participante: Teve, não, mas eu vou botar uma mulher pra quê? Eu fico andando no mundo, carregar não posso, deixar o gavião tá (sic) aí! (risos)

Pesquisadora: (risos), nessa época o sr. tinha uma casa, como é que era que o sr. não quis aceitar a proposta dela?

Participante: Não, eu morava na casa de um irmão, no Santo Antônio, entendeu? E...morava sozinho, né? (sic). Meus filho (sic) viviam andando também, a minha filha se formou em...Letras, depois Pedagogia né? (sic). Agora foi pro...eu ganhei um pouquinho de dinheiro com a profissão, dei o dinheiro pra ela, ela foi pros Estados Unidos, é...aperfeiçoar o inglês, o sotaque assim, entendeu? E aí tinha o sotaque em inglês né? (sic).

Pesquisadora: Quantos filhos o sr. tem mesmo?

Participante: Dois.

Pesquisadora: Dois, com essa sua ex-esposa?

Participante: É, com ela. Dois.

Pesquisadora: O sr. tem contato com eles?

Participante: Tenho com a filha, porque a filha mora aqui em Terenos, né? (sic). O filho em Dourados e depois ele tem assim, muito aperto com a...ele compra materiais não perecíveis e vende. Então é uma firma internacional. E dá muito trabalho, ele também...trabalha muito.

Pesquisadora: É mais difícil o contato, entendi.

Participante: É.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Pesquisadora: Sobre sua vida, o cotidiano, o dia-a-dia aqui. É...como que o sr. começou a morar aqui nessa casa?

Participante: Aqui foi o seguinte...eu tinha um irmão, era engenheiro e...tinha mestrado, mas era drogado. E ele não tinha um tostão pra cair morto né (sic)? E foi malandrar (sic) lá com a minha mãe. Eu peguei ele e dei uma surra de machete (sic) nele. Surrei ele com um machete né (sic), aí foi um pampeiro, um corre-corre, ele me ameaçava, falei não tem essa. Aquela briga de sempre. Aí a minha filha ficou sabendo, veio aqui, me levou e foi aonde eu perdi a perna, com erisipela, proveniente da diabete, né? (sic). E assim foi, briguei com todo mundo, tive problema com a...com a promotora, né? (sic). Ela veio com história comigo, fez a minha filha vir lá de Terenos pra ir lá na...Vila Planalto fazer exame de cabeça. Nunca vi ela, eu cheguei pra médica e ela me falou: "O sr. fala Pau", "Pau", "Pedra", "Pedra", "Folha",

"Folha". Eu falei: "Ah, doutora, por favor" A sra. não perca seu tempo!". Eu gosto de palavra-cruzada, eu gosto de...Globo Ciência, Globo Futebol. Aí ela: "Mas quem que mandou o sr. aqui?". falei: "Num sei, sra. olha no computador que a sra. vai ver!" né? (sic). E fui...pra casa da minha filha e eles começaram a "espezinhar" (sic), aí eu falei pra eles assim que...então arrumou um asilo aqui no...bairro, como é que é? Bairro...Ora (sic), Meu Deus! Deixa eu lembrar o nome do Bairro e depois eu falo.

Pesquisadora: Tá (sic), não tem problema!

Participante: E...aí lá começou, me fizeram uma safadeza e eu briguei lá, com a diretora, briguei com a diretora, mas briguei duro mesmo. Porque eu ajudava lá, fazia as coisa (sic) pro pessoal que tava (sic) lá, tudo parálítico, de...de parálítico de...derrame ment...derrame! Aí eu ajudava ela tudo lá e um camarada foi e me trancou com...no banheiro!

Pesquisadora: Trancou o sr. no banheiro?

Participante: É, um interno de lá trancou eu no banheiro né (sic)? E eu saí bravo de lá, mas ele aprendeu a respeitar o outro. Mas o outro também é um coitado, né? (sic). E assim foi, aí...aí a...cheguei e foram me buscar. Eu sei que foi a Kombi daqui e uma moça loira, que eu acho que era a promotora, que foi me buscar e trouxe pra cá.

Pesquisadora: E já andou brigando por aqui?

Participante: Muito!

Pesquisadora: Faz quanto tempo que o sr. tá (sic) aqui?

Participante: Eu já vou fazer dois anos já. Eu entrei aqui em abril do ano passado.

Pesquisadora: Ah, vai fazer dois já no ano que vem?

Participante: É.

Pesquisadora: Entendi. Mas, pro sr. ir lá pro outro asilo, antes o sr. morava na casa da sua filha...

Participante: Não, eu tive uns dias só lá. É muito longe, porque ela mora, ela mora...no Quebra coco. Ela foi...gerente administrativa, aí...depois foi vendida a usina e dispensaram ela.

Pesquisadora: Aí de lá que o sr. foi pro asilo.

Participante: Aí eu fui pra esse asilo daqui, do bairro Gioco...ah. Eu vim pro outro asilo e daí eu dei uma briga com o outro de lá e aí eu vim pra cá! (risos).

Pesquisadora: Mas o sr. briga muito aqui, como é que é?

Participante: Não, pisou no meu pé eu...a bala vai! (risos)

Pesquisadora: Entendi! (risos).

Participante: Num quero sabe (sic), aqui já discuti um pouco porque, por certas razões que eles acham que eu não tenho. Inclusive até o artesanato eu tô (sic) parado por isso também!

Pesquisadora: Ah é?

Participante: É, mas agora tá (sic) mais fácil...Porque a filha da D. E. é um anjo! É, e a D. E. também! E, embora tenha o jeito dela de ação, né (sic)? E eu não tô (sic) acostumado com esse (sic) grosseria. Mas, eu tô (sic) bem tudo.

Pesquisadora: Tá (sic) tudo bem. Então, agora me fala um pouco do seu dia-a-dia aqui, o sr. acorda cedo, o que o sr. faz? O sr. assiste tv?

Participante: Não, cedo todos são obrigados.

Pesquisadora: Que horas assim?

Participante: 5 horas. Porque tem o...enfermeiro que tem que trocar o turno, então que vem, pra passar o dia...Eu não preciso de enfermeiro pra nada, pra nada, não preciso de enfermeiro pra nada! A minha vida eu procuro agir aquilo que eu quero.

Pesquisadora: O que o sr. puder fazer o sr. faz.

Participante: É. E assim eu vou tocando a minha vida até agora. Mas nós temos tudo aqui, todos nos tratam bem, muito bem. Eu, como estou há muitos anos vivo, tenho que dar uma bronca, de vez em quando, em alguém, né? (sic). Velho é velho, né? (sic). (risos)!

Pesquisadora: (risos)! O que o sr. quer dizer quando o sr. fala "Velho é velho"?

Participante: Hein?

Pesquisadora: O que o sr. quer dizer quando o sr. fala "Velho é velho"?

Participante: O que eu quero dizer? Já sou idoso, já sou encostado do trabalho, inválido. (risos). Entendeu?

Pesquisadora: Entendi. E um pouco mais do seu dia-a-dia, depois que o sr. acorda, sr. toma café?

Participante: Sobre refeição, umas 4 ou 5 por dia. Entendeu? E tem tudo muito bom, é bom mesmo né? (sic). Tem gente que reclama, não é acostumado nessa vida né? (sic). Eu não, eu já fui sozinho, comprava um pão e nem precisava fazer o almoço. Quando nós trabalhava (sic) na fazenda, eu por exemplo, quando nós trabalhava (sic) lá perto de...Sonora. Lá a alimentação era pesada!

Pesquisadora: Pesada, pra trabalhar na fazenda né? (sic).

Participante: É, lá é usina de álcool.

Pesquisadora: Ah, na usina de álcool. Também é trabalho forte né? (sic).

Participante: É a gente andava de trator e aquelas coisa (sic) muito, máquina, muita máquina.

Pesquisadora: E sobre a sua situação financeira, como que é? O sr. não recebe aposentadoria né? (sic).

Participante: Eu recebo aposentadoria. É...eu paguei até 7 salários mínimos e recebo 1. Entrego pra casa pra...mensalidade das pessoas. É um salário justo, porque o mais vem de fora. O mais vem de fora, são pessoas de alto poder aquisitivo que...nos fornecem aqui, né? (sic).

Pesquisadora: Entendi. E aí o sr., então, paga aqui a sua moradia né? (sic).

Participante: É, o meu salário. Eles que recebem, eles que...deixo o salário é sagrado deles. E eu acho que é pouco pela assistência que a gente tem. É muito pouco, né? (sic). Se torna bastante porque são 20 pessoas. Faça a conta de 20 salários mínimos. É o...isso é importância pra eles. E tem um dinheirinho assim guardado, que eu paguei pra minha filha a viagem pros Estados Unidos, pra aprendizagem dela.

Pesquisadora: E me fala um pouco das suas relações afetivas, o sr. tem alguma namorada aqui? Como é que é? já teve?

Participante: Não...Não é possível, aqui não tem possibilidade de ter namorada. Você veja aí, tudo doida.

Pesquisadora: Não tem então, nenhuma namorada aqui.

Participante: Não! Tem assim, tem uma menina que, assim, brinca comigo, né? (sic). Mas é uma menina de uns 20 anos, inclusive eu acho que até faz...faculdade. De psicologia né? (sic) O grupo que vem aqui para o 5º ano, onde tinha esse rapaz também, que era do 5º ano, mas não nesse grupo. Um grupo anterior.

Pesquisadora: Então é da faculdade, né? (sic).

Participante: É, gostava de conversar comigo. Porque...na psicologia, né? (sic). A psicologia é muito ampla, muito...muito difícil a psicologia. Porque o psicólogo estuda como doenças, mas muitas vezes não é. Então, ele precisa entrar num Centro Espírita pra aperfeiçoar, pra conhecer aquilo ali. Como eu tô (sic) aqui, tem duas pessoas que eu analiso muito aqui. Tem uma que tá (sic) boba. Essa é uma portuguesa, veio de Portugal pra Espanha e da Espanha veio pra cá. Uma perfeição de mulher, entendeu? (sic). Muito bonita ela, né (sic)? Bonita quando era nova né? (sic). Agora ela...

Pesquisadora: Entendi, mas ela não tá (sic) muito...ela tem algum problema?

Participante: É...como é que é a doença?

Pesquisadora: Alzheimer?

Participante: Alzheimer. Né? (sic). E tem a outra, é uma criança de 6 anos. Você já viu ela aí né? (sic).

Pesquisadora: Não, ainda não vi!

Participante: Ela não diz coisa com coisa.

Pesquisadora: E o sr. analisa essas pessoas?

Participante: É, deve tá (sic) com...50 anos. Fala como criança, se alimenta que nem criança. E...enfim, tudo ela é uma criança de 5 pra 6 anos. Eu comecei a conversar com ela, né? (sic). E ela chama D. Falei: "Escuta aqui, D., você não é a D.", "Eu sou D.", "Não é! Quem é você?", aí ela me contou: "Eu sou a Mariazinha, Mariazinha é uma entidade da umbanda!" Entendeu? É um lado da psicologia, você vê o que a pessoa tem. Ela diz uma coisa e não é. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi! E o sr. é espírita?

Participante: Sou. 40 e poucos anos, eu sou espírita.

Pesquisadora: E o sr. participa?

Participante: Eu vou no...no Centro Espírita aqui eu vou, lá. Mas não trabalho, porque...problemas. Não trabalho. Eu já fui de outros Centros lá, na Maracaju, aqui no Centro de Umbanda. Andei muito, porque eu queria, é como eu fiz na fazenda. Eu sempre trabalhei até...com assuntos quase perdidos. Uma senhora abortou, tava (sic) morrendo esvaída. Eu levantei e mandei ela pra Sidrolândia. E...lá na fazenda, um velho que tava (sic) morrendo, o filho ficou desesperado e foi lá em casa, pediu pra mim (sic) ver. Fui ver. Aí eu, olhando pra ele disse pra ele: "Cê (sic) vai...tem penicilina?", falou: "Não", "E "penta biótico", injeção pra gado?", falou: "Esse eu tenho!", "Então me dá um vidro e vai já pra Aquidauana trazer um carro pra levar seu pai, ele está com pneumonia dupla!, eu vou ficar cuidando dele enquanto você vai!". Quando voltou, o velho tava (sic) dormindo, descansando, tranquilo. Aí ele foi no carro e levou pra Aquidauana. Minha vida foi sempre assim.

Pesquisadora: Então o sr. ajudou bastante as pessoas né? (sic)

Participante: Hein?

Pesquisadora: Ajudou bastante pessoas né? (sic).

Participante: Muito! Até na parte de serviço médico. Esse mesmo, no serviço médico, e...eu quando cheguei pra cá, que eu pensei em entrar no espiritismo, eu queria chegar ali e trabalhar. Entendeu? Mas você tem que fazer um estudo, pra se desprender da matéria e fazer aquelas coisas toda. (sic). E eu falei não, eu não queria saber. Mas...tudo bem.

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Pesquisadora: Entendi. E sobre...envelhecer, pro sr. o que que é a velhice, pro senhor, o que o senhor pensa sobre isso?

Participante: Olha, o envelhecer é apenas a indisposição para fazer as coisas, você está sempre precisando de alguém, eu acho que é isso. Entendeu? Eu acho que é isso. Porque eu,

não sei, pode perguntar aí. Eu não dou trabalho pra ninguém, eu tomo meu banho, eu vou pro banheiro, eu...tudo...tudo sozinho. Não quero, nem pra subir num carro. Eu faço sozinho e faço rápido. E assim vou, está sendo até agora a minha vida, daqui pra frente não sei. (risos). Não sei porque eu sou "mansino, bonzinho" (risos).

Pesquisadora: (risos) "Uhum" (sic), e pro sr. o que é a sexualidade, o namoro, o que o sr. pensa sobre isso?

Participante: Olha, eu digo pra você uma coisa, dado o sistema moderno hoje, da libertação feminina é...dá uma euforia, não pode ver um homem bonito, né? (sic). E há muitas desavenças, porque veja bem, a mulher não tem ciúme, ela tem amor ao dinheiro. Quando ela vê que tá saindo dinheiro ela...nada ali. O homem já não, todos os animais, digamos, o macho se arrebatam brigando por causa de uma fêmea. E o homem é a mema (sic) coisa, o homem tem ciúme da namorada, da...é um instinto que vem do ser humano e dos animais também. E a mulher tem bastante direito, trabalhou, tem o direito dela, né? (sic). Então, ela não quer que seja jogado fora, jogado fora o dinheiro. Então é por isso que a mulher tem mais ciúme do que o homem. Entendeu? Agora...é...mas está perto, muito perto de acontecer um fenômeno da natureza. A causa deste princípio vai ser o próprio homem, porque cê (sic) veja bem: existe o dilúvio, cê (sic) vê falar sobre o dilúvio, mas não é, não foi dilúvio. Escute a história, cê (sic) veja bem, pra...Noé botar no barco dele todos os animais de um casal de cada coisa, pra ele por isso, cê (sic) veja bem, o elefante, ali, quantas tonelada de alimento ele tinha pra colocar no barco? Cabia alguma outra coisa? Nada. Monte Everest, tem 8 mil e tantos metros de altitude, entendeu? Cê (sic) acha que a terra foi coberta de água? Não, porque se ela fosse coberta a terra sairia da órbita. Descarregou. E os índio (sic), da onde veio? São decentes daqueles que sobrou (sic) do dilúvio, foi um...um terremoto que removeu o mar, que era, que tá (sic) provado isso aqui no...no Pantanal, Bacia do Prata, tudo aí, o Nordeste, o estado do...um dos estado (sic) lá do México, os Estados Unidos, que é só areia, tudo era mar. Então, houve um terremoto de grandes proporções e só sobrou os poderosos. Quem são os poderosos? Os milionários, que tudo pra eles era fácil nas custas dos miseráveis. Então, eles tinham cavernas na beira de serra, tem as pirâmides em cima da montanha lá no país árabe, tem machu picchu no Peru, e as pirâmides do México. Então, sobraram gente ali, esses poderosos, que tiveram que cavucar (sic) com a unha e passar e pescar pra poder sobreviver. Daí repovoar a terra novamente, inclusive lá na Índia sobrou gente em cima de uma montanha, onde tem o rio santo, chamam de santo porque salvou os poderosos. Então, até hoje o rio é muito poluído e ainda tomam banho lá, porque é santo o rio! Né? (sic). E é isso que eles fazem e nós tamos (sic) próximos a uma catástrofe, assim, mais ou menos semelhante, uma guerra nuclear. É a guerra de fogo, o fogo que tá (sic) prometida. E esses poderosos já tem os seus subterrâneos por baixo de montanhas né? (sic). Por baixo de montanha tem verdadeiros supermercados de produtos não perecíveis pra sobreviver, pra viver muito tempo, por causa da consequência dessa guerra. Você veja bem, o tanto que essa guerra...é pra acontecer. Cê (sic) vê quando o papa teve (sic) aqui, o que que aconteceu? Passou com dois carro blindado e o exército por que? O...tinha aqueles, o...Maomé, tem quem...o...judeu até hoje cultuam o seu Deus, aqui na terra teve dois deus. Um é o Maomé, né (sic) cultuado pelos...até a morte de Cristo foi por causa do...foi a fé dos outros no Maomé. Entende? Nesse nosso Deus, cultivou toda a humanidade, foi e foi...pagando o mal com o bem. Né (sic)? E depois o mundo foi rodando assim, sempre ameaça...Porque Deus disse o seguinte: "Quando houver o juízo final, eu verei a terra julgar os vivos, três dias eu descerei ao inferno para ressuscitar os mortos"...Eu pergunto pra você, onde está o inferno? né? (sic). É subsolo, outra coisa a terra aqui tá (sic) povoada de espírito de toda a espécie. Não pensa que

eles vão, eles saem do corpo e ficam. Pagam seus pecados, suas coisas e se for um pecado muito maior, lá pra baixo tem vulcão, tem essas coisas...E não sei, é...são coisas de burro. (risos). Uma vez me perguntaram: "O sr. fez faculdade?", "Fiz", falei, falou: "E que faculdade o sr. fez?", falei: "Geométrica: sou um burro elevado ao quadrado!" (risos)

Pesquisadora: (Risos)! A gente tava (sic) falando sobre namoro, sexualidade, né? (sic).

Participante: Sim, mas isso são coisas assim...é...nós estamos ficando quase como os animais. Se encontram e "tchau, bença"! (sic). Entendeu?

Pesquisadora: E o que o sr. acha das homossexualidades, que é homem que namora com homem, mulher com mulher...

Participante: Oh...isso aí eu acho o seguinte: Um absurdo! O que que tem que fazer? O que? A razão, o por que, né? (sic). O que tá (sic) tomando conta do mundo. Isso que vai levar a essas guerras. Uma guerra que vai chegar, a profecia de Nostradamus, que a mulher vai brigar com mulher. Isso tá...isso aí a gente vai vendo o avanço da natureza, e cê (sic) vai vendo o que é provavelmente...Porque, cê (sic) veja bem, a...a mulher tá (sic) entrando muito no campo político, o dia que tiver muitas governadoras a guerra será real.

Pesquisadora: Entendi. E o que o sr. acha sobre...o namoro, a sexualidade na velhice?

Participante: É, isso aí é...é um fenômeno, uma coisa que Deus deixou. Então, acho que deve ser abençoado, mas não...num namoro consciente do que tá (sic) fazendo. Porque, com consciência do que tá (sic) fazendo, porque, veja bem, a responsabilidade é dupla. Né (sic)? Ninguém tem essa responsabilidade. Ah, uns vai (sic) e namora (sic) dois, três dias e deu! Tchau. Não trabalha pra sustentar o filho. Né? (sic). Isso...isso daí se torna uma perdição pro ser humano, né? (sic).

Pesquisadora: Entendi! E o que o sr. acha de..do namoro na velhice, na terceira idade? O que o sr. acha?

Participante: Ah, acho muito bonito. Se há possibilidade pra isso, é um...se há a condição da pessoa propiciar esse namoro, porque um trabalha, tem isso e o...a organização da casa mesmo. Se são milionário (sic), aí vão viver folgado (sic), se amando! Né? (sic). Agora, se são velho (sic) como nós aqui? É só pra passar raiva!

Pesquisadora: Entendi! E sobre as questões da homossexualidade na velhice, o sr. acha que existe, ou...

Participante: É um transtorno universal. É um transtorno universal! Entendeu? Que é um dos campos que são invadidos pelos...

(Neste momento da entrevista, um funcionário fica próximo de nós para resolver um problema na parte elétrica, então o Sr. Omar me convida para irmos pra outro lugar e diz:)

Participante: Eu não posso envolver com gente que não entende, né? (sic). É...a gente começa e tem que parar, porque não dá pra...

Pesquisadora: Tudo bem! Mas o sr. estava falando então da...das questões da homossexualidade na velhice, o sr. acha que existe? O que o sr. acha disso?

Participante: Minha filha, é...isso aí eu, é um absurdo! Entendeu? Eu acho um absurdo, absurdo, absurdo, absurdo! Por que o que que tem que fazer uma coisa que não está no direito humano? Na construção do corpo humano? Entendeu? Isso aí eu não sei nem porque começa. Eu sei que no catolicismo isso começa no convento, entendeu? E daí vai se espalhando e no catolicismo o que tem desses bicho! Dos dois lado (sic)! Que começa (sic) com este absurdo. O...ah...o odor das fezes, como é que suporta? É...é difícil da gente...é...fazer uma conclusão da razão porque. Primeiramente diziam que era doença, doença nada, isso é safadeza mesmo! Mas como começa, tem muitos jeitos que começa...Né? (sic). Eu não sei, mas eu sei que deve começar, quem começa quem caba (sic), quem faz isso eu num (sic) sei.

Pesquisadora: Entendi. Sobre ainda esse assunto de namoro e tudo mais, o sr. acha que tem diferenças na forma como o homem vive e como a mulher vive? O sr. acha que o homem e a mulher vivem de forma diferente o namoro, a sexualidade?

Participante: Não, o que eu acho é o seguinte: aí tá (sic) na vontade de cada um. Faz aquilo que quer, se chama liberdade. Agora, a...é...como que eu falo...a liberdade, o amor, o casamento quem inventou foi São Pedro, no vaticano. Né? (sic). Foi São Pedro que inventou o casamento, que a mulher das épocas antiga (sic) é uma escrava e pra libertar a mulher e dar direito à ela, uma recompensa, é que ele inventou o casamento. Mas sempre começou dando direito à superioridade ao homem. Até bem pouco tempo é...a mulher era uma escrava né? (sic). O homem podia matar no dever da dignidade. Entendeu? (sic). Hoje, hoje não, é...já foi abolido. O Getúlio vargas em 1932 a 1945, ele...ele deu mais liberdade à mulher que...o...e não se combinam, se soltam, cada um pra um canto. E assim a vida foi rodando até chegar aos dias de hoje e cada vez vai piorar mais no lado matrimonial, no lado matrimonial vai perdendo campo, né? (sic) Para uma espécie de liberdade.

Pesquisadora: Entendi. E o sr. acha que essas diferenças existem também nas mulheres e homens idosos, a forma como vivem isso? O sr. acha que eles vivem de forma diferente?

Participante: Isso de acordo com a vida que ele viveu. Porque...isso depende de...de limitação, de muitas coisas: não beber, não fumar, né? (sic). Pra poder eles manter(sic) capaz pra tudo. E o homem por si também tá (sic) se perdendo, e pra mulher isso não flui. Flui pra saúde, mas na parte da sexualidade pra mulher não tem...

Pesquisadora: O sr. acha então que na mulher não tem essa mudança, como é que é?

Participante: Não, primeira coisa que...o homem depende do sexo pra poder agir e a mulher não! É assim que vai...que começa, mas a mulher também vai perdendo, tudo bem...a...menopausa e outras coisas mais, né? (sic). Também depende da saúde e da vida que teve, né? (sic). Tem homem, ó, cê (sic) quer ver uma coisa? Uma repórter foi pro Amazonas, mulher, lá tinha um velhinho com 125 anos, ele domava os cavalos dele, ele fazia plantação na roça, e ele tinha umas 6 ou 7 mulher (sic), né? (sic). E a repórter foi entrando no...no assunto, procurando, ver, procurando até chegar aonde ela queria, então ela perguntou..."O velho "guenta"(sic) com vocês?" né? (sic). Ele falou, puxa vida, ele faz assim, uma semana fica uma com ele né? (sic). E as outras vão pra roça plantar e ele vai trocando toda semana. (risos!) Cê (sic) entendeu?

Pesquisadora: (risos) entendi! Entendi sim! Olha, agora Sr. Omar, agora eu vou fazer umas perguntas pro sr. que é (sic) assim, eu vou falar uma palavra e o sr. me fala as cinco primeiras palavras que vierem na sua cabeça. Nem precisa pensar muito, só as cinco primeiras! Aí, vou começar com a palavra velhice.

Participante: Cê (sic) tá (sic) como a doutora lá? Fala pedra, fala pau? (risos)

Pesquisadora: (risos). Não, não, não é assim não! São as coisas que o sr. lembrar quando eu falo, por exemplo, velhice. Né? (sic).

Participante: Hein?

Pesquisadora: Quando eu falo velhice.

Participante: Velhice?

Pesquisadora: É, o que vem na sua cabeça quando eu falo isso?

Participante: Eu lhe digo o seguinte: Incompetente.

Pesquisadora: Incompetência?

Participante: É, incompetência. A pessoa cansada, já exausta.

Pesquisadora: Cansada, exausta, faltam duas palavras...

Participante: Idade, velhice...

Pesquisadora: Falta mais uma palavra.

Participante: Solidão.

Pesquisadora: Solidão. Tá. Dentre essas cinco palavras que o sr. falou, o sr. gostaria de mudar elas (sic) de lugar? Porque o sr. colocou em primeiro incompetência, em segundo cansado, em terceiro exausto, em quarto idade e quinto solidão. O sr. colocaria alguma dessas em primeiro?

Participante: Olha, eu nunca, eu nunca...senti nada. Porque isso são palavras que as pessoas precisam passar pra saber a razão pela qual ele passou. Porque eu não...eu toda a vida fui alegre, brincalhão, não tem...Então, mas minha vida pra mim foi uma vida gostosa, baile, eu ia duas léguas de distância à cavalo pra mim (sic) dançar um baile. Então pra mim foi divertido. Né? (sic).

Pesquisadora: Entendi! E se eu falo a palavra "envelhecimento" mudam essas palavras? Que que (sic) vem na sua cabeça? Vem outras palavras se eu falar "envelhecimento".

Participante: Vem o sinal da morte...

Pesquisadora: Envelhecimento então...

Participante: Sinal que tá (sic) chegando a morte.

Pesquisadora: Mais alguma palavra que vem?

Participante: Não, eu...a preocupação da maioria das pessoas, eles...tem medo.

Pesquisadora: Tem medo da morte?

Participante: A morte é gostosa, já morri uma vez! Vou te contar a história. Eu morava em Piracicaba e sofri uma pleurisia sabe o que é né? (sic).

Pesquisadora: É no pulmão né? (sic)

Participante: É...aquela capinha do pulmão, aquela pele que cobre o pulmão enche de pus, entre o pulmão e a pleura. E tinha a idade de 12 anos, era muito complicado a medicina tinha poucos conhecimentos, não tinha antibióticos, não tinha isso, não tinha aquilo...Mas a maior parte era...era comprimidinho de...de homeopatia. E tinha e eu caí doente e infeccionou a operação. Então, quando a operação tava (sic) infeccionada, tinha pedaço de carne podre. Eu fiquei bem doído. Comecei a fazer física pra poder endireitar o corpo...Passei, mas nós tinha (sic) um dinheirinho naquele tempo ainda né (sic), tempo do meu pai. Logo resolveu meu problema, com 6 meses meu problema resolveu. Então, eu lembro muito pouca coisa dessa época, me lembro muito pouco dessa época. Minha memória tava (sic) sem brincadeira. Não me recordo do que posso transmitir pra você...

Pesquisadora: Entendi, mas foi bem difícil essa situação que o sr. viveu né? (sic).

Participante: Não, filha, porque eu tinha muita fé em Deus, Menino Jesus do praga e Nossa Senhora Aparecida. Entende? Eu acho que foi isso aí, porque eu com uma semana eu saí lá de Campinas e o médico especialista que vinha gente do mundo pra tratar com ele, com pleurisia, com pneumonia, essas coisas...Eu com uma semana o meu pai chegou e eu saí, fui pro...pro reflorestamento, lá em Campinas, tinha (sic) umas dez quadras e eu fui!

Pesquisadora: Entendi! Se recuperou bem, né? (sic)

Participante: Me senti bem, daí pra cá nunca mais tive problemas. Só saúde, e minha vida foi muito boa, isso em relação a outros que vivem no mundo no mesmo tempo e no espaço.

Pesquisadora: Entendi! Então, continuando aquela forma que eu tava (sic) perguntando pro sr. , quando eu falo a palavra sexualidade, ou relações sexuais, o que vem na sua cabeça?

Participante: Amor!

Pesquisadora: Amor, que mais? São cinco palavras, se o sr. puder dizer. Faltam 4.

Participante: Ódio.

Pesquisadora: Ódio.

Participante: Atrito.

Pesquisadora: Atrito...

Participante: Brigas violentas desnecessárias.

Pesquisadora: Brigas violentas...só mais uma palavra

Participante: E a criança pagando por tudo.

Pesquisadora: Os filhos né? (sic).

Participante: Os filhos, pagando por tudo...Por coisas que ele nem sequer fez!

Pesquisadora: O sr. mudaria essas palavras de lugar? Colocaria alguma em primeiro?

Participante: Como?

Pesquisadora: O sr. mudaria essas palavras de lugar? Em primeiro lugar o sr. colocou amor, né? (sic). Em segundo ódio...

Participante: É, mas é que tudo começa com o amor, sem o amor nada começa.

Pesquisadora: Então, continua em primeiro né? (sic).

Participante: É.

Pesquisadora: E a palavra ódio? O sr. muda de lugar ou deixa em segundo mesmo?

Participante: Em segundo lugar.

Pesquisadora: Em terceiro tá (sic) atrito, o sr. deixa?

Participante: Exatamente...

Pesquisadora: E em quarto brigas violentas e em quinto os filhos que pagam por isso.

Participante: É!

Pesquisadora: Entendi. E quando eu falo a palavra "homossexualidade", que são homens que namoram com homens, mulheres com mulheres...O que que o sr...O que vem na sua cabeça?

Participante: Absurdo!

Pesquisadora: Que mais?

Participante: Não entendo a razão...o porquê, não tem explicação.

Pesquisadora: Não tem explicação...

Participante: Lógico!

Pesquisadora: "Uhum" (sic), que mais que vem na sua cabeça?

Participante: Eu fui muito perseguido por eles...muito perseguido.

Pesquisadora: Perseguido?

Participante: Fui muito perseguido, entendeu? Em São Paulo mesmo, eu vinha vindo pela rua, saí da casa da minha irmã, indo pra rua pra ir pro colégio da parte elétrica, um deu uma reboladinha e piscou o olho pra mim! Ahhhhh (sic)! (risos)

Pesquisadora: O que o sr. fez?

Participante: "Ah, sem-vergonha, safado, sem-vergonha, ordinário"! (risos).

Pesquisadora: O sr. colocaria entre as palavras safadeza?

Participante: Sem dúvida! Sem dúvida!

Pesquisadora: Mas uma palavra...Falta só mais uma.

Participante: Toda profissão feminina que homem segue pode facilitar a safadeza.

Pesquisadora: Safadeza né? (sic). O sr. mudaria de lugar essas palavras?

Participante: Hein? (sic)

Pesquisadora: O sr. mudaria de lugar? Ou deixaria assim? Em primeiro tá (sic) absurdo, em segundo não tem explicação, em terceiro é...perseguição, e em quarto safadeza. O sr. mudaria de lugar, essas palavras? Colocaria alguma dessas em primeiro? Em primeiro tá (sic) que é um absurdo, né? (sic).

Participante: Safadeza em primeiro lugar!

Pesquisadora: Em primeiro? Ah tá. (sic). Mudaria mais alguma?

Participante: Não...tem todas, em globo, todas...é...já está dentro do que eu tinha pra dizer.

Pesquisadora: Entendi. Olha, sr. Omar, era isso tinha pra perguntar pro sr. essa minha pesquisa é uma pesquisa de mestrado sobre o que as pessoas de mais idade pensam sobre sexualidade, né? (sic), sobre namoro e também sobre homossexualidade, essas coisas né? (sic). E aí, depois que eu gravei, agora eu escuto, eu transcrevo e depois analiso a resposta de todo mundo que participou...

Participante: Você vai fazer o mestrado?

Pesquisadora: Sim!

Participante: Ótimo! Todo mundo tem o direito de sobreviver melhor...

Pesquisadora: É verdade...

2. SR. OTACÍLIO

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Bom, Sr. Otacílio, primeiramente qual que é a sua idade?

Participante: Minha...71.

Pesquisadora: 71?

Participante: É.

Pesquisadora: O senhor tem alguma renda familiar, aposentado?

Participante: É. Aposentado.

Pesquisadora: Aposentado né (sic)?

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Participante: Aposentado. Aposentaram eu (sic) aqui. Tem meus documento (sic), perdi tudo, me roubaram né (sic), aí né (sic), como eu tava precisando de fazer a aposentadoria, aí fizeram pra mim aqui, aí aposentei. Fiquei aqui. Centro Social que me trouxe pra cá, meus parente (sic) não sabe (sic) que eu to aqui.

Pesquisadora: Ah é? Faz muito tempo que o senhor tá (sic) aqui?

Participante: E eu to precisando ver meus parente né? Só que fomo (sic) procurar e não achemo (sic)! Lá ná, no bairro Piratininga, já ouviu falar no bairro Piratininga?

Pesquisadora: Hum, “hurum” (sic), já ouvi.

Participante: Só que eu não sei o nome da rua e o número da casa. Fiquei perdido. Nós fomo (sic) lá procurar mas não achemo (sic). Já ta (sic) tudo diferente também né? (sic) Eu passei muitos anos aqui.

Pesquisadora: Faz muito tempo que o senhor tá (sic) aqui?

Participante: Aí fomo (sic) procurar lá, quando foi procurar lá...

Pesquisadora: Não acharam?

Participante: Não achei mais. Casa da minha prima. Prima irmã...

Pesquisadora: Faz quanto tempo que o senhor tá aqui na casa?

Participante: Ah...mais de cinco ano (sic). Mais de dez ano (sic).

Pesquisadora: E onde o senhor tava (sic) antes de, de vir pra cá?

Participante: Eu tava (sic) numa chácara, trabalhando, uma chácara bem dizer abandonada. E só tava (sic) eu sozinho. Sou solteiro não sou casado. Aí o...meu primo viu aquilo, com catarata na vista né? (sic) E judiado (sic) lá...me jogando água, batendo em mim, aquele rolo. Aí...aí meu primo...

Pesquisadora: O seu patrão?

Participante: É, é, diz que patrão, mas não é. Nunca pagou. Só me roubava também.

Pesquisadora: Só...deixava o senhor trabalhando e não...

Participante: É...eu ganhava as coisa (sic), arrumava e me dava e ele me roubando. Aí diz que é meu patrão, me pagar, mas nunca me pagou nada como que, que patrão é esse? Patrão de araque né (sic)? (risos)

Pesquisadora: Nossa!

Participante: Aí meu primo viu aquilo ficou com dó de mim. Puxa o que que é isso né (sic)? Aí falou com o centro social, centro social foi lá. Duas mulher (sic) e um homem, motorista né (sic)? Foi lá me buscar. Aí, fui, fiquei um tempo...na...centro social. Aí até abrir a vaga aqui aí me trouxeram.

Pesquisadora: Trouxeram pra cá?

Participante: Aí fiquei, vim pra cá. Aí daqui tô (sic) aqui, to gostando que é bom. Toma remédio na hora certa, toma banho todo dia, troca de roupa. E como bem, passa bem. Não “porreia” (sic) ninguém.

Pesquisadora: É bem tranqüilo aqui?

Participante: Bem tranqüilo! Bem sossegado.

Pesquisadora: O senhor ta (sic) gostando?

Participante: To (sic) gostando daqui!

Pesquisadora: Ah..que bom!

Participante: É, tô (sic) ótimo aqui viu? Já faz horas que tá (sic) aqui. Mas só que...eu gosto daqui né? (sic) Mas sabe que tem que encontrar meus parente (sic)! É...isso aí tá (sic) me dando falta. E não posso encontrar. Eu não sei o nome da rua e nem o número da casa. Fiquei perdido! Era pra perguntar e saber né? (sic) .Que fica gra...gravado na cabeça. Quando precisar é só procurar, mas cadê? Quem que alembra (sic) agora?

Pesquisadora: Então ninguém sabe que o senhor tá (sic) aqui?

Participante: Ninguém sabe. Ninguém, nada, nada. Aí parei aqui né? (sic) ...como que vão vir né? (sic) Aí não tem jeito! (risos)

Pesquisadora: Puxa vida!

Participante: Eu fiquei perdido e com saudade da minha prima! É...já falei pra...

Pesquisadora: Mas tomara que o senhor encontre né? (sic)

Participante: É. Agora não tem ninguém que venha aqui pra cê (sic) entrar em contacto (sic) né? Não vem, não vem conhecido nada...vim fazer visita pra mim vai até...aí fica tudo igual. Então é isso aí.

Pesquisadora: E o senhor, o senhor disse que trabalhava na chácara né? (sic)

Participante: Trabalhava lá.

Pesquisadora: Sua profissão então era trabalhar em...

Participante: Cuidando de vaca lá.

Pesquisadora: Ah entendi! O senhor trabalhava em chácara...Sempre trabalhou com isso?

Participante: É, sempre trabalhei. Cuidando lá.

Pesquisadora: E a sua escolaridade? Até que ano o senhor estudou, não estudou?

Participante: Ih, estudei muito pouco viu.

Pesquisadora: É? Até que ano, o senhor lembra?

Participante: É...estudei até segundo ano.

Pesquisadora: Segundo ano?

Participante: É.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Participante: E o bairro era longe também o colégio né (sic)? E aí...passava no meio de turma assim, as vez (sic) me surravam, me batiam e tropelava (sic) quando ia pro colégio. Aí aí eu aprendi a vadiar, vadiar com aquilo. Pegar...chutar bola, jogar bolita, soltar pandorga, é...fui vadiando. Aí não estudei mais também. [...]

Pesquisadora: Foi difícil então pra estudar né? (sic)

Participante: É. Ser..servi o quartel.

Pesquisadora: Ah serviu o quartel?

Participante: Sim, em 64.

Pesquisadora: Ah entendi, então foi dessa forma que o senhor começou a morar aqui na casa?

Participante: É.

Pesquisadora: O senhor, é, te acolheram lá porque o senhor estava sofrendo alguns maus tratos né? (sic) Nessa chácara que o senhor trabalhava né? (sic)

Participante: Então, eu vim da chácara pra cá.

Pesquisadora: Ah entendi. E como que é aqui a sua vida? O dia-a-dia, o senhor acorda cedo, que que (sic) o senhor faz?

Participante: Aqui é bom, aqui não faz nada! Eu só fico esperando a hora, o dia né? (sic) De Jesus vim me buscar né? (sic) Esperando aí, não faz nada aqui não.

Pesquisadora: É? Mas o senhor assiste tv, conversa?

Participante: Assisto, assisto tv, converso. Tomo banho sozinho aqui, troca (sic) de roupa sozinho, tudo eu faço sozinho, como sozinho, tem ninguém me ajudar não. Por enquanto né? (sic)

Pesquisadora: Ah que legal né. (sic) Mais independente né? (sic) O senhor disse que o senhor nunca se casou né? (sic) Então o senhor sempre foi solteiro. Nunca casou. Mas teve alguma namorada...

Participante: É, namorada tive.

Pesquisadora: É? Teve muitas?

Participante: Teve (sic) muitas.

Pesquisadora: É mesmo?

Participante: É. Trabalhei no parque, trabalhei no cinema, é assim vai indo, trabalhei em obra, construção, trabalhei “coisando” (sic) vaca, trabalhei no campo, desse jeito né? (sic). Fui trabalhando e vivendo né? (sic). Até como ta (sic), até agora, agora sou aposentado não trabalho mais. Aí já vai procurar serviço, vai aposentar! Vai aposentar, vai aposentar! Fica falando assim. Aí então tem que aposentar né? (sic) Aí esperar a hora do Jesus buscar né? (sic) Aposentado.

Pesquisadora: Entendi. Mas o senhor nunca casou porque o senhor não quis, ou como é que foi isso?

Participante: Não eu não quis porque era muito doente também, né? (sic) Doença não deixava....

Pesquisadora: O senhor era muito doente?

Participante: É. Muito doente!

Pesquisadora: O que que (sic) o senhor tinha?

Participante: É...dor de dente, cata...é...dor de olho (sic) e depois agora veio catarata. Aí...tinha dor no estomago, ihh (sic) é um problema! Sofria da hérnia, fui operado, operado do pulmão, é aquela coisa, sacrifício, dor de dente, é doencia (sic) né? (sic). Mas foi indo, foi vivendo.

Pesquisadora: E por isso o senhor...

Participante: Fiquei pra casar não casei. Fiquei solteiro. Tá (sic) aqui, vivo e são né? (sic). Contar minha história (risos).

Pesquisadora: Isso, isso mesmo! Mas...teve alguém assim que o senhor foi muito apaixonado, que o senhor gostou muito? É? Como é que foi essa história?

Participante: Ah, paixão depois bebia também. Fumei, quase morri de tanto fumá (sic). Aí doutor falou assim: “Rapaz cê (sic) quer viver cê (sic) é novo ainda. É...para de fumar, para de fumar que cê (sic) vai viver”. Aí parei de fumar e beber. Aqui não bebe não fuma nada. Não faz mais nada. Bebe (sic) e fumá (sic) não. E é proibido fumá (sic) aqui também né? (sic) E bebe (sic). Então, aqui não tem isso aí não. Não, não quero mesmo não também, quase morri. Quase me leva pro chão. Mais de 50 ano (sic)...é...tinha mais nem osso mais né? (sic) Se tivesse fumando! Então não fumei mais, parei. Aí cê (sic) vê os outro (sic) fumando assim, cê (sic)...sai de perto, me tonteia. É, não pode...Não faz bem não.

Pesquisadora: Mas e essa pessoa que o senhor foi muito apaixonado, que o senhor amou muito, porque é que não deu certo de ficaram junto (sic)?

Participante: Ah, não combinava nada certo né? (sic) . Me traia também né? (sic). Ai não tem, não tem né (sic), foi só namorando e largando, namorando e largando. Eu não era sorte pra namorada também né (sic)? É, é, me traia né? (sic). É namorar outra, aí falei: “Não quero saber de namorar também!”

Pesquisadora: Não quis saber mais?

Participante: Não quis saber mais. Assim foi indo. Fiquei só apaixonado.

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:

Pesquisadora: Ah sim...é...e o que que (sic) o senhor acha sobre o envelhecimento, sobre o envelhecer, que que (sic) é isso pro senhor, como foi pro senhor passar por esse processo?

Participante: Ah isso aí, isso aí é problema também né? (sic). Mesma coisa também desse. É...fatal né (sic). É coisa terrível, coisa pra passar assim mesmo. Foi coisa medonha. Eu morei na vila J. C com a minha irmã...minha mãe. Aí foi falecendo, morreu...falecendo primeiro minha irmã. Daí a minha irmã, faleceu minha mãe. Aí tem que vender o terreno, tem que vender terreno porque...não tinha dinheiro pra pagar o imposto né? (sic). E me tomaram o terreno a prefeitura que não pagava o imposto, como que ia pagar? Sem serviço, não tinha serviço e não era aposentado ainda. Época de sacrifício aí...fiquei sozinho. Fiquei (sic) só eu e Deus como diz o outro né (sic). Aí fiquei assim, até agora sozinho. Ninguém. Não tenho namorada, não tenho nada.

Pesquisadora: “Uhum” (sic). Então, o que que (sic) o senhor pode me dizer sobre velhice assim, sobre a velhice?

Participante: Ah isso aí é um problema também. Tem muito doente viu? Tinha dor no estômago, dor nos joelho (sic), dor na perna, aí...dor...

Pesquisadora: O senhor ainda tem muito essas dores?

Participante: Tem muito...tontura, um tipo de fraqueza, tempo de terceira idade né? (sic). É doença de idoso. Assim vai indo. Aí ta (sic)...é...sacrifício!

Pesquisadora: Entendi. E o que que (sic) o senhor pode me dizer sobre a sexualidade, namoro, sexo, relações sexuais, que que (sic) o senhor me diz disso, que que o senhor acha dessas coisas?

Participante: Ah isso aí é...tem nem falar pra senhora viu! É fatal né (sic). (risos)

Pesquisadora: É...o senhor acha que há diferenças na forma como o homem e a mulher vivem um namoro, um casamento, como que o senhor acha que o homem vive, como que a mulher vive, que que (sic) o senhor pensa sobre isso?

Participante: Ai, isso aí, tem nem o que contar pra senhora viu. É complicado né? (sic)

Pesquisadora: É?

Participante: É, mas não sei nem contar pra senhora. E nem de...dizer como que é, como que não é né? (sic)

Pesquisadora: “Uhum” (sic). Porque o senhor acha que não tem nem como contar?

Participante: É meio difícil né? (sic) É um problema né? (sic) Um gosta do outro, outro não gosta, cê (sic) vai namorar, não vai...

Pesquisadora: Mas o senhor acha que o homem namora de uma forma e mulher de outra forma?

Participante: É...de outra forma né? (sic)

Pesquisadora: Como é que é pro senhor?

Participante: Ah, cada um tem um jeito né? (sic). Um quer bem outro quer mal. Traía o outro né? (sic)...namorado, namorada.

Pesquisadora: Quem que o senhor acha que trai mais? O homem ou a mulher?

Participante: Ah a mulher. Eu acho que é a mulher. Mulher trai mais. E quando é de trair assim não adianta namorado né? (sic). Namorava largava, namorava largava. Porque...namorando outro. Namorei namorada de outro também? Ah não, dai depois dá briga né? (sic). Daí eu não sou de briga, então deslarga (sic) pra lá! Dá até morte né? (sic). Depois

fica ruim, aí fica conhecido da polícia aí, como que é...né (sic). Perseguido da polícia, vai preso, apanha...É...(risos)

Pesquisadora: Aí complica né? (sic)

Participante: É...fica ruim, fica mal né? (sic)

Pesquisadora: Fica mal.

Participante: Então é melhor não namorar mais! Aí fiquei sozinho. Sem namorada.

Pesquisadora: Entendi. É...o que que (sic) o senhor acha sobre a questão da homossexualidade? Homem que namora com homem, mulher com mulher. O que que (sic) o senhor acha disso?

Participante: Aí, isso aí, não sei nem pra falar pra senhora viu? É... (risos). É um problema também né? (sic)

Pesquisadora: É?

Participante: Tanto homem com a mulher, mulher com homem. É...sei nem contar pra senhora. Fico até perdido!

Pesquisadora: É? O senhor tem...que que o senhor acha disso assim? Quando vem na sua cabeça isso, o que que o senhor pensa? O senhor conheceu alguém assim? O que que o senhor acha? O senhor acha que é normal ou que é anormal, que não é bom, que é ruim.

Participante: É, tudo aí né? (sic). Como o pessoal ta falando. É certo...Uma hora achava bom, outra hora achava ruim. Assim vai indo. É um problema né? (sic)

Pesquisadora: Entendi. Então o senhor, o senhor conheceu algum caso de homem que namorava com homem, mulher com mulher?

Participante: Conheci, conhecia né? (sic)

Pesquisadora: É? E o que que o senhor achava disso?

Participante: Ah, achava vantagem nenhuma né? (sic). Porque namorar...namorava eu depois namorava outro. Falei...não, não tem jeito não, melhor nem não namorar mais! Ficar sozinho né? (sic)

Pesquisadora: Entendi. “Uhum” (sic). É...o que que (sic), é...o senhor acha que existem muitos casos de pessoas idosas que namoram ainda, que tem namorado, que que o senhor acha disso? Pessoas mais velhas já?

Participante: Ah, isso aí também não tem nem que explicar pra senhora viu? (risos). É um problema também! Tem nem assunto...

Pesquisadora: Aqui na, aqui na casa tem algum, alguém que namora? Que tem namorada assim?

Participante: É...as vez (sic) tem, tem, não tem né? (sic)

Pesquisadora: “Uhum” (sic).

Participante: É...da bom dia, boa tarde...como que vai, como que não vai, ta bem, não ta bem (risos). E vai indo.

Pesquisadora: O senhor tem alguém aqui, que o senhor goste assim?

Participante: É. Tem uma aí que eu gosto aí chama J., ela.

Pesquisadora: É?

Participante: É. Ela é bem idosa também. Tem dois filho (sic) homem. Até eu conheço eles. Um trabalha na fazenda. Vai lá pra Aquidauana. E outro trabalha aqui na cidade. Então ela mora aqui eu moro aqui também. Aí nos fica (sic) namorando aí.

Pesquisadora: É? cês(sic) namoram então é?

Participante: É?

Pesquisadora: Como é que é esse namoro de vocês? Me conta um pouco!

Participante: Ah...é...namorando aí, fica ela aí não tem assunto pra falar, também não tem né? (sic) Fica só abraçando o outro, beijando né? (sic)

Pesquisadora: Ah é?

Participante: (risos) Ela chama J.

Pesquisadora: J.? Ah então tá! (sic)

Participante: É! Ela é bem idosa! Ela até gosta bem de mim, é, gosta!

Pesquisadora: Gosta de, do senhor?

Participante: Gosta...gosta de mim também. Gosto dela. Muito delicada né? (sic) É, isso vai indo. Tai (sic) ela mora aqui.

Pesquisadora: Legal. E o senhor acha que... o senhor já viu algum caso de homossexualidade na velhice? Homens idosos que namoram com homens, mulheres com mulheres, senhor já viu? Que que o senhor acha disso?

Participante: É que agora eles, casais diz que não tão combinando muito também né? (sic) É...casal, namorado...tudo tão (sic) brigando agora. Tão, tão (sic)...parando até na polícia agora, dando problema de briga né? (sic). Então aí que chega o fatal né? (sic) Eu não sou de briga e não brigo com a namorada não. Se ela tiver namorando outro larga pra lá, não vou eu bater na mulher não. Nem brigar com outro também não. Tem gente que briga né? (sic); Que nem cachorro. Briga é pra cachorro, pra galo! E eu não sou disso aí não! Não. Também é só bom dia, boa tarde também e tchau! Não quero mais. Nem namoro. Ta (sic) namorando outro

né? (sic) Não, não adianta, não vou ficar brigando aí não, não da camisa a ninguém. Aí da morte, machuca outro. Aí...aí vira bagunça né? (sic). Então melhor largar pra lá. Mas por enquanto ela...ela gosta de mim. Nós conversamos juntos...combinamos.

Pesquisadora: Vocês se dão bem então?

Participante: É! Um carinho ou outro... um carinho daqui, carinho dali. Isso dos filhos dela tudo me conhece também. Sabe que eu namoro ela, a mãe deles né? (sic). E assim vai indo, vem aí né? (sic). Ficaram tudo conversando. Trocando idéia. Até eles são legal (sic) comigo também.

Pesquisadora: É mesmo?

Participante: É. Muito legal. Vem só dia de domingo aí. Domingo a tarde. Vem conversar com ela. Vem visitar a mãe né? (sic). E aproveita e visita eu também, porque eu não tenho visita né? (sic)

Pesquisadora: Sim, que bom é!

Participante: É...não tenho parente né? (sic)

Pesquisadora: É uma companhia também né? (sic)

Participante: É companhia!

Pesquisadora: É verdade.

Participante: É, assim vai indo...

Pesquisadora: Quando eu falo a palavra velhice. Que que (sic) vem na sua cabeça? As cinco primeiras coisas que vieram. Cinco coisas que vierem na sua cabeça. Que que vem?

Participante: Ah...É...ficar aí na boa né? (sic) Tranquilo, a vontade...Não faz nada né? (sic) Antigamente parecia (sic) professor aí nós estudava (sic). Desenhava. E eu não sei estudar. Eu só pedia pra desenhar. É...desenhar, pintar. Aí vinha professora. Aí o dono daqui enjoou da professora mandou embora. Ela vinha um dia, outros não vinha, vinha outro dia, dia não vinha, aí o dono aqui ficou bravo, não...falou: “Ah não quero mais professora aqui não!”. Aí não veio mais. Aí fiquemo (sic) sem professora aí. Aí quando vem aí nós, nós, fica (sic) desenhando pintando, bordando aí né? (sic). Cortando papel, pra pregar na cartolina é? É isso aí, como diz, profissões da professora, né? (sic). Agora nós ta (sic) sem professora! Nós não tá (sic) pintando nem desenhando nem nada mais. Que como não tem professora né? (sic). Então ficamo (sic) aí.

Pesquisadora: “Uhum” (sic). E...se eu falar envelhecimento, vem o que na sua cabeça? Vem outras palavras?

Participante: Envelhecimento?

Pesquisadora: É, envelhecimento.

Participante: Envelhecimento...ah isso é...de de (sic) idoso né? (sic). É, dor de cabeça...dor no corpo, é aquela velhice né? (sic)...Doença de idoso.

Pesquisadora: “Uhum” (sic), entendi. Se eu falo sexualidade, namoro, essas coisas, que que vem na sua cabeça?

Participante: Namoro?

Pesquisadora: É.

Participante: Ah, fica aí namorando, beijando o outro né? (sic). Contando como que é isso, como que é aquilo. Como que é, como que não é (risos).

Pesquisadora: “Uhum” (sic), que mais que vem? Vem mais alguma coisa?

Participante: Não, não vem mais nada. Isso aí é isso aí mesmo.

Pesquisadora: Não? Ah então ta (sic). É...quando eu falo, o senhor sabe o que que é homossexualidade?

Participante: Não.

Pesquisadora: É quando um homem namora com homem, mulher com mulher. Que que (sic) vem na sua cabeça quando o senhor pensa sobre esse assunto?

Participante: Ah isso aí...Não sei nem explicar como que é isso né (sic)...É um problema.

Pesquisadora: Bom, Sr. Otacílio. né? (sic)

Participante: É, seu Otacílio.

Pesquisadora: Otacílio. é....

Participante: Otacílio. S.

Pesquisadora: Eram essas as perguntas que eu tinha pro senhor tá? (sic) E...eu agradeço muito a participação do senhor no estudo vai ser...vai contribuir muito pra minha pesquisa tá (sic) bom? E aí...é...é isso. Aí qualquer coisa que o senhor tiver dúvida só entrar em contato com o pessoal que eles me avisam ta (sic) bom? Qualquer coisa também eu volto a entrar em contato com o senhor tá (sic) bom? Aí agora eu vou entrevistar mais pessoas aqui, ta (sic) certo?

Participante: Ta (sic). Pode perguntar o nome da senhora?

Pesquisadora: Oi? Sim, é T.

Participante: C.?

Pesquisadora: T.!

Participante: T.

Pesquisadora: Isso!

Participante: Ta (sic), muito obrigado, T.!

Pesquisadora: Obrigada! Eu que agradeço o senhor!

3. SRA. SILVIA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Eu vou fazer algumas perguntas sobre você, qual é a sua idade?

Participante: É setenta e...oito de maio de 1929.

Pesquisadora: 1929?

Participante: É oitenta e pouco não?

Pesquisadora: Oitenta? Acho que sim, “uhum” (sic). É isso aí.

Participante: To (sic) espirrando hoje.

Pesquisadora: Esse tempo fica seco também né (sic), não chove. E você possui alguma renda familiar? Tem aposentadoria, como é que é?

Participante: Eu fui de pantanal. A gente tinha uma coisinha pequena, não era grande né? (sic). Então, mas ta tudo com meu filho sabe? E ele...e eu já nessa idade não posso mais lutar com nada né? (sic). Mas eles tomaram conta de tudo né? (sic).

Pesquisadora: Tão (sic) com seus filhos então?

Participante: Ta (sic). tudo com meu fio (sic).

Pesquisadora: Eles que pagam aqui...e tudo?

Participante: Tudo né (sic).. Eles que ve (sic) tudo né (sic).

Pesquisadora: Entendi. Que que (sic) a senhora fazia quando a senhora trabalhava? Que, que...qual que era a sua profissão?

Participante: Eu era cozinheira. Cozinheira, cozinheira da minha mãe, fogão de ferro, quase me matou. O fogão era tão ruim, esquentava tanto, que me deu “derência” (sic)

Pesquisadora: Nossa...

Participante: Olha aqui ó (sic)...(mostrando as marcas). Olha aqui ó (sic)...coração (mostrando uma cicatriz no peito).

Pesquisadora: É uma operação?

Participante: Operação no coração.

Pesquisadora: Faz tempo que a senhora fez essa?

Participante: Ahh...nem lembro mais, foi...nem lembro mais. Operação do coração. Minha família tudo tem problema de...

Pesquisadora: Do coração?

Participante: Do coração. Meu cardiologista quando eu operei falou: "Motor ta (sic) bom, S. cuida da lataria".

Pesquisadora: Ta (sic) bom já de novo!

Participante: Aí ó...ele viu! Diz que o motor ta (sic) bom cuida da lataria, que a lataria é o corpo né? (sic). (risos)

Pesquisadora: Então a senhora era cozinheira, então? A Senhora cozinhou aonde, na fazenda...?

Participante: Na fazenda!

Pesquisadora: Entendi. E qual que é a sua escolaridade. A senhora estudou até que ano, não estudou, como é que é?

Participante: Estudei até o quarto ano. Primário.

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Eu escrevi certo, né? (sic)

Pesquisadora: Escreveu, escreveu sim.

Participante: Escrevi né? (sic).

Pesquisadora: Bem bonita a sua letra.

Participante: Pois eu não sei, eu não aprendi o bendito inglês, essas coisas que vai pra frente. Só o primário né? (sic).

Pesquisadora: "Uhum" (sic)! Mas a sua letra é bem bonita, viu? Muito bonita.

Participante: (dando risadas)

Pesquisadora: É..e qual que é o seu estado civil? A senhora já foi casada, é viúva? Que que (sic)...é, separada?

Participante: Mãe carinhosa, tive (sic) um filho sem casamento.

Pesquisadora: Ah ta (sic). Entendi. Então a senhora nunca casou?

Participante: Eu escolhia demais sabe? (risadas)

Pesquisadora: Escolhia demais? Como é que foi essa história aí?

Participante: Ah...um eu achava alto, o outro eu achava gordo, o outro eu achava...fui escolhendo, fui escolhendo e quando vi... (risos)

Pesquisadora: Quando viu não teve mais pra escolher?

Participante: Não tinha mais recurso, né? (sic).

Pesquisadora: Não escolheu mais...

Participante: Aí terminei aqui né? (sic). To aqui.

Pesquisadora: Mas então a senhora nunca casou?

Participante: Não.

Pesquisadora: Entendi. Só teve um filho...tem um filho, só?

Participante: Só um. Mas criei bem dizer a família tudo, fui a mais velha né? (sic).

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Cuidei de todo mundo.

Pesquisadora: Cuidou do filho da, dos irmãos também?

Participante: Dos irmão (sic)! Minha mãe tinha problema de “mediunidade” e ficou sem trabalhar e ficou pirada da cabeça, sabe? “Mediunidade” tem que trabalhar né? (sic). Aí já tinha passado do tempo, ficou como....pirada, né? (sic).

Pesquisadora: E aí ela...depois disso...morreu?

Participante: Morreu. Mas depois de idade né? (sic).

Pesquisadora: Morreu com idade avançada já?

Participante: Idade avançada.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Pesquisadora: Ah, entendi. E como que a senhora começou a morar aqui na casa? O que que aconteceu que senhora veio pra cá?

Participante: É porque eu fiquei sozinha na casa. Diz que não pode ficar sozinha né? (sic). Empregada fica até umas horas e vai embora, né? (sic). A gente não tem coisa de obrigar ela a de ficar né? (sic). Eu não criei...pari só um. Casou, foi pra longe, né? (sic).

Pesquisadora: Onde que ele mora?

Participante: Pantanal.

Pesquisadora: No pantanal? Ah ta (sic)...Aí, como a senhora não podia ficar sozinha, senhora veio pra cá?

Participante: Ah é, aí eu vim pra cá.

Pesquisadora: E faz muito tempo que a senhora veio? Faz tempo que a senhora tá (sic). aqui?

Participante: Ai, se eu te falar a verdade, que eu não...não guardei. Só perguntar aí pra moça. Pergunta lá eles sabe (sic) quando que vim. Não é que eu não quero te falar, mas ó...

Pesquisadora: Não lembra mais?

Participante: Não lembro mais, né? (sic). E também não interessei de saber.

Pesquisadora: E como que é seu dia-a-dia aqui? Senhora acorda cedo, que que a senhora faz?

Participante: Olha...aqui todo mundo levanta né? (sic).

Pesquisadora: E que que a senhora faz durante o dia?

Participante: O que?

Pesquisadora: É, que que a senhora fica fazendo...?

Participante: Eu fico lendo, deito, fico aí... Eu não quero, eu não quero mais trabalhar! (risadas)

Pesquisadora: Não quer mais cozinhar?

Participante: Lavar roupa...

Pesquisadora: Lavar roupa!

Participante: Na fazenda tinha uma “doentinha” (sic) da cabeça, sabe? E aí a mãe dela, foi falou: “Lulu, hoje nós vamos lavar uma roupinha (sic) minha filha”. Não, esse é na cidade minha lá em Poconé, uma cidade pequena né? (sic) Aí a Lulu abriu o portão e “Ahhhhh” pra rua, os sobrinho correram foram pra falar pro pai dela que era o irmão da Lulu: “Paii tia Lulu ta louca lá” (risadas). Aiii, eu falei: “Eu vou bancar a Lulu também agora!” Eu num quero!

Pesquisadora: Não quer mais saber!

Participante: Quando você não quiser fazer as coisas fala: “Agora eu sou Lulu”.

Pesquisadora: “Agora eu sou Lulu” (risos) “Não qu...não quero saber de lavar roupa...”

Participante: Lavar roupa, cozinhar...

Pesquisadora: E como que são suas condições financeiras? Seus filhos mandam dinheiro pra pagar aqui?

Participante: Eles pagam né? (sic).

Pesquisadora: Eles pagam? Ah ta (sic). Mas a senhora não recebe aposentadoria?

Participante: Mas eu não quero nem saber de dinheiro. Não quero nem ver. Sabe? Pra que que eu vou querer dinheiro aqui?

Pesquisadora: Tudo eles dão, eles já preparam pra você?

Participante: Os remédio eles me trazem, dia que eu vou no cardiologista. Eles me trazem os remédio (sic), eles já sabe (sic). Já contam, já trazem pra mim porque é tudo controlado né? (sic). Então eu to (sic) nessa aí!

Pesquisadora: E seu, seu filho vem aqui te ver, família, vem alguém aqui, como é que é?

Participante: Os que moram aqui...porque tudo tem obrigação né? (sic). Em casa né? (sic).

Pesquisadora: Trabalham?

Participante: Trabalham né? (sic). E eu não fico obrigando ninguém. Eles não...não...ele podendo comprar meus remédios, é isso que eu quero né? (sic). Eu não posso ficar sem eles né (sic), por causa do...

Pesquisadora: Toma todo dia o remédio?

Participante: Tenho que tomar né? (sic), por causa do coração.

Pesquisadora: Entendi. E como que a senhora ta (sic) assim as questões...

Participante: “Você”.

Pesquisadora: Você! Eu esqueço! Sabe como a gente tem essa questão de respeito né? (sic) A gente acaba pegando! Fica forte isso. Mas como que ta (sic), é, suas relações de, afetivas, de namoro, a senhora tem algum namorado aqui? Ou não? Faz tempo que não tem namorado, ou não quer saber disso? Como é que é?

Participante: Eu não quero saber. Eu fui muito enjoada sabe? Então...não importa muito não.

Pesquisadora: Não, não quer saber então disso?

Participante: Pra que? Pra que que eu vou bancar a assanhada aqui pra...pra ficar como doida né? (sic)

Pesquisadora: Ah sim.

Participante: A não ser naquele tempo do pantanal, que era mocinha, era trabalhando, lavando roupa, cozinhando né? (sic) E a vida passou.

Pesquisadora: Hoje em dia então a senhora não, não se interessa por essas coisas?

Participante: Ah, um eu acho alto, outro eu acho gordo, outro... (risos)

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Pesquisadora: Escolhe bastante né? (sic). É..e o que que a senhora, você pode me dizer sobre a velhice? O que que é a velhice pra você? Que que é envelhecer, o que que você me diz disso?

Participante: Velhice é cabar (sic) a mocidade que não agüenta mais. Né? Não é mais nova, não é mais coisa...é concordar e entender já tá (sic) noutra plano né (sic)? Não to (sic) mais queimando óleo vinte, como diz o meu vizinho!

Pesquisadora: Queimando óleo vinte?

Participante: Eu molho planta, molhava planta na minha casa e muro alto sabe? E o vizinho é um médico. Ele já falava de lá: “S, vai resfriar”, a mulher dele já falava: “Deixa a Silvia. tomar banho de mangueira”. (risos)

Pesquisadora: (Risos). A senhora morava onde mesmo?

Participante: Aqui?

Pesquisadora: Aqui em Campo Grande mesmo a senhora morava?

Participante: Não...eu sou lá de Poconé, do Pantanal. Pantanal.

Pesquisadora: Ah ta (sic), entendi. “Uhum” (sic).

Participante: Saí do pantanal com enchente tomando...esse ano encheu tomou tudo no Pantanal, nunca mais voltei. Porque falavam que o pantanal foi mal, o que ele dá ele toma né? (sic). Meu pai não quis sair, ficou. Ele arrumou uma malinha disfarçada, botou no bote dele, aí foi no navio. Mas eu gritava tanto naquele navio. O comandante assustou veio de lá me pegou, me botou la na frente, me mandou o secretário me dar suco né? (sic), calmante né (sic). Nunca mais voltei.

Pesquisadora: Nunca mais voltou? Mas a senhora gostava de lá?

Participante: Era minha vida né? (sic).

Pesquisadora: Era sua vida...

Participante: Era minha vida...

Pesquisadora: Entendi. E o que que a senhora acha dessas questões de...
(Um carro passa com o som muito alto).

Participante: O que que é isso?

Pesquisadora: É um carro que ta passando aí eu acho. “Ixi” (sic), bem alto né? (sic). E o que que a senhora me diz sobre sexualidade? Namoro, essas coisas, o que que a senhora acha disso? O que que a senhora pensa sobre isso?

Participante: Tem gente que gosta né? (sic). Tudo mundo não igual. Eu não sou igual a você e você não é igual a eu (sic) né? Cada um tem uma necessidade, uma...eu acho isso né? (sic) E eu não ignoro...né? Se ela é quenga, como diz o povo do...o povo do mato né? (sic). Fala quenga!

Pesquisadora: Quenga era uma mulher que gostava muito de, de sexualidade, de namorar...

Participante: É! É!

Pesquisadora: ...era isso?

Participante: Quenga.

Pesquisadora: E o que a senhora achava das quenga?

Participante: (dando risada). Ah ela tava na dela né? (sic).

Pesquisadora: “Uhum” (sic), entendi. Cada um na sua então?

Participante: Cada um na sua. E eu não vou ignorar, eu não sou Deus né? (sic).

Pesquisadora: Entendi. E o que que a senhora acha daquelas pessoas homem que namora com homem, mulher com mulher que eles falam que é (sic) homossexuais? Que que a senhora acha dessas pessoas?

Participante: Eu não ignoro porque eu não vou combater, eu não vou consertar ninguém né? (sic). Até filho da gente é difícil de consertar, quanto mais...

Pesquisadora: Filho dos outros?

Participante: Ai eu não to nem aí, Deus que me perdoe. Né? (sic).

Pesquisadora: Mas a senhora acha que é certo? Que é errado, ou a senhora não...?

Participante: Olha eu não sei a...a formatura dela, se existe isso se não existe né? (sic). Não to nem aí!

Pesquisadora: Entendi. E que que a senhora acha sobre namoro, sexualidade na terceira idade, na velhice? Senhora acha que existe, ou senhora acha que não...

Participante: Existe porque cada um tem uma temperatura isso que eu acho né? (sic). Você gosta de namorar, tem dois três namorados né? (sic). E eu as vez (sic) não gosto, cada um

com...é isso que eu entendo né. (sic). Eu não vou proibir fulano, beltrano de gostar de homem de gostar de né... (sic). Agora só eu acho errado de pegar homem dos outros e...esse eu não...

Pesquisadora: Traição essas coisas, a senhora diz?

Participante: Traição eu não gosto né (sic)...é...mas por mim...

Pesquisadora: A Senhora acha que homens e mulheres vivem de forma diferente o namoro, o casamento? A senhora acha que tem diferenças entre homens e mulheres?

Participante: Como?

Pesquisadora: Da forma como o homem pensa, vive um namoro, um casamento e na forma como uma mulher pensa, vive um namoro...

Participante: Eu acho que cada um pensa de um jeito né? (sic). O homem pensa de um jeito, a mulher...cada um né (sic). Cada um pensa de um...né (sic). E eu não importo com a vida de seu (sic) ninguém! Como diz a minha mãe. To (sic) nem aí. To (sic) cagando e andando. Como diz nós lá no mato. To (sic) cagando e andando. (risos)

Pesquisadora: Entendi. Mas a senhora não...a senhora não acha que eles tem diferenças assim, ou acha que tem diferenças sim?

Participante: Se já é cheio no mundo né (sic), o que que eu vou fazer? O que eu vou reclamar pra quem? Eu vou lá pedir pro presidente? Né (sic)? Vou pedir pra médico, pra...eu não tenho nada com a vida dos outros.

Pesquisadora: Entendi. Agora eu vou fazer, vou falar uma palavra, vou falar várias palavras e cada palavra que eu falar, eu, eu preciso que a senhora me diga cinco coisas que vierem na sua cabeça. Por exemplo, quando eu falo velhice, que que vem na sua cabeça quando eu falo essa palavra? Velhice?

Participante: Velhice é quando a gente não agüenta mais trabalhar.

Pesquisadora: Velhice não agüenta mais trabalhar. Que mais?

Participante: E tem que...tem que ser apoiada pelos outros. Tem que...outros, outras pessoas mais nova cuidar né? (sic).

Pesquisadora: Apoio dos outros, né? (sic)

Participante: Apoio dos outros!

Pesquisadora: Faltam mais uma, faltam três palavras. O que vier na sua cabeça assim, quando eu falo velhice.

Participante: O corpo da gente, que você pergunta?

Pesquisadora: É, corpo, ou o que que muda. O que que a senhora pensa sobre isso?

Participante: A gente fica enrugada! Fica...

Pesquisadora: Fica enrugada...

Participante: Fica com a pele feia né? (sic). Pra quem trabalha aqui...mas quem não trabalha cuida melhor né? (sic) Ai, esse sol ta (sic) bem quente.

Pesquisadora: Ta (sic) ficando quente? Não quer sentar ali?

Participante: Não, eu botei o pé pra cá.

Pesquisadora: Já tá (sic) acabando já! Mais alguma palavra que vem quando eu falo velhice? Alguma coisa que vem na sua cabeça?

Participante: Agora eu vim parar aqui né? (sic). Porque eu fiquei sozinha, não deu pra eu ficar em casa.

Pesquisadora: Senhora colocaria então solidão?

Participante: Hein?

Pesquisadora: Colocaria solidão?

Participante: Põe.

Pesquisadora: Solidão. Mais alguma?

Participante: Eu quero dinheiro.

Pesquisadora: (risos). É... a senhora acha então falta de dinheiro?

Participante: Não, to (sic) brincando! (risos)

Pesquisadora: (risos). Ta (sic). Não vem mais nenhuma?

Participante: Na velhice?

Pesquisadora: “Uhum” (sic). Mais alguma palavra?

Participante: Agora to aqui roendo minhas pitangas. Poe aí. (risos)

Pesquisadora: (risadas) Ta (sic).

Participante: Agora estou aqui roendo minhas pitangas.

Pesquisadora: Ta (sic). Se eu falar a palavra envelhecimento vem outras palavras na sua cabeça? Que que vem?

Participante: Ah...que não agüenta mais trabalhar.

Pesquisadora: Ah, então é parecido com o, a da velhice, né (sic), que vem? Ta (sic). É...quando eu falo sexualidade, que que vem na sua cabeça? Sexualidade, namoro...

Participante: Ahhh, agora...eu fui muito enjoada, sabe? Eu escolhia muito e...terminei aqui sobrando.

Pesquisadora: Mais alguma coisa que vem?

Participante: Não.

Pesquisadora: Não?

Pesquisadora: E se eu falo homossexualidade, que é as pessoas que...homem que namora com homem, mulher com mulher. Que que vem na sua cabeça quando eu falo isso?

Participante: Eu fui do mato, lá não tinha isso né (sic). Isso é da cidade né? (sic)

Pesquisadora: Ah ta. Coisas da cidade então?

Participante: Coisas da cidade.

Pesquisadora: Mais alguma coisa?

Participante: Não.

Pesquisadora: Não? Olha dona Silvia. eram essas as perguntas que eu tinha pra te fazer. Eu agradeço muito que você contribuiu muito para a minha pesquisa tá? (sic). Qualquer coisa eu entro em contato aqui com o pessoal, a gente conversa ta (sic) bom? Qualquer dúvida a senhora pode perguntar, pedir pra eles me liguem tá? (sic). E...muito obrigada...

Participante: Como você se chama?

Pesquisadora: T!

Participante: T?

Pesquisadora: Isso!

Participante: Ah ta!

Pesquisadora: Talita! Qualquer coisa a senhora...da um alô aí.

Participante: Você. (risos)

Pesquisadora: Você! Até o final eu falo, eu consigo parar de falar a senhora. Obrigada, dona Silvia. (risos)

Participante: (risos) É porque daí eu fico véia (sic) né (sic). Pode ir?

Pesquisadora: Pode ir! Obrigada tá? (sic).

4. SRA. TEREZA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisadora: Pra começar, alguns dados de identificação. Qual que é a sua idade?

Participante: 93.

Pesquisadora: 93? Tá. (sic)

Participante: Fiz agora dia 27 de novembro.

Pesquisadora: Agora em novembro?

Participante: É.

Pesquisadora: Ah ta! E você possui alguma renda familiar? Aposentadoria, como é que é?

Participante: Salário mínimo e ajuda dos meus sobrinhos.

Pesquisadora: Ah ta (sic). E aí a senhora, você paga aqui a casa com a sua aposentadoria?

Participante: É, não, meus sobrinhos que pagam pra mim porque meu remédio não da pra pagar nem meu remédio!

Pesquisadora: Ah entendi, entendi. E...quando a senhora trabalhava é, que que a senhora fazia?

Participante: Costureira. Dava aula de corte e costura e, e costurava.

Pesquisadora: Ah ta!

Participante: Vestia muita noiva!

Pesquisadora: Olha! Então era costureira e professora?

Participante: É.

Pesquisadora: “Uhum” (sic), entendi, legal. E qual que é a sua escolaridade? Até que ano a senhora estudou?

Participante: Quarto ano.

Pesquisadora: Quarto ano? Tá. (sic)

Participante: Era uma época que não tinha mais do que o quarto ano. Mas eu saí com 10 anos do colégio, eu fui pra fazenda então...

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Agora as minhas irmãs mais velhas estudaram. Depois as mais novas também estudaram porque teve oportunidade e eu já não pude mais estudar porque minha mãe tinha fogo selvagem e eu fiquei cuidando dela, desde então cuidei dela a vida toda. (risos).

Pesquisadora: Entendi. A senhora cuidou então da sua mãe?

Participante: Então quer dizer, que as mais nova (sic) foram estudar e as mais velha (sic) queria (sic) estudar e eu fiquei, né (sic), sobrando.

Pesquisadora: Ficou cuidando da sua mãe né? (sic)

Participante: É. Fiquei apenas com o 4º ano. Porque também não tinha mais do que o 4º ano naquela época lá. Eu tinha...esse...mas era pago no caso, e a gente não tinha renda pra pagar.

Pesquisadora: Entendi, “uhum” (sic). E qual que é o seu estado civil? A senhora foi casada...

Participante: Solteira.

Pesquisadora: Solteira? Nunca casou?

Participante: Nem namorado eu tive (risadas).

Pesquisadora: Nem namorado? É mesmo?

Participante: É. Fui pedida em casamento 16 vezes mas nunca tive namorado.

Pesquisadora: Nunca quis namorar?

Participante: Não.

Pesquisadora: Que, que, que que (sic) foi que a senhora não quis...?

Participante: Eu tive uma irmã que sofreu muito no casamento, eu tinha horror de pensar assim: "Se ele me tocar a mão eu mato ele!" (risos)

Pesquisadora: Ahh...ele, ela apanhava dele?

Participante: Apanhava demais! Então...até que ela separou dele foi embora, mas infelizmente coitado, dois anos depois ela faleceu. E...aí ele ficou doido! Quando ela foi embora ele ficou doido. Ele já era ruim de natureza mesmo! A mãe dele cansou de falar que o pai era daquele jeito e o T. puxou o pai dele. Então, quando ela morava perto da sogra, se ele batia nela a sogra batia...batia nele.. Quer dizer que a sogra foi um anjo de bondade, mas aí eles separaram, eu sei que ela acabou separando foi embora dois anos depois ela faleceu.

Pesquisadora: Entendi.

Participante: E então eu tinha medo sabe? Então nunca namorei, né? (sic). Nunca quis namorado. Nunca quis nada. Tive medo de casamento. Eu fui pedida em casamento 16 vezes mas não.

Pesquisadora: Nunca quis...?

Participante: Não, nunca quis. Eu nunca nem dei resposta.

Pesquisadora: Nunca nem deu a resposta?

Participante: Não!

Pesquisadora: Deixou pra lá né? (sic).

Participante: Deixei.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

Pesquisadora: Entendi. E...como que a senhora começou a participar aqui da casa, começou a morar aqui? Que que aconteceu?

Participante: Acontece que eu mo...fui embora pra São Paulo. Aí minha irmã, que faleceu faz 8 dias hoje ela...ficou sozinha na casa, tinha uma filha que morava aqui e as outras moravam fora. Aí meu sobrinho pegou e chamou...começou a pedir pra mim ficar com a mãe, porque ele tinha família e tinha a mãe, então ele largava a família e ia dormir lá com a mãe. Que a filha não ligava. Isso aí ela foi muito ingrata nesse ponto. Aí o...e ele foi começou a me chamar pra vir pra cá. Minha irmã faleceu em São Paulo aí eu vim ficar com ela. Estava muito bem lá com o filho lá, ela tem um filho adotivo que é um malandro drogado, marginal mesmo, posso falar. Marginal que ele era, se você descuidou vai tudo que você tem. E ela é louca por ele, por, pelos filhos. Né (sic), filho adotivo. E, então, eu fiquei com minha irmã, ele acabou com tudo que tinha na casa dela, ela correu pra casa da mãe aí tava me maltratando e eu tive que sair.

Pesquisadora: Ele passou a te maltratar?

Participante: Ela!

Pesquisadora: Ela?

Participante: É! Então eu saí, aí minha irmã foi saber porque que é que eu saí, falei: "Olha..." a que eu morava junto ia sempre na casa junto também, mas eu nunca contei pra ela. Depois que eu saí ela foi tentar saber porque é que eu saí da casa dela. Eu fui falei assim: "Olha, F. foi a V, você já sabe!". E ela ficou quieta. Aí a V. foi uma três vezes, mas eu sabia que não ia dar certo. Então eu fiquei numa casa lá, depois fui pra outra casa, depois vim pra cá, porque aqui tem uma minha cunhada, a minha cunhada que faleceu, ela é parente, parente porque eu sou B. também. E...então, estou aqui. E minha irmã, essa que era muito boa, hoje está fazendo 8 dias que ela faleceu, que foi a mãe dessa que eu fui ficar com ela e que...

Pesquisadora: E que te maltratou?

Participante: É. Acontece que...ela estava sozinha, o meu sobrinho, irmão dela com a mulher pra morrer, e eu tava com a minha irmã lá em São Paulo e o...a...e ela nunca ligou dizendo: "Vou pousar uma noite com minha mãe!". Ele deixava uma enfermeira pra ficar com a mulher e ia dormir com a mãe. E depois, e ele me chamava, me chamava, minha irmã faleceu e eu

vim. Fiquei com ela, estava tudo muito bem. De repente o malandro do filho adotivo dela lá acabou com tudo que ela tinha na casa e correu pra casa. Aí ela passou a me maltratar, eu fui obrigada a sair e aí ela foi e me perguntou, a minha irmã, foi...que tava na casa lá, ela foi lá saber o que aconteceu que eu saí. Aí ela ficou quieta, mas ela...ela, quer dizer, cuidou bem da mãe no final. Tá (sic) fazendo 8 dias hoje que minha irmã faleceu. Então, ela...aí ela foi boa pra mim, a minha...ela cuidou bem. Mas agora ela sozinha lá, o malandro dela, filho adotivo, que é um rato sem-vergonha, malandro, bandido. Não matou, nunca ouvi falar que ele matasse, e o danado não pegou cadeia ainda. Não sei se pegou cadeia e ela correu e tirou ele. Não sei como que ela tá (sic) se arrumou...eu tenho dó dela, porque ela vai sofrer. Ele acaba com tudo, foi rádio, foi televisão, foi tudo, quando a avó morreu foi tudo embora.

Pesquisadora: Levou tudo?

Participante: Levou tudo. Ele arrombou a casa aí meu sobrinho teve que mandar consertar tudinho (sic), por aço, porta de aço, pra ele não arrebentar mais. Agora, ele deve estar lá na casa, mas a casa vai ser vendida, não sei pra onde que ela vai, que ele vai. Ela tem casa lá na...ele não pode ir lá, porque já aprontou muito. Ele saiu de lá. Mas ela criou seis irmãos, que ficou (sic) sem pai e sem mãe e são uns meninos maravilhoso (sic). Porque ela adotou como filho, com 8 dias e né (sic)...é esse aí que tinha toda a proteção e tudo e...os outros apanhava, trabalhava, um trabalhou no banco e os outros foram saindo devagarinho (sic) e foram embora, que são outros menino (sic) maravilhoso (sic) e as menina (sic). A gente fala, que são maravilhosa aquelas crianças e a gente quer muito bem eles. E agora ela tá (sic) lá com o malandro dela, agora que minha irmã faleceu, ele limpando a casa também né. (sic). Vamos ver até onde que ela vai. Eu tenho dó dela, sabe? Ela ganha bem, ela ganha 4 mil. Ela é professora universitária e ela é aposentada, ela deve ganhar o dinheiro do marido...

Pesquisadora: E o que ela fazia com a sra., com você, que te desrespeitava?

Participante: Maus-tratos.

Pesquisadora: Maus-tratos. Mas físico mesmo?

Participante: Não. Ela...eu que dei um tapa nela! Ela me saiu com tanto desaforo que eu dei um tapa nela, aí eu fui pro meu quarto e a...a empregada falou que como que ela tava (sic) falando comigo, porque minha irmã não tava sabendo, mas elas que tavam (sic) na vizinha sabia (sic). E...aí ela falou: "Tia, pega suas roupas e vamos embora". Aí fui lá, numa casa, numa pensão lá...fiquei lá um mês, depois fui pra outra casa, fiquei dois meses, era muito boa. Daí, como minha cunhada tava (sic) aqui e meu irmão faleceu, aí eu quis vir pra cá.

Pesquisadora: Entendi, e faz muito tempo que a sra. tá (sic) aqui?

Participante: Ah, dois meses.

Pesquisadora: Faz pouco tempo então.

Participante: É...e agora minha irmã faleceu...não sei o que vai ser da minha sobrinha, apesar que ela ganha 4 mil e pouco. Mas esse malandro...

Pesquisadora: Entendi.

Participante: Não é filho dela, mas ela pegou, adotou...Ela adotou 5 irmãos, 4 homens e duas mulheres, que os pais eram favelados, morreram os dois e ela ficou. Um tinha 8 meses...esse menino trabalhou no banco. Esses meninos são de máxima confiança, um trabalhou no banco, o outro foi embora pra Cuiabá e o outro foi pra São Paulo, sei que ele é de uma rede de...como você diz....dessas de supermercado, lojas de comida, restaurante. E o mais novo ta (sic) aí, trabalhou no banco e um deles foi embora, deixou a filhinha dele aí pequena, foi embora e não deu mais notícias, mas acho que ele foi procurar a família em Alagoas. Eu desconfio que ele vai.

Pesquisadora: Entendi. E o que a sra. me diz do seu dia-a-dia, a sra. acorda cedo, o que a sra. faz durante o dia?

Participante: Não tô (sic) fazendo nada. Eu bordava, eu costurei muitos anos, dei aula de corte e costura e agora não tô (sic) fazendo nada. Tô (sic) aqui...

Pesquisadora: A sra. fica conversando?

Participante: Ah, eu fico conversando com todo mundo, porque eu sempre me dei com todo mundo, só com essa sobrinha que não me dei...Mas eu fiquei durante esse tempo, fiquei onze anos com a minha tia, com as meninas até ela falecer. Aí fui pra São Paulo e fiquei 18 anos com minha irmã e ela faleceu. Aí vim e fiquei com essa...que ontem foi o 7º dia dela...É que ela estava sozinha, aí a filha dela e o filho acabou (sic) com tudo que tinha e trouxe ela pra casa...Só que ela foi boa pra minha irmã no final da vida, a minha irmã hoje tá (sic) fazendo 8 dias que ela faleceu. Ela foi boa pra mãe, ela fez isso comigo, as vezes ela era mal criada e tudo, mas depois disso ela foi muito boa pra mãe dela. Então...faleceu a mãe dela e agora não sei pra onde que ela vai. Ela ganha bem, porque ela era professora universitária. Não sei agora pra onde vai, o que ela vai resolver da vida dela. Porque ela tem o malandro dela junto com ela, que é o filho que ela registrou como filho e os outros cada um foram cuidar de suas vidas. Um está parece no estado de São Paulo, o outro em Cuiabá, só ficou o mais novo que trabalhou no banco. E ele atende muito bem assim, mas só que ele não fica na casa, porque o...e também não pode ter mãe na casa levando o malandro. Então esse...é que as vezes essa é a vida de família. Mas que são umas crianças maravilhosas, que foram uns meninos maravilhosos isso são. Esses 6 irmãos e o que ela pegou, que registrou como filho, você fechou o olho, leva tudo! (risos).

Pesquisadora: E como são as suas condições financeiras, a sra é aposentada né? (sic).

Participante: Eu...é um salário, agora quem paga são os sobrinhos, que paga aqui pra mim.

Pesquisadora: Aí o salário vai para os remédios que a sra. falou?

Participante: É, e...quem paga aqui é a D. que é minha sobrinha, tem o A. que é engenheiro, tem a...a M. I. Eu sei que cada um reunido, tem cinco sobrinho (sic), que eles pagam a pensão pra mim, cada um separa uma parte.

Pesquisadora: Ah, entendi!

Participante: E eu tô aqui, mas não vejo dinheiro na minha mão. Eu tenho salário...E agora com a herança da minha irmã, mas não sei o que que...Eu nunca perguntei, porque eu...eu não mexo com dinheiro, eu tendo remédio, eu tendo o que é preciso, eles me dão. Então a parte

que tocou pra mim eu dei pra eles. Então não tenho nada com isso, eles mexem porque é eles que tão (sic) pagando tudo!

Pesquisadora: Entendi. E como são as questões afetivas, de namoro, a sra. tem algum namorado aqui?

Participante: Não, nunca. Nunca tive namorado na minha vida. Nunca fui....fui pedida 16 vezes em casamento, mas nunca...nem dei resposta. Até quando tinha 64 fui pedida um dia, por dois velho, e minha tia falou: "Aceita!", eu falei: "Não tia, que que...eu nunca quis aceitar quando era nova, agora depois de véia (sic) vou pegar dois viúvo (sic) aí? Não, não quero não!"

Pesquisadora: Não quis saber?

Participante: Não, isso daí...Fui pra São Paulo, estava com minha irmã e minha irmã faleceu, aí...voltei pra casa da minha irmã, que estava sozinha, meu sobrinho chamava, chamava, aí o filho dela só...essa minha sobrinha que era filha da minha irmã, acabou com tudo que ela tinha, ela correu pra casa da mãe dela e passou a me maltratar e estou aqui por causa disso.

III - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Pesquisadora: Entendi...e sobre o envelhecimento, a velhice. O que que é a velhice pra sra? O que significa envelhecer?

Participante: Olha...é uma fase de vida que nós tivemos...Agora, envelhecimento é...a gente vai aumentando os dias até chegar a hora da gente, porque eu não tenho medo da morte nem nada. Eu estou com 93 anos e não tenho medo da morte. Agora faz 8 dias que minha irmã faleceu, três anos mais velha que eu, mas a hora que a gente for, eu não tenho medo da morte não, a hora que chegar...Eu pratico minha religião, não sei se você tem religião. Eu sou católica.

Pesquisadora: A sra. é católica?

Participante: Eu sou, e...pratiquei a vida toda, até a hora que eu morrer. Se eu tiver que prestar contas a Deus eu acho que não fiz nada de mal pros outros né? (sic). Quer dizer...outro dia aqui uma me deu um tapa foi assim, eu falei pra eles: "Ela me dando, eu rebento (sic) ela!" (risos).

Pesquisadora: Mas porque? O que aconteceu?

Participante: Não sei, de certo é antipatia pessoal, ou ela tem o satanás com ela, porque quase ninguém gosta dela! Ela tem cara de bruxa. Eu nem olho na cara dela, se ela aparecer aqui você vai ver, ela tem cara daquelas bruxas de filme, daquelas...Eu não fiz nada pra ela e levei um murro dela, menina! Aí eu saí e falei pro pessoal: "Outro tapa que ela me der eu estrangulo ela!", porque eu sei que ela não vai ter força pra lidar comigo, sabe? Aí o...mas até hoje...mas ela faz tudo quanto é troço comigo, vai lá, pega minhas coisas, lá...Então, tá (sic) assim então.

Pesquisadora: Ela é encrenqueira então?

Participante: Ela é encrenqueira e perseguição...Como eu nem olho na cara dela, ela vai lá pega minhas coisas, eu vou lá pego de volta e pronto. Ela fica doida. E assim vai indo, eu não vou discutir com ela e nem brigar, agora se alguém avançar ela vai ter comigo, porque já me deu um tapa!

Pesquisadora: Entendi! E...a sra. falou que nunca namorou né? (sic).

Participante: Não.

Pesquisadora: O que a sra. acha sobre sexualidade, namoro, o que a sra. acha disso?

Participante: Olha, quem quis casar, eu acho que...não tinha vocação pra isso sabe? E então, eu nunca tive namorado e nunca tive nada...Eu fui pedida 16 vezes em casamento, mas nunca pedi nada pra ninguém é...assim, nunca, nunca namorei ninguém e estou com 93 anos, com 64 um dia fui pedida em casamento por dois velho (sic) (risos)! Ai...Meu Deus! Com 64 anos, não quis casar quando tinha 16 anos, que eu fui pedida a primeira vez em casamento e...duas vezes não quis, agora vou casar depois dos 64 anos? De jeito nenhum! Se tivesse...porque quando eu era nova tinha meu pai, que ele faleceu de tanto sofrimento e minha mãe com fogo selvagem...E eu fiquei. Aí aprendi corte e costura, dava aula de corte e costura e...costurava, principalmente vestido de noiva. As noiva (sic) de fazenda que vestia, dava muito lucro porque eles pagava (sic) tudo na hora. E assim, até enquanto o papai viveu a...e a mamãe, eu sustentei. E tinha (sic) minhas primas que não tinha (sic) pai, nem mãe, é...trouxe elas lá pra casa e tratava delas também. Elas me ajudavam na costura, me ajudavam no serviço da casa e eu mantinha elas, eram duas. Aí uma casou, a outra foi embora pra São Paulo, ficou lá com meus irmãos, lá ela arrumava a vida e a M. a caçula, foi embora com 28 anos, estudou, tornou-se uma advogada, pegou um emprego muito bom, aposentou e vive passeando pra tudo que é canto! E assim, a...mas aquelas meninas sofreram, sem pai nem mãe. Sofreram pela mão dos outros, apanharam bastante, e aí a mais velha ficou...ela casou, aí a outra ficou comigo, duas, uma casou com...não sei se você conhece ali aquele restaurante da esquina da Rua X. com a...com a Y. Casou com o filho lá. E a...as outras duas ficaram solteira, depois com 28 anos a caçula entrou em direito em São Paulo e formou, pegou um emprego muito bom. Ela era assim, advogada daqueles que não tinha (sic)...aposentou e ganha 10 mil. Ela passeia por tudo que é canto. As duas não casaram. Eram 7 mulher (sic), 8 mulher (sic), um homem e 7 mulher. Uma morreu com câncer, tinha 19 anos, outra suicidou, as outras ficaram, a F. Casou mal, a V casou, terminou e separou do marido...A E. casou, terminou e separou do marido, mas tem os filhos tudo formado. E assim foi...

Pesquisadora: Entendi. E o que que a sra. acha sobre homossexualidade, homem que namora com homem, mulher com mulher, o que a sra. acha?

Participante: Olha, pela bíblia é um pecado gravíssimo. Agora a verdadeira...eu não sei. Isso aí eu não acuso e nem...nem...apoio, mas o...sei lá. Eu não posso julgar os outros de jeito nenhum. Isso aí...eu não sei a parte da bíblia que diz como que é...Então, aceito, porque...eu tenho é pena, porque...eu vi em São Paulo assim, os meninos bonitinho (sic) que só vendo, tudo pegando homem. Eu quando tava (sic) voltando da casa do meu irmão, vi cada rapaizinho (sic) coisa mais linda e tudo...assim. A gente fica com dó, porque pela bíblia é um crime, é amaldiçoado. Agora, eu não sei isso aí, eu não vou acusar ninguém né? (sic).

Pesquisadora: Entendi. E o que a sra. acha do namoro, da sexualidade na velhice, na terceira idade. A sra. acha que existe? Que a sra. acha?

Participante: Existe sim. Existe muito, eu mesma fui pedida em casamento 3 vezes depois dos 64 anos! (risos). Eu falei assim: "Oh...", mandaram falar comigo e eu falei assim: "Se eu não me casei, que eu fui pedida em casamento com 16 anos, num dia só fui pedida por dois, um primo e outro sobrinho do meu cunhado e eu não quis. Agora depois dos 64 anos? Nunca tive namorado, não tive nada agora vou casar com 64 anos? Que isso! Fala pra eles mandar falar comigo!", os dois velho (sic)! (risos).

Pesquisadora: A sra. acha que é certo namorar na velhice ou que é errado?

Participante: Olha, depende da pessoa! Porque...eu não posso acusar ninguém, a gente não sabe qual que é o motivo deles tá (sic) namorando. Ele quer um lar e ela quer um lar...Depende disso, sabe? Eu não tenho nada contra isso.

Pesquisadora: Entendi! E o que a sra. acha da homossexualidade na velhice? Homem com homem, mulher com mulher que namoram na velhice...A sra. já viu?

Participante: Olha, eu nunca...sei que existe, conheci muitos que é desse jeito, na bíblia é condenada, mas claro, eu não...Sempre respeitei eles e tratei muito bem, porque eu não sei qual o motivo deles, porque tem uns que adocece. Tem mulher com mulher que eu vi...no Hospital das Clínicas lá em São Paulo, tinha uma véia (sic) com uma mocinha, que as enfermeira (sic) lá do Hospital das Clínicas, e um dia quando eu tava (sic) sentada assim, e eu saí, que eu tava (sic) fazendo acupuntura, saiu, elas estavam escandalosamente, aquela menina que tinha uns 15-16 anos, com a velha, uma enfermeira velha lá, beijando escandalosamente e eu vi e o guarda lá olhando as duas e ele veio: "Que que é isso, dona?" e eu falei: "É o que nós tamo (sic) vendo!" (risos). É isso que eu vi lá.

Pesquisadora: Que que (sic) a sra. achou quando a sra. viu?

Participante: É um escândalo né? (sic). Porque mulher com mulher, homem com homem, na bíblia é uma cilada. Mas, sei lá...Eu não sou ninguém pra condenar eles!

Pesquisadora: Entendi! A sra. acha que o homem vive o namoro de forma diferente do que a mulher? O namoro, o casamento...

Participante: Olha, não posso falar porque nunca namorei! (risos)

Pesquisadora: Ah tá (sic)! Mas pelo que a sra. viu da sua família, das suas amigas, o que a sra. acha?

Participante: Olha, minhas irmãs casaram muito bem.

Pesquisadora: A sra. disse que uma delas sofreu violência né? (sic).

Participante: Ela apanhava muito dele, envolveu...coitada dela, morreu muito nova. Parece que não tinha 30 anos quando ela morreu. Ela apanhou, mas ela tava (sic) separada dele há dois anos. A sogra era boa demais, a cunhada era boa demais, e...mas o...o que que...podia fazer, se ele era ruim? Depois ficou correndo atrás dela, chorando pra ela voltar. Ele tocava ela de casa todos os dias, que ela era sem-vergonha, que estava na casa...Aí quando ele viu que ela foi embora, ele foi em São Paulo chorando, pedindo pelo amor de Deus. Aí ela falou:

"Te falei, que o dia que eu saísse eu não voltava mais, cê (sic) não cansou de mandar eu embora?". Então aí ficou...depois ela morreu com pedra na vesícula, era do tamanho de um ovo de galinha, na...naquela época. Ela morreu e no outro mês tinha como salvar ela...

Pesquisadora: Nossa. Então a sra. acha que tem diferenças na forma como o homem vive um casamento e a mulher?

Participante: Olha, isso aí eu não sei. De jeito nenhum. Não sei porque as outras minhas irmãs foram feliz (sic) no casamento. Foram muito feliz (sic). Uma foi infeliz, as outras foram feliz, não posso falar de jeito nenhum dos meus cunhados. E os meus irmãos também foi (sic) bem casado, todos os dois. uma morreu aqui nessa casa, a outra tá (sic) viva ainda...

Pesquisadora: Entendi. Agora eu vou fazer umas perguntas e preciso que a sra. fale o que vier na sua cabeça. Quando eu falo, por exemplo, a palavra velhice, o que vem na sua cabeça quando eu falo essa palavra?

Participante: Olha, isso...é a idade de vida, depende de aceitação, porque se a gente vai passar os anos, tem que ficar velho. Então tem que aceitar.

Pesquisadora: "Uhum", aceitação. Que mais, pode falar a palavra que vier...

Participante: Olha, eu posso te dizer que eu sou feliz, eu morava com essa minha irmã que hoje tá (sic) fazendo 8 dias que ela faleceu, a filha foi, eu não pude conviver com ela, meus sobrinho (sic) me tirou, me levou pra esse lugar, duas casas, aí tinha minha cunhada aqui e eu quis vir pra cá e aqui estou. Eu vivo muito bem, não me dou muito bem com minha sobrinha. Ela cansou de me chamar pra voltar, então...que que adianta voltar e chegar lá e ela fazer a mesma coisa? Porque ela tem gênio ruim. Então, eu fiquei aqui. Meus sobrinhos que paga (sic) aqui pra mim.

Pesquisadora: Mais alguma coisa vem quando eu falo velhice?

Participante: A velhice é uma coisa natural, acho que a pessoa tem que ter aceitação, é...

Pesquisadora: Entendi. A sra. mudaria de lugar essas palavras? Que em primeiro a sra. colocou que é a continuidade da vida, né? (sic), em segundo aceitação, terceiro felicidade e quarto que é natural. A sra. mudaria de lugar, colocaria alguma dessas em primeiro?

Participante: Não.

Pesquisadora: E se eu falar a palavra envelhecimento, vem outras palavras diferentes?

Participante: Não, porque se a idade passa, vai passando os anos, vai passando...a gente tem que envelhecer e tem que aceitar!

Pesquisadora: Ah, entendi! E quando eu falo a palavra homossexualidade, que é essas pessoas que se relacionam...

Participante: Sei.

Pesquisadora: O que que vem na sua cabeça quando eu falo? Cinco palavras que vierem.

Participante: Olha...na bíblia é amaldiçoado. Agora a vida deles eu não sei...Isso aí cabe a Deus não a mim.

Pesquisadora: Cabe a Deus julgar?

Participante: É, mulher com mulher, homem com homem, que isso aí...na bíblia é amaldiçoado, mas eu...eu não posso condenar.

Pesquisadora: Que mais, vem mais alguma coisa na sua cabeça?

Participante: Não...Porque...isso aí cabe a Deus, não me cabe de julgar.

Pesquisadora: Então tá! (sic). Olha, eram essas as perguntas que eu tinha pra fazer pra sra. viu? E eu agradeço muito sua atenção, que a sra. se dispôs a estar aqui, parou um pouco pra conversar...

Participante: De nada! Eu to (sic) passando o tempo porque..só passa o tempo!

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Roteiro Semi-estruturado:

I- Dados de identificação

- a) Qual é a sua idade?
- b) O (a) sr. (a) possui alguma renda familiar?
- c) Qual a sua situação profissional? O (a) Sr. (a) possui alguma profissão? A exerce? Qual?
- d) Qual a sua escolaridade?
- e) Qual é o seu estado civil?

II- História de vida e cotidiano

- a) Como o Sr.(a) começou a participar desta Associação de Idosos ou como o Sr. (a) começou a morar aqui nesta casa asilar?
- b) Me fale sobre seu cotidiano, seu dia a dia
- c) As suas condições financeiras, como são? Equilibradas?
- f) Como estão as suas relações afetivas, sexuais?

III – Representações Sociais:

- a) O que é a velhice para o sr? O que significa envelhecer para o sr?
- c) O que o Sr. (a) entende sobre sexualidade? Como vê a questão das homossexualidades?
- d) O que o Sr. (a) entende sobre sexualidade na terceira idade? Fale sobre o que pensa sobre homossexualidade na velhice.
- e) Quais as diferenças que o Sr. (a) acha que existem nas vivências afetivas, amorosas e sexuais para os homens e para as mulheres?
- f) Quais as diferenças que o Sr. (a) acha que existem nas vivências afetivas, amorosas e sexuais para os homens e para as mulheres na terceira idade?

ANEXOS

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UFMS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As representações sociais da pessoa idosa sobre a sexualidade na terceira idade em uma perspectiva de gênero.

Pesquisador: Talita Meireles Flores

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 15339013.8.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 259.662

Data da Relatoria: 26/04/2013

Apresentação do Projeto:

Projeto envolvendo a temática da sexualidade na terceira idade, mais precisamente, as representações e percepções acerca da sexualidade entre pessoas idosas.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar as representações sociais que a pessoa idosa tem sobre a sexualidade na terceira idade, tomando como referência as relações sociais na perspectiva de gênero.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos associados à pesquisa, principalmente a exposição indevida do(s) sujeito(s) a situações constrangedoras, estão bem dimensionados e as medidas preventivas para diminuí-los estão previstas na pesquisa. Os benefícios compensam os eventuais riscos associados à pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta está bem redigida, com objetivos e procedimentos metodológicos claros, o que é muito importante para a apreciação ética.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta autorização institucional dos dois locais nos quais a pesquisa será desenvolvida. Apresenta TCLE de acordo com os padrões.

Recomendações:

A autorização institucional da "Associação dos Amigos da Casa José Abraão" está devidamente

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS

Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110

UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE

Telefone: ((67) 33)45-7-187 **Fax:** ((67) 33)45-7-187 **E-mail:** bioetica@propp.ufms.br

UFMS



preenchida, mas a responsável não assinou no campo "Responsável pela instituição". Porém, isto não impede a realização da pesquisa porque a referida responsável colocou seu nome em outro lugar no documento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

CAMPO GRANDE, 30 de Abril de 2013

Assinador por:
Edilson dos Reis
(Coordenador)

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS

Bairro: Caixa Postal 549

CEP: 79.070-110

UF: MS

Município: CAMPO GRANDE

Telefone: ((67) 33)45-7-187

Fax: ((67) 33)45-7-187

E-mail: bioetica@propp.ufms.br

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TECLE)

Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O(a) Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar em uma pesquisa. O(a) senhor (a) precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que tiver. Este estudo está sendo conduzido por TALITA MEIRELES FLORES, pesquisadora da UFMS, Campus de Campo Grande, do Mestrado em Psicologia.

A finalidade deste estudo é analisar os processos psicossociais, culturais e econômicos que envolvem a constituição da sexualidade na terceira idade.

Poderão participar deste estudo idosos e idosas.

O (a) senhor (a) será entrevistado (a) sobre a sua história de vida, sua compreensão sobre o envelhecimento e suas vivências afetivas. A entrevista será gravada e o que você disser será registrado para posterior estudo.

Outros idosos e idosas da instituição também farão parte do estudo.

O (a) senhor (a) não terá qualquer prejuízos se participar do estudo. Se o (a) senhor (a) experimentar constrangimentos ao responder algumas perguntas, pode interromper ou não responder a pergunta.

Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei, somente o pesquisador, membros da equipe do estudo ou Comitê de Ética terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo. O (a) senhor (a) será informado (a) do surgimento de informações significativas sobre o assunto da pesquisa.

Será informado (a) periodicamente de qualquer nova informação que possa modificar a sua vontade em continuar participando do estudo.

Para perguntas ou problemas referentes ao estudo ligue para Talita Meireles Flores, por meio do telefone: (67) 9257 1523.

Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 3345 7187.

Sua participação no estudo é voluntária. Você pode escolher não fazer parte do estudo, ou pode desistir a qualquer momento.

O (a) senhor (a) não será proibido (a) de participar de novos estudos.

O senhor (a) receberá uma via assinada deste termo de consentimento.

Declaro que li e entendi este formulário de consentimento e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. e que sou voluntário a tomar parte neste estudo.

Assinatura do Voluntário

_____ Data _____

Telefone _____

Assinatura do pesquisador

_____ data _____